



# textos finalistas

edição 2014

Parceria



Coordenação  
Técnica



Iniciativa



Ministério da  
Educação



Esta coletânea reúne os textos dos 152 alunos finalistas da edição 2014 da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Resultado da parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* foi fundamentada na metodologia, nas estratégias de atuação e na experiência das três edições do Programa *Escrevendo o Futuro*.

Com o objetivo de colaborar para a melhoria do ensino da leitura e da escrita, o Programa *Escrevendo o Futuro* desenvolveu, de 2002 a 2007, ações de formação continuada para professores das 4ª e 5ª séries da rede pública, a fim de orientá-los para a produção de textos dos alunos.

Em 2008, em sua primeira edição, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* ampliou a participação para seis anos escolares e, a partir 2010,

passou a trabalhar com professores e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, nas seguintes categorias:

- Poema (5º e 6º anos do Ensino Fundamental)
- Memórias literárias (7º e 8º anos do Ensino Fundamental)
- Crônica (9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio)
- Artigo de opinião (2º e 3º anos do Ensino Médio)

Para o ensino de cada gênero textual há um “Caderno do Professor”, acompanhado de Coletâneas de textos e de um CD-ROM que inclui a gravação de leituras em voz alta. Esse material compõe a “Coleção da Olimpíada”, enviada para as escolas públicas e publicada no Portal *Escrevendo o Futuro* <escrevendoofuturo.org.br> .

Com o objetivo de aprimorar o processo de ensino da escrita dos alunos, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* oferece formação aos professores por meio de diversos recursos didáticos, de um ambiente virtual de aprendizagem (Portal), de cursos *on-line* e de encontros para a reflexão sobre as práticas educativas. Desse modo, pretende contribuir para uma prática pedagógica de melhor qualidade.

Valorizando a interação de crianças e jovens com os seus meios, a Olimpíada adota o tema “O lugar onde vivo”. Para escrever os textos, os alunos resgatam histórias, estreitam vínculos com suas comunidades e aprofundam o conhecimento sobre seus territórios. E isso contribui para o desenvolvimento da cidadania de todos.

Parabenizamos os novos escritores e seus professores, que tão bem os apoiaram no percurso de aprendizagem e os ajudaram a descobrir o poder da palavra escrita.

A todos, desejamos uma ótima leitura!

Nota: cada texto expressa a opinião de seu autor e não traduz a opinião dos realizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.



poema



6

62



memórias  
literárias



crônica

142

208



artigo de  
opinião



Os poemas que se encontram a seguir foram escritos por estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental de diversos municípios do país, orientados por seus professores a se expressarem pela palavra escrita.

Por semanas, em suas escolas, dedicaram-se a ler, ouvir e experimentar versos, encaixar rimas, criar ritmos, desenvolvendo atividades em que podiam analisar, selecionar e optar pelo som e sentido das palavras que queriam usar.

Esses poemas ilustram sotaques, impressões, olhares e sensibilidades. Surgiram do gosto de brincar com as palavras e de construir textos que tinham por foco o lugar onde vivem. As crianças enfrentaram o desafio, transformando em linguagem poética o que vivem e observam.

Por seu lado, os professores dedicaram-se ao estudo da Coleção da Olimpíada e, fundamentados em seus conhecimentos e experiência, encontraram os meios para incentivar e apoiar seus alunos nessa forma de escrever.

Sinta-se, assim, leitor, convidado a imaginar cada rosto, cada voz e cada traço dos alunos-autores. Deixe-se encantar pelos textos! Essa será a melhor maneira de homenagear os jovens aprendizes e seus mestres.

# poema



- 10** Olhar de menina, Clic  
Eduarda Oliveira Polo
- 12** Os dois lados do rio  
Amanda Gabrielly Dutra Alves
- 13** Coração de dançador  
Érick Rodolfo Monteiro
- 14** Minha cidade e sua história  
Darlei Dequigiovani
- 16** O inverno chegou e tudo mudou...  
Láisa Cristina Figur
- 18** A serpente que prospera  
Luana Rossi Rocetim
- 20** O meu lugar nas linhas de tantos tempos  
Miriã de Souza Nascimento
- 22** De vida e lida  
Giovana Andrade Buzolin
- 24** Manhas de minha cidade  
Maíra Chaves Santos
- 25** Essa tal felicidade...  
Samuel Castro de Souza
- 26** O passarinho poeta  
Bruno Alexsander Pontin
- 27** No Amazonas é assim...  
Aluno: Kaio Henrique Pereira de Aguiar
- 28** Meu canto  
Danielly Viveiros Silva
- 29** Realidade sertaneja  
Letícia Rodrigues de Lima
- 30** Passeio  
Daniel Cipriano da Silva
- 32** As magias do meu barreiro  
Gustavo Messias de Amorim Barbosa
- 34** Minha pequena cidade  
Maria Isadora Alves Fontenele
- 35** Os santos padroeiros do meu lugar  
Lyedson Alves Silva
- 36** Minha terra, minha gente  
Éricka Vieira Tavares
- 38** O lugar onde quero estar  
Marcos Henrique Alves Chaves
- 40** Assim sempre vai ser  
Sara Pimenta de Oliveira
- 41** A curva "A lá Campestre!"  
Herison Ronie de Oliveira
- 42** Minha terra tem valor!  
Kézia Emily Araujo Lima
- 44** Esse é o meu lugar  
Francisco Emanuel Alves da Silva
- 45** Entre o céu e a terra, um Ribeirão  
Gisele Rodrigues de Oliveira
- 46** Terra adorada, Tingui  
Willas Soares de Araújo
- 48** Lá vem... Lá vem...  
Julyo Cesar Ferreira da Silva
- 49** Um amor macaense  
Natália dos Santos Rocha de Paulo
- 50** Como é viver em Curitiba  
Gustavo Kuster Meneghetti
- 51** Meu cantinho mineiro  
Almir Augusto Fonseca
- 52** Minha pequena cidade  
Paola Yasmini de Souza
- 54** Carnaúba  
Bruno de Sousa Justino
- 55** Um fim de mundo que encanta  
Jamily Ferreira Assunção
- 56** Morros de Mauá  
Erivelton Omena Ferreira
- 57** Vida em transição  
Giovanny Luan Arantes
- 58** Os lugares da minha cidade  
Saimon da Silva Costa
- 59** Meu viver  
Cláudia Luiza Donida
- 60** Entre as glórias do meu lugar, há um rio a reclamar  
Vitor Hugo Luiz Cota

## Olhar de menina, Clic

Aluna: Eduarda Oliveira Polo

Cada peça é uma peça  
que se junta a outra peça.  
Juntando peça por peça  
forma-se uma só peça.

Na cabeça lendas florescem,  
a imaginação num vai e vem  
apresenta meu mundo sutil,  
como brincadeira infantil.

Clic, clic entre a serra Azul  
e a serra do Roncador,  
araras-azuis, céu azul,  
Discoporto e Cristo Redentor!

Cada peça colocada,  
cada peça encaixada  
dá charme, corpo e vida  
ao quebra-cabeça começado.

Junte cada peça, sem pressa.  
Sem pressa, junte cada peça.

Flora e fauna – bzzz, zzzz...,  
folclore ufológico, Discoporto,  
ouvido aguçado – zzzz, zzzz...,  
índios Xavantes  
clics exuberantes,  
Encantos daqui!

No olhar dois diamantes:  
o amanhecer e o entardecer,  
maquiam como *rouge* a face  
alaranjada das areias das praias.  
Na boca o hálito suave  
das águas quentes. Ah, que clics!

Do alto da serra Azul, que imagem!  
Deitada de braços abertos como o Cristo,  
bronzeia, inspira e expira graça.  
Que cor! Clic, clic.

Junte todas as peças, sem pressa.  
Sem pressa, junte todas as peças.

Pontes esguias e delgadas  
são belas pernas torneadas. Clic  
entre os rios Araguaia e Garças,  
Mato Grosso e Goiás juntinhos!

Clics no coração do Brasil  
de uma menina arqueira e sutil  
que sem pressa, junta cada peça  
ganha charme, corpo e vida!

No laboratório de informática,  
da escola Jardim Araguaia,  
juntam-se na passarela improvisada  
os clic, clic, clic...

Radiante, cheia de graça,  
surge na passarela  
Barra do Garças!  
Uau, que menina! Clic.

Professora: Rose-Meire Dias Santos  
Escola: E. E. Jardim Araguaia – Barra do Garças (MT)



## Os dois lados do rio

Aluna: Amanda Gabrielly Dutra Alves

Lá de longe eu vi  
As crianças ricas no *shopping* comprar,  
Lá de longe eu vi  
As crianças pobres no barranco a chorar.

Lá de longe eu vi  
As crianças ricas um tacacá saborear,  
Lá de longe eu vi  
As coitadinhas pobres na poeira se apagar.

Lá de longe eu vi  
Os ricos no alagadão em sua lancha ostentar,  
Lá de longe eu vi  
Os pobres para abrigos se mudar.

Lá de longe eu vi  
As crianças ricas ovo de Páscoa ganhar,  
Lá de longe eu vi  
As crianças pobres o barro moldar.

Lá de longe eu vi  
As crianças ricas só estudar,  
Lá de longe eu vi  
As crianças pobres também da família cuidar.

Lá de longe eu vi  
Muitas mudanças o Acre passar,  
Mas o rico sempre no domínio  
E o pobre, com as lutas, sua mão calejar.

Professor: Alan Henrique Oliveira de Almeida  
Escola: Escola Padre Carlos Casavecchia – Rio Branco (AC)

## Coração de dançador

Aluno: Érick Rodolfo Monteiro

Mês de outubro em minha terra...  
Vem vindo o vento Vilão.  
A pipa dança no céu,  
No meu peito, o coração.

Êh bailarino inquieto,  
Não sossega aqui dentro  
Contagia o meu corpo  
Viaja meu pensamento.

Já posso ouvir as batidas  
Apita o capitão.  
Sou menino dançador,  
Sou vento, saio do chão.

Ipê-roxo, rosa, branco  
Vem colorir e encantar!  
Quero usar suas cores  
Para o meu terno enfeitar!  
Vou até laçar estrelas  
Pra dar luz ao meu passar!  
É a festa da Congada  
Alegrando o meu lugar!

Bate o pé, Catupé!  
Moçambique, Vilão!  
Vem fazer arco-íris  
Nas ruas de Catalão!

Retum-tumba, tambor!  
Treme  
Troça  
Toca a toada  
Tagarela com os pés do dançador!

Meu coração de menino  
Tremula feito um tambor  
Quer fazer dança  
Quer fazer festa  
Quer seguir esse clamor!

Sobe morro, desce morro,  
Serpenteia lá na feira,  
Quero ganhar beijo doce  
De moça namoradeira!

Quero saudar com sorriso  
A minha gente festeira!  
E ser feliz nessa dança  
Durante a vida inteira!

Professora: Beatriz Bernardes Leite  
Escola: E. M. Nilda Margon Vaz – Catalão (GO)



## Minha cidade e sua história

Aluno: Darlei Dequigiovani

Vivo em uma terra  
Que foi marcada por uma guerra,  
O governo, um trilho queria construir,  
Sem se importar para onde as famílias iriam seguir.

Por isso houve o conflito,  
Caboclos com facão de guamirim,  
Rumo ao que parecia ser o fim.  
Já os soldados, bem armados,  
Com metralhadora e fuzis, iam vangloriados.

Esta guerra revelou coronel João Gualberto,  
Que lutava em campo descoberto.  
E o corajoso monge João Maria,  
Que ia de peito aberto.

O coronel João Gualberto  
Recebia ordens do governo bem de perto,  
Ele mandava as tropas lutarem  
E as terras dos caboclos tomarem.



Este combate também teve o monge José Maria,  
Messias que fazia seguidores noite e dia.  
Havia também Maria Rosa,  
Entre as mulheres a mais gloriosa.

Aqui neste chão, gotas de sangue brotaram,  
Pessoas inconsoladas choraram,  
Vendo corpos espalhados por todos os lados,  
Corações tristes e abalados.

A estrada de ferro foi construída,  
Para os caboclos isso não mais importava, e sim as feridas,  
Abertas pela morte de seus entes,  
E dos que estavam acamados e doentes.

Faz muito tempo que houve esta guerra,  
Apesar de tantas mortes, por fim uma nova era.  
Hoje o nosso povo não tem só orgulho de ser catarinense,  
Mas, sim, de ser iraniense.

Professora: Elizete Ana Guareski Fachin  
Escola: E. E. B. Dom Felício Cesar da Cunha Vasconcelos – Irani (SC)



## O inverno chegou e tudo mudou...

Aluna: Laísa Cristina Figur

Amanhece!

Tudo congelado pela geada...

Os telhados cobertos pelo manto branco da estação.

O inverno chegou... As chaminés mostram a sensação.

A dança da fumaça, rumo aos céus deste mundão,

É vista em todas as casas, da mais humilde ao casarão.

Amanhece!

Tudo congelado pela geada...

É preciso usar roupas quentes: luvas, gorros e cachecóis,  
Pantufas, botas, meias, cobertores e térmicos lençóis.

A natureza se aquece com o sol e o canto dos rouxinóis.

Dia lindo, céu azul, olhando para o sol, os girassóis.

Amanhece!

Tudo congelado pela geada...

No fogão a lenha sapecada de pinhão.

Na mesa café com leite e pão.

Tantas gostosuras: canjica, bolo de fubã,

Pê de moleque, pipoca e o chimarrão,

Que aquece no inverno e refresca no verão.

Amanhece!

Tudo congelado pela geada...

No Parque das Araucárias acontece a festa

Da fogueira e do quentão.

De madrugada, o baile no salão.

Tudo isso é tradição

Da nossa fria região.

O inverno chegou, a natureza se transformou...

As árvores despidas das folhas estão.

Céu azul-escuro de frio.

Treme o rio.

O inverno chegou...

E tudo mudou...

Professora: Clarice Hauffe  
Escola: E. E. B. Dom Orlando Dotti – Caçador (SC)



# A serpente que prospera

Aluna: Luana Rossi Rocetim

Sssss! Sssss! Sssss!  
Lá vem a cobra a sibilar...

Não se assuste com o nome  
de uma cobra perigosa,  
Cascavel é na verdade  
uma cidade maravilhosa!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a te convidar...

Há muitos anos  
tropeiros por aqui passaram,  
às margens de um rio pernottaram  
e ao ouvir barulhos se assustaram!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a assustar...

Foi assim que surgiu meu município.  
Um lugar muito propício!  
Berço de várias culturas,  
região de forte agricultura!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a plantar...

Encruzilhada foi seu primeiro nome.  
Lugar de infinitas lendas,  
tradição, folclore  
e bailes repletos de prendas.

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a dançar...

Depois a chamaram Aparecida dos Portos.  
Terra onde não havia lei.  
Forasteiros, posseiros, grileiros,  
poucos vivos, muitos mortos.

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a lutar...

Enfim: Cascavel,  
meu pedacinho de céu!  
Nhô Jeca foi um dos primeiros moradores  
e aqui construiu um armazém.  
Após muitos anos chegou o progresso,  
a ferrovia... o trem.

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a acordar...

Três frentes de colonização  
ajudaram a construir esta região.  
Palco de grandes batalhas  
e também de muita animação.

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a requebrar...

Tão bonita e acolhedora,  
com tantos recursos naturais  
e belezas imensas:  
lagos, bosques, praças e cachoeiras densas!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a descansar...

Aqui também há dificuldades,  
mas diversas oportunidades.  
Do adubo à fertilidade,  
direto do campo para a cidade!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a trabalhar...

Ganhou as bênçãos pelas mãos da Aparecida,  
que protege essa gente tão querida!  
Povo trabalhador,  
que merece todo o louvor!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a orar...

Outrora, sonho de tropeiros.  
Depois, ideal de fazendeiros.  
Hoje: polo universitário.  
Sonho de jovens visionários!

Sssss! Sssss! Sssss!  
É a cobra a prosperar...



Professora: Dulcimara Marchi de Gouveia  
Escola: C. E. Marcos Cláudio Shuster – Cascavel (PR)

# O meu lugar nas linhas de tantos tempos

Aluna: Miriã de Souza Nascimento

No desenrolar das linhas  
É que eu enxergo o meu lugar,  
São dois tipos de linhas  
Sobre os quais vou lhe contar.

Entenda a origem do nome:  
Vem das linhas do papel.  
E a economia local:  
Das linhas do carretel.

É um nome literário  
Que batiza o meu lugar:  
“Urupês”, nome de livro,  
Pra Lobato eternizar.

O nome “Mundo Novo”  
Era o nome anterior,  
Por causa do café  
E de todo o seu valor.

O interior do Brasil,  
Jeca, o caipira doente,  
As linhas de Lobato  
Conversam com nossa gente.

Então, quiseram mudar,  
Trocaram “Mundo Novo”  
E puseram “Urupês”,  
Com a aceitação de seu povo.

E a terra do grão vermelho  
Continuou sua missão,  
Produzindo café forte  
Para o resto da nação.

Mas essa planta acabou  
E depois veio o limão  
Para sustentar as famílias  
Que não tinham outra opção.

Duas décadas depois,  
Outro cenário surgiu  
E Urupês se transformou  
Num alambique do Brasil.

Há muita cana e limão,  
Roda muito caminhão,  
Produzindo etanol  
Para toda esta nação.

Terra do norte do Estado,  
Perto do rio Cubatão,  
Hoje é urbana e o que mais tem  
É fábrica de confecção.

Para os rios, as chuvas faltaram,  
Ninguém vê que a culpa é sua,  
Em tempos de tanta seca,  
Jogam água até na rua.

Por isso, é nas entrelinhas  
Que eu posso assinalar:  
Literatura e costura,  
Os dois focos do lugar.

E é nas linhas desta história  
Que se preserva a memória  
De um município pequeno  
Onde até o mal é mais ameno.

Professora: Priscila Pereira Paschoa  
Escola: E. M. E. F. Professor Athayr da Silva Rosa – Urupês (SP)



## De vida e lida

Aluna: Giovana Andrade Buzolin

O relógio, tic-tac, tic-tac, tic-tac  
Avisa: são seis horas da manhã.  
E papai rapidinho desperta,  
O trabalho é a coisa mais certa!

Lá fora, dedos de luz aparecem.  
E passam apertadinhos,  
Apertadinhos. Atravessando folhas,  
Devagar, invadindo os caminhos...

Mamãe então acende o fogão a lenha.  
E papai logo começa a ordenha.  
Lá no curral a vacada muge,  
No céu um arco-íris de araras surge!

Rotina dura, mas para o fazendeiro  
Vale a pena a fazenda e sua vida.  
Gado e lavoura, trabalho costumeiro  
Todo dia, essa é nossa lida!

Novembro é época da plantação,  
A enxada é sempre sua companheira,  
Mexe e remexe a terra e, uma a uma,  
Distribui sementes em fileira.

Fevereiro é tempo de colheita.  
Papai feliz o espírito enfeita,  
Colhe acreditando na boa venda,  
Apostando no lucro da fazenda.

Quando a colheita é muito farta,  
O paiol fica carregadinho,  
Carregadinho, então, repica a viola  
E louva Nossa Senhora baixinho.

Mas, se a chuva vem somente em fiapos,  
Certamente a semente não vigora  
A fartura não haverá agora...  
O coração de papai fica aos trapos...

Elegante artesão da primavera  
E da beleza, o ipê-amarelo  
Renova a alegria no singelo peito,  
onde a esperança ainda impera.

Assim, renascem com as flores  
Nos cerrados movimentos e cores!  
E condomínios de passarinhos  
Fazendo algazarra em seus ninhos.

Os campos floridos salpicam magia  
E espalham sorrisos brejeiros,  
Nas plantas, nos bichos, no fazendeiro,  
Colorindo a alma, o corpo inteiro.

A fazenda é como um santuário.  
E, escondido neste cerrado agrário,  
Campinaçu é meu lugar.  
Não é encantado, mas quero aqui ficar.

Professora: Sueli Mônica da Silva  
Escola: E. M. Presidente Costa e Silva – Campinaçu (GO)



## Manhas de minha cidade

Aluna: Maíra Chaves Santos

Nas manhãs manhosas canta o galo,  
Abro as janelas para o azul do céu prestigiar.  
De longe vejo seu José,  
Indo abrir as portas do bar.

De manhãzinha, bicicletas correm pra lá e pra cá.  
Vão levando pão fresquinho da padaria  
Para famílias alimentar.

Lã de fora da “Sinuca”,  
Seu João fica sempre a observar.  
É de um olha pra cá e um olha pra lá,  
Nem se vê o tempo passar.

De tardezinha os senhores na pracinha  
No banco vão se assentar.  
É assim que tocam a vida:  
Espreguiçados no banco a prosear.

Quando acaba a aula,  
Descendo vou para a casa de minha avô.  
Na rua vejo preguiçosamente deitados  
Cachorros latindo em lá e dó.

No campinho da igreja, A bola sempre a rolar.  
É no golzinho improvisado  
Que cada moleque se sente um Neymar.

Na minha cidadezinha,  
Do que mais gosto é a rua.  
Seja no banco, no asfalto ou no passeio,  
Me sento e fico até o chegar da lua.

Esse é o bem-bom de cidade pequena,  
Sem barulho nem preocupação,  
Gente vivendo uma vida amena.

Professora: Benedita Isabel Maia Pinto  
Escola: E. E. Coronel Xavier Chaves – Coronel Xavier Chaves (MG)

## Essa tal felicidade...

Aluno: Samuel Castro de Souza

Este simples lugar  
Que aprendi a amar  
Junto com minha família  
Nossa, que vida boa  
Vendo os sapos na lagoa  
Na minha humilde casinha

Tinha porco no chiqueiro  
Galinhada no terreiro  
E um galo cantador  
Também vaca leiteira  
Uma horta “de primeira”  
Um jardimzinho de flor

Bem cedinho acordava  
Com o canto da passarada  
E o cheiro de café  
Arrumava minha sacola  
Saía para a escola  
De chinelinho no pé

Na cidade eu só ia  
De trinta em trinta dias  
Comprar o que faltava  
Durante a semana inteira  
De segunda a sexta-feira  
Toda tarde eu pescava

Mas como o povo diz  
Que não tem mesmo raiz  
Essa tal felicidade  
No ano passado  
Nosso sítio foi comprado  
Vimos morar na cidade

Como aqui é diferente  
Esquisita essa gente  
Vivo sem esperança  
É só luxo e vaidade  
Eu acho que a cidade  
Não é lugar de criança

É bonita, mas muito cheia  
Casas parecem cadeira  
Cadeado no portão  
Crianças sem liberdade  
Para brincar à vontade  
Só com celular na mão

Que saudade lá do mato  
De beber água no regato  
Do silêncio majestoso  
Das noites enluradas  
Da viola entoada  
Como aquilo era gostoso

Meu pai nem pensou nisso  
Quando vendeu o sítio  
Pra vir morar na cidade  
Acho que naquele dia  
Vendeu minha alegria  
E minha felicidade...

Professora: Salete Leite de Souza Neves  
Escola: E. E. B. Padre Biagio Simonetti – Fraiburgo (SC)

## O passarinho poeta

Aluno: Bruno Alexsander Pontin

Gostaria de ser um pássaro  
Que pudesse bem alto voar  
Ir cantando lá de cima  
Um novo poema  
Sobre este velho lugar

Sair por aí vagando  
Sem perder a direção  
Neste céu de São Leopoldo  
Espalhar minha canção

“Sou Passarinho Poeta  
Faço versos pra cidade  
Que transformam a verdade  
Num lugar pra se sonhar

Faço versos de ilusão  
Devolvendo luz à vida  
Que na noite está perdida  
Na infinita escuridão

Pois não quero nem rimar  
As tristezas lá vividas  
Os motivos que são tantos  
Todo mundo ia chorar

Faço versos de magia  
Encantando a realidade  
Pro meu bairro Feitoria  
Encontrar felicidade

Todo mundo gostaria  
De morar nesta cidade  
Taxa zero existiria  
De violência e de maldade  
Faço versos de esperança  
Reformando o cenário  
Onde o Hospital Centenário  
Paraíso vai virar

Lá as pessoas doentes  
Nossos queridos parentes  
Os anjos irão curar

E no rio muitas risadas  
Os peixes malabaristas  
Brincarão como artistas  
Ensinando a preservar

Grande circo de alegria  
Que alimenta a fantasia  
E faz o Sinos soar”

Gostaria de ser um pássaro  
E finalmente pousar  
No coração leopoldense  
Minha semente espalhar

Talvez...  
Amanhecer neste lugar

Professora: Daniela Corrêa da Silva  
Escola: E. M. E. F. Professora Dilza Flores Albrecht – São Leopoldo (RS)

## No Amazonas é assim...

Aluno: Kaio Henrique Pereira de Aguiar

Um dia alguém perguntou:  
- Qual lugar é melhor pra viver?  
E sem hesitar respondi:  
— No Amazonas, pode crer.

Tão empolgado fiquei  
Que logo completei a fala  
Começando pelas grandes belezas  
Da nossa e tão rica fauna.

Já viram em outro lugar,  
Essa diversidade tão rara?  
Animais selvagens como  
A onça, a sucuri, a arara-azul e a capivara?

Não posso me esquecer da flora,  
Plantas que curam de tudo,  
Salve a andiroba, copaíba, urucu  
Unha-de-gato, arruda e crajiru[?].

Quero também lhe falar das comidinhas gostosas:  
O pato no tucupi,  
O vinho de açai,  
O assado de tambaqui.

Você ainda vai se encantar  
Com nosso amazônês,  
Um linguajá bem gostoso  
Vou logo dizer de uma vez.

Porrudo pra nós é grande  
Assim como maceta é aloprado,  
Abestado é imbecil, pebado igual a lascado.

Agora quero pedir pra você  
Que quer viver aqui um tempinho  
Um pouco mais de cuidado,  
O nosso clima é quentinho.

Resumo o lugar onde vivo  
Com a palavra diversidade  
Se você perguntar: tu juras?  
Eu digo: só falo a verdade.

Professora: Conceição da Silva Costa  
Escola: E. E. Simón Bolívar – Manaus (AM)

## Meu canto

Aluna: Danielly Viveiros Silva

Meu canto é bem distante,  
está em um lugar escondido.  
As pessoas mal o conhecem,  
fica em um caminho perdido.  
A poeira vira paisagem  
E o tempo fica corrido.

As casas são pequeninas,  
mal dá para viver.  
E as ruas sem calçamento?  
Fazem o meu coração doer.  
Água e luz é raridade  
Não aguento mais sofrer.

No meu canto tem um grande canavial  
e é de lá que os homens tiram o seu pão.  
O trabalhador chega em casa cansado,  
cheio de calos em suas mãos.  
Graças a Deus meu pai é motorista  
Eta sorte, seu João.

O posto de saúde é precário,  
crianças não podem adoecer!  
Escolas aqui não existem,  
tenho que me locomover.  
Nem lazer temos aqui  
Não consigo entender.

A distância é muito grande,  
às vezes penso até em desistir.  
Mas o ensino é de “primeira”,  
vale a pena persistir!  
Quero ser alguém na vida  
E é estudando que vou conseguir.

No meu canto há muitas histórias,  
pessoas de muitos lugares.  
Cada uma com seus sofrimentos  
querendo recomeçar em outros ares.  
Pessoas de almas distintas  
Que me recebem bem em seus lares.

No meu canto também tem encantos,  
e esses não são difíceis de encontrar.  
Tem verde da mata virgem,  
animais por todo lugar.  
Além de belos pássaros  
Que me contemplam com seu cantar.

O meu canto tem um nome  
bem estranho posso dizer.  
Ele se chama MERUOCA,  
no Google pode nem aparecer.  
Apesar de tantos problemas  
É aqui que eu vou viver.

Professora: Cristiane Raquel Silvia Burlamaque Evangelista  
Escola: E. M. Campestre Norte – Teresina (PI)

## Realidade sertaneja

Aluna: Letícia Rodrigues de Lima

Aqui em nosso sertão  
o povo é sofredor  
porque vão todos pra roça  
fazendo frio ou calor  
pra plantar o algodão  
plantar o milho e o feijão  
oh! povo trabalhador!

Quando chega o mês de maio  
começamos a plantar  
mas já tendo por certeza  
que a seca vai chegar  
e a safra tão sofrida  
logo, logo é perdida  
só pra nos desanimar.

Nessas bandas de Alagoas  
quem passou foi Lampião,  
um cabra valente e forte  
que marcou a região,  
essa história é popular  
qualquer um sabe contar  
a história do rei do sertão.

As belezas do meu canto,  
ela está nos passarinhos  
sabiá, cabeça-vermelha,  
asa-branca, canarinho...  
que cantam na madrugada  
alegrando a alvorada  
deste belo sertãozinho.

O sertão tem seus encantos,  
pega de boi e vaquejada,  
que é uma cultura nossa  
aqui muito praticada  
no nordeste brasileiro  
por peões e por vaqueiros  
derrubando a boiada.

No meu sertão predomina  
caatinga na vegetação  
com espécies de animais  
muitos já em extinção  
por culpa do ser humano  
que faz sem pensar nos danos  
prejudicando o sertão.

E para finalizar  
vou falar de coração  
de um rei bem conhecido  
pelo povo do sertão,  
um homem de humildade  
que foi e deixou saudade,  
Luiz, “o Rei do Baião”.

Professora: Silvana Serafim de Souza Lima  
Escola: E. M. Dom João XXIII – Canapi (AL)

## Passeio

Aluno: Daniel Cipriano da Silva

Um convite eu lhe faço  
Minha cidade venha conhecer  
Lugar de gente simples e hospitaleira  
Tranquila e ideal para o lazer.

Na entrada já verá sua nomeação  
Terenos em letra grande esculpida  
Em homenagem à tribo famosa  
Que ao nosso município deu vida.

O parque tão bem cuidado  
Chamamos carinhosamente “Campão”  
Índios, brancos e negros brincam  
Ensinando-nos maravilhosa lição.

A antiga estrada de ferro  
Cortava nossa região  
Ainda há vestígios dessa época  
Marcados em nosso chão.

Nos trilhos dessa narrativa  
Passa o Trem do Pantanal  
A locomotiva leva o turista  
A um passeio especial.

Se o trem lhe causa enjoo  
Não há nenhum problema  
Vá até a rodoviária  
E solucione esse dilema.

Temos a Praça de Eventos  
Caso prefira multidão  
Toda quarta-feira funciona  
São as famílias em união.

Quer dançar tem música  
Quer conversar tem boa prosa  
Desejando comer há várias delícias  
A cultura se abre como um botão de rosa.

O esporte sendo sua praia  
O ginásio é boa pedida  
Reúne diversas modalidades  
E torna mais saudável a lida.

Se porventura goste do campo  
Pegue a estrada da Ponte do Grego  
Também conhecida como Salobra  
Não importa, o caminho é o mesmo.

Nela encontrará o Projeto Pacu  
Na Fazenda Santa Rosa é sua matriz  
Cria peixes em larga escala  
Percebe-se que não é obra de aprendiz.

Dali em diante não falta água  
Temos esse recurso em abundância  
Piraputanga e Ceroula  
Banham nosso verde de esperança.

Aqui a felicidade não é um sonho  
É a mais pura realidade  
É como um pássaro alçando voo  
Sentindo o vento da liberdade.

Se andar mais um pouquinho  
Chegará à minha escola  
Chamada Antonio Sandim  
Fica na Colônia Nova.

Da escola posso ver  
Nossa bandeira a tremular  
Listrada de azul e amarelo  
É um colírio para o olhar.

No centro há uma pintura  
De significado peculiar  
Veem-se o algodão, o arroz e o boi  
E o índio em tom de ouro a brilhar.

És maravilhosa, Terenos,  
Foste pela tribo indígena antes habitada  
A garra terena enobrece este povo  
E faz sua história hoje exaltada.





## As magias do meu barreiro

Aluno: Gustavo Messias de Amorim Barbosa

Quando a aula acaba  
Para casa vou ligeiro  
Combino com a meninada  
Um encontro no barreiro.

Almoço, faço a tarefa  
Depois é só brincadeira  
O sol sempre me convida  
Para escalar a barreira.

Assim há no barreiro  
Uma grande escalada  
Cada um sobe mais rápido  
Até o fim da jornada.

E lá no alto: Ufa!  
É hora de descansar  
É hora de escorrego  
E no riacho parar.

Quando a chuva vem  
Forma um só lameiro  
Como calda de chocolate  
Assim é o meu barreiro.

Borboletas coloridas  
Nos camarás vêm pousar  
Como se também quisessem  
No meu barreiro brincar.

Cheiro de barro molhado  
Me acompanha todo dia  
Ouço o canto do curió  
Que só me dá alegria.

Sou aprendiz de alpinista  
Subo qualquer barreira  
Crianças e até adultos  
Gostam dessa brincadeira.

Animais, bonecos, objetos  
Faço com o barro na mão  
Faço como Mestre Vitalino  
E me sinto um artesão.

E assim no meu barreiro  
Descubro meu talento  
O papelão é minha tela  
Como pintor eu invento.

Não uso lápis nem pincel  
Apenas barro colorido  
Com a lama papa na mão  
Tudo fica divertido.

Também no meu barreiro  
Há vento de todo lado  
Vento em cima, vento embaixo  
Assim não fico suado.

Tem até embiriba  
Para fazer berimbau  
Pra dançar a capoeira  
Que na escola é legal.

Assim é o meu barreiro  
Na “Terra dos Camarás”  
Fica no Buraco Fundo  
Lugar bom de se morar.

E assim o meu barreiro  
É um cantinho de magias  
Agradeço à natureza  
Que só me traz harmonia.

São momentos da infância  
Que guardo no coração  
As magias deste barreiro  
Nas memórias ficarão.

Já me bate uma saudade  
Quando adulto ficar  
Só quero ter esperanças  
De no barreiro brincar.

Professora: Maria Solange de Lira  
Escola: E. E. Antônio Correia de Araújo – Camaragibe (PE)



## Minha pequena cidade

Aluna: Maria Isadora Alves Fontenele

Tenho gosto e vaidade  
por ter nascido aqui  
sou desta linda cidade  
no interior do Piauí

Cidade linda, nascida  
aos pés robustos da serra  
tenho gosto e vaidade  
por ser filha desta terra

Pequena cidade  
de grande valor e beleza  
o verde de suas matas  
enfeita a natureza

Minha querida cidade  
que amo de coração  
admiro sua arte  
e a sua educação

As crianças que aqui vivem  
recebem com gratidão  
disciplina e conhecimento  
na Escola Augustinho Brandão

Basta abrir minha ja nela  
reconheço o seu valor  
minha cidade é muito bela  
e tem muito esplendor

No centro de Cocal dos Alves  
crianças colorindo papel  
praças, casas e comércios  
e o sol sorridente no céu

O lugar onde eu vivo  
tem poucas casas e gente  
mas o povo que mora nela  
é muito inteligente

No ano de noventa e cinco  
a singela cidade nasceu  
a pureza que tinha nela  
por esses anos permaneceu

Os encantos deste lugar  
fascinam seus visitantes  
existe aqui algo mágico  
que apaixonou num instante

Alguns dizem que é a água  
outros, os habitantes  
só sei que sou encantada  
com essa terra fascinante.

Professora: Maria do Socorro Almeida Vieira  
Escola: E. E. M. Augustinho Brandão – Cocal dos Alves (PI)

## Os santos padroeiros do meu lugar

Aluno: Lyedson Alves Silva

Meu município é devoto  
Da Telha até o Trussu  
Somam quatro os protetores  
Padroeiros de Iguatu  
Gente de muita fé  
Da região Centro-Sul.

Primeira paróquia fundada  
Sant'Ana aqui é devoção  
Nas novenas e madrugadas  
Junta aquela multidão  
Rezando e cantando seu hino  
Que nos enche de emoção.

No ano sessenta e quatro  
Com passe de bons artistas  
Fundaram mais uma paróquia  
Os padres redentoristas  
Que lá no Prado chegaram  
Para o bem dos catequistas.

Construíram a grande igreja  
Onde a Deus sempre recorro  
Com a Novena Perpétua  
Da Senhora do Socorro  
Hoje uma grande festa  
Que une todo o seu povo.

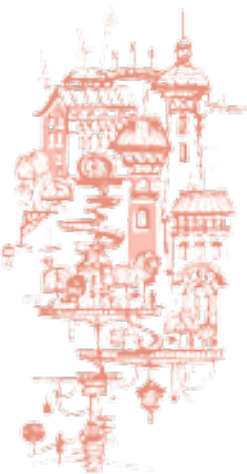
Na Diocese de Iguatu  
Temos um santo carpinteiro  
Dom José Doth aclamou  
São José seu padroeiro  
Amigos espanhóis lhe deram  
A imagem do mensageiro.

No início do novo milênio  
Perante uma numerosa multidão  
Dom José Doth e Dom Mauro  
Dão início à nova construção  
Depositam a pedra fundamental  
Onde hoje é o altar da celebração.

O trabalho continua  
A luta não pode parar  
Porque a causa de Cristo  
Precisa continuar  
No conjunto das Cohabs  
Senhora das Graças ali está.

Falei de quatro preciosidades  
Que dariam uma canção  
Ana, Socorro, José,  
Graças do meu coração  
Que em Iguatu se unem  
Para a nossa proteção.

Professora: Maria Evilenia Maia  
Escola: E. E. F. Carlota Távora – Iguatu (CE)



# Minha terra, minha gente

Aluna: Éricka Vieira Tavares

O lugar onde eu moro  
Tenho muito o que falar  
Tem pessoas inteligentes  
Para a gente conversar.

Tem um pé de jatobá  
Com os seus cento e vinte anos  
Os seus galhos são bonitos  
E muito mais seus ramos.

Tem também os cajueiros  
Que valorizam meu lugar  
Com os seus frutos gostosos  
Para se saborear.

Tem também uma igreja  
Para os fiéis receber  
Onde todos se reúnem  
Para a Deus agradecer.

Quando chega o mês de maio  
É grande a alegria  
Para todos venerar  
A santa Virgem Maria.

Chegando o mês de junho  
No meu amado lugar  
Tem fogueira, milho assado  
E forró pra se dançar.

Casa de fazer farinha  
E uma associação  
Parabéns agricultores  
Desta minha região.

No alpendre da minha casa  
Quando a tarde vem chegando  
As comadres se reúnem  
Todas ficam proseando.

O lugar onde eu moro  
É lindo de admirar  
Também tem um sanfoneiro  
Toca pra gente dançar.

Tem também no meu lugar  
Algo para lhe falar  
Mulher com cento e dois anos  
É coisa de admirar.

Dona Maria Bezerra  
Uma mulher de mister  
Não anda nem fala mais  
Esta humilde mulher.



Mora com o casal de filhos  
Numa casa bem singela  
Amada pelos vizinhos  
Todos aqui gostam dela.

Dona Maria Moreira  
Parteira do meu lugar  
Já está aposentada  
Não pode mais trabalhar.

Com os seus oitenta anos  
Já cumpriu sua missão  
Trouxe crianças ao mundo  
Nesta minha região.

O meu sítio cajueiro  
Lugar bom e hospitaleiro  
Pelo povo tão querido  
Deste torrão brasileiro.

Neste solo tão querido  
Tudo o que se planta dá  
Por Deus é abençoada  
Terra boa é meu lugar.

As maravilhas são tantas  
Que existem em meu lugar  
Se você quer conhecer  
Você vai se apaixonar.

De nome Jacaraú  
Esta cidade amada  
Ela é muito querida  
Por Deus é abençoada.

Com os seus cinquenta e um anos  
Esta cidade bonita  
Tem colégio, praça pública  
E tudo o que necessita.

Tem a igreja matriz  
Que cidade hospitaleira  
A Virgem da Conceição  
É a nossa padroeira.

Eu vou parar por aqui  
Pois preciso descansar  
Não tem folhas neste mundo  
Que descreva o meu lugar.

Professor: Joab Chacon Ferreira  
Escola: E. M. E. I. F. Senador Ruy Carneiro – Jacaraú (PB)

# O lugar onde quero estar

Aluno: Marcos Henrique Alves Chaves

Tem casa para morar  
É bom de viver  
Tem rua para andar  
Fico feliz só de ver.

Não tem praia  
Só tem rio  
Só tem canoa  
Não tem navio.

O sol é lindo  
A lua também  
Mas lua e sol  
Todo mundo tem.

O cheiro do mato verdinho  
É o que nos faz bem  
Ouvir o canto dos passarinhos  
Alegra nossa vida também.

O mar nem faz falta  
Pelo menos não pra mim  
Pois aqui há uma praça  
Que parece um jardim.

No passado tinha só mato e carrapato  
Até que um homem chegou  
Construiu o seu barraco  
E logo o nomeou  
Sebastião Cariri  
Essa cidade habitou!

Sebastião Cariri  
Homem hospitaleiro  
Dava abrigo a muita gente  
Quase todos no desespero.

Bem... Isso é história  
E não fica bem aqui  
Mas...  
Foi uma vitória  
Um começo, não um fim.

Aqui vai o meu recado  
Preciso falar desse lugar  
Aonde um dia cheguei  
E para sempre quero morar.

Cariri, simples CIDADE  
Seis meses de calor, seis meses de inverno.  
O que escrevi não é mentira  
É pura VERDADE  
Dez letras...  
Uma palavra: FELICIDADE.

Professora: Simone Cristina Gonçalves de Andrade  
Escola: E. M. Divina Ribeiro Borges – Cariri do Tocantins (TO)



## Assim sempre vai ser

Aluna: Sara Pimenta de Oliveira

Vou escrever um pouquinho  
Sobre o meu lindo lugar,  
Onde pessoas passeiam,  
Mas eu vim para morar.

O turista só conhece  
As ilhas tão bonitas,  
Mas eu que vivo aqui  
Sei de lendas e cantigas.

Ouvi a Lenda da Carioca  
E a Lenda do Rio do Choro,  
Boa Sorte na Fortuna,  
Jorge Grego e seu tesouro.

No hino, suas maravilhas,  
Símbolos em sua bandeira,  
Os índios com várias lanças,  
Cocar, cana e bananeira.

O patrimônio é muito importante,  
Tombados foram os monumentos.  
Canhões, igrejas e santos,  
Aquidabã, museu e conventos.

A cada dia do ano,  
Uma ilha para desfrutar.  
Há beleza por todos os lados:  
Cachoeira, mata e mar.

Os Reis Magos marcam a história,  
Descobri na aula de português.  
O nome da minha cidade  
Tem Reis por causa do dia 6.

Os portugueses ficaram encantados,  
Sentiram a brisa no rosto.  
Aqui o sol brilha mais forte  
E a natureza aos olhos dá gosto.

Quem bebe água da Bica  
Daqui não se afasta mais.  
O rapaz, na Bica, lamenta  
O amor proibido pelos pais.

Assim é Angra dos Reis,  
Assim sempre vai ser.  
Se você me fizer uma visita,  
Amará tudo o que vai ver.

Professora: Tatiane Mano França Leite  
Escola: E. M. Professora Cleusa Fortes de Pinho Jordão – Angra dos Reis (RJ)

## A curva “A lá Campestre”!

Aluno: Herison Ronie de Oliveira

Campestre de Goiás  
Esse é o nome dela  
Cidade querida  
Uma aquarela.

Em sua entrada uma curva tem  
E todos dizem logo:  
— A lá Campestre! Olhe bem!

Ela é pequena, maravilhosa!  
Já teve seu momento de fama  
O “da cidade cor-de-rosa”.

É um prazer apresentar  
O que de melhor ela tem...

... A Praça Pio Doze  
Alegria das crianças  
Que à tardezinha  
Brincam cheias de esperança.

... O rio dos Bois  
Com peixe de todos os tipos  
Pintado, piau e até traíra  
Um nome bem estranho  
Que a muitos inspira.  
Quem nunca viu alguém dizer  
— Oh! traíra!

... A serra da Jiboia com suas histórias  
... Campos floridos com ipês coloridos...

Esse poema é uma demonstração  
Das belezas que a cidade tem  
Tranquilidade, proteção  
É o que mais chama a atenção.

Este é o meu município  
Lugar que tanto amo  
Sou uma criança  
De apenas 11 anos  
Espero que tudo aqui demonstrado  
Seja no futuro preservado,  
E o meu muito obrigado.

Professora: Zélia Maria de Souza Silva  
Escola: E. M. Cristo Rei – Campestre de Goiás (GO)

## Minha terra tem valor!

Aluna: Kézia Emilly Araujo Lima

Eta terra boa pra danã  
É essa minha cidade,  
Que agora em meus versos  
Eu vou lhe apresentar.

É a história da minha gente,  
Lavradores, professores,  
E todo trabalhador  
Que vive no meu lugar.

Fica aqui no Piauí,  
Olha só que emoção!  
Onde todo mundo fala  
Da secura deste chão,  
O lavrador planta na terra  
E vê brotar o feijão.

Aqui também vive o reisado,  
Que é cultura desta terra,  
A alegria do Carnaval,  
Dança de rua e São João,  
E no museu do Tito  
As memórias da região.

Na praça Getúlio Vargas  
Minha cidade nasceu,  
Nela o padre Lopes  
Uma capela ergueu.

A capela virou matriz,  
As ruas ganharam casas,  
Tapetes pretos e jardins  
E pássaros de belas asas.

Acordo bem cedinho  
Com o barulho da vizinha,  
O galo cocoricando,  
E o canto do trem na linha.

É hora de levantar,  
Vou à escola poetizar  
A minha cidade linda,  
Que eu adoro morar.

Diversão não falta aqui,  
O turismo é uma promessa,  
Rapel, trilhas, tirolesa  
São brindes da natureza.

Misticismo, mistura e mistério,  
Tudo isso tem no meu Castelo.

Todo ano, mês de julho,  
Um evento é esperado  
É o Cachaça Fest  
Que agita a cidade.

A cachaça é o negócio,  
E para muitos diversão,  
Para outros, no entanto,  
O que resta é decepção,  
Bêbados mingando nas calçadas  
Depois da curtidão.

Mas minha gente é valente, não desiste fácil,  
É sertanejo forte como Euclides consagrou  
E no Jenipapo liberdade gritou!  
Finca as mãos na terra,  
E nela o seu valor,  
Faz brotar no meu chão:  
O pão, a uva e o amor.

Para terminar, falo do meu orgulho  
De ser filha desta terra,  
Castelo do Piauí é o nome dela,  
Lugar de gente de fê,  
Que agradece em oração  
O pão de cada dia colhido neste chão.

Professora: Rita Ferreira Marcelino Vasconcelos  
Escola: U. E. Professora Osmarina Vieira de Souza Moreira – Castelo do Piauí (PI)



## Esse é o meu lugar

Aluno: Francisco Emanuel Alves da Silva

Até bem pouco tempo  
Minha cidade era vila  
Tudo era diferente  
Mais tranquila era a vida

Casas cobertas de palhas  
Quintais a perder de vista  
Roupas lavadas no riacho  
Meninada soltando pipa

Pessoas viviam felizes  
Cantavam com alegria  
Os dias eram melhores  
Todos se davam bom-dia

Hoje a vila é cidade  
Muitas coisas diferentes  
A vida é mais agitada  
Há correria de muita gente

Quintais foram diminuindo  
As áreas foram limitadas  
Até as roupas agora  
Nas máquinas são lavadas

Carros e motos são maioria  
Nas ruas que estão calçadas  
As pipas foram sumindo  
Das mãos da meninada

Praças, clubes e avenidas  
Transformaram meu chão  
O que antes era vila  
Agora é Regeneração!

Professora: Leila Pereira de Araújo  
Escola: E. M. ABC da Alegria – Regeneração (PI)

## Entre o céu e a terra, um Ribeirão

Aluna: Gisele Rodrigues de Oliveira

Cana entre cafezal,  
Indústria entre plantação,  
Casas entre prédios,  
Pipas entre fios,  
Cidade Ribeirão.

Bola no asfalto,  
Menino no portão  
Oh pássaros...  
O barulho da buzina  
Camufla sua canção.

Mas ainda vejo parques  
Para nossa salvação.  
Idosos entre quiosques,  
Crianças em diversão.

No balanço ou na escolinha  
Todos pedem educação.  
Essa cidade moderninha  
Ainda comemora São João.

Iluminada e atrativa,  
Chama toda região.  
Há pontos culturais  
De grande apreciação.

Entre *shoppings* e calçadão  
Madames e povão.  
Todos saem a passear  
E se encontram no Mercadoão.

Entre o céu e a terra  
O grande Ribeirão  
Refresca as tardes quentes  
E nos dá boa sensação.

Entre condomínios e favelas  
Há flores nas janelas  
E beija-flores a pousar.  
Entre felicidade ou tristeza  
Segue uma certeza:  
Aqui vivo e sempre vou morar!

Professora: Ana Carla de Souza  
Escola: C. E. M. E. I. Virgílio Salata – Ribeirão Preto (SP)

## Terra adorada, Tingui

Aluno: Willas Soares de Araújo

Dedinho de prosa vou citar  
“Chega, vizinho, venha pra cá  
Junta aqui toda a gente  
Bota o milho pra assar  
Arrumem seus assentos  
Que os contos vou começar.”

Peço a Nossa Senhora  
Um pouco de inspiração  
Sei que ela me concede  
Pois é pra uma boa ação  
Vou falar do Tingui  
Terra do meu coração.

Para falar do Tingui  
Minha terra, meu torrão  
Começo pelo passado  
Que não empolga muito não  
Pois aqui existem marcas  
Dos crimes de Lampião.

Pesquisei esse passado  
Com cuidado e atenção  
Entrevistei um velhinho  
Que falou com precisão  
Como eram aqueles dias  
No tempo de Lampião.

Disse que antigamente  
Bem antes de Lampião  
Um homem chamado Arnaldo  
Era amigo do Barão  
Veio morar nesse lugar  
Com sua autorização.

Arnaldo fez sua casa  
Onde não havia ninguém  
Sô a mata fechada  
Cidade era muito além  
Nesse tempo tinha onça  
E cascavel também.

Existia uma erva  
Bem típica da região  
Que matava os animais  
No período do verão  
Chamamos de tingui  
O veneno do cão.

Por causa do tal arbusto  
Surgiu Fazenda Tingui  
Arnaldo e sua família  
Que viveram por aqui  
Formaram a comunidade  
Sobre a qual eu nasci.

Os tempos eram difíceis  
O sol torrava o sertão  
A fome era brava  
Ninguém tinha condição  
Para transportar o alimento  
Não havia caminhão.

O tempo foi passando  
O Tingui foi crescendo  
Seu povo simples e católico  
Orava rindo e gemendo  
O progresso estava longe  
Do que agora estamos vendo.

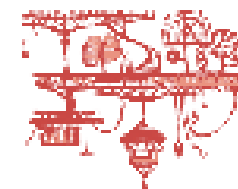
E veio uma tempestade  
Seu nome era Lampião  
Roubava, matava gente  
E assaltava o sertão  
No povoado Tingui  
Matou três sem compaixão.

Nessa “terra adorada”  
Já nasci no sucesso  
Veio também a escola  
Que trouxe ao mundo o progresso  
Afirmo que no Tingui  
Não tem mais analfabeto.

Nesse tempo presente  
Tudo está mudado  
Tem as tecnologias  
Pra viajar tem o carro  
Que além de ser veloz  
Leva gente para todo lado.

Finalizo este poema  
Não triste por acabar  
O que aqui se termina  
Na calçada vai começar  
Cada um conta um conto  
Das histórias do lugar.

Professora: Nadja Siqueira dos Santos  
Escola: E. M. E. F. Alice Oliveira Santos – Água Branca (AL)





## Lá vem... Lá vem...

Aluno: Jullyo Cesar Ferreira da Silva

Lá vem o rio  
Força total!  
Arrasta cerca,  
Folha e pau.

Lá vem o rio  
Que beleza!  
Vida seguindo,  
Poder, natureza.

Lá vem o rio  
Abrindo caminho,  
Leva pra longe  
Povo ribeirinho.

Lá vem o rio  
Pedindo passagem,  
Determinado...  
Muda paisagem.

Lá vem o rio  
Sem engano!  
Nasce das águas  
Vila Massangano.

Lá vem o rio  
Que formosura!  
Ajudando todos  
Na agricultura.

Lá vem o rio  
Da integração!  
Trazendo vida  
Para o sertão.

Lá vem o rio  
O Velho Chico  
Lá vem... Lá vem...  
São Francisco.

Professora: Edelmize Rodrigues Borges de Brito  
Escola: E. M. Irmã Luiza Gomes – Petrolina (PE)



## Um amor macaense

Aluna: Natália dos Santos Rocha de Paulo

Peço licença para apresentar  
A história de minha amada cidade,  
Movida a sonho, paixão e verdade.  
Macaê, minha terra, meu lugar.

Sua gente tão querida  
Prolifera a cada instante.  
Pelo sonho de ser rica  
A população se faz gigante.  
Multicresce, multicria, multiplica.

Conhecida por sua riqueza,  
Macaê ficou falada e famosa,  
Colocaram estrada onde antes era roça  
E esqueceram da antiga beleza:  
O que temos de melhor – a natureza.

Praias, montanhas, cachoeiras  
E um pôr do sol de dar inveja!  
Macaê tem muito esporte e brincadeiras,  
Agrada a todos, quem quer que seja.

Mesmo com muito ainda a ser dito  
Não posso esquecer esse tema,  
A poluição virou um grande problema  
Que nas linhas desse simples poema  
Alerto com a força de um grito!

Nas praias que meus pais nadavam  
Eu não posso mais nadar,  
As crianças que ali estavam  
Perderam espaço, perderam lugar,  
O lugar é do petróleo,  
Ouro negro que sai do mar.

Toda cidade precisa crescer,  
Essa é uma grande certeza.  
Só não dá para se esquecer  
Do cuidado à natureza.  
Essa, sim, é a maior beleza  
Que nossa terrinha pode ter!

Mantenho viva na memória  
A esperança de filha deste lugar!  
Nenhum problema irá apagar  
O sentimento que produziu essa história:  
O amor por Macaê, meu querido lar.

Professor: Wagner da Conceição Trindade  
Escola: C. M. Generino Teotônio de Luna – Macaé (RJ)

## Como é viver em Curitiba

Aluno: Gustavo Kuster Meneghetti

Não tem cachoeira,  
Não tem cordilheira,  
Não tem seringueira,  
Nem tampouco pitombeira.

Tem bolinho de chuva,  
Festa da uva,  
Mão com luva,  
Atê casamento de viúva.

Menino é piã,  
Coquinho é butiã,  
Amigo é xará,  
E ruivo é sarará.

No inverno tem quentão,  
Na chapa tem pinhão,  
Jogo de botão,  
E festival no Solar do Barão.

No verão soltar raia,  
Férias na praia,  
Usar minissaia,  
E cair na gandaia.

Domingo tem Atletiba,  
Coxa é Coritiba,  
Estudante é vestiba,  
Ah, eu amo viver em Curitiba.

Professor: Rafael Borges Ardiles  
Escola: C. E. E. F. M. Gabriela Mistral – Curitiba (PR)



## Meu cantinho mineiro

Aluno: Almir Augusto Fonseca

Coimbra é uma cidadezinha  
No interior de Minas Gerais,  
Viver aqui é sem dúvida  
“Um negócio bão dimais!”

Aqui no alto da serra  
Com o vento muito profundo,  
Coimbra é conhecida  
Por ter o melhor clima do mundo.

O ar não é poluído,  
Como nas grandes cidades,  
Por isso, o povo aqui  
É cheio de felicidade.

Bem de manhãzinha,  
O vento bate a soprar,  
E alegre a quem anda  
Devagar a caminhar.

A comida é muito boa  
Especialmente a caseira,  
E a gente daqui  
É sempre hospitaleira.

Ela é simples e bonita,  
E as ruas são asfaltadas,  
Também são poucos  
Os acidentes nas estradas.

Coimbra cidade antiga,  
Caminho de tropeiros  
Que apeavam por aqui  
Rumo ao Rio de Janeiro.

Cidade de casarões antigos  
Tombados pelo Patrimônio Cultural  
Que preservam sua história  
Com carinho especial.

Bem no começo da noite  
O sono já vem nos pegar,  
Em Coimbra, cidade maravilhosa,  
Nela pode-se relaxar.

E ao raiar de um novo dia  
O sol vem me chamar  
Para mais um dia ter  
O prazer de aqui morar.

Professora: Ana Leia da Silva Faria  
Escola: E. M. Padre Jaime Antunes de Souza – Coimbra (MG)

# Minha pequena cidade

Aluna: Paola Yasmini de Souza

Numa cidade esplendorosa  
Vivemos com muita alegria,  
Temos natureza fantástica  
Que mais parece uma magia,  
O atrativo do local  
É o lago de Três Marias.

Minha cidade é pequena,  
Fica em Minas Gerais,  
No alto do São Francisco  
Três Marias é demais!  
Quem vem aqui admira,  
Não vai embora jamais.

E pra lavar sua alma  
Cachoeiras de rara beleza!  
Com suas águas refrescantes  
Nos banham e dão leveza,  
Olha que belo lugar!  
Que tira até sua tristeza.

Três Marias, lugar de pesca,  
Descanso, sossego e diversão,  
Cachoeira do Guará ou cascatas,  
Com seus grandes paredões,  
Tem o doce Mar de Minas  
E cachoeiras do Riachão.

Os passarinhos cantando  
O meu coração vai tocando,  
Essa canção calma e leve!  
E eu vou me virando  
Com Deus na minha frente,  
E sempre me guiando.

Muita gente vive da pesca  
Aqui do nosso rio,  
Mas agora todos clamam  
Pois virou um desafio.  
O Rio São Francisco  
Está secando aos pouquinhos!

Três Marias tem muita festa  
Já virou até tradição!  
Tem Folia de Reis,  
Festa do Manuelzão,  
Veja quanta alegria!  
Tem Carnaval temporão.

Tem ipê-roxo e amarelo,  
Jenipapo e quaresmeira,  
Muitas árvores do cerrado,  
Jatobá e aroeira,  
Nesse grande sertão Veredas  
Tem buriti e gameleira.

A cidade tem comida boa,  
Dourado e surubim,  
Dão água na boca os doces,  
O licor de jabuticaba e abacaxi,  
Tem frutos que poucos conhecem,  
Murici, araticum e pequi.

Da janela vê-se o pomar,  
Laranjeira e goiabeira,  
Tem pés de cana e bambu,  
Limoeiro e bananeira,  
Tem plantas medicinais  
Como boldo e erva-cidreira.

Lá no altar da igreja  
As pessoas dizem amém,  
Imploram à padroeira  
Para todos viver bem,  
A mãe do menino Deus,  
Que é Maria também.

Entre a lua e as estrelas  
Num sorriso de criança  
No canto dos passarinhos  
Num olhar, numa esperança,  
A beleza de um poema  
Nunca nos cansa.

Ah! se em todo lugar tivesse  
Assim tantas alegrias!  
Dá gosto ouvir as histórias.  
Nessa paz do dia a dia  
Aqui é tudo de bom  
Na cidade de Três Marias.



Professor: Sônia Lúcia de Moura e Silva  
Escola: E. M. Geralda Márcia P. Gonçalves – Três Marias (MG)

## Carnaúba

Aluno: Bruno de Sousa Justino

Eu moro em um lugar  
Que já foi muito esquisito  
Era pintado de verde  
Com carnaúbas e mosquitos  
Bebia-se água de pote  
Vivia-se no rebuliço.

E o povo era feliz  
Alegre e satisfeito  
Isso é meu avô quem diz:  
“A gente se dava ao respeito”.

A coisa melhor do mundo  
Era comer carne de carneiro  
Morar numa fazenda  
Mesmo sem ser fazendeiro  
Fazer o “serviço” no mato  
Olhando o povo no terreiro.

Hoje tudo é diferente  
Do que foi antigamente  
O povo se diz pra frente  
E sorri com ferro no dente.

Mas nem sequer lembram mais  
Dos antigos carnaubais  
Que tanto ao povo servia  
Até de poste de energia.

Professora: Natália do Vale

Escola: E. M. E. F. Maria do Carmo Pedroza Mendes – Nazarezinho (PB)



## Um fim de mundo que encanta

Aluna: Jamily Ferreira Assunção

Com muito carinho e amor  
Eu descrevo o meu lugar  
Uma terra rica em ouro  
Você pode acreditar

Muita gente ficou rica  
Outras, porém, empobreceram  
Com a febre dos garimpos  
Alguns até enlouqueceram

Essa história de garimpo  
Começou aqui no Norte  
Tem gente que vem para cá  
Contando apenas com a sorte

Roraima tem dessas coisas  
Dizem que aqui é o fim do mundo  
Mas que fim bonito é esse  
Que encanta todo mundo

O monte Roraima é exemplo  
Ninguém pode duvidar  
Até a novela das 9 mostra  
As belezas deste lugar

Bem no centro da minha cidade  
Tem a praça do garimpeiro  
Um homem com uma bateia  
Derrama água o dia inteiro

O sol por aqui é quente  
Já vou logo avisando  
Mas Boa Vista é um leque  
É a natureza assoprando

Essa cidade é perfumada  
Tem flores nos canteiros  
Na praça tem muita água  
E alegria o ano inteiro

Meu fim de mundo é encantador  
Falo dele com muita fé  
Tenho orgulho de morar aqui  
Tem lugar para quem quiser.

Professor: Josué Rodrigues da Costa

Escola: E. M. Rujane Severiano dos Santos – Boa Vista (RR)

## Morros de Mauá

Aluno: Erivelton Omena Ferreira

morro pra lá  
morro pra cá

sobe aqui sobe ali

morros e residências!

sobe  
desce  
todo dia...  
comprar pão é uma alegria  
mas ao voltar é só reclamar  
ladeiras  
escadarias...

sobe sobe  
desce desce

sobe alegria

quando quando

sofrimento desce

morros, morros, morros...

Esta vida ninguém merece!

sobe sobe  
desce desce

E a vida continua...

Professora: Claudia Valéria Petrucco de Souza Melo  
Escola: E. E. Olavo Hansen – Mauá (SP)

## Vida em transição

Aluno: Giovanny Luan Arantes

Viver na Fundação não é bom  
Bom é ser livre em toda situação  
Mas tenho minha opinião  
Sobre este período de transição  
Que muitos dizem ser prisão.

Nesse lugar, maldade...  
Que no mesmo tempo é saudade  
Por estar privado de liberdade  
Mas tenho um lado positivo  
Nesta realidade  
Estou me reabilitando para a sociedade.

Acordo e vejo grades  
Meu peito dói de verdade  
Só quem passou  
Por isso sabe  
De todas as realidades  
E crueldades...  
A maior necessidade  
É a Liberdade!

Aqui lições de vida  
Transmitem coisas boas  
Reconhecimento como pessoa  
Que errar é humano  
Mas aprender é a melhor coisa.

Atrás desses momentos tem algo impressionante  
Hoje me tornei um estudante  
Descobri que sou inteligente  
Produzi este poema, e me sinto importante.

Professora: Maria da Penha Silva  
Escola: Fundação Casa Paulista – E. E. João Vieira de Almeida – São Paulo (SP)



## Os lugares da minha cidade

Aluno: Saimon da Silva Costa

A minha cidade de Borba  
É linda como uma roseira  
Por isso todos chamam  
Princesinha do Rio Madeira

Em Borba tudo é tão lindo  
Quem o visita se admira  
Principalmente se conhecer  
O balneário do lira

Durante o mês de junho  
Chegam muitos romeiros  
Para pagar suas promessas  
Ao nosso santo casamenteiro

Em sua procissão grandiosa  
Percorrem todos a pé  
Sempre cantando juntos  
Orando com toda a fê

Sem falar no campo de flores  
Que é de uma beleza espetacular  
Aonde os casais de namorados  
Ali chegam para namorar

Em Borba tem muitas maravilhas  
Que é de uma profunda paixão  
Construído na estrada  
Na praça do camaleão

Onde o povo se diverte  
Com muita emoção  
Pegando suas violas  
Para cantar sua canção

Então, venha visitar borba  
Você vai achar especial  
Você também vai conhecer  
O banho do puxurizal

Borba tem tanta beleza  
Que não se pode imaginar  
Precisam ver a magia  
Do banho do mapiã

Aqui na cidade de Borba  
As memórias estão sempre vivas  
Da praça do centenário  
Até às quadras esportivas

Borba é muito bonita  
Da cor desse céu de anil  
Por isso que ela faz parte  
Desse imenso Brasil

Eu tenho muito orgulho  
De ser borbense assumido  
Durante toda a minha vida  
Jamais será esquecida.

Professor: Ted Moisés Mercado dos Santos  
Escola: E. M. Doutor Adelino Costa – Borba (AM)

## Meu viver

Aluna: Cláudia Luiza Donida

Moro num lugar  
De paisagem muito linda,  
O povo é hospitaleiro  
Onde amizade é bem-vinda.

Moro no interior,  
Bem próximo da cidade,  
Vivo com minha família,  
Vivo feliz de verdade.

Todo dia vou à escola  
Estudar com meus amigos,  
Brinco, canto, jogo bola...  
E aprendo sobre os perigos.

Quando volto para casa  
De longe sinto o cheirinho  
Da comida que a nona  
Preparou com muito carinho.

Arroz, carne e feijão,  
Polenta, salame e queijo,  
Também não falta o pão,  
A nona merece um beijo.

À tarde ajudo na lida,  
As vacas vão pra pastagem,  
É a rotina da vida,  
Os camponeses assim fazem

Tirar o leite, da horta cuidar,  
Fazer servicinhos, poder ajudar,  
Varrer o pátio, uma flor plantar,  
São pequenas coisas, feitas para agradecer.

Na época fria do ano  
Adoro ir colher pinhão,  
Andar por entre os pinheiros,  
Juntar a semente do chão.

Nos domingos e feriados,  
Vamos todos à igreja rezar,  
Pedir, orar e agradecer  
Por tudo o que temos em nosso lar.

Adoro esse lugar,  
Adoro minha vida.  
Tenho tudo de que preciso,  
Serra Alta é mesmo um paraíso.

Professora: Elides Maria Mai Vivan  
Escola: Centro Municipal de Educação – Serra Alta (SC)

# Entre as glórias do meu lugar, há um rio a reclamar

Aluno: Vitor Hugo Luiz Cota

Nesses dez anos de vida,  
de uma vida bem vivida,  
tenho uma história distinta,  
lembrança de mais de trinta.  
Com o povoado bem pobre, simplicidade era tal,  
E os caminhos de chão batido  
pelo vento eram varridos,  
pintando com a cor vermelha  
o verde de meu quintal.

Santo Antônio do Rio do Peixe  
deixou esse nome de lado,  
virou Alvorada de Minas  
em um projeto encantado.  
A imaginação criou asas,  
inventaram pessoas e casas.  
O dinheiro era regrado...  
mas o braço do progresso foi plantado.

Casos de velhos casebres  
foram trocados por pedestais.  
Até a casa do João-de-Barro,  
com dois andares ou mais.  
O comércio correu tanto  
que amedrontou os rivais.  
Há asfalto, carros, assentamentos e serviços,  
com os quais não se sonhava jamais.

Alvorada alvoreceu... muito se preservou...  
Mata Atlântica, flora e parte da fauna  
o meio ambiente desenhou.  
Mas o rio... coitado!  
Nenhuma lei o adotou.  
Somente o quero-quero,  
em suas margens, sua presença anunciou!

Suas águas eram ouro,  
corriam como canção.  
Vêus de noiva no escuro,  
cintilantes no clarão  
traíras, tilápias, mandis...  
brincavam em seu salão.  
e para comemorar o rio ria sem parar...

Sua correnteza gigante  
tinha pressa de chegar.  
Em suas praias verdejantes  
punham a roupa pra quarar.  
É obra do Criador!  
Atraía gente de todo lugar.  
Todo dia era domingo  
No compasso do chuã... chuã...

Se já contei as glórias,  
hoje vou falar do feio.  
Quer localizá-lo?  
Ele corta a cidade ao meio,  
como a faca corta o pão,  
como o sol corta o céu.  
Suas correntes cremosas  
parecem abelhas fazendo mel.

Engaiolado! Isolado! Sem peixes!  
clama, clama sem parar...  
É marmita sem carne, roupa sem manequim,  
vidros estilhaçados, móveis velhos de marfim.  
E o essencial:  
Esgoto! Destruição total!

O ingazeiro incontestado  
se debruça a pensar...  
O bambuzeiro altivo  
acena pra lá e pra cá:  
Oi, Alvorada de Minas...  
Venha o rio salvar.

Tenho muito que aprender  
mas, timidamente, já lancei a primeira semente.  
Como o outro lado da cidade,  
Quero o rio vestido de alegria,  
E quando mais de trinta anos tiver  
quero nadar, tomar muita água  
e ajudar a salvar o meu lugar.

Professora: Ilsaete da Aparecida Braga Simões  
Escola: E. E. José Madureira Horta – Alvorada de Minas (MG)



As atividades para a construção dos textos de memórias literárias formam vínculos fortes e humanizados. Para escrevê-los, os alunos são orientados a entrevistar uma pessoa mais velha de sua comunidade e a ouvir as histórias, impressões e experiências de vida que ela tem para contar. A narrativa traz uma visão de mundo particular, em geral distante da realidade dos jovens, alunos de 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, que são convidados a recriar o que ouviram, escrevendo um texto. O lugar onde vivem é objeto para a reflexão do narrador e do entrevistador: daquele que lembra e daquele que pergunta para depois reconstruir o que foi contado. Nessa relação se estabelece um compromisso: “Eu conto a minha história; você a salva do esquecimento”. Esse compartilhar de experiências, num encontro entre gerações, está presente nos textos a seguir. Um encontro permeado de memória e de espaço de vivência comum, que constitui e reforça identidades. Agora, você, leitor, poderá saborear as histórias escritas por alunos que foram conduzidos por professores numa viagem fantástica através do tempo!

# memórias literárias





# memórias literárias

- 66 Sabores da cana**  
Thiago Henrique Silva
- 68 De frente para o rio**  
Rodrigo Verus da Silva
- 70 Linhas de ferro**  
Nathalia Cristina dos Santos
- 72 Lembranças de um velho passado**  
Mileny Melo
- 74 Escola nossa de cada dia**  
Rodrigo Piccoli Cavalini
- 76 Um homem, o podão, a história**  
Jéssica da Silva Nascimento
- 78 O bailarino e a cerejeira**  
Aline Brito Glanzel
- 80 Um segredo revelado**  
Valdirene Prestes dos Santos
- 82 Pedra “consinada”**  
Maria Clara Leal de Sousa
- 84 Devagar como a Maria Fumaça**  
Gabriela Chaves Santos
- 86 Memórias submersas do Canela**  
Wellington Pereira de Araújo
- 88 Uma história passada a limpo**  
Vitória Vieira dos Santos
- 90 Só restou a música**  
Bruna Curzel
- 92 Tropeando lembranças da minha querência**  
Gabriel Rosa Padilha
- 94 Espelhos da mata**  
Lucas André da Silva Freitas
- 96 Mergulhando nas lembranças**  
Amanda do Nascimento Silva
- 98 Águas vivas**  
Raiane de Castro Oliveira
- 100 Uma caneca de leite**  
Vitor Hugo Bueno
- 102 O menino das margens**  
Ester Pereira Lima
- 104 São João, o festejo da vida**  
Kaio de Oliveira Costa
- 106 Medo do desconhecido**  
Briane Luise Pires de Lima
- 108 Memórias de uma maldita**  
Dayane de Sousa Pereira Silva
- 110 Ruínas da Vila dos Diamantes**  
Marcel Alves Souza
- 112 Os paletas do Rio Vermelho**  
Gabriel Alonso dos Santos
- 114 A valentia da vovó Maria**  
Larissa Helena Santos de Faria Silva
- 116 Sou parte deste lugar**  
Maria Eduarda Ferreira
- 118 Costurando a vida**  
Paulo Henrique Oliveira Barbosa
- 120 Doces sabores da infância**  
Milena Gomes Cardoso
- 122 Um sonho**  
Arthur Cechele dos Santos
- 124 Janelas da memória**  
Rebeca Casemiro Silva
- 126 Poeira vermelha da saudade**  
Otto Romar dos Santos Reddin
- 128 A máquina de arroz**  
Eveline Rose Vieira de Souza
- 130 Infância no Córrego São João**  
Joyce Aparecida Martins Pinheiro
- 132 Brincar é coisa séria**  
Andriéli dos Anjos Silva
- 134 Marcas da felicidade**  
Joviane Cotrim de Alcântara
- 136 Olhares sobre a cidade das flores**  
Daiane de Oliveira Silva
- 138 Os tempos da palmatória**  
Sulamita Pinheiro Santos
- 140 Um salto para trás**  
Maria Heloíza Barbosa Tavares

## Sabores da cana

Thiago Henrique Silva

Vi a cidade crescendo lentamente diante de meus próprios olhos fatigados e sinto-me como se fizesse parte dela, como se fôssemos crescendo no mesmo ritmo do podão cortando a cana, da poeira dos caminhões de pau de arara que levantava no ar a terra seca, do olhar sofrido e distante dos boias-frias tirando o bom prestígio dos velhos cafezais.

Bastava chegar perto da plantação para me sentir embriagado pelo cheiro do garapão, o doce da cana cortada, o suor dos que labutaram naquela terra quente e fértil por vezes era esquecido.

O galo mal cantava na madrugada e já pegávamos o facão e a marmita e íamos trabalhar, num silêncio solitário, ensurdecedor, não mais que o silêncio dos trabalhadores que podavam a cana como se cultivassem esforço e persistência, para com o tempo colhê-los.

Havia também o movimento incessante dos caminhões, num constante vai e vem com toneladas de cana, de sonhos cultivados nas plantações, de um futuro distante de esperança e renovação.

O cheiro doce da cana-de-açúcar e o amargo trabalho misturavam-se com meu suor. Pegava o facão como o artista molda sua obra, também moldava ali o meu futuro, na esperança de crescer junto com minha cidade em meus sonhos simples de um boia-fria, mas fortalecido por meu trabalho.

O açúcar que eu ajudava a fabricar, por vezes, não disfarçava o amargo da vida sofrida que levava, mas construía o alicerce das usinas que aos poucos iam incorporando ao desenvolvimento da minha cidade e também da minha vida.

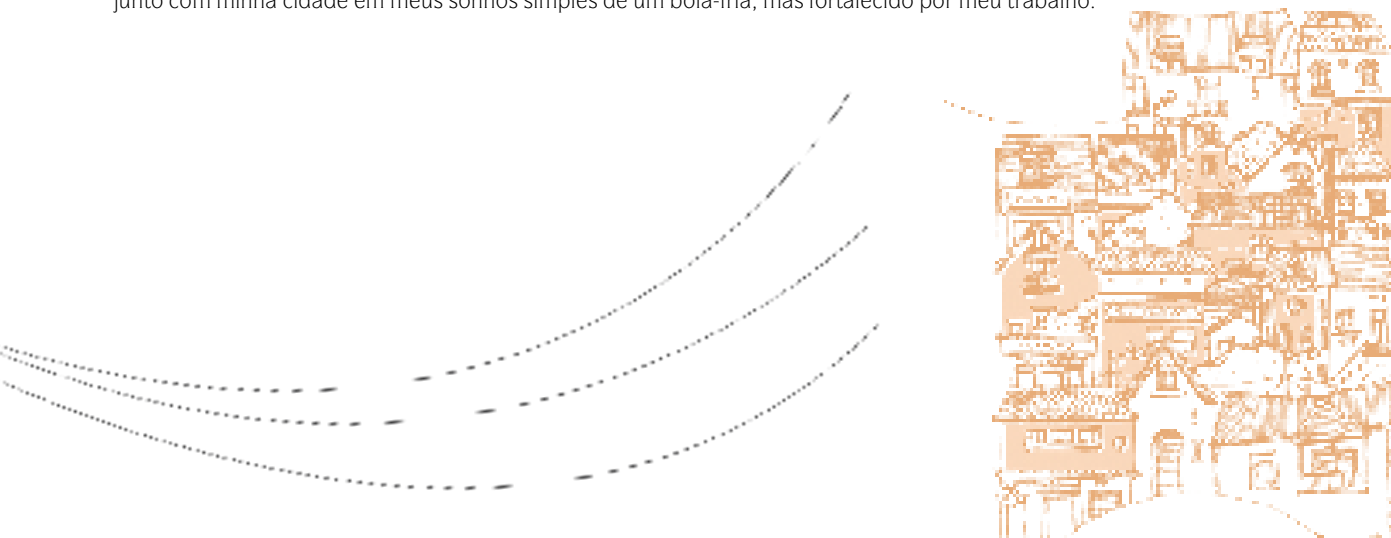
O progresso vi surgindo, minha cidade tornou-se um berço acolhedor de imigrantes. Luvas, facões, trabalhadores deixados de lado, novas tecnologias tomando lugar dos homens, máquinas sofisticadas e os empregos renovados. Hoje, apesar de tudo, fico orgulhoso de ter feito parte dessa evolução, da construção da minha cidade. Sinto-me parte dessa história do etanol, das exportações e desenvolvimento da minha terra.

O tempo passou, a cidade evoluiu, porém as minhas mãos calejadas ainda persistem, assim como as melhores lembranças de um tempo vivido que insistem em permanecer na minha memória, na minha alma e, principalmente, na história do lugar onde vivo.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Arlindo Manuel da Silva, 59 anos.)

Professora: Isabella Quintino Bonini

Escola: E. M. E. F. Professor Raul do Prado Vianna – Sertãozinho (SP)



## De frente para o rio

Aluno: Rodrigo Verus da Silva

No meu tempo era assim: brinquedos e brincadeiras eram inventados pela própria criança. Eu fazia carrinho com roda de sandália e lata de óleo; trator com cabo de vassoura, lata de conserva e de goiabada. A de conserva servia como pão e a de goiabada, como volante. Também tinha competição com aro de bicicleta. Meus irmãos e eu ficávamos nas ruas empurrando o aro com uma vareta. Saudáveis tempos, em que todos brincavam sem receio de um carro desenfreado interromper a diversão. Era tudo mais tranquilo.

Mas o que me preenche a memória é lembrar o lugar onde tudo isso ocorreu. Morava numa casinha situada de frente para o rio Acre. Sua água era mais fresca, por ser rodeada de árvores frondosas e saudáveis. Pois o homem ainda não tinha lançado tantos dejetos. Essa casa situava-se na rua Beira-Rio, no bairro Cidade Nova, em Rio Branco, no Acre, que ainda aparentava ser um bairro dentro da floresta, de tanto verde que o cercava. Lembro-me como se fosse hoje: o lar sendo construído de madeira nova, retirada ainda verdinha, com aquele aroma puro e natural que só a floresta tem. Acredito que esse era o motivo de suas paredes serem resistentes. Cansei de bater os pés nelas quando fazia o embalo de vai e vem na rede. Empurrava com força e elas não estremeciam. A casinha era simples, porém firme.

Na casa residiam doze pessoas: meu velho pai, homem trabalhador; minha mãe, a rainha sábia; e os dez filhos: cinco meninos e cinco meninas. A hora da refeição era a mais divertida para nós. A comida era servida em bacia. Eram duas bacias, divididas em dois grupos de três crianças e um de quatro. Isso dava uma confusão daquelas, com direito a colheradas na testa e mordidas no braço. Nesse momento éramos competidores. O mais esperto levava vantagem. Tal atitude ocorria porque, por maior que fosse, a porção de arroz, feijão, farinha e ovos com carne-seca fritos se tornava pequena pela quantidade de crianças. No entanto, minha mãe resolvia a situação. Tinha em mãos o cinto do papai. Apartava os rebeldes para a divisão ser justa. E tudo acabava bem.

O sol mal raiava e já estávamos em pé, pois, antes de irmos tomar aquele café preto que só minha mãe sabia fazer, tínhamos que arrumar nossas dormidas: dobrávamos nossas redes todos os dias. Somente nossos pais tinham cama, porque uma cama trabalhada em madeira custava os olhos da cara. As horas da tarde eram as mais gostosas para nós. Íamos tomar banho no rio. A alegria irradiava sem limites naquelas águas. Eram pulos, gritos e “caldeiradas”.

As noites me encantavam. Como todo menino que sonhava com heróis, ficava sentado na porta, que dava de frente para o rio, com um bonequinho de madeira. Era o meu guerreiro. Fantasiava-o em várias batalhas, nas quais o monstro era a sombra de uma das minhas mãos. A lua iluminava a batalha e jorrava seu reflexo no rio, deixando-o ainda mais belo. Energia vinda diretamente do céu, pois não existia eletricidade para os pobres. A casa era iluminada por velas ou lamparinas.

Somente os ricos ocupavam suas noites vendo televisão, recurso tecnológico mais atraente da época. Nem celular, nem *videogame*, muito menos computador, existiam para nós. Mesmo assim, éramos felizes e sadios, porque ocupávamos nosso tempo gastando energia, e não acumulando gordura com brinquedos que as crianças nem precisam se mexer.

Se me pedirem para dar detalhes daquele lugar atualmente, apresento ruas, avenidas lotadas de carros, ônibus, caracterizando um trânsito estafante, com fonfons, palavrões e insultos constantes, num sol escaldante, logo pela manhã, e pessoas apressadas, correndo contra o tempo para chegarem ao trabalho. As paredes de tábua da casinha foram substituídas pela areia e cimento. O rio ficou ainda mais barrento, com muito lixo boiando em suas águas não mais tão frescas, pois as árvores que o rodeavam foram substituídas por inúmeras casinhas. Podem mudar tudo, só o que não conseguem levar é o que tenho comigo: as lembranças. Essas estão guardadas e, com elas, posso voltar ao passado à hora que desejar e vê-lo e senti-lo no presente.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Rubemilson Batista da Silva, 47 anos.)

## Linhas de ferro

Aluna: Nathalia Cristina dos Santos

Anos e anos se passaram. Vidas e vidas foram levadas pelo furacão e jamais voltarão: a construção da estrada de ferro que nos levaria ao “progresso”. Por onde os trilhos deitavam ao chão, iam destruindo tudo o que havia pela frente: as matas, os povos, a vida em suas múltiplas manifestações. A estrada fora construída com muito sangue e suor. Havia no ar a promessa de um futuro melhor!

Tudo começou quando eu era apenas um menino. Minha madrinha chegou em casa ao anoitecer com um presente embrulhado em papel pardo. Fiquei muito curioso para abri-lo, não fazia ideia do que poderia ser. Assim que recebi o pacote em minhas mãos, abri o mais depressa que pude. Como que por encantamento apareceu na minha frente um trem de ferro feito de lata. Locomotiva e quatro vagões. Uma réplica perfeita! Durante toda a minha infância este foi o meu brinquedo favorito. Fui ficando cada vez mais fascinado por essas máquinas de ferro que andavam sobre trilhos. Mal sabia que meu destino já estava traçado para viver próximo a essas “feras”.

Aos poucos foi aumentando em mim o desejo de conhecer um trem de verdade. Um dia, sentado ao lado do meu avô na boleia da carroça, trilhávamos um estreito carreiro, ladeado de imponentes araucárias. Meu olhar pousava nas grimpas verdes, buscando contemplar uma gralha-azul. Mas, ao percorrer o caminho, não avistei nenhum ponto anil no horizonte. Quando chegamos ao povoado de Porto União, um par de trilhos faiscava ao sol. De repente ouvi um barulho estrondoso e assustador que nunca tinha escutado antes. Rolos de fumaça vinham em minha direção. Resfolegando sobre os trilhos, apareceu o monstro! O trem de ferro! Meu pequeno brinquedo transformou-se num gigante!

Num impulso, pensei em fugir. Saí correndo desesperado e me escondi atrás da carroça. Tive a impressão de que o monstro deixaria os trilhos e me atacaria. Meu coração disparou, imaginei que sairia pela boca. Meu avô me abraçou, acalmando-me, e o que ficou daquela experiência foi a surpresa pelo tamanho da fera.

Finalmente, aos 7 anos, viajei pela primeira vez em um trem. Passou o medo e voltou a fascinação com o meu brinquedo predileto. Assentei-me no banco de madeira e pela vidraça via passar, como em uma tela, majestosas e belas imbuías, águas de cachoeiras e rios tão límpidos como um espelho que nos refletiam, matas intocadas, exuberantes em seu verdor. Vi animais e pássaros, nunca vistos antes: onças, cuícas, azulões e tirivas. Vi o gado correr solto no pasto. Eram paisagens desenhadas por Deus. E, no final do passeio, a última imagem que ficou na lembrança foi o sol se pondo atrás da montanha.

Ao me tornar adulto, mais uma vez o destino me aproximou dos trens. A máquina, que eu temi e que me fascinou, faria parte da minha vida definitivamente. Foi quando conquistei a profissão de telégrafo na Estação Rio-Caçador. Conquista difícil! Somente dez por cento dos candidatos eram aprovados, pois a comunicação entre as estações não poderia falhar. O telégrafo era um aparelho quadrado, feito de metal, acionado por uma alavanca. Funcionava por meio do código Morse, em que a letra A, por exemplo, era representada por um ponto e uma letra. Ah! Como eu sofri para memorizar esse código! E como valeu a pena!

Assim minha vida foi se gastando, acompanhando as idas e vindas do trem. Com o passar do tempo, veio o “progresso”. Nossa cidade cresceu e evoluiu, mas junto com a evolução a máquina de ferro foi sendo esquecida e substituída por automóveis e caminhões. Os trilhos, que percorriam em todas as direções, estão encobertos pela vegetação, pelos asfaltos, enferrujados pela ação das chuvas – onde não foram roubados. A “fera” foi derrotada! O trem é uma carcaça que vai sendo corroída pelo tempo em frente ao Museu do Contestado. O trem ficou na história, assim como o meu brinquedo predileto ficou guardado somente na minha memória. Ainda sonho ser surpreendido, como no dia em que pela primeira vez vi um trem de verdade... Sonho ver o gigante acordar e resfolegar novamente sobre as linhas de ferro.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Barrida, 81 anos)

## Lembranças de um velho passado

Aluna: Mileny Melo

De repente, me vejo observando o semblante de um senhor já talhado pela vida... Ele olha para o céu como se estivesse em busca de palavras. Assim o senhor Tamir olha para mim e para os meus amigos, como se estivesse vendo seus filhos e netos, e então começa a nos contar suas memórias.

– Ah! Tangará da Serra! Como foi difícil chegar até aqui! – ele falava como se nós fizéssemos parte de sua vida, e continuava:

– Eu e minha família demoramos um dia inteirinho para chegar até aqui, pois no meio do caminho havia uma serra imensa, quase intransponível. E quando chegamos... sabe o que vimos?

Espera por uma resposta, e em meio a tanto silêncio retoma seu discurso:

– Mato, mato e mato, barro vermelho e mais barro vermelho; crianças brincando eram poucas. Sim, eram, mas elas tinham a verdadeira infância. Ah! Como eram educadas, livres, como poucas nos dias de hoje! Tangará era apenas um vilarejo, formado por quinze barracos, todos ao redor de um riacho de águas cristalinas, do qual retirávamos a água para nossa sobrevivência e a usufruíamos para os banhos, nas tardes de domingo – era a nossa diversão.

Enquanto as mulheres cuidavam dos barracos e das crianças, os homens iam trabalhar nas roças. Não sei contar as vezes que vi crianças brincarem nas poças de lama e as mães, muito bravas, ralharem e prometerem deixá-las de castigo. Vermelhos, do barro vermelho, parecendo índios – “peles-vermelhas” – americanos, corriam para suas casas, torcendo para que as mães



esquecessem o prometido. Mas o prazer de fazer daquela poça o mais rico *playground* valia qualquer risco, e já no dia seguinte estavam todos a fazer, novamente, belos bolos de barro, brincadeiras esquecidas e trocadas pelos poderosos celulares com internet nos dias de hoje.

Todos nós éramos unidos, tudo o que tínhamos dividíamos uns com os outros, não por obrigação, mas pelo prazer de ajudar. Às vezes era difícil suportar as amarguras da vida, mas lá no fundo sabíamos que íamos vencer todos os desafios. Apesar das dificuldades, havia felicidade. Mas que saudades do ar puro, das festas das comunidades e das pescarias com os “cumpadi”! O mais triste é que os recursos médicos eram precários, ou nem havia, as crianças nasciam pelas mãos de parteiras. O clima era dividido em dois: período da seca e período das águas. Como já perceberam, eu gostava do tempo chuvoso, assim como as crianças, por causa da lama e das poças que se formavam nos buracos da rua principal.

De repente, faz-se silêncio e ele avista um passarinho e, alegremente, volta a se lembrar de mais um fato importante na história deste lugar.

– Um passarinho...! Quase me esqueço...! Na minha época, os passarinhos faziam um espetáculo colorido no céu, todos paravam para ver a revoada das mais belas aves: curiós, araras, maritacas, anus, pardais, rolinhas, maracanãs, e um tão especial que, por sua beleza e divino canto, deu nome à nossa amada cidade: tangará. Pena que já não exista mais em nossa região, está extinto. Hoje, a única coisa que posso fazer é lembrar, me emocionar e sentir saudades desse tempo que não volta mais, dos meus amigos que se foram, pioneiros que ajudaram a fazer deste lugar um dos melhores do mundo e que me ajudaram a contar um pouco da história de um povo cheio de sonhos, forte como a pedra que demarca o município e resiste ao tempo.

A vida segue seu curso, outros amigos virão, outros tempos virão, mas meu amor por Tangará da Serra há de ficar...

(Texto escrito baseado na entrevista feita com o senhor Tamir Torres, pioneiro de Tangará da Serra, 76 anos.)

## Escola nossa de cada dia

Aluno: Rodrigo Piccoli Cavalini

Blém, blém, blém! Tocava pontualmente às cinco e meia aquele sino inoportuno que arrancava sem dó nem piedade nossos sonhos e sono. Com o tempo começou a parecer mais sereno. Na verdade, era ele quem anunciava que mais um dia nascia no colégio interno Salesiano, em Jaciguá, lugarejo que acolheu muitos alfredenses. Levantava avidamente feito lebre, tinha cinco preciosos minutos para arrumar minha cama, calçar aqueles sapatos horríveis e sufocantes, saber que meus pés – sempre foram livres, descalços, que sentiram o orvalho da grama verde e o barro úmido durante toda a infância – ainda não se adaptaram bem a ficar embalados feito um produto.

Vestia o uniforme e esperava a ordem de sair do dormitório. Ah! Como ainda queria ficar deitado na minha caminha, que parecia mais aconchegante de manhã! Descíamos em fila, um silêncio profundo e devastador. Reunimo-nos no pátio em círculo, sentados no chão de pedra polida com as pernas cruzadas, esperando o padre Patriarca chegar. Tão breve – sentíamos sua presença em meio ao círculo de “cordeirinhos” -, ali rezava, catequizava e refletia, o que me fazia recordar o sotaque ítalo-brasileiro de vovô Silvino.

Certa manhã, a reflexão que fizemos foi sobre nossos medos. Medo? Eu só tinha um, o de escuro; sentimento meio contraditório para quem morava num lugar tão abençoado e iluminado por Deus como minha Nova Estrela do Espírito Santo. Digo “por Deus”, pois não havia postes de iluminação como hoje, fato que me rendeu momentos de pavor:

– Seu Zê, me dá sete roscas?

E lá ia ele com toda a sua habilidade de vendedor, pegava as roscas, grandes e robustas, passava um barbante entre elas e amarrava as pontas. Hoje consigo reconhecer nessa ação uma atitude “ecofuturista”, porque na época eu o achava um tremendo mão de vaca. Quando eu saía da venda, minha missão começava: enfrentar o caminho sombrio, de dar calafrios, da venda à minha bucólica casa. E eu ia em disparada, como cavalo entre os bananais, me atropelando nas orações. Quando chegava em casa, o pé, descalço, estava todo pocado e as unhas, ocas e esbranquiçadas como dentes de alho e serrilhadas como dentes de piranha. Levantei os olhos e ainda pude ouvir o padre dizer que devemos superar nossos medos.

Blém, blém, blém! O sino das cinco e cinquenta avisava que era hora do delicioso café da manhã: pães saborosos, frutas tropicais, leite que nós mesmos tirávamos das vaquinhas e um café sabor de roça que me levava novamente às manhãs em minha casa:

– Peneira na mão, Luiz?

Sim. Eu e meu irmão Claudenir descambávamos do barranco no pequeno riacho, afluente do nosso rio maior, o Benevente, para começar nossa aventura de coletar peixes, munidos de peneiras feitas de taquara, produzidas por nossas mãos. Era pura emoção ver nossa arte finalizada. No final da manhã tínhamosundiás, que eram os meus prediletos, não pelo sabor, mas por ter as cores do meu amado Flamengo. Além desses, o balde também abrigava carás, piabas e alguns pequenos, porém saborosos, caranguejos de água doce.

Após o café da manhã, íamos finalmente estudar: biologia, português, matemática, latim... Às vezes me cansava. Minha sala de aula, bem diferente da de hoje, com alunos participativos; ao contrário, parecíamos múmias confinadas no silêncio, ou melhor, *silentium*.

As aulas mais emocionantes da escola eram as de teatro; tínhamos apresentações mensais, e Shakespeare era o meu favorito. Havia também campeonatos de futebol, vôlei, handebol. Eu era um atleta, mas o *speedball* (jogo em que a bola ficava presa a uma corda fixa a um tronco de carvalho envelhecido) era o de que eu mais gostava.

A escola era realmente boa, mas ficar longe de minha família, das noites de reza na casa de vovô Silvino e das travessuras com os primos foi muito sofrido. Na primeira inacabável semana, eu chorava debaixo do cobertor, sentindo o ardor das lágrimas salgadas de saudade. Contudo, vi que podia fazer novas amizades, que a escola era minha nova família.

Hoje, vejo com nitidez o quanto a disciplina muda o homem. Ele se torna mais responsável e atento. Ela me ajudou muito em minha inefável infância e em todas as difíceis, porém felizes fases de minha vida.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor de Luiz Claudio Boldrini, 51 anos.)

## Um homem, o podão, a história

Aluna: Jéssica da Silva Nascimento

O velho e companheiro podão, jogado a um canto deste quartinho dos fundos, me fez por alguns momentos reviver o passado de um homem que como tantos outros construiu uma história...

Lembrei-me de quando morava em uma casinha simples de três cômodos com minha mãe e meu irmão mais velho, no humilde bairro de Sertãozinho, hoje denominado Paraíso.

Comecei a trabalhar aos 9 anos nas roças perto de casa. Um pouco mais mocinho, enfrentei trabalho bem pesado. Levantava cedinho, quando somente a prata do luar iluminava a cidade... Sem escolha, vestia a roupa surrada e encardida, palheta ruída na cabeça. Era mais um dia quente nos canaviais.

Mesmo doente, a mãe sempre levantava junto para preparar minha marmita, embrulhava-a no desbotado guardanapo xadrez, desejava-me um bom dia de trabalho e que Deus me acompanhasse...

Lá de dentro de casa ouvia o barulhento motor do caminhão de turma. Corria para fora e subia na traseira do velho e precário transporte. Sentava-me ao lado de outros companheiros e durante o trajeto alguém sempre tinha uma história para nos aquecer, pois no inverno ficávamos com os lábios roxos, mãos e nariz gelados e o corpo endurecido... tremíamos... de frio. Aquele vento cortante congelava nossos corpos e nossos sonhos.

A caminho do canavial, eu via poucas casas, alguns comércios, a Escola Anacleto Cruz, a Igreja Matriz...

Ao passar por uma vendinha, perto do Cemitério Papa Paulo VI, como num filme, via diante de mim os coleguinhas de infância sentados comigo na calçada. Todos com bolinhas de gude. Eu era o melhor naquele jogo. Ficava com os bolsos cheios. Guardava-as num vaso que ficava em cima da antiga cristaleira, na sala. Pegava uma por uma e observava as cores daquelas bolinhas coloridas... dentro delas havia várias bolhas pequeninas que se pareciam com um pequeno oceano cheio de peixinhos, os quais, ao respirarem, formavam aquele mundo mágico...

Chegando ao destino, aqui mesmo em Sertãozinho, perto das usinas Santa Elisa, São Geraldo, Santo Antônio, todos desciam com as ferramentas nas mãos. Era uma legião de homens prontos para atacar os grandes canaviais – verdadeiros exércitos verdes a serem combatidos.

Na hora do almoço, todos largavam os podões e iam pegar as marmitas. A comida, que vinha quentinha de casa, já estava fria. É daí que vem o apelido “boias-frias”!

Voltávamos ao trabalho árduo. Só se ouvia o *vrum-vrum* do podão, que mal dava tempo de calcular onde ia bater.

Uma vez o bati bem em cima de uma unha. Até hoje tenho cicatrizes e carrego comigo essas marcas que me fazem lembrar essa vida dura que eu e outros irmãos de canavial levávamos. Recordo-me do caso dos onze boias-frias sertanezinhos, cujas vidas foram ceifadas naquele terrível acidente, vindos da vizinha cidade de Orlândia... Os corpos foram velados no Ginásio de Esportes Docão. Quanta tristeza! Toda a cidade chorou!

À tardezinha, o sol ia se despedindo, meio envergonhado, por nos castigar tanto... mas logo tingia o céu com o mais belo tom alaranjado, que, misturado ao verde do canavial, formava a mais bela aquarela. O céu entrava em festa, era uma explosão de cores.

O caminhão passava de porta em porta, deixando cada um dos trabalhadores, marcados pela cor negra da fuligem da cana. Só se viam os olhinhos cansados pedindo descanso.

Terminava o meu dia com uma saborosa recompensa: o delicioso angu que minha mãe preparava no fogão a lenha. Ouço sua voz fraca e rouca dizendo: “Demã, Demã, a janta vai esfriá!” De barriga cheia, o cansaço se manifestava ainda mais e me obrigava a ir para a cama aproveitar e sonhar, antes que viesse outra vez o luar, indicando a hora de voltar para a minha dura realidade.

Nesse instante, o velho podão que estava mal apoiado cai no chão e corta meus devaneios, trazendo-me de volta ao presente.

Agora quem ouve o *vrum-vrum* nas canas são as gigantescas máquinas que as cortam. As metalúrgicas e grandes indústrias, que trouxeram o progresso, ao lado dos canaviais, são referência mundial em montagens de usinas e equipamentos industriais. É a capital do açúcar e do álcool.

Sinto-me orgulhoso em saber que com essas mãos calejadas ajudei a construir a história de um povo. A história do lugar onde eu vivo.

(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Valdemar Nunes do Nascimento, 55 anos.)

## O bailarino e a cerejeira

Aluna: Aline Brito Glanzel

– Foi daquela doença de nome alemão!

Essa frase adentrou meu ouvido quando atendi ao celular.

– Foi no mesmo lugar onde as meninas foram sepultadas na inauguração do Cemitério Ecumênico da Paz – completou minha irmã.

Queria estar presente para dar meu último adeus à dona Janetta, matriarca da família Saibel e uma das pioneiras de Espigão d'Oeste. Desliguei o telefone, viajei dentro de minhas memórias e segui direto aos meus 12 anos, época em que deixamos o Estado do Espírito Santo e viemos rumo ao norte do Brasil.

Foi uma viagem de catorze dias num caminhão pau de arara. Duas famílias: a Posmozer e a Pufal. Dividíamos o espaço com latas de banha de porco e de açúcar, tachos e um traçador de madeira. Entrava e saía o sol, a lua mudava de fase, e a viagem não acabava. Eu, ainda criança, sonhava com a nova terra, sobre a qual papai dizia: “Minha filha, lá é tão grande que nossos três alqueires se tornarão setenta”. Contavam-nos que as árvores eram de sumir de vista e tínhamos que tomar muito cuidado para não sermos atacados pelos índios e comidos por onças. Era uma espécie de medo misturado com satisfação.

Senti-me cansada, parecia que agora, passados mais de quarenta anos, é que fui sentir o efeito daquela viagem. Nesse instante lembrei-me de quando fiquei amiga de Irma e Nilda e de nossas tardes juntas. Em minha memória remexíamos sobrenomes que faziam parte daqueles meus dias, eram os Lawers, os Ludtkes, os Boones, os Tesches. Era minha infância que vinha me visitar. Visualizei bem muitos olhos verdes e azuis e cabelos loiros. Começaram a zunir nos meus ouvidos muitos “iô, iô” e “nei, nei”. Chegavam também muitos olhos escuros e puxados, muitos cabelos negros e seios de fora, muitos cocares coloridos.

Arrepiavam-me os balaios que caminhavam pelas ruas. Eram muita água, muito verde, muito sol. Eram poucas casas, nenhuma escola, nenhum hospital.

Naquela bagunça de pensamentos, como se formasse um quebra-cabeça, veio a tarde do dia 22 de outubro de 1972.

Eu, Irma e Nilda voltávamos da entrega do almoço de nossos pais e, escondidas, paramos no rio próximo à mata onde nossos familiares trabalhavam. De repente um tampão escuro cobriu nossas

cabeças, rajadas de trovões faziam tremer o chão, relâmpagos imensos cortavam os céus. Corremos antes que pingos chegassem, e, no cair de um raio, o pânico tomou conta de mim. Percebi que havia esquecido meu chapéu na beira do rio e se chegasse em casa sem ele seria mais perigoso do que aquela tempestade já anunciada. Pedi às duas que fossem na frente enquanto eu voltava para apanhá-lo. Vi pela última vez minhas duas amigas. Talvez tomadas pelo medo, seguiram de mãos dadas pela estrada. Seus passos eram uniformes e firmes. O céu negro foi cortado por um relâmpago que parecia não ter fim. Voltei meus olhos para o chapéu solitário a me esperar. Saltei para o leito do rio ao seu encontro. Nesse momento a rajada de um trovão sacudiu o chão e eu caí. Sentada, olhei o vento a soprar uma, duas, oito vezes meu chapéu. Sentada, assisti àquele balé.

Esqueci-me do mundo, a tempestade acabou. Segui pela estrada com o meu pequeno bailarino na cabeça. Senti-me protegida. Cheguei em casa com a presença dos últimos raios do sol e já sentia o cheiro saindo do forno de dona Janetta. Atravessei os balaústres e segui direto à pequena e humilde cozinha da família Saibel. Um brote imenso, saído do forno, nos esperava. Rodeei a mesa à espera das minhas amigas.

– E as meninas?

Naquele momento tudo parou. Dona Janetta estremeceu. A pequena Vila de Espigão entristeceu. À noite, papai serrou uma cerejeira que havia sido atingida por um raio e que caíra sobre um barraquinho.

Na manhã do dia 23 de outubro de 1972, dois caixões, feitos de uma cerejeira, inauguraram o Cemitério Ecumênico da Paz.

Levanto-me agora, pois um cheiro de café me leva até a cozinha. Sento-me à mesa, parto uma pequena fatia de brote, lambuzo-a com nata e açúcar. Será que dona Janetta se lembrava de como se fazia um brote?

– Foi daquela doença de nome alemão!

Essa frase adentrou meu ouvido quando atendi ao celular.

– Foi no mesmo lugar onde as meninas foram sepultadas na inauguração do Cemitério Ecumênico da Paz – completou minha irmã.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Zezinha Posmozer, 54 anos.)



## Um segredo revelado

Aluna: Valdirene Prestes dos Santos

Não faz muito tempo que eu moro aqui, no interior paranaense, em Jardim Alegre, no Assentamento Oito de Abril. Sua história também é minha história, aquela que não aparece nos noticiários, mas que agora será revelada... Quando aqui cheguei ainda era Fazenda Sete Mil. Eu esperava algo melhor, não pensava que seria complicado começar a fazer parte de um movimento social. Não sabia como as pessoas se organizavam para estar em grupos – as “brigadas” –, eram tantas lutas para conseguir comida, ficar doente e não ter assistência médica e ter apenas um pouco de tempo para dormir. A guarita não podia ficar sem ninguém, era a entrada da Fazenda Sete Mil, que precisava ser vigiada todo o tempo. Assim, poucas pessoas podiam descansar.

No início da ocupação, cavaleiros do MST entraram na fazenda, sendo seguidos pelas mulheres com as crianças. No confronto entre os peões do fazendeiro e os cavaleiros do movimento destacavam-se as fumaças escuras dos tiros. Eram tantos os tiros que o barulho era insuportável e o cheiro de pólvora, forte.

Para quem nunca viu, estar ali, com eles... Poderia dizer que o mundo iria acabar. Quanto calor! Os tiros faziam nascer o fogo no colônho e assim expandiam-se no capim, provocando queimada. O fogo se alastrava mesmo no capim verde.

Os gados do fazendeiro – soltos em sete mil alqueires – foram mortos de várias formas e por muitos motivos: algumas vezes para servirem de alimento; outras, vítimas de balas perdidas. Muitas pessoas, vizinhas da fazenda na época, em 1997, ficaram apavoradas com o caos. Era assim mesmo no início! Apavorantes eram as cenas que não cessavam. A sensação era de estar assistindo a um filme de suspense em uma tela enorme – a realidade – muito próxima a nós. Porém, ganhamos a luta!

Todos os que eram valentes não desistiram; a força de poucos reuniu muitos para a conquista. Fomos nos acomodando, instalando os “barracos” de lona. Não havia energia elétrica, usávamos vela. Não havia água encanada, buscávamos em um riozinho. Assim foi o início do acampamento, futuro Assentamento Oito de Abril. Depois de muito tempo de luta, chegou a notícia da conquista definitiva: a terra era nossa!

Um sonho para quem lutou tanto e esperou confiante, imaginando como seria. Houve festa, compareceram muitas pessoas. Foi muito emocionante! As pessoas dançando, a alegria de estar presenciando esse momento, a música contagiante, um grande espaço ao ar livre... Comemoração que começou de madrugada e se estendeu até a noite. A alegria era tanta que parecia até que as grêveas dançavam também, os pássaros voando sem cessar entre uma quina e outra dos barracos, cantando, pareciam estar fazendo parte da festa. Até o vento soprava suave, e as folhas secas, douradas, das árvores, caíam com muita delicadeza, parecendo flocos de ouro.

Naquela noite, eu estava pensando que sonhava! Começaram a se acender as estrelas no céu, que, durante o dia, estava azulzinho e agora todo iluminado, brilhante! Quando o sereno caía, deixava gotinhas de orvalho sobre a verde e extensa grama que envolvia a festa. Depois de um dia maravilhoso, começamos a ter uma noite também inesquecível para todos nós do movimento e para quem não fazia parte do assentamento.

O coração não parava de palpitar, principalmente quando soltaram o primeiro rojão. Parecia que meu peito iria explodir! O barulho era alto. Nessa hora, muitos soltaram foguetes, e foi uma longa noite, nem sono mais havia! No grande e redondo salão de reuniões, os músicos começaram a tocar; o volume parecia ter aumentado. Lá fora, os grilos tritinavam e as cigarras cantavam cada vez mais alto, acompanhando nossa alegria! Quantas sensações...

Hoje a nossa luta, o dia da festa e da esperança está em minha caixinha de memórias como se todos os sentimentos envolvidos nessa conquista, nessa vitória, fossem meu tesouro, meu segredo...

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Elena Vieira, 56 anos.)

Professora: Flavia Figueiredo de Paula Casa Grande  
Escola: C. R. E. F. M. José Martí – Jardim Alegre (PR)

## Pedra “consinada”

Aluna: Maria Clara Leal de Sousa

Hoje acordei cedinho, passei um café e fui para o quintal botar milho para as galinhas. Nem percebi que encostara naquela pedra preciosa trazida das cacimbas nos tempos de dona Noca, época em que quem tinha uma tropa de jumento era rico. O tempo passou sem que eu percebesse e lá se foram mais de setenta anos da minha vida, todos vividos nesta pequena cidade de São João dos Patos, no sertão maranhense.

Cã, sentada na velha cadeira de balanço, balançando a minha memória, relembro todas as histórias que vivi naquela casa de taipa, porta de talo de coco amarrada com um cordão velho, construída pelo meu avô. Uma saudade toma conta de mim e me embala rumo às minhas mais doces memórias de criança.

Ouçõ passos silenciosos dentro de casa na caída da noite. Sinto um toque suave no meu rosto e o perfume inconfundível da minha mãe toma conta do quarto velho e abafado. Acordei de manhãzinha com a candeia na mão para acender as trempes, pensando que era apenas um sonho bom, mas na realidade ela havia mesmo ido embora, e eu fiquei com meu pai, que trabalhava vendendo arroz, feijão e milho nas redondezas. As viagens eram demoradas, porque de vez em quando o jumento amuava e a labuta era grande para ele levantar.

Eu completava de 9 para 10 anos quando comecei a subir a ladeira para lavar roupa nas cacimbas, perto do olho-d'água. Muito antes de o sol nascer, as mulheres colocavam três caminhos de água e só depois saíam com suas trouxas de roupa na cabeça e uma penca de meninos correndo nas veredinhas atrás do “churrim” – cachorro vira-lata –, a poeira cobrindo o mundo e elas brigando com a gente. De longe dava para ouvir o *tac, tac, tac* da roupa batendo nas pedras e ressoando mato adentro.

De primeiro era assim: as mulheres mais velhas possuíam sua pedra “consinada”. Quando chegavam à cacimba e havia outra mulher lavando roupa no seu lugar, ela colocava a trouxa de roupa no pé da pedra e a outra logo levantava e ficava esperando até que pudesse terminar o trabalho. Imagine eu, na minha meninice, brincando com a espuma de sabão, correndo, pulando nas águas frias e cristalinas das cacimbas. O tempo passando e eu crescendo, até o dia em que finalmente ganhei a minha pedra preciosa. A felicidade foi tanta que nesse dia lavei até a minha alma.

Naquele tempo não havia escova, sabão em pó ou qualquer outra coisa que pudesse nos ajudar. A roupa era esfregada na mão, batida na pedra e colocada no quarador até que ficasse limpa como o céu no mês de agosto. O cheiro amargo do sabão de tipi, feito nas gamelas, tomava conta de nós e dos meninos que se escondiam atrás dos pés de jatobás para olhar as mulheres nuas tomando banho.

O rebuliço de mulheres correndo e se escondendo era grande, mas, no final, tudo terminava em graça. “Eita meninos danados do capeta, num tem quem possa com essas tranca ruim”, dizia dona Deusina.

Depois daquele banho gostoso era hora de comer banana com farinha e fazermos o mesmo caminho de volta. À noite, o ponto de encontro para a prosa era no único poste da cidade que ficava bem ali na esquina. Sentada no tamborete, enquanto os outros papeavam, eu admirava a beleza daquela candeia que não precisava de querosene.

Agora durmo até mais tarde, levanto e ligo a máquina de lavar roupa, que jamais pensei um dia possuir. Já velha e com a vista curta, avisto-a no fundo do meu quintal, aquela que mandei buscar de tão longe para ficar ao meu lado, aquela que sustentou os meus seis filhos, aquela que me faz mergulhar nas minhas lembranças: minha pedra preciosa, que está “consinada” no meu coração.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Andreлина Rosa de Alencar, 71 anos.)

Professora: Iris Nazaré Barros dos Santos  
Escola: U. E. Padre Santiago S. Prieto – São João dos Patos (MA)

## Devagar como a Maria Fumaça

Aluna: Gabriela Chaves Santos

Cresci e vivo em Coronel Xavier Chaves, cidadezinha do interior de Minas. Esta manhã, ao ouvir o soar do apito do trem que passa levando minério de ferro e que avisto da janela do meu quarto, me lembrei do tempo em que não tínhamos pressa. Vivíamos soltos como os passarinhos que “perambulavoavam” pela cidade.

Naquele tempo, por volta de 1957, onde hoje é a escola era só mato, um grande tapete verde, onde rolavam bolas e crianças. A cidade cheirava a mato, frutas, biscoitos de fubá e polvilho assando no forno a lenha. As poucas ruas eram de terra vermelha e se chamavam Rua de Baixo, de Cima, do Meio e da Estrada de Automôvel. Por elas andavam também cavalos e carros de boi. A fraca iluminação do Azevedo nos obrigava a armar da lamparina para varar a escuridão da noite. Na verdade, nem éramos ainda uma cidade.

No nosso pequeno arraial havia apenas o Armazém do Zé Passarini, que vendia de tudo um pouco: tecidos; rendas; mantimentos, como arroz, feijão, farinha; e até pano para caixão. Naquela época, as roupas eram feitas em casa. Uma peça de fazenda vestia a família toda. Isso era muito chato, pois eu queria ficar diferente. Assim, costumávamos comprar alguns panos em São João del Rei.

De Resende Costa vinha a jardineira – aqueles ônibus antigos – que nos levava à cidade, mas chegava aqui carregada como as goiabeiras no mês de março. Íamos então a pé até a estação, em César de Pina, para depois pegarmos o trem Maria Fumaça rumo a São João del Rei. Eram duas horas de caminhada e muita conversa jogada fora.

Lá, visitávamos seu Zé das Dores, lavávamos os pés, trocávamos os sapatos e ainda tínhamos tempo para um dedo de prosa, acompanhado de café com biscoito. Já assentados nas poltronas de madeira do trem, podíamos sentir o cheiro da fumaça que deixava um rastro cinza para trás. Eu adorava andar de Maria Fumaça e observar, pela janela, os coqueiros dançando com o vento.

O trem trilhava seu caminho colorindo dentro de mim e tudo à sua volta: as árvores, as pontes, os morros, a serra São José, os rios e os córregos de águas claras e sem poluição. Essa viagem sempre me fazia lembrar uma canção da época: “Lá vai o trem subindo a serra, que saudade nós sentimos de beijar nossa vozinha, *chacatá, chacatá, chacatá, uuuuh...*” O trem seguia devagar e sem pressa.

Sabia que estava chegando quando avistava as margens do córrego do Lenheiro. A Maria Fumaça freava e seu apito soprava para descermos.

Comprávamos os tecidos e eu aproveitava para ir ao salão do Vicente Vale para fazer permanente. Já ouviu falar nisso? É exatamente o contrário da chapinha, um processo químico que torna encaracolados os cabelos lisos, pois antigamente a moda era cabelo anelado. Hoje, vejo que o cabelo liso e escorrido como o meu é o desejo da maioria das mulheres. Como as coisas mudam!

Ao final da tarde, embarcávamos novamente na Maria Fumaça para retornarmos para casa. Eu voltava radiante com os cachos do meu cabelo e meus panos exclusivos. Devagar, eu tinha ido longe.

Às vezes, fico pensando: hoje temos pressa. Não sobra tempo para apreciar o nascer ou o pôr do sol, nem para conversar com a família e os amigos.

Atualmente, quando passo na antiga estação, me dá um aperto no coração, a saudade toma conta do meu peito. Preferia aqueles tempos, quando tudo andava devagar, devagar como a Maria Fumaça...

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora GERALDA MARIA DE JESUS CHAVES, 70 anos.)

Professora: Maria do Carmo Pinto Chaves  
Escola: E. E. Coronel Xavier Chaves – Coronel Xavier Chaves (MG)



## Memórias submersas do Canela

Aluno: Wellington Pereira de Araújo

O tempo flui como um rio, aquele do qual Heráclito disse que não podemos descer duas vezes. Nas asas do tempo, descemos no rio da vida. Nosso passado não existe, salvo sob a forma de memórias. Nossas memórias são as ruínas do Canela.

Se bem me lembro, o povoado Canela surgiu no século XIX, com a chegada da família Batista. Mais tarde começou o crescimento com a chegada das famílias Lima e Santana. As terras eram boas para construir casas e plantar e, como não havia outros habitantes, mudaram-se para o local, que chamaram de Canela. O nome, como dizia a matriarca do Canela, dona Noca: “É porque vinham muitas vacas pastar aqui e eram vacas caneludas”.

O sol da aurora se levantava por detrás da extensa e linda serra do Carmo. O sol do poente se deitava sobre as águas do rio Tocantins. Foi ali, entre duas belezas naturais – serra e rio –, que marcamos nossas vidas.

O povoado Canela tinha sua particularidade na simplicidade de suas coisas e de sua gente. Vivíamos de forma harmônica. A arquitetura era rústica: barro e palha misturados davam um casarão. As residências não possuíam muros. Vivíamos intensamente a vida coletiva. Havia um barracão de palha no centro da comunidade. Era conhecido como Barracão da Esperança. Lá, ao som da rabeça (instrumento medieval que deu origem ao violino), o rei, a rainha, o capitão do mastro e a comunidade festejavam o Divino. Também festejamos o dia de Santa Terezinha, padroeira do Canela, a dança da sũcia, da catira e das rodas de São Gonçalo.

Dona Noca, que não sabia a própria idade, curvada pelos anos, dava notícia de muita coisa: a seca de 1960, as cheias, os casos sangrentos de Duro, a passagem da Coluna Prestes pelo povoado e outros fatos que já chegavam incompletos.

A vida corria bem até o final do século XX, quando Palmas, capital do Tocantins, foi instalada ali bem pertinho. Inicialmente, a cidade recém-criada trouxe venturas, depois desventuras. Canela

era ponto de apoio para trabalhadores da construção civil. Vimos Palmas nascer sob a luz do sol do cerrado e crescer com as obras luxuosas. Com a consolidação da cidade, turistas se divertiam às margens do rio. Na época de praia, aproveitávamos para aumentar nossas rendas, trabalhando em construções de barracas de praias, em pinturas de barcos, como canoieiros na travessia do rio, como cozinheiros e garçons. Também fornecíamos a Palmas mandioca e hortaliças.

Em 2001, a formação do lago da usina hidrelétrica inundou o Canela, inundou as nossas vidas. O adeus ao povoado e a mudança do Canela para o centro de Palmas foram difíceis e um processo de adaptação trabalhoso, para crianças e idosos principalmente. As brincadeiras até tarde pelas ruas, a contação de causos nas noites de luar, as peladas em meio ao sol ignorado pela euforia, a conversa na calçada até mais tarde, a confecção no tear, o clima fresco e a arborização local são apenas recordações. Hoje, somos obrigados a permanecer trancados nos quintais, com muros em volta das casas.

Na véspera da mudança, dona Noca não achava jeito no colchão de paina, não achava espaço em sua palhoça. Só pesar e lágrimas. Quando o céu tintou umas pinceladas de vermelho, saiu para visitar seus amigos: o pé de malva, o alecrim, a mangueira, velha amiga que todo ano enchia Noca de presentes. Desceu ao rio. Lá chorou com ele, e o rio ainda mais água jorrou. O rio, que cantava num ritmo de felicidade, mudou o tom de voz e se deixou levar num ritmo dolorido, ecoando, vale a fora, a má notícia. Fecharam a barragem, a água engolindo tudo invadiu o Canela, cobriu flores de sabugueiro, de acácia, de ipê.

Canela é uma estrela caída, encharcada, cinzenta e apagada, como se morta e fria sob as muitas águas. Estrela Canela já não respira, já não brilha, já não aquece vidas como antes, salvo bem no alto da via-láctea da nossa memória. Sempre encontraremos a estrela Canela no baú das nossas reminiscências, lá onde o seu brilho é intenso e tem iluminado nossa vida até agora.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Maria de Lourdes Abreu Lima, 61 anos.)

## Uma história passada a limpo

Aluna: Vitória Vieira dos Santos

Existem várias maneiras de viajar... Hoje viajarei no tempo, lá no arruado de Utinga, no Município de Rio Largo, no Estado de Alagoas, em um pequeno local da zona rural chamado Gameleira. No ano de 1931 nascia Milton Monteiro da Rosa.

Nesse lugar morava um povo simples – trabalhadores de uma usina –, onde as casas eram doadas de acordo com o cargo exercido na empresa. Então, você já imagina! Tinha ruas para os endinheirados e para os modestos. Os elitizados recebiam casas grandes e formosas, com jardim na frente e ruas calçadas. Já a moradia dos humildes operários era colada uma nas outras, dividindo uma só parede, com o mesmo modelo. Se você conhecesse a minha residência, não precisaria conhecer a do vizinho. Tínhamos terreno na frente de casa onde plantávamos de tudo o que você imaginar: frutas, verduras, hortaliças... Sem falar dos canaviais e das matas que cercavam esse local. As ruas eram de barro, não tinha esgoto. Inclusive, a minha era uma dessas.

Naquele tempo acordávamos cedo com um maravilhoso cheirinho de café torrado. Ao tempo que obedecíamos a um ritual que gostaria que fosse eternizado: rezava, pedia a bênção aos meus pais e ia para a escola. No caminho cumprimentava a todos com um “bom-dia”. Eita dia bom! Chegando à escola, cumprimentava a professora, pedia licença e ia fazer a lição, já que o ensino era rígido, tudo à base do respeito. O que não me agradava eram as punições aplicadas àqueles alunos que faziam alguma travessura. A mestra colocava de castigo, ajoelhado em grãos de milho e de frente para os colegas, servindo de referência para aqueles que tinham a intenção de bagunçar. No entanto, ninguém aprontava para não ocupar aquele lugar.

A vida aqui era muito tranquila, nosso relógio era o tempo. Aliás, que tempo! Não tínhamos pressa, andávamos a pé, a cavalo ou de trem. Esses eram os únicos meios de transporte acessíveis. A locomotiva funcionava a lenha e nela existiam duas camadas sociais: A e B. Na primeira classe iam os passageiros que tinham condições econômicas, com cadeiras acolchoadas. Já os da outra classe tinham bancos duros e com mais passageiros. Porém, todos chegavam aos seus destinos do mesmo jeito.

Se bem me lembro, os costumes populares imperavam. As pessoas se conheciam e trocavam experiências sentadas à porta de seus lares. Os mais velhos contavam causos e lendas para os mais jovens e eles repassavam seus ensinamentos.

Brincávamos de boca de forno, o que é o que é, passa anel... Era uma interação só! Idosos, adultos, jovens e crianças, todos numa mesma emoção, que eu diria de diversão coletiva.

Nessa época também as comemorações eram frequentes. A que mais gosto de lembrar é da Festa da Cana, concurso em que era premiado o povoado que trouxesse a maior cana. Ela deveria ser adubada e conservada para esse grande dia, que acontecia todo mês de dezembro. A usina convidava todas as pessoas dos povoados distantes. A alegria era garantida. Se alguém tentasse atrapalhar essa diversão, era punido na “baiaca”, local fechado, onde o transgressor recebia um banho de mel durante toda a noite. Podia ser até um engomadinho, era baiacado do mesmo jeito e só libertado no outro dia, todo lambuzado e na hora de o trem passar, para servir de exemplo.

Ah, se pudesse voltar no tempo... Traria de volta a tranquilidade das brincadeiras sem malícias no rio Mundaú, principal percurso de águas naturais que banha algumas cidades do meu Estado. Amava nadar nele, cujas águas eram tão límpidas e transparentes que dava até para contar pedrinhas debaixo d’água. Enquanto isso, as mulheres lavavam roupas e cantavam músicas que a minha imaginação fluía. Não sabia se viajava em meus pensamentos ou mergulhava no rio de tanta inspiração. Eram sensações maravilhosas, momentos gostosos de liberdade...

Hoje a modernidade me encanta e também me assusta. Tudo mudou! O trem é transporte igual para todos. Tenho televisão e vejo reportagens sobre a poluição do rio Mundaú e nem acredito que isso aconteceu. Agora sei das horas pelo relógio, vejo e converso com minha filha que está tão longe pelo computador. Coisas que jamais seriam pensadas... Paro e lembro-me de tudo como se fosse hoje...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Milton Monteiro da Rosa, 62 anos.)

Professora: Jacira Maria da Silva  
Escola: E. E. F. Marieta Leão – Rio Largo (AL)

## Só restou a música

Aluna: Bruna Curzel

Trazer à tona vivências tão profundas como as que vou contar me faz um bem danado! São memórias muito antigas, assim como eu. Brotam do meu peito como boas lembranças da época em que as vivi. Histórias regadas de sonhos e de amor pela música.

Falar do nome Todeschini é falar da minha cidade, Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha. Esta cidade, que hoje vive da uva, do vinho e dos móveis, já viveu da música.

Na década de 1930, meu amado pai, Luís Mateus Todeschini, foi de amante dessa arte a dono de uma fábrica de acordeões que se consagrou no cenário musical e se tornou grande e única.

Fui apresentada às notas musicais antes mesmo de ser alfabetizada. Uma paralisia infantil comprometeu meu andar e atrasou minha ida à escola. Isso fez com que papai me introduzisse bem cedo a esse fascinante mundo. Conduzia-me pela fábrica e eu observava quietamente a delicada e suave construção de um acordeão.

Pequena ainda, já era artista! Sim, uma artista! Aos 8 anos ganhei de meu pai um acordeãozinho cor-de-rosa e já ensaiava algumas notas. Tive vários, eu crescia e o tamanho deles também. Crescia também a minha paixão pela música. Uma pianista do Rio de Janeiro veio conhecer os acordeões, encantou-se, aprendeu a tocar e ficou para ensinar. Dava aulas no Hotel Paris, para mim e para outras meninas. Era um orgulho para as famílias daquela época ter uma filha que tocasse acordeão. Sabe onde hoje é a Via Del Vino? Lá ficava o Hotel Paris, ao lado da prefeitura. Lindo! À entrada, longos tapetes de veludo vermelho evidenciavam todo o *glamour* do hotel. Eu não perdia uma aula. Minha cabeça voava no embalo das notas musicais limpas e harmoniosas saídas dos acordeões, que hoje ainda estão vivas em minhas memórias querendo ressurgir a cada música que ouço.

Agora Bento é cidade grande, mas naquela época era pequena que nem sei! Só havia duas ruas: uma, que levava pro morro, atualmente Cidade Alta, onde ficavam a nossa casa e a fábrica; outra, no centro, a Marechal Deodoro, aparecendo a igreja com a torre do sino que, com suas badaladas, aos domingos, acordava a gente pra missa. E os casarões... Ah! Os casarões da Marechal Deodoro! Arquitetura belíssima, de alvenaria ou de madeira, abas bordadas com lambrequins.

Causavam uma bela impressão... E que impressão! Dói saber que hoje poucos restam. Foram substituídos por prédios, prédios...

Também no centro, no final da rua, ficava o Clube Aliança. Lá acontecia a vida social da cidade. Era o sonho de todas nós, meninas, frequentá-lo para dançar. Lembro-me da primeira vez que entrei no clube, junto com meu pai. Mamãe havia me preparado com um vestido de tafetá, godê, com um laçarote amarrado às costas. Dançavam-se valsas, tangos, e a minha preferida: milongas. Era abrir o acordeão, soltar a primeira nota, todos pegavam seus pares, se colocavam no meio do salão. Bailávamos sem parar, até amanhecer.

Bons tempos aqueles! Os anos que se seguiram foram de glória para o Clube Aliança, para a fábrica de acordeões, para a cidade e para a minha vida.

Entretanto, no final dos anos 1960 e início dos de 1970, com o violão e a guitarra, a procura pelos acordeões caiu. Mas nada, nem em meus piores pesadelos, me levaria a imaginar o que iria acontecer. Agosto, sexta-feira, 13, 1971, aquela fábrica rodeada de magia vinda do encanto de produzir acordeões virou cinzas. Um pequeno grande descuido levou tudo às chamas por três dias. Silenciou a minha vida e a vida da minha cidade.

Assim como a fênix, a fábrica renasceu, não mais de acordões, mas de móveis. Hoje, quarenta anos depois, a Todeschini de móveis não pertence mais à minha família, mas as memórias e as lembranças da linda época que tive oportunidade de viver ninguém poderá me tirar.

A Todeschini de acordeões está descansando debaixo do asfalto, das casas, dos prédios e de tudo o que para mim passou a ser novo no decorrer do tempo. Sobrou a música em minha vida e o orgulho de carregar este nome que é marca da cidade onde vivi e vivo, que com minhas meras palavras, conhecidas por um vocabulário pequeno, não consigo explicar.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Celita Terezinha Todeschini Fontanari, 85 anos.)

Professora: Claudete Maria Richeti Rigo  
Escola: E. M. E. F. Santa Helena – Bento Gonçalves (RS)

## Tropeando lembranças da minha querência

Aluno: Gabriel Rosa Padilha

Lentamente o sol levanta-se na canhada para iluminar as pedras do meu galpão, trazendo consigo mais um dia no horizonte. Com a ponta do lápis e sentado ao redor do fogo que me aquece nas manhãs frias da serra catarinense, escrevo a saudade do meu passado...

O berro do gado e o canto do galo chamavam-me todos os dias logo nos primeiros raios do sol. Hoje é esse mesmo som que ecoa em minha mente, e, em uma sina de poeta, repontam lembranças de um tempo que não volta mais, como em versos que traduzem as cenas da minha vida.

Logo cedo, era hora de encilhar meu cavalo, pois havia seis quilômetros de estrada pela frente até a escola. Estudar era um grande sacrifício, muito diferente de hoje em dia. Por isso, o fiz até quando pude, muito menos do que gostaria.

Na volta da escola, sentia ao longe, temperando o vento, o cheiro do arroz carreteiro preparado por minha mãe em uma panela de ferro sobre o velho fogão de pedra. Tudo era feito com muito carinho! O café moído que vinha do galpão compunha o camargo, com leite quente tirado na hora, e era acompanhado pelo pão de milho, pelas broas e pelo cuscuz. Por um instante pareço sentir novamente o sabor e o cheiro de tudo aquilo...

A Lajes de antigamente (sim, com “j”, pois nessa época seu nome se escrevia assim, em referência aos campos de lajens que a originaram) era uma cidade calma, mas repleta de alegria. Havia muitas festas nos salões, como o do Clube 1º de Maio, local bastante frequentado. As ruas enchiam-se de brilho e cores com os grandes carros alegóricos desfilando nos antigos carnavais.

Pelas mesmas ruas, cotidianamente, viam-se cavalos, carros de molas e carroças de bois. Eram bonitas de se ver as praças da cidade que tiveram seus traços inspirados nos jardins europeus.

Às tardes, saía para as campareadas pelos verdes planaltos da Coxilha Rica, lugarejo onde me criei. Meu destino era a internada da Água Boa, terra de propriedade de meu pai que ele considerou melhor vender devido ao frio costumeiro e rigoroso da região e o gado a morrer. Nela havia uma vertente que chegava a jorrar água para o alto, vindo daí o nome do lugar. Meu amor por aquelas terras sempre foi tão grande que até às pedras que compõem as taipas de lâ eu quero bem.

Levo até hoje comigo o trabalho como uma diversão! Nesses campos onde vivi fazíamos a lida campeira de ordenhar vacas e trabalhar nas lavouras, já que tudo o que comíamos vinha do que produzíamos ou plantávamos. Porém, essa era apenas uma parte do trabalho.

Assim como meus avós, e acompanhado de meu pai, muitas vezes tropeei de Lages até o litoral, levando o gado que ia pela estrada de terra levantando a polvadeira, com o bater de cascos durante mais de 25 dias. Foi assim que surgiu nossa cidade como lugar de passagem e parada dos tropeiros.

Em uma dessas tropeadas tive a sorte de encontrar um amor em Vacaria, cidade rio-grandense. O namoro na época era com muito respeito, não se ousava tomar liberdades, como hoje em dia. Pegar na mão já era uma conquista. E foi com essa prenda que me casei e tive meus quatro filhos.

Ainda trago comigo a saudade daquele povo amigo, confiável, que estampava os sorrisos dançantes da cidade e a simplicidade silenciosa do interior. Aos poucos os campos e seu verde deram lugar à cor acinzentada que agora, para mim, traduz minha saudade. É bom recordar o passado, pois restaram apenas ruínas da cidade que conheci. Não que ela tenha se acabado, apenas deu lugar à modernidade. Minha Lajes vive apenas na memória! Desde a década de 1960 seu nome passou a ser escrito “Lages” e muita coisa mudou.

Agora vivo sozinho, madrugando lembranças, ainda com o lápis na mão, já bem pequeno. Levando a vida adiante, ainda em meio à lida campeira, agora não mais tropeio o gado. O que me resta é reviver lembranças da minha querência! Em minha alma serrana tropeio apenas saudades...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Marcos Roni de Oliveira, 71 anos.)

Professor: Carlos Eduardo Canani  
Escola: E. M. E. B. Suzana Albino Franca – Lages (SC)

### Glossário

Broa – Pequena bolacha de fubá.

Canhada – Parte baixa entre coxilhas ou serras; vale.

Coxilha – Campinas onduladas cobertas por pastagens onde se desenvolve a pecuária.

Polvadeira – Nuvem de pó.

Querência – Lugar onde nasceu ou se acostumou a viver.

Taipa – Cerca de pedras.

## Espelhos da mata

Aluno: Lucas André da Silva Freitas

Córrego do Burro ou Reflorestamento, onde nasci, em 1949, sinto tantas saudades! É tão bom voltar no tempo e reviver os momentos da minha infância e adolescência que guardo comigo num baú, meu baú de memórias. Parece até que estou pisando no molhado, admirando os burros no pasto, sentindo o cheiro dos grandes eucaliptos. Recordo-me bem da casa onde vivia, perto da mata, das panelas de barro compradas na feira da cidade e colocadas sobre o jirau, das formas também de barro para guardar água, do candeeiro a querosene com manga de vidro.

É na mata e nas suas águas que minhas emocionantes lembranças flutuam.

Lembranças que me acompanham por toda a vida. Vivíamos juntas, a mata e eu. Antes de entrar, meus irmãos e eu pedíamos licença aos seus guardiões. A cada passeio, uma emoção diferente diante dos seus encantos. Brincávamos de balanço, pendurados nos cipós. Sabia que do famoso cipó titara faziam-se balaios! Corríamos atrás das rolinhas, azulões, bem-te-vis, canários-da-terra. Os pássaros pareciam me seguir quando me acordavam com seus agradáveis cantos, músicas para a minha alma. Outras vezes, espantávamos os gaviões, descobríamos até as cigarras com os seus “*si, si, si, si, si*”; como saguis, subíamos nas árvores que nas águas se espelhavam. As azeitoneiras eram nossas preferidas. Fui mesmo uma menina enfeitiçada pela mata!

Lembro-me dos riachos como se fosse hoje. Em suas águas cristalinas lavávamos os pés, pegávamos piabinhas e depois devolvíamos ao seu hábitat. Tudo era tão divertido! O som da enxada de papai, Pedro Alves Cabral, batendo nos trilhos dizia que era hora de voltar para casa e lá íamos nós com um saquinho de azeitonas e a língua roxa.

Como me lembro das minas! Cavava-se aqui, cavava-se ali, e as águas brotavam da terra, formando cacimbas, jorrando como fontes. Mais um espetáculo aos meus olhos! E os açudes? O Açude de Timbi, do seu Nicolau; o Açude da Mata; o Baldo do Açude, com uma passarela estreita de concreto que dava medo passar. Era um encanto ver o meu rosto refletido em suas águas claras e escutar o som delas. Na hora dos banhos fazíamos as maiores algazarras. Havia lugar para as meninas e lugar para os meninos. Como eu me sentia feliz!

Recordo-me tão bem da grande pesca na época da semana santa. Essa cena nunca saiu de minha cabeça. Os donos da fábrica de tecidos abriam as comportas do Baldo do Açude e os peixes desciam, davam cambalhotas no ar e voltavam às águas ou caíam dentro dos jererês e cestos. Havia peixes de todo tipo: traíras, muçuns, carás, piabas. Os funcionários, sujos de lama, faziam a grande festa e até gritavam: “Olha o tamanho da traíra que peguei!”

A cidade ainda guarda marcas do passado, como o prédio da antiga fábrica de tecidos e a casa-grande do Engenho Camaragibe, conhecida como a Casa de Maria Amazonas. Com o tempo vieram as mudanças. Os açudes não têm mais águas em abundância, o córrego do Burro desapareceu. A cidade cresceu.

Surgiram hospitais, novas escolas, igrejas, novos loteamentos, conjuntos residenciais, o comércio aumentou, o transporte se diversificou. Há até metrô. É o progresso! Brevemente terá o Shopping Camará. Mas continuará sendo o lugar que marcou a minha vida no passado com o verde das matas e seus variados espelhos, as águas dos riachos, cacimbas e açudes, puras como meu coração de criança.

Quando me lembro da tranquilidade em que vivia e do tempo que só volta em minhas memórias, dá vontade de chorar, mas sei que, se eu começar, vou encher um pote de lágrimas. Vocês ouviram um apito? Eu escutei o fiote (último apito da fábrica quando ela funcionava) em minha memória. É como se ele me dissesse que está na hora de dar uma pausa em minhas histórias. Ainda bem que consegui levar vocês para um passeio na mata e assistir comigo aos seus maravilhosos espetáculos, adormecidos até então. São vocês agora que também vão conduzir esse passeio. Como? É só compartilhar o meu baú de memórias da “Terra dos Camarás”.

(Texto baseado na entrevista com a senhora Severina Martins Cabral, 65 anos.)

Professora: Maria Solange de Lira  
Escola: E. E. F. M. Antonio Correia de Araújo – Camaragibe (PE)





## Mergulhando nas lembranças

Aluna: Amanda do Nascimento Silva

Sentado no alpendre da Fazenda Repouso, no município de São Miguel do Tapuio, lembro-me de momentos únicos que vivi. Era o meu lugar preferido, pois ficava pensando na vida alternada de momentos corridos e tranquilos, eu viajava nas histórias junto com os romances de literatura de cordel.

Todas as férias, eu ia para a fazenda aproveitar a vida no campo que tanto amava. Lá, o cotidiano era acordar às 5 horas da manhã, mas bem antes disso os trabalhadores tinham a oportunidade de ver a aurora, a paisagem mais linda da fazenda. Era algo radiante que enchia os nossos olhos de esperança, de ânimo e de satisfação por estar naquele lugar, escutando os berros dos bezerros e o barulho dos trabalhadores que já estavam em pé desde às 4 horas, com seus cigarros de fumo para espantar os muruins. Era como uma distração em meio ao trabalho de tirar o leite das vacas, apartar os bezerros e levá-los para o pasto. Depois disso, os vaqueiros iam campear para ver as vacas amojadas e trazer para o curral as que haviam parido.

Minhas obrigações também começavam cedo: a primeira era moer o milho para fazer o cuscuz e alimentar os pintos com o xerém. No café da manhã, era sempre uma fartura. Havia cuscuz, leite, coalhada, queijo de manteiga, café, frutas e carne assada em um forno de trempe.

Depois eu tinha que ir para o pieiro dar água aos cavalos e banhá-los. Quando terminava, já estava bem cansado, ia me deitar em uma rede de tucum estendida no alpendre que dava para o pátio da fazenda para ler os meus incríveis romances de literatura de cordel. Eu gostava muito de ler essas histórias, ainda me lembro de algumas, como *Pavão misterioso*, *Lágrimas de um jumento apaixonado*, *Cego Aderaldo*, *Os doze pares da França* e *Lampião*, e também os clássicos infantis e obras de Machado de Assis. No alpendre, era um silêncio maravilhoso, só se escutava o barulho do vento indo e vindo, aquela sensação era de liberdade de poder viajar em um mundo imaginário onde tudo acontece.

Ficava lá até a hora do almoço. Porém, muito antes disso, já sentia o cheiro espetacular das comidas feitas no forno a lenha. As mulheres enchiam as gamelas de arroz, feijão, carne, batata-doce, abóbora cozida e rapadura, que eram servidas aos trabalhadores em prato de esmalte para comerem na sombra de uma aroeira frondosa. Após o almoço, eles tiravam um cochilo sentindo o ar puro da fazenda e ouvindo os sussurros das folhas batendo umas nas outras, conduzidas pelo vento.

À tarde, saía para procurar frutos bravos na mata, como crioli, maçaranduba, brutos, pequi e croatã. Na despensa da minha casa, a fartura era de banana. Havia muitas espécies dela (costela-de-vaca, jatobá, maçã, prata, maçã-roxa, casca-verde, nanica e outras), e também bastante queijo na prateleira e muita carne retalhada no varal.

A partir das 16 horas iniciava-se o trabalho no curral. Colocava os bezerros para mamar, soltava os já mansos, colocava os bravos no mourão para amansar e levava as vacas para a caiçara. Essa luta ia até as 20 horas. Depois, tomava um banho na grotta, que ficava perto de casa, jantava e dormia. Embora tendo tanto trabalho, eu me sentia realizado e feliz.

Quando chegava o fim de semana, eu ia com meus irmãos tomar banho no açude dentro da solta, sempre iamos a pé pelas veredas. No açude, havia jacarés. Para espantá-los, subíamos nos galhos da oiticica e jogávamos grandes pedras. Ficávamos horas e horas aproveitando aquela água cristalina, brincando de cangapê e nadando de cavalete. À noite, jogávamos baralho e dávamos muitas gargalhadas. Tudo isso está guardado na minha memória e marcado em meu coração. Agradeço hoje pela vida que tive porque poucas pessoas puderam viver o que vivi, poucas tiveram essas experiências. Tive o privilégio de caçar, brincar no campo e ver paisagens maravilhosas.

Tudo o que vivi foi verdadeiro, jamais poderá ser comprado. As lembranças que guardo nunca serão apagadas.

Saudade é o que representa tudo o que sinto. Eu não dava tanto valor, achava o trabalho muito pesado. Mas, hoje, eu posso dizer que era feliz.

(Texto baseado na entrevista feita com senhor Antônio Pereira da Silva, 54 anos.)

Professora: Carla Silva do Nascimento  
Escola: E. M. E. I. F. Professora Maria Odnira Cruz Moreira – Fortaleza (CE)

## Águas vivas

Aluna: Raiane de Castro Oliveira

Onde a transparência da água do mar reflete a paisagem da Mata Atlântica reflete também minha infância. Assim é minha cidade, Angra dos Reis, margeada pelo verdor das árvores e pelas esmeraldas das águas. Crescemos juntos, o bairro Areal e eu. Naquele tempo o bairro era apenas um pequeno arruado próximo à mata, onde brincávamos livremente pelas ruas de chão. E quantas brincadeiras! Era pique-pega, cabra-cega, queimada (que tinha que ser feita de meias), percorrer trilhas até a mata, subir em árvores para catar frutas e observar animais que por ali circulavam, e tantas outras que o tempo já me fez esquecer. O bairro cresceu, sufocou a mata e minhas brincadeiras. Hoje as crianças brincam em casa mesmo, fadadas à prisão dos *videogames*, jogos de celulares e computadores.

Minha vida de criança foi uma extensa praia, com o mar cantarolando as letras das risadas dos meus amigos e primos quando íamos à praia todos os domingos. E era a baía de Ponta do Leste na maioria das vezes. Lembro-me de que corríamos para as piscinas que se formavam entre as pedras na tentativa de capturar os mais lindos peixinhos. E eram muitos: maria-da-toca, sabonete, borboleta... Ah, e não podia faltar o meu preferido: o respeitoso peixe-cirurgião. Eu ficava hipnotizada com seus movimentos, distraída, enquanto lambia o sal do meu braço. Nunca estive numa praia sem capturar peixinhos; bom mesmo era devolvê-los para o mar. Era mágico ver a vida brotar das águas! Era tudo tão leve, tão doce, que não tenho certeza se minhas memórias são reais ou relatos dos meus sonhos de criança.

Às vezes chovia enquanto estávamos na praia. Aí a festa ficava completa, mas, mal a chuva batia no mar, já vinha um adulto arrastar-nos para a areia, misturando nossos risos com os sustos das trovoadas. E foram essas mesmas trovoadas que me assustaram e também me roubaram o riso.



Fazia muito calor naquela noite carrancuda, e um vento quente corria assoviando pelas ruas, parecia querer me dizer algo. Pingos grossos de chuva despencaram do céu. De repente, um grito de mãe rasgou o silêncio da madrugada. Águas furiosas e lama brotavam por entre as frestas da minha casa, sem pedir licença. Como uma flecha, fui à janela e vi um rio de chocolate que engolia a rua, deixando um rastro de destruição e destroços de árvores. A natureza se rebelava. A tromba-d'água despiu parte da mata, formou-se uma clareira. Senti que as águas que até ali me encantavam e acalmavam também eram indomáveis e reclamavam mais cuidados. Pensei, egoisticamente: "Deus, salva minha família".

Correu o tempo. Retornei às praias para reencontrar minhas águas... Chorei... E entendi que a Mãe Natureza, aos poucos, estendia seu cobertor verde sobre a nudez da mata, enquanto com suas mãos protetoras embalavam as "águas vivas", agora adormecidas ao som do *chuá-chuá* das ondas.

Resultados traumáticos da tragédia ainda rondam a memória de muita gente. E sabe a minha pequena baía? Ah! Essa ainda sobrevive em Ponta do Leste, Praia do Anil, Bonfim, Pontal, Tanguá-Tanguazinho, Ribeira, Araçatiba, Praia Brava, e tantas outras! E em todos esses mananciais fui tão menina que ainda não deixei de o ser: ainda encontro a mesma euforia, o mesmo júbilo, sempre que mergulho nessas águas vivas, onde procuro conchinhas e algas reluzentes para ornamentar castelos de areia.

(Texto baseado em entrevista feita com o senhora Terezinha do Carmo Peixoto Silva, 65 anos.)



Professora: Nívea Leandra da Silva  
Escola: C. I. E. P. Brizolão 055 João Gregório Galindo – Angra dos Reis (RJ)

## Uma caneca de leite

Aluno: Vitor Hugo Bueno

Abri meus olhos e vi um pequeno raio de sol desejando adentrar meu quarto pela telha que o tempo danificou, deixando-lhe rachaduras. O despertador correspondia a um galo. Também se ouvia o cacarejar das aves vizinhas.

Lembro-me, com saudade, da simples fazenda situada em Santa Fé do Sul, que possuía um revigorante aroma frutífero. A estrutura não pedia elogios aos admiradores nem aos compradores de terras. A vida simples trazia felicidade.

Tateei o chão gelado em busca dos chinelos velhos e surrados. Assim que a coragem encontrou-me, levantei, ainda carregando o sono nos olhos. Após ter me arrumado, dirigi-me à cozinha, já sentindo o cheiro do pão quente a coçar minhas narinas.

Vi a mesa coberta com uma toalha bonita, decorada com bordados. Algum tempo depois, minha mãe trouxe leite de cabra fervido, pães e manteiga, os quais eram comprados com o suor de meu pai. Adicionei açúcar à bebida, pois para nós ainda não existia achocolatado. Permaneci observando as bolhas de leite subirem lentamente, enquanto relembrava e refletia sobre alguns acontecimentos.

Mamãe, ao ver o ato filosófico que eu encenava naquele momento, disse-me:

– Vancê não vai estudar, não, Geraldo?

– Sim, senhora!

Ao lembrar-me dos pães, já havia bebido o leite. Tive de engoli-los rapidamente com a manteiga.

Peguei meu material sem a mochila, pois esta era artigo de luxo naquela época. Despedi-me de meus pais e pedi-lhes a bênção. O caminho era longo. Meu irmão e eu passávamos pelo mato, receosos de encontrar animais selvagens. O cemitério também causava calafrios em nosso corpo.

A escola, que se chamava Ginásio Municipal, tinha uma aparência velha e acabada. A educação fora introduzida havia pouco tempo em Santa Fé. Os mestres eram rígidos com os alunos, aplicando-lhes disciplina, que correspondia ao impacto de uma régua em suas mãos.

Parece que o momento reservou outras surpresas para os que se encontravam na escola. Lembro-me claramente do terror e do medo naquele dia...

Um certo senhor muito conhecido chamado Rubens Camargo teve a ideia de sobrevoar Santa Fé do Sul para realizar uma propaganda partidária. O avião era denominado “teco-teco”, devido ao barulho de suas hélices. A máquina deslumbrava-nos com um amarelo forte e marcante.

Por triste obra do destino, enquanto sobrevoava as nuvens acima da escola, o piloto cometeu um grave erro, resultando na queda do avião.

Ouvi o enorme estrondo do impacto sobre as pedras que cobriam a Praça Salles Filho. Uma grande nuvem de poeira vermelha levantou-se. Gritos de desespero e aflição marcados pela fumaça que concluía a queda. Pouco depois, olhares curiosos juntaram-se para ver a tragédia. Candidato e piloto, ambos mortos. O primeiro daria nome, em homenagem póstuma, a uma escola da redondeza. O amarelo atraente do avião transformara-se em metal retorcido.

Guardei esse acontecimento por anos a fio em minha memória...

Há alguns dias, ouvi a campainha soar. Era meu querido neto. Desejava conhecer antigas histórias da cidade para um trabalho escolar. Recordei algumas lembranças, enquanto mentalizava a imagem das bolhas na caneca de leite que se tornavam espuma... Uma lágrima escapou-me, então pus-me a falar:

– Vejamos... Se não me falha a memória, ocorreu um fato marcante em mil novecentos e ...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Geraldo dos Santos Pereira, 71 anos.)

Professora: Simone Sá Teodoro Ondei  
Escola: E. M. Professora Agnes Rondon Ribeiro – Santa Fé do Sul (SP)

## O menino das margens

Aluna: Ester Pereira Lima

Cinco horas da manhã: eu acordava com o diálogo barulhento dos longos e ressoantes passos de meu pai se preparando para ir ao trabalho – “cortar seringa”. Era a partir daí que meu dia, aos 12 anos, começava em minha antiga Boca do Acre. Se bem me lembro, ele saía com uma “poronga” abraçando sua cabeça – uma espécie de lamparina usada como chapéu – para iluminar o caminho floresta adentro até as seringueiras. Solitário, só retornava ao seio familiar às 17 horas.

Ao reviver minhas lembranças, recordo-me das casas rústicas com telhados de palha da velha comunidade ribeirinha onde eu vivia, das matas frescas, das aves agradavelmente barulhentas, dos roçados fartos com cheiro de toda sorte de alimentos gentilmente oferecidos pela terra fértil, e, mais intensamente, lembro-me das brincadeiras: pega-pega, peteca, amarelinha eram algumas de muitas outras típicas da minha época de criança, mas nenhuma delas se comparava aos banhos de rio atrás de casa. Era tudo o que eu mais gostava de fazer. Apesar de meus pais não gostarem muito da ideia, sempre às 14 horas, com um sol ardente feito brasa, eu convidava os amigos e saíamos rio afora à procura de um bom lugar para nos banharmos em meio à imensidão das águas do rio Purus.

Ficávamos lá por um bom tempo. Eu sempre dava um jeito e ficava mais um pouco, ora pulando nas águas mornas e sedutoras durante o verão, ora deslizando nos barrancos enlameados e mergulhando nas águas frias do final do inverno, mesmo sabendo que em casa me esperavam umas boas palmadas. Talvez por isso minha professora costumava me chamar de “menino das margens”. Todos os dias, ao sair desses banhos, tínhamos afazeres a cumprir. Cada um de nós tinha uma função. A minha era ajudar minha irmã mais velha a preparar a farinha de mandioca nas casas de farinha – parte do sustento da família provinha disso. No final da tarde a farinha já estava torrada e pronta para ser colocada nos “alqueires de farinha” – como os moradores de minha cidade chamavam uma cesta ou bolsa usada para armazenar grãos. Naquele tempo, a vizinhança era como uma família. Cedinho de manhã começava e já podíamos sentir o cheiro de café lentamente passeando pelas casas, dando início às prosas matinais.

Lembro-me também das rígidas regras de minha mãe, segundo as quais não podíamos adentrar na sala quando tínhamos visitas em casa, e em hipótese alguma “responder” aos mais velhos. Naquele tempo tudo era mais respeitado e valorizado: as pessoas, os pais, os costumes... os valores eram mais preservados. Hoje, aos 70 anos, vejo que isso é algo raro, que deveria ser cultivado pelas famílias, assim como naquela época em que éramos amigos brincalhões – o rio Purus e eu. A vida na minha infância era bem melhor, apesar de um pouco sofrida e sem *videogame*.

Com o passar dos anos percebo a mudança dos costumes e das pessoas. Com o mundo moderno, as gargalhadas coletivas durante os banhos de rio foram substituídas pelo silêncio solitário durante as sessões de desenhos animados da televisão. Porém, jamais serão substituídas em minhas lembranças – ficarão eternamente em minhas memórias.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Emanuel de Souza Pereira, 70 anos.)

Professora: Adriana Lozano Onofre  
Escola: E. M. Benício Rodrigues Pena – Boca do Acre (AM)



## São João, o festejo da vida

Aluno: Kaio de Oliveira Costa

Entre montanhas e protegida pelo Salvador, está lá uma cidadezinha pequena, Pereiro. Mas a história que irei contar aconteceu muito tempo atrás, antes mesmo do Cristo Rei e de outras coisas que foram criadas. No entanto, está presente em meus pensamentos feito água que brota em nascente para revigorar e dar vida.

Considerada época de festas, costumávamos nos reunir para comemorar o São João. Sempre com muito encantamento e diversão, as pessoas reencontravam os amigos e parentes e as crianças realizavam seus desejos havia muito esperados.

Aqueles que moravam na cidade ainda deserta iam a cavalo ou em carroças para os sítios, sede da comemoração, no entardecer que coloria o céu. O ranger da carroça soava como uma orquestra em dias de festa.

No caminho, havia muitas “varedas” (desvios) e uma única iluminação lá em cima, a lua. Já aqui embaixo as lamparinas em cada casinha de taipa que despontava nas margens das estradas eram nossas estrelas terrestres que nos guiavam pelo chão esburacado de terra batida.

Quando chegávamos ao sítio dançávamos ao ar livre, rodopiando nossas saias de chita estampada. O céu estrelado, os corpos em movimento como vagalumes em noites escuras mostravam a magia da alegria como se estivessem em uma apresentação. As batidas das alparcatas levantavam a poeira do terreiro e alegravam nossos corações, que eram embalados por aquele som gostoso. Havia começado, então, o culto à alegria a um dos santos caipiras, São João.

Os casais de namorados resolviam ir para o escurinho atrás das casas fugindo dos guardas-noturnos, os pais das moças.

O cheiro vindo do queijo de coalho derretido na pamonha temperada com muita nata ora exalava de dentro da cozinha, ora das mãos de quem já havia se deliciado com a guloseima. O aroma de bolo de milho sendo preparado no fogão a lenha ou nos fornos enchia os pulmões daqueles que aguardavam com ansiedade o tão esperado momento da aparição. O sítio se enchia de diferentes cheiros, fazendo com que aguçasse o paladar de quem ali passava ou dos vizinhos que se convidavam para o desfrute e para fazer parte da festa.

Enquanto os mais velhos proseavam sentados em tamboretas nas calçadas, a criançada jogava pedra na fogueira para ver as chamas se misturarem às estrelas e juntas realizarem um *show* de luzes no céu. Nós, maiores, enchíamos as bacias d’água e olhávamos dentro delas, temerosos de não ver nosso rosto e, desse modo, não estarmos presentes no próximo São João.

Depois da festa ouvia-se um chiar no teto que era a chuva vinda para apagar as brasas da fogueira e para encher as bacias e baldes d’água e garantir a fartura da semana toda.

Quando a molecada ouvia o barulho da chuva, “metia o pé na carreira” para ver quem pegava uma biqueira que saísse bastante água. A animação da noite ainda não havia acabado. A minha calcinha de saco ficava ensopada e às vezes até torava o elástico de corda que a prendia em meu corpo fino, não de magreza por enfrentar tempos difíceis, mas de quem brincava muito durante o dia todo.

O nosso São João era o mais divertido e festejado da região.

Hoje as pessoas acendem uma vela nas janelas, dançam quadrilha e acham que, desse modo, estão festejando os santos caipiras. Mas nunca vão sentir a magia de uma fogueira, a alegria de dançar e brincar a noite toda, o sabor do milho assado na brasa, o encantamento de ser guiado pelas lamparinas no chão de terra.

Só o que nos resta é o gosto saboroso de ter na memória as lembranças do que não se vivencia mais.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Socorro Almeida, 80 anos.)

Professora: Jucléa Campos Alves  
Escola: E. E. F. Francisco Telsangenes Diógenes – Pereiro (CE)

## Medo do desconhecido

Aluna: Briane Luise Pires de Lima

Como não me lembrar da infância e do lugar onde cresci, se foi nesse pedacinho de chão que a magia se fez presente nas descobertas que enlevaram os meus dias de criança?

Eu, Nentcho, pequeno morador de Rio do Cedro, uma localidade da cidade de Mafra, tive o privilégio de ser um menino do campo e aproveitei o que de melhor a natureza me ofereceu.

Nos dias quentes de verão, nadava nas lagoas que fazíamos com barreiras para conter o rio. Nas tardes de outono, quando o sopro do vento parecia carregar consigo o que estivesse à sua frente, eu, menino sonhador, abria os braços e deixava-me levar. Olhos fechados, vento no rosto e o pensamento a voar. No inverno, à noite, colocava em cima do palanque da cerca uma caneca com água adoçada para congelar com a geada e na manhã seguinte deliciava-me com a iguaria. Mas a estação mais bela, a meu ver, era a das flores: os campos verdinhos, flores colorindo a paisagem, as borboletas num bailado encantador enfeitavam o jardim, e, no pomar, as mais variadas árvores eram cercadas por lindas asas multicores, um incansável vai e vem dos pequenos beija-flores.

Minha vida sempre girou em torno da natureza. Sentir o cheirinho da terra molhada, ver brotar cada grão semeado, pegar no cabo da enxada, tocar os bois, tarefas que para muitos podem parecer corriqueiras, mas, para mim, um motivo de orgulho que ainda hoje carrego no peito.

Éramos bastante humildes e não me recordo de possuir bens materiais de grande valor. Valores mesmo – eu guardo na memória e no coração – foram os ensinamentos que meus pais deixaram. Eles eram e serão meus heróis!

Lembro-me das manhãs, quando acordava com o sol brilhando como ouro. Batia de mansinho na janela do meu quarto, dizendo que já era hora de acordar, pois um novo dia acabara de começar. O cheirinho de café e do pãozinho com manteiga na chapa do fogão a lenha tiravam-me o sossego, fazendo-me levantar. Não tenho do que reclamar de minha infância, ela foi perfeita, tive amigos e brincadeiras, estas bem diferentes do que se vê hoje em dia.

Naquele tempo, o dia girava fora das paredes de casa e quando a tardinha chegava era hora da reunião familiar. Não havia luz elétrica, e a nossa diversão noturna era sentar com um lampião ao redor do fogão e ouvir histórias. E que histórias! Algumas, verdadeiras; outras nada mais eram do que lendas, fruto da imaginação dos mais velhos, porém suficientes para deixarem nossas noites arrepiantes.

Dessa forma, os medos também fizeram parte da minha infância. E acredito que meu maior medo fosse dos bugres – nome que os moradores deram aos índios da região. Todos diziam que eles roubavam as crianças brancas. Assim, criamos um imaginário, o qual não os favorecia em nada.

Eles não eram muitos, mas estavam sempre pelas redondezas aterrorizando a mente de meninos como eu. Eram ariscos e não se mostravam, o que aumentava ainda mais a fantasia em torno deles. Quando estávamos na roça, mexiam nas árvores, imitavam animais, e isso já era o suficiente para me deixar suando frio, pois eu sabia que eles estavam lá, mesmo sem vê-los. E, de repente, tudo voltava ao normal.

Porém, quando a noite caía sobre o céu e as estrelas pontilhavam o manto escuro iluminado pela luz da lua, novamente eles apareciam. Passavam uma varinha de taquara nas tábuas da casa, imitavam corujas, sapos e galos. Eu ficava assustadíssimo, o medo percorria meu corpo de uma forma tão dolorosa que me paralisava; então, aguardava o momento em que fossem embora e não via a hora de o crepúsculo ser dilacerado pelo brilho do sol e ter a certeza de que eu ainda estava em minha casa.

Meu pai algumas vezes deixava na cerca aguardente e fumo, e os bugres, em troca, carne de caça ou artesanato que faziam. Hoje sei que era uma forma de manter contato, mas naquele tempo não pensava assim. Eles eram desconhecidos para mim, por isso eu tinha medo e acreditava na fantasia daquelas histórias contadas ao redor do fogão a lenha.

Muito tempo já se passou desde que tudo isso aconteceu. Os bugres já não vivem por aqui e não me assustam mais. Sou homem feito, tenho a minha família e meu sonho realizado. O sonho de permanecer aqui, neste meu cantinho encantado.

(Texto baseado na entrevista com o senhor Irineu Czmarc, conhecido por Nentcho, 51 anos.)

## Memórias de uma maldita

Aluna: Dayane de Sousa Pereira Silva

Quando eu era criança, minha netinha, a vida era outra. Este lugar era muito diferente. Outra vida, outros costumes.

Ainda criança, ia poucas vezes à cidade. Naquele tempo, nós ficávamos em casa, esperando papai voltar da feira, trazendo um saquinho com umas dez balinhas de mel ou um pão-doce, cheio de coco em cima. Era a nossa festa semanal!

Eu morava num paraíso, chamado Sítio Mendes, onde a paz reinava e o sol brilhava alegre. Poluição e violência? Ali não havia... Ah! Como era bom brincar com meus cinco irmãos correndo no meio do roçado!

A gente brincava de roda, ciranda, bonecas de sabugo de milho, boi de osso...

Mas felicidade de verdade tivemos no dia em que papai, voltando da feira, nos trouxe uma bicicleta Monark, vermelha, herdada de minha tia. Mesmo sendo usada, mesmo sendo uma só para seis, foi a maior alegria! Ela precisava de alguns consertos. De tanto insistirmos, meu pai foi consertá-la e ainda a inauguramos naquela noite, contando apenas com o clarão da lua...

Nós éramos uma família grande, unida e muito feliz, pois tínhamos uma terra fértil cheia de frutas e verduras brotando por toda parte, água jorrando limpinha nos barreiros e o gado gordo nos currais. Só que essa grande felicidade acabou de repente. Tudo começou a mudar, aquele mundo verde começou a sumir, a água nos barreiros começou a faltar.

Nessa fase, uma grande seca assolava nosso município e passamos por muitas dificuldades. Quando papai e vovô chegavam com os pedaços de xiquexique, facheiro e macambira, era preciso assá-los para saciar a fome das poucas reses que ainda nos restavam. Dava até pena ver as bichinhas, olhinhos pidões, e depois observá-las mascando aquela comida improvisada, ainda quente. Tanto que escorregava um líquido viscoso de seus olhos, como se chorassem.

Que cena horrível comecei a presenciar, o gado magro morrendo! Tudo seco, sorriso no rosto não havia, pois a comida era tão pouca... Tivemos que nos unir para poder afastar os fantasmas daquela grande seca. Ainda assim, alguns moradores partiram para outras regiões do país em busca de uma vida melhor. Nossa! Tivemos que vender tudo, nossa casa, nosso chão, nossa bicicletinha!

Minha família decidiu permanecer ainda no local. Apenas nos mudamos para a zona urbana. Foi tão triste ver meus pais sofrendo e, no final, termos que sair de onde amávamos!

Vimos morar numa pequena casa de taipa – feita de barro, coberta de palha, e porta improvisada com pendões. A minha família permaneceu toda amontoada naquela casinha. Não tínhamos mais nossos brinquedos, nossa liberdade. Entretanto, ainda carregava na lembrança a imagem da nossa bicicleta, tão querida. Tivemos que deixá-la para trás, junto com todos os bons momentos que passamos lá no velho Sítio Mendes, celeiro de nossa infância.

E assim vivíamos na esperança de um dia a chuva voltar e, com ela, a nossa felicidade. Não voltamos mais a morar na zona rural. E, hoje, mesmo sem meus pais e meus irmãos, que foram cada um para um lado, só me resta contar aos meus netinhos, as histórias daquela maldita seca que levou minha felicidade e transformou nossa realidade.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Maria Valdenora de Sousa, 63 anos.)

Professora: Valkíria Muniz Ferreira  
Escola: E. M. E. F. Ana Maria Gomes – Picuí (PB)



## Ruínas da Vila dos Diamantes

Aluno: Marcel Alves Souza

Meu nome é Dalva Alves, tenho 79 anos e moro em Iगतu, distrito de Andaraí, Chapada Diamantina. Aqui nasci, cresci, formei família e eduquei meus filhos. Ainda hoje conservo lembranças do tempo do garimpo, me recordo do Brejo Verruga, onde trabalhavam mais de duzentos homens e se pegavam muitos diamantes, tantos que quase não dava para contar. Os donos dessa mina eram homens avaros que gostavam de explorar os trabalhadores. Nos dias de lavar cascalho tão grande era a labuta, que aos fins de semana chegavam a pegar litros deles. Apesar de tantas pedras, a renda desses garimpeiros era pequena, porque a melhor parte do lucro ficava com os proprietários.

Esses diamantes eram vendidos em outras cidades: Andaraí, Mucugê e Lençóis. Com o dinheiro das vendas em mãos, os donos davam o que bem queriam aos trabalhadores, que aceitavam sem reclamar, pois tinham família para sustentar. Não dava para ter luxos, mas lhes garantia uma vida digna e honesta. Apesar de serem tratados como escravos, eram homens valentes que, com tantas dificuldades, não tinham medo de enfrentar a vida, porque levavam com eles a esperança de ver dias melhores.

Quase todo o sustento das famílias vinha da atividade garimpeira, porque era o recurso mais abundante da época. Apesar disso, na minha família só quem trabalhava no garimpo era minha mãe, Djanira. Meu pai, Prachedes, vivia solto pelo mundo, era matador de aluguel. Trabalhava para o jagunço da cidade de Utinga. Mãe trabalhava todos os dias, era guerreira, lutava muito pela família, mas em um dia de trabalho ela acabou se ferindo com a alavanca – ferramenta que se usa para derrubar o cascalho – e o ferimento acabou virando doença ruim, o que a impossibilitou de trabalhar e a levou à morte.

Além da renda que vinha das lavras diamantinas, cultivávamos na roça algumas culturas como mandioca, feijão e abóbora. A sempre-viva (flor decorativa típica de chapadas) também era um meio de sobrevivência. A serra era repleta delas; as praças, os passeios em frente às casas chegavam a ficar alvos quando elas eram postas ao sol para secar.

Muita gente foi beneficiada pelo garimpo. Eva, minha cunhada, realizou o sonho de se casar, graças a Deus e a um diamante que pegou labutando no garimpo. Osmar, meu marido, comprou roupa e pagou os papéis do casamento – tudo com esse dinheiro.

Naqueles tempos de glória do garimpo, Iगतu viveu um resplendor nunca antes vivido. A vila era um alvoroço só e ficava ainda mais alegre e bonita quando a orquestra sinfônica saía para desfilar. Era bonito de ver! Até hoje me recordo do som dos instrumentos. Osmar tocava pistom e batia prato; o mestre de música de Mucugê – Tuto Perninha – vinha nos dias de apresentação. Ele era chamado assim porque tinha uma perna curta.

Tinha também o cinema. O pessoal de fora vinha para colocar o filme para quem quisesse ver. Sempre que dava, eu ia. Era muito divertido. Aqui também tinha circo, usina hidroelétrica, delegacia, cartório, e hoje não vemos mais nada disso. Era gente como formiga no auge daqueles tempos.

O Luiz dos Santos, hoje, é um bairro em ruínas, mas já foi um lugar cheio de vida, cor e alegria, onde havia a micareta e o bloco de carnaval. As ruas de baixo disputavam com a parte de cima para ver qual bloco era mais bonito e enfeitado. A cantoria e animação era grande. Bons tempos aqueles!

O tempo foi passando e o garimpo, declinando. O diamante começou a acabar e muitas famílias começaram a ir embora, porque já não tinha com que se manter na vila. O destino foram as grandes cidades: São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Elas foram em busca daquilo que o garimpo não lhes proporcionava mais: uma vida digna.

A Iगतu de hoje não se parece em nada com a de outrora: tumultuada de pessoas, gritos de crianças, sons e muita conversa. Atualmente é uma vila pacata, onde se percebe mais o silêncio. Aqui, no auge do garimpo, existiam dez mil habitantes. Hoje, na sua decadência, possui apenas quatrocentos e poucos moradores. Nessa nova era o turismo é o principal fator econômico. Um dia o diamante foi a maior fonte de renda; agora, é apenas uma lembrança distante.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhora Dalva Alves Novais, 79 anos.)

Professora: Cristina Bispo dos Santos  
Escola: C. M. de Andaraí – Andaraí (BA)



## Os paletas do Rio Vermelho

Aluno: Gabriel Alonso dos Santos

O tempo passa rápido, à medida que nos apegamos à vida. E é justamente ele o nosso bem mais precioso. Consiste numa miscigenação de boas e más recordações, indispensáveis para o amadurecimento do homem e para a construção do seu passado. Só é precioso porque acaba e, quando o faz surge, uma nova estrela no céu, cria-se mais um espaço vazio na terra, mais uma vida para trás e muitos desejos não realizados. São nesses pensamentos nostálgicos que começa minha história.

Passei grande parte da infância e da juventude no Rio Vermelho, bairro da orla soteropolitana, onde as tardes eram recheadas de brincadeiras, amigos e paletadas. As manhãs eram abrihantadas por um sol de raios vívidos, bem mais árdus que o nosso dia a dia. A essência inocente daquela época fazia a vizinhança ser extremamente acolhedora como a brisa do mar, que acabava por suavizar o calor escaldante.

Minha casa era bem simples e ficava em frente da casinha dos pescadores, hoje muito mais bem estruturada. O cheiro do sal e do peixe fresco inundava a cozinha de manhã cedo. Nos anos 1950, o Rio Vermelho não era tão ocupado por moradias. Predominavam casas, e os apartamentos eram raríssimos, o que permitia a circulação daquela brisa suave. A energia renovada nos pulmões fazia aflorar o desejo de sempre conhecer um cantinho diferente. Minha rotina consistia em, além de frequentar o colégio, idas à praia, brincadeiras de rua, festinhas com os amigos, andanças com a turma. Naquela época, os bondes facilitavam o deslocamento para grandes distâncias, porém andar era sinônimo de alegria e tornava o tempo mais descontraído.

Entre tantos lugares que eu frequentava, gostava dos bailes de carnaval do Forte de São Diogo, um dos muitos que protegeram Salvador no passado. Ir ali era, além de muito divertido, sentir uma verdadeira transformação: o local que havia sido palco de guerras e violência cedia espaço à festa momesca. Nessa época, nem imaginava que o São Diogo passaria depois por uma reforma e que seria eu um dos responsáveis por isso. Quis o destino que eu contemplassse suas estruturas de duas formas: uma, divertida, e outra, nostálgica. Sabem como é ter um lugar tão especial em suas mãos e poder reformá-lo? Francamente, esse é o egoísmo mais nobre que alguém pode sentir.

Ah, quase me esqueço! Lembram as paletadas? Pois agora as explico: eram (e ainda se chamam assim) as caminhadas que eu fazia com meus amigos em busca de divertimentos. No meio dessas idas e vindas, gostava muito de visitar a Biblioteca Municipal, que fica na Cidade Alta. O lugar era incrível, insubstituível, uma vez que o conhecimento, naqueles tempos, se restringia aos livros, tornando a busca pelo conhecimento mais implacável e desafiadora. Passei longas tardes no meio daquelas prateleiras cheias de sonhos e magia. Cada livro era uma nova experiência, cada folha, uma nova porta aberta, folhas que, mais tarde, se converteriam em cinzas; prateleiras que se tornariam madeira contorcida. Um incêndio devastador acabou com tudo. Um fato sem volta. As paletadas pelo conhecimento nunca mais seriam as mesmas.

Muitas mudanças acompanharam minha juventude, mas minha dívida permanecia a mesma: ter estudado no Colégio Militar de Salvador, que antigamente ocupava um velho casarão nas Pitangueiras. Hoje se localiza num bairro moderno, em meio a altos edifícios e a um efervescente comércio. De aluno acabei sendo professor dele. Esse recinto sagrado fez de mim quem sou hoje e será ele o ponto final da minha jornada andarilha. Ele carrega em sua história as alegrias exacerbadas de um Coronel Passos.

Salvador se transformou num grande centro urbano, e o Rio Vermelho acabou sofrendo as consequências disso. A ideologia simplista da minha época, a essência inocente e o cotidiano tão belo e inspirador foram corroídos pelo tempo. Tempo esse que levou consigo todo o charme do passado; tempo esse que trouxe a violência desumana, o progresso a um preço alto. O tempo tropical fora trocado por uma dura realidade, mas que, ainda, tem os seus encantos.

Foi bom ser um paleta do Rio Vermelho e está sendo melhor ainda ver os novos andarilhos, os novos Passos caminhando nesse palco fascinante que é o tempo.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Hidélmo Alves Passos, 69 anos.)

Professor: Paulo Reinaldo Almeida Barbosa  
Escola: Colégio Militar de Salvador – Salvador (BA)

## A valentia da vovó Maria

Aluna: Larissa Helena Santos de Faria Silva

Ainda tenho nítidas lembranças da minha infância. Minha família e eu morávamos em um pequeno sítio no bairro Mandu, em Ouro Fino, Minas Gerais. Lá era um lugar muito pacato, sossegado até demais. A noite era clara, cheia de estrelas, e sempre com uma lua para alegrar os olhos de quem a visse.

Quando eu era pequena, ainda não existiam televisão e essas tecnologias de hoje. Ouvíamos o jornal e as novelas pelo rádio – e confesso que era muito bom poder imaginar as coisas como eu queria que elas fossem!

Lembro-me de que ao entardecer fazíamos uma roda em volta de uma grande bacia cheia de brasas retiradas do velho fogão a lenha e lá ficávamos ouvindo o radialista contar aquelas empolgantes histórias. Logo após, os mais velhos contavam “causos” de todos os tipos, uns até me davam tanto medo que depois não conseguia dormir.

O amanhecer era encantador naquele lugar. Eu sempre acordava a tempo de ver o nascer do sol que despontava colorindo as montanhas e os pastos. Tenho saudades de ouvir o barulho dos pássaros e de sentir o cheiro de terra molhada pelo forte sereno da noite. Lembro-me de que, às vezes, era esquecida em cima de uma mesa de madeira, do lado de fora da casa, uma jarra de plástico com um resto de suco de laranja docinho feito pela vovó. As noites naquele lugar eram tão frias que, ao amanhecer, o suco havia virado picolé. Eu adorava aquilo!

Naquela época o bairro tinha uma estação ferroviária e o trem passava por lá toda manhã e voltava no finalzinho da tarde, quando a luz do sol já deixava o céu rosado. Eu e minha irmã amávamos brincar nos trilhos, dizíamos que era nosso caminho amassado e o trem, o amassador!

A uns cinco quilômetros do sítio morava um fazendeiro, muito bem de situação e influente, que se incomodou pelo fato de o trem não parar em sua fazenda. Assim, ele mandou construir uma estação próxima à sua casa e desativar a nossa. Isso prejudicaria toda a população do nosso bairro. Minha avó, muito indignada, percebeu que meu avô e os homens da vizinhança não tomavam a iniciativa de resolver o problema. Assim, decidiu fazer um movimento em prol de conseguir novamente o direito de fácil acesso ao trem. Ela reuniu as mulheres daquele lugar, as quais se vestiram com calças por baixo dos vestidos. Elas pegaram facões, enxadas, pás, foices, e, munidas com suas armas, subiram o inclinado morro até os trilhos para impedirem a passagem do trem. Por causa da coragem de minha avó e daquelas mulheres do povoado ficou resolvido que o trem pararia nas duas estações.

Hoje tudo está bem diferente, a vida mudou. Vovó Maria já não está entre nós. As estações ferroviárias não existem mais, o trem não passa mais cortando as terras do antigo bairro Mandu... Mas o sorvete que virava picolé, o cheiro de terra molhada pelo sereno, as histórias em volta da bacia com brasa, o medo que elas causavam e principalmente a valentia de minha avó, tudo isso vai ficar guardado para sempre em minhas memórias!

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Dalila Lasmari Ribeiro Vieira, 58 anos).

Professora: Maria Luiza Candido da Silva Carvalho  
Escola: E. E. Coronel Paiva – Ouro Fino (MG)



## Sou parte deste lugar

Aluna: Maria Eduarda Ferreira

Já foram contadas muitas histórias de crianças que faziam suas estripulias, mas nenhuma contada aqui, em Ouroana, um cenário tão especial. Separei todas em uma gaveta da minha memória e no coração. Tudo o que guardei contribuiu para manter viva a história de minha cidade.

Faz muito tempo, mas nada impede que coisas boas revirem em meu pensamento. Eu me emociono quando relembro e em questão de segundos os olhos me traem e as lágrimas rolam neste rosto com rugas que provam o quanto já vi e senti nesta minha vida completamente gratificante.

Sei que nem todos conhecem Ouroana, cidadezinha escondida no sudoeste goiano, o lugar é protegido por lindas montanhas e cachoeiras. E ela cresce devagarzinho, sem perder sua graça e simplicidade. Não sei dizer quando Ouroana entrou em minha vida e quando eu entrei na de Ouroana.

Naquele tempo, nesse lugar fechado de matas, vivíamos em fazendas, pois o lugarejo ainda era só mato. Sua existência foi surgindo devagarzinho e calma, como uma cantiga de ninar. Não me esqueço jamais da história que vivi e vivo aqui.

Minha infância tem um cheiro de ar puro. Também vivíamos livres brincando nos quintais. Cabra-cega era nossa brincadeira predileta. Ficávamos o dia inteiro soltos: subindo em árvores, tomando banho no rio e ouvindo gritos de nossas mães desesperadas para não fazermos bagunça.

Recordo-me de uma travessura que me serviu de ensinamento. A família era movida por princípios de respeito e obediência. Eu era menino, um dia fiz a arte de fumar um cigarro. Aproveitei que minha mãe tinha ido a uma festa com meu pai e deixou a criançada toda em casa. Pra mim não tinha oportunidade melhor. Fumei mais ou menos a metade de um cigarro. Quando minha mãe chegou, ouviu a molecada e foi logo me indagar, e eu, como era um filho bem criado, confessei logo, por ter aprendido desde criança a ser honesto. Minha mãe me fez comer a outra metade e ainda me deu uma boa surra. Quando alguém me pergunta se já fumei, respondo ter fumado uma metade e comido a outra.

A cidade entrelaçou seu desenvolvimento com minha vida. Foi aqui que constituí minha família. Cada ano que passou foi marcante, veio junto com minha história, e esse lugarzinho abençoado por Deus foi se formando. Quando me casei, construíram o prédio da escola. Quando meu filho mais velho nasceu, vieram alguns comércios que facilitaram muito a nossa vida. Aos poucos as casas iam surgindo e formando a Ouroana aconchegante de hoje...

Naquele tempo, não tínhamos carros. Aonde precisávamos chegar tinha que ser a pé ou a cavalo. Demorava muito para resolver qualquer problema, por mais simples que fosse. Não me esqueço das viagens para Serra Negra. O povo daqui era muito animado, festávamos a noite toda, iluminados por um João Bobo – espécie de pano encharcado com manteiga e no qual se botava fogo. A dança ali corria solta.

Confesso que ainda não me adaptei a esses tempos de hoje, em que um celular é mais importante que uma refeição com toda a família em volta da mesa, um passeio juntos, enviar uma carta etc. Mas eu sou feliz mesmo sendo ignorado por um neto quando está acessando uma rede social. Às vezes até participo do tal do *selfie*.

Não sei dizer ao certo se sou feliz porque sou de outro tempo ou se ainda estou vivo para assistir a essas transformações que ocorrem e posso ser espectador. Eu só sei que, se não fosse esse pedaço de chão, eu não teria cenário melhor para contar minha história.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Franklin Borges, 76 anos.)

Professora: Nadyanne Bezerra Pinheiro  
Escola: E. E. Itagiba Gonzaga Jayme – Rio Verde (GO)

## Costurando a vida

Aluno: Paulo Henrique Oliveira Barbosa

Bem longe, a umas quatro léguas da pequena cidade de Barras, lá no Irapuá, na casinha de taipa, rebocada, no alto do morro, estava eu acordando cedo, tomando café com beiju de panela, na grande cozinha, com um forno de barro e uma fofalha no pé da parede. A cozinha era separada da casa e bem perto do curral das ovelhas.

Naquele mesmo chão em que meu pai plantava milho, feijão, mandioca e arroz, o capim era nativo. Quando o sol estava no alto da manhã, minha irmã Eva e eu íamos soltar os bichos dos currais. Puxávamos água do poço para encher os potes e dar aos animais, sem medo – estávamos acostumadas. Fazíamos a comida na fofalha. O cheiro do arroz torrado na panela, com feijão e carne de criação, já nos convidava. Mamãe fazia cada delícia: grolados, bolos de goma, de macaxeira... Imagine!

Eu ficava entusiasmada mesmo era quando mamãe nos levava ao rio. Enquanto ela batia roupa – agora dizem “lavar roupa”, Eva e eu jogávamos farinha na água e, num piscar de olhos, quando passávamos o lençol por baixo d’água, estava cheio de piabas. Até ouço o som da água batendo nas pedras...

Como rotina, ao terminar de almoçar, corria para o quarto grande, onde Eva e eu brincávamos com as bonecas que mamãe fazia. A brincadeira agora que ia começar... uma mistura de fantasia com realidade, eu já inventava vestidos para essas bonecas. Olha só como tudo começou! Colocávamos nome nas bonecas: Luísa, Joaquina... fazíamos seus batizados. Veja a mente adulta de uma criança! Enquanto isso, Maria, minha outra irmã, bordava e costurava com perfeição. Minha mãe até paletó na máquina de pedal fazia. Vimos aqui que a arte da costura já faz parte da família e do lugar.

O primeiro vestido que fiz era de listras brancas, azuis e amarelas, cortado ao meio e de colarinho redondo – era de cetim. Minha mãe cortou-o e eu costurei. Senti-me orgulhosa por ter aprendido a fazer peças do quebra-cabeça da vida.

Na juventude, gostava bastante das farinhadas. Sinto o cheiro da puba molhada dentro do coxo, uma vasilha grande, de madeira. Lembro-me do converseiro das mulheres, do chão batido, onde sentávamos e descascávamos as mandiocas ao mesmo tempo que falávamos dos namoricos... fico até sem jeito... À noite, íamos para o terreiro da casa da minha madrinha Rosa. Temendo

a escuridão, já levávamos a lamparina acesa. Lá a descontração rolava solta, conversávamos de tudo, até de assombração. Que medo! Ao me lembrar disso, ainda sinto o sangue correr nas veias. Quanta crendice! As brincadeiras eram diversas: esconde-esconde, caiu no poço, ciranda... tudo na inocência e com respeito, costume de uma cidade pacata.

Quando chegava dezembro, nossa família saía bem cedo do Irapuá para os festejos de Nossa Senhora da Conceição na Igreja Matriz de Barras. Naquele tempo, as ruas não tinham tantas casas, e as pessoas eram sempre alegres. As bandinhas animavam os leilões; a igreja, com a entrada de frente para o rio Marathaoan, atraía muitos fiéis. As missas da padroeira, os cânticos, tudo faz parte da minha vida. Nessa mesma época havia as matinhês, todos dançavam, se divertiam, e à noite os sanfoneiros animavam as festas no clube Centro Operário. Tantas recordações que, de qualquer forma, estão costuradas ao presente!

A vida seguia e eu continuava com meu ofício, as costuras. Muitas delas eram para casamentos. Para as noivas, vestidos simples, cores claras e com muita renda, a moda do momento. Para os noivos, camisas e calças sociais. Mas sabe quando eu costurava pra valer? Era para os carnavais. Que festa empolgante! A Rua Taumaturgo de Azevedo ficava lotada de carros tocando marchas carnavalescas, pessoas pulando... Era só alegria!

O tempo passou; hoje, moro no bairro Pedrinhas II. Época diferente, já tenho máquina elétrica, mas continuo com a de pedal, minha relíquia, que conta em detalhes a minha história, e é nela que eu faço tapetes para me distrair, recordando os bons tempos que não voltam mais.

Tudo fui lembrando como se fosse um ponto de crochê, que de ponto em ponto se torna uma obra de arte. Sou idosa, mas ainda tenho prazer em costurar minha história, que está alinhavada à minha cidade.

Vovó dizia, porém eu não escutava, só enxergava.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Francisca das Chagas Oliveira Barbosa, 65 anos.)

Professora: Maria Zelândia da Silva  
Escola: E. M. Desembargador Arimateia Tito – Barras (PI)

## Doces sabores da infância

Aluna: Milena Gomes Cardoso

Que alegria veio ao meu coração quando me deram a oportunidade de relembrar... retirar do baú da memória coisas que tanto me alegraram na infância, vividas em um lugar mais especial e vivaz do que as belas recordações que ousou despertar.

Minha humilde moradia, assim como todas as do meu bairro, era de feitiço muito simples, em algumas ainda se viam os tijolos mal queimados e o barro escorrendo por entre os vãos, bem típico de casas feitas às pressas. Pois realmente elas foram construídas sem muito esmero, por pessoas que também ansiavam e se projetavam donos de sua própria residência. Pequenas construções erguidas muito próximas umas das outras; algumas compartilhavam o mesmo quintal. Talvez por isso fosse forte o sentimento de pertença: éramos donos, cúmplices do lugar.

Esse era o meu cantinho que cheirava a leite de rosas – perfume usado por mamãe –, que exalava um doce aroma entre os cômodos apertados.

Desde a tenra idade o meu bairro já não era bem visto pelas pessoas do centro da cidade. Sentíamos isso toda vez que brincávamos com alguém que a ele não pertencia. “Meninos das casinhas” era a frase que mais chocava o nosso coração. Uma ofensa que tinha em nossos ouvidos como um chamamento bélico. Muitos enfrentamentos se davam quando esses dois lados se encontravam.

Naquela época, diferentemente de hoje, as nossas ruas não eram asfaltadas, assim como as deles. As nossas casas, mais simples, ficavam escuras devido à queda de energia como as demais cá de baixo; muitos de nós tínhamos cisterna com uma carretilha para retirar água e abastecer-nos, como muitos do centro. Por isso, não compreendíamos o porquê de não sermos bem recebidos nos comércios e pequenas mercearias da época. Ainda hoje carregamos o nome, como se fosse uma nódoa da qual não se separa, “meninos das casinhas”. Contudo, elas são e foram para nós, quando outrora as recebemos, um lar, cujo nome real é tão fraterno quanto o legal “Conjunto Fraternidade”. Nesse ambiente vivi com meus pais. Deram-me tudo aquilo de que precisava para crescer: um lar, estudo e, o mais importante, muito amor e carinho.

Muitas crianças de hoje não têm o privilégio que eu tive. Fazíamos do nosso quintal um lugar de sonhar, um mundo imaginário, que era ofertado a nós crianças, capazes de extrair da imaginação a arte de brincar. Ele era cheio de plantas e delas a mamãe cuidava como se fossem filhos. Nos fins de semana e em outros dias comuns, eu e meus primos brincávamos de casinha. Com as flores e folhas que arrancávamos da nossa pequena floresta montávamos cardápios variados. Esse era só o prenúncio do estrago que fazíamos nas plantas da mamãe. Ela vinha vez e outra como uma fera em defesa de seus filhotes. Pior ainda quando inventávamos ser caçadores de tesouro e furávamos todo o quintal à procura do brinquedo escondido.

O que restou do quintal florido são as boas lembranças que lá vivi; da dor que senti pela perda da mamãe, só o vazio, a saudade e o consolo de saber que fomos felizes o quanto pudemos. Hoje, contemplamos muitas mudanças na geografia e arquitetura do meu bairro e da minha amada cidade. Praças e outras construções ocupam lugares antes inabitados e solitários. Em pequenos espaços vemos a nossa cidade crescer com formas e cores diferentes. A imponência do comércio, o brilho das casas, os sabores dos doces quintais mudaram de fruteiras e bananeiras a lajeados acinzentados sem vida, sem risos e sem história, tudo em nome do progresso e da pretensa modernidade.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Luceni Gomes Pereira, 39 anos.)

Professora: Alessandra Alves Pacifico Campos  
Escola: C. E. José Pereira de Faria – Itapuranga (GO)



## Um sonho

Aluno: Arthur Cechele dos Santos

Hoje com 76 anos, da janela de casa observo todas as manhãs o movimento das pessoas. Pitanga, minha cidade, já foi mais tranquila. É um corre-corre: uns para o trabalho; outros, estudantes, que chegam a pé, de carro ou de ônibus escolar ao Colégio Dom Pedro I, ali do outro lado da rua. Trazem mochilas, livros e cadernos.

Conversam animados. Penso: será que eles têm o sonho de aprender como eu tinha? Meu pensamento voa para uma época distante, vejo-me criança, quando eu e meu irmão íamos a pé para a escola. Nosso material ia num “bocô” – sacola de retalhos feita por mamãe na máquina de costura movida a mão.

Naquele tempo não havia cadernos como agora. Eram folhas soltas e escrevíamos a lápis. Caneta tinteiro, só para os mais velhos. Queria ir à escola para aprender a ler, escrever e fazer contas. As braças, lêguas, atilho... não entendia o que eram na matemática, sabia apenas que aprenderia na escolinha do Rio Batista, de Pitanga. Nasci e vivi minha infância neste lugar encantado para mim, fundado pelo pioneiro José Batista Melo, meu avô.

A merenda era de casa: bolo de fubã, pão com banha ou doce de abóbora, bolinho da graxa, pinhão cozido, mandioca frita, batata-doce assada... Hummm... Que delícia! Só de pensar, o cheiro e o gosto da infância me dão água na boca. Um sabor do céu! Não sobrava nada, apenas tempo para brincar de passa-anel, peteca e futebol, no campinho da escola.

Para chegar à escola passávamos por um faxinal – lugar onde os animais eram criados soltos. Para não fugirem, faziam mata-burro – ponte com tábuas vazadas. Sempre havia bois e vacas bravos. Eu morria de medo. Meu irmão, valentão, dizia: “Venha, não tenha medo! Eu te protejo”. Parece que ainda escuto sua voz, na mão um pedaço de pau, como a espada do Dom Quixote das histórias da professora Alice. Uma vez, levamos um “corridão” de um boi. Subimos como um corisco numa árvore... e o abençoado não saía. Na boca da noite nosso irmão mais velho veio a cavalo e tocou o bendito, no estalar do seu chicote: *tha, a, a!*

Lembro que naqueles anos os invernos eram rigorosos, as geadas na terra vermelha faziam pavios de gelo e, ao pisarmos, as marcas no chão dizíamos ser pegadas de ursos. Às vezes, até caíamos. O mês de julho inteiro era férias devido ao frio. Mamãe fazia “perena” – acolchoado de penas de marreco. Não existia cobertor, edredom, nem aquecedor, como hoje. Minha família se reunia e se aquecia em volta do fogão a lenha.

As aulas da professora Alice ficaram na memória. Todos na mesma sala. Cada série sabia o que copiar. Ela contava histórias de reis, rainhas, bruxas, princesas... e do Dom Quixote. Tinha gravuras maravilhosas! A imaginação corria solta! Piii!

Piii! O apito da serraria nos trazia ao mundo real. Às vezes, passava por ali a boiada, a estrada era nuvem vermelha de poeira, nós corríamos às janelas para ver. “Era boi! Era boiada!” Como era lindo escutar os tropeiros tocando seus berrantes! Fuóóó! Fazia eco nas canchadas. Perto da antiga escolinha conserva-se, ainda hoje, o olho-d’água de São João Maria, aonde muitos vão rezar e pegar água. Mamãe contava que ali passou o monge João Maria, ensinando remédios caseiros e benzendo as pessoas – naquela época não havia médicos.

Tudo o que vivi na época da escola parece distante no tempo, porém vivo na minha memória. O sacrifício valia a pena. Estudar era um sonho impossível para muitos, devido à distância ou pelo trabalho na roça. Ah! Como era simples a vida, sem correria!

Sempre vou ao Rio Batista, visitar meus sobrinhos. Infelizmente, a escola não existe mais, só o campinho. Ao passar pelo lugar onde vivi a infância, as imagens afloram à minha mente: a escola sorrindo para mim, o *triririm* do sininho e a professora Alice nos chamando... Parece que ouço as risadas e os gritos da criançada.

Fiz até a 4ª série, não estudei no ginásio de Pitanga, mas meu sonho, completei nos filhos. Todos se formaram. Das pegadas deixadas ao longo de minha vida, só posso dizer que fui muito feliz.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Ana Batista Alenski, 76 anos.)

Professora: Andrea Maria Ziegemann Portelinha  
Escola: C. E. Dom Pedro I – Pitanga (PR)

## Janelas da memória

Aluna: Rebeca Casemiro Silva

Olhando pela janela do antigo casarão, observo que tudo mudou completamente: as ruas asfaltadas, os postes de luz, as casas cercadas por muros. Recosto minha cabeça cansada e grisalha na janela e fecho os olhos...

Ao longe, ouço gritos de crianças e muita algazarra, sinto cheiro do café fresco e do biscoito de polvilho que se misturam numa combinação perfeita.

Na frente da minha casa crianças brincam com estilingues, utilizando os limões ainda pequenos do quintal do vizinho, frutas roubadas em silêncio, para fazer arte.

De repente, ouço meu pai chamando meus irmãos para ralarem mandioca, prepararem o polvilho, que deverá ser torrado à noite, quando o tempo está mais fresco.

Todos trabalhando juntos, rindo, cantando, fazendo piadas; para nós, tudo era diversão. Minha mãe preparava os ingredientes e meu pai acendia o forno.

Delícias saíam daquele forno: biscoitos, sequilhos... tudo quentinho, era colocado sobre o guardanapo e dentro de uma grande cesta.

Minha irmã Édina e eu pegávamos aquela cesta e saíamos pelas ruas de terra vermelha, de casa em casa, fazendo a alegria das crianças, adoçando a vida da pequena cidade de Irapuã.

Depois que vendíamos tudo, voltávamos felizes com o dinheiro e o passeio.

Ah, como eu queria que aquele dinheiro se multiplicasse e, além de suprir nossas necessidades, fosse suficiente para comprar minha boneca de louça!

Sonhava com a boneca, mas, quando o galo cantava e o cheiro de café fresco invadia o quarto, já ouvia meu pai nos chamar para ir à escola.

A escola... lugar de respeito e silêncio, de cobrança, de castigo, lugar que criança não gostava... mas, entre a escola e a enxada, escolhíamos sempre a escola.

Ah, como eu queria, como eu sonhava com a minha boneca de louça! Pedia, chorava, acreditava que um dia ela viria para os meus braços. Meu pai, um homem sem estudo, porém sábio das coisas da vida, mostrava-me com ações, exemplos e palavras que a vida, apesar de difícil, poderia ser doce, e improvisava com abóboras e espigas de milho muitas bonecas.

Sinto que alguém segura minha mão, abro os olhos cansados e, numa mistura de sensações, vejo minha neta, com sua boneca no colo.

Meu Deus, eu não tive uma boneca de louça, mas o Senhor me deu uma boneca de verdade. Obrigada!

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Vera Lúcia da Silva Vieira, 62 anos.)

Professora: Aline Cristina Garcia

Escola: E. E. P. S. G. Professora Desolina Betti Gregorin – Irapuã (SP).



## Poeira vermelha da saudade

Aluno: Otto Romar dos Santos Reddin

O pôr do sol me encanta, me chama mais uma vez para outros horizontes que se descortinam nos céus de minha alma. De repente, sou menina outra vez e o pó vermelho tingem meus pés descalços.

Subo os degraus da varanda, respiro fundo, ajeito as tranças do cabelo, alinhando os laços de fita, com as costas da mão espanto para dentro dos olhos um resto de tristeza que teima em aguardar meu rosto.

Na minha peteca haverá espaços vazios para as cobiçadas penas do rabo do velho galo índio, que mais uma vez conseguiu escapar escandalosamente das minhas investidas. As feridas do meu joelho ralado vertem riozinhos de dor.

Tudo isso está guardado na memória como registros fotográficos. Com frequência me vejo atravessando a pinguela de uma só tábua, subindo em pés de guabiroba e marmelo, quebrando coquinho de butiã com pedra.

Vivíamos no interior de Rio Negro, num casarão de madeira. Da janela do sótão era possível ler na poeira da estrada de chão batido, rubro como sangue em pó, o rastro de um carro, de uma carroça ou apenas de um cavaleiro a trotar *toc... toc...* no sul do Paraná.

Nosso despertador era outro galo, o “encrenqueiro”; cantava em cima do mourão da porteira, levando para longe as últimas travessuras do meu sono. Minha cama era alta, o colchão listrado de rosa e azul, feito de macias palhas de milho, afofado todos os dias pelas mãos de minha mãe, que também costuraram a coberta de pena de ganso e faziam o sinal da cruz na minha testa, varrendo os meus medos.

O cheiro do café vinha me buscar, com a canequinha branca esmaltada dava bom-dia ao meu pai na estrebaria; no fundo, ele sabia que, mais do que gostar do leite tirado na hora da Mansinha, eu queria mesmo era me parecer com ele, embora meu bigode de espuma fosse mais branco que o dele.

Ainda sinto o cheiro das delícias preparadas por minha mãe: doce de leite, manteiga, chouriço, linguiça, banha, leitão a pururuca, frango caipira em panela de ferro...

Hoje, quando pego o giz, divido o quadro-negro em quatro, um costume herdado da minha professora, que também em quatro se dividia para dar conta de quatro séries na salinha de paredes caiadas. Foi lá que palpitou o coração dentro do peito, cada batida um estrondo grande como trovão em dias de aguaceiro, quando entendi que minha vida seria lecionar.

Naquele tempo tudo era feito com alegria: moer milho na “jorna” – máquina antiga de fazer quirera –, fabricar a própria vassoura com “lajeana” – espécie de arbusto – e varrer a brasa do forno, onde o pão e a broa de milho tornavam-se crocantes, para depois espoucar no céu da boca.

Meu pai, uma vez por mês, ia à cidade vender queijo, requeijão e verduras. No final da tarde, eu esperava o ônibus chegar anunciando novidades. No bolso do paletó, encontrava as delícias do Bar São Pedro: chocolate de guarda-chuvinha, sorvete seco.

A luz elétrica não fazia parte da nossa vida, usávamos lampião e velas de cera de abelha feitas com pavio de retalhos de chita. A geladeira ficava no fundo do quintal, um lugar úmido e de sombra, onde enterrávamos “gasosa” – refrigerante – de laranja e framboesa. Num gole faminto, eu esvaziava o copo.

Após o jantar, rezávamos o terço, minha mãe servia leite com farinha e uma “taiada” – pedaço – de doce de caixa, meu pai ligava o rádio para ouvir o Zé Bêttio. No fogão as últimas rachas de lenha viravam grisalhos fiapos, e eu esperava que limpassem meu nariz preto de fumaça para me aquietar no quarto.

Aos domingos tudo mudava, o lugar ficava movimentado. Ouvia-se o som dos carros trazendo visitas da cidade. Vestimentas coloridas e outro jeito de falar me desviavam das rezas dentro da capela, onde homens sentavam de um lado e mulheres, de outro.

Entristece-me ver crianças brincando no celular, *tablet* ou computador, prisioneiras da individualidade. Não imaginam quão maravilhoso foi tirar de espigas velhas bonecas novinhas, esperar pelotes de argila secarem no forno para amedrontar passarinhos.

Saudades e alegrias permeiam meu coração, observando o pôr do sol da janela de minha alma. Entre pinheiros e pés de marmelo me chegam lembranças e risadas da menina de pés rubros e descalços que viverá dentro de mim para sempre.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Valdete S. Reddin, 40 anos.)



## A máquina de arroz

Aluna: Eveline Rose Vieira de Souza

Guardo vivas em minha memória lembranças de meu tempo de menina. Vim morar, no início da década de 1970, nesta que já foi uma pacata cidade, numa época em que ainda não era tão desenvolvida, nem tínhamos diversões. Meus pais me trouxeram para cá para estudar, pensando no meu desenvolvimento escolar, pois vivíamos na zona rural, onde as condições para o estudo eram precárias.

Minha primeira residência ficava na Avenida Rui Barbosa, uma das principais ruas da cidade. Bem defronte dos meus olhos havia um ponto comercial muito movimentado, a “máquina de arroz”. Para muitos, sinal de desenvolvimento; para nós, crianças, um parque de diversão. Era realmente uma máquina fascinante, principalmente quando estava em funcionamento. Como era divertido observar aquela máquina bem grande, girando suas engrenagens e correias, com muitos tubos e caixas, num processo de beneficiamento de arroz! Era para mim uma grande novidade em termos de engenharia, pois só conhecia lá da roça o arado de bois, o engenho de cana e outras pequenas engenhocas. Ali eu me perdia na imaginação e encantamento. E o tempo esvaía como palhas ao vento. Aos poucos fui entender e aprender que ali funcionava uma beneficiadora de arroz, e esse era o nome correto. Era para lá que os agricultores da região levavam sacas e mais sacas de arroz com casca para serem processadas naquela máquina e se transformarem em grãos limpos, prontos para o consumo. Como os meus dias eram felizes!

Tenho saudades das brincadeiras no entorno dela, pois o resultado final do processamento era uma montanha fofa de casca que se formava nos fundos. Nos fins de tarde, muitos ali se encontravam e brincavam até a boca da noite. Aquela serra de cascas tornava-se um pula-pula ou um escorrega. Lá vai um... A diversão era para todos: pique-esconde, porta-bandeira, pega-onça... Tudo contribuía para nossa felicidade. Os mais ousados davam saltos-mortais e cambalhotas. Era um verdadeiro parque de diversão. Lembro-me ainda do cheiro que as casas molhadas pelo orvalho exalavam no ar e se impregnava em nossa pele; a poeira encrespava os cabelos que eram penteados embaixo de xingos pelos nossos pais. Meninos e meninas eram separados pela serra de cascas e nem imaginavam o que o destino reservava para eles. Brincavam ali duas crianças que se tornariam mais tarde os pais da autora deste texto.

Mas nem tudo era só diversão. Foi lá também que ganhei meus primeiros trocados. A palha não podia ficar estocada e era utilizada para forrar o fundo das “gaiolonas” dos caminhões para transportar gado. Alguns meninos faziam esse serviço e precisavam de uma bacia grande. E era aí que eu ganhava meus trocados, pois alugava a bacia para eles. Assim passávamos o tempo e não percebíamos.

Hoje tudo o que resta dessa magnífica história é uma casa em ruínas, acinzentada pelo tempo, caindo aos pedaços, mas nada apagará da minha memória o vivido ali. Sei que logo esse lugar será transformado em uma moderna construção, porque a nossa cidade vive o progresso ao longo da sua história. A máquina de arroz não funciona mais, mas está lá, merecedora de transformar-se em uma valiosa peça de museu por tudo o que representou na vida de tantos brasilienses!

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Idalécio Rosa de Souza, 51 anos e com a senhora Eva Vieira de Souza e Souza, 46 anos.)

Professora: Lívia Cinara Barbosa Pinto  
Escola: E. E. Sant'Ana – Brasília de Minas (MG)

## Infância no Córrego São João

Aluna: Joyce Aparecida Martins Pinheiro

Vim ao mundo pelas mãos de uma parteira, já que naquela ocasião não havia hospital, ou, se havia, não era comum a todas as pessoas. Nasci numa época em que o futuro da gente já parecia estar traçado. A casinha era bem simples e ficava na comunidade de Córrego São João, localizada no município de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

Fui criada ali mesmo, em meio a uma simplicidade que não tem igual. Cresci junto com cinco irmãs e três irmãos.

Recordo-me com saudades da minha infância e das brincadeiras que enchiam os meus dias de alegria. Naquele tempo, não conhecíamos o luxo dos brinquedos das crianças de hoje, nada era motorizado, nem a pilha, e os nossos carrinhos e bonecas eram fabricados por nós mesmos. As bonecas eram feitas de sabugos de milho e enroladas em pedaços de tecidos coloridos que sobravam das roupas que eram feitas uma vez ao ano. Às vezes, fecho os olhos e tenho a impressão de estar escutando as cantigas que cantávamos outrora, as cantigas de roda que embalavam meus sonhos de criança.

Frequentar a escola naquela época era privilégio de poucos. Meus irmãos e eu não tivemos a oportunidade de conhecer de perto uma professora ou uma sala de aula, já que tínhamos que ajudar nossos pais na lida da roça. Os meninos pegavam firme no trabalho braçal, de sol a sol, e nós, meninas, realizávamos as tarefas da casa, como lavar vasilhas, varrer o quintal, lavar roupa e fazer comida, isso quando havia o que cozinhar. Apesar das dificuldades, aquela ocasião me traz lembranças que ainda hoje vivem guardadas bem dentro de mim.

Sempre tive medo de animais peçonhentos e, como fui criada em meio a tantas crenças, aprendi com minha mãe a benzer contra picada de cobra, mau-olhado, dor de cabeça, quebrante e até disenteria.

Entre as bananeiras espalhadas pelo quintal bem varrido eu suspeitava que o mundo fosse bem maior que o que meus olhos podiam vislumbrar, vivia imaginando outros lugares e criando em meus pensamentos personagens de outras cores, outros costumes, conforme o rádio de pilha, nosso único meio de comunicação, costumava apresentar. Nesse mundinho, entre o quintal, o córrego e a casinha caiada de branco e chão batido, é que os meus dias foram passando e minha infância se desfazendo.

Da minha adolescência guardo poucas lembranças, pois antigamente as moças não podiam namorar como se faz hoje em dia. Também a vida era tão sofrida que acabávamos casando muito cedo por não ter outros planos a seguir. As bonecas de sabugo davam lugar aos filhos, que iam nascendo ano após ano...

Vivi na comunidade de Córrego São João até pouco tempo, porque, depois de velha, acabei me mudando para a cidade em busca de maior conforto; afinal, a vida na roça não é nada fácil. Hoje, com um bocado de netos, gosto de falar do meu passado, de contar os acontecidos e de reviver aqueles momentos que povoam a minha memória, pois sei que só assim, através das lembranças, é que posso manter viva a minha história.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Virgínia Gomes Pinheiro, 61 anos.)

Professora: Paloma Carlean de Figueiredo Souza  
Escola: E. E. Professora Edite Gomes – Turmalina (MG)



## Brincar é coisa séria

Aluna: Andriéli dos Anjos Silva

Brincar de ser gente grande era comum para mim e meus irmãos. Aos 7 anos, em vez de lápis, ganhei uma enxada; em vez de caderno, ganhei um chão seco para cavoucar; e em vez de uma escola para aprender, tive uma roça para semear.

Brincar era somente aos domingos. Eu e meus irmãos brincávamos no fundo do quintal. Nossos pais não tinham dinheiro suficiente para comprar os poucos brinquedos que existiam. Então, usávamos a imaginação, melhor amiga que podíamos ter, para criar as fazendinhas. Afinal, era a única coisa que conhecíamos. Com a inocência de toda criança, tudo ganhava vida. Sabuguinho de milho se transformava em cavalo; laranja, em vaca; laranjinha, em bezerro; coco de bacuri, em porca; e coco de gerimbabo, em leitãozinho.

Nos tempos de guri, vivi na roça capinando, plantando, colhendo. As famílias de Mato do Bál-samo, assim como a minha, criavam algumas vaquinhas, catavam feijão e produziam charque para vender nas cidades vizinhas. Esse era um costume comum dos primeiros moradores. O dinheiro dessa época era mil-réis.

As viagens eram feitas a cavalo ou em carro de boi. Seguir para as outras cidades era uma luta que só! Vendo esses modernos carros de hoje, relembro os dias difíceis que passávamos para ir à cidade vizinha. Levávamos três dias para ir, um de falha e três para voltar. O dia da falha era o dia utilizado para comercializar os produtos produzidos nas fazendas e para comprar os mantimentos para abastecer as casas.

Sendo a pessoa mais velha nascida e crescida aqui, vi Mato do Bál-samo, região formada por fazendas, se transformar no distrito de Anhanduï. Recebeu esse nome devido ao rio que o corta. Quando menino, jamais imaginaria que estivesse presenciando o nascimento deste lugar. E só agora, na velhice, percebo que acompanhei de perto seu desenvolvimento. Vi as primeiras casinhas serem levantadas por volta de 1954. A distância entre uma e outra era de aproximadamente uma légua, o que equivale a seis quilômetros.

Aqui não tinha mercados, nem rodovia. Apenas fazendas e algumas casinhas construídas pelos próprios moradores. A nossa era coberta com folha de bacuri. Depois de prontas não entrava vento nem chuva.

Com o aumento da quantidade de casas, meu tio Francisco abriu o primeiro bolicho. Na mesma época, foi criada a Escola Velha. A vinda de um posto telefônico foi um dos motivos que fizeram com que mais pessoas se alojassem aqui. Assim, pessoas que vinham de outros lugares podiam telefonar para seus familiares distantes. Foi graças ao posto que meus pais matavam as saudades da família que deixaram em Minas para tentar a vida aqui.

Com o crescimento da população, penso que o governo foi obrigado a abrir estradas. Isso foi muito importante para a circulação de carros, ônibus, carretas. Apesar do progresso, Anhanduï ainda tem traços do passado, pois é cercado de fazendas, assentamentos e costumes de quem gosta da tranquilidade da vida no campo.

Minha pele enrugada e os calos nas mãos de tantas enxadas puxadas são as marcas de quem construiu este lugar. Ao olhar para o passado, espero que essa juventude dos dias atuais tenha o estudo como propósito para o bem deles mesmos e para o de Anhanduï, que merece continuar se desenvolvendo e abrigar todas as famílias que aqui se encontram.

(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Aguiuelo Rezende de Oliveira, 89 anos.)

Professora: Elisete Cristina da Costa Arruda  
Escola: E. M. Isauro Bento Nogueira – Campo Grande (MS)

## Marcas da felicidade

Aluna: Joviane Cotrim de Alcântara

Fazenda Serra Nova – Silvânia, lugar onde a paz e a felicidade reinam absolutas. Tenho a honra de fazer parte da história deste lugar.

Aqui aprendi que a simplicidade é uma das coisas mais importantes na vida do ser humano e aqui no meio do mato as pessoas têm muito disso.

Aqui vivi minhas primeiras emoções, minhas grandes alegrias, que marcam até hoje meu viver.

Minha infância foi tão feliz, que ao me lembrar delas meus olhos se emocionam! Acordava com o cantar do galo, abria a janela para ver a bela paisagem e apreciar a melodia de meus cantores preferidos: o senhor canário e o sabiã. Depois mal dava tempo de pegar meu chinelinho, corria até o curral para tomar meu copo de leite que papai havia acabado de tirar da vaquinha mimosa, que por sinal sempre me deixava um bigodinho de espuma. Daí pegava algumas espigas de milho no paiol: palha aberta feito ouro, saltando disputados com algazarra pelas galinhas.

Eu e meus irmãos tínhamos o dia inteiro para brincar, armávamos arapucas, armalços, e ficávamos de “butuca” para ver se era inhambu ou codorna a presa da vez. Éramos autores dos brinquedos e das brincadeiras. Pausa só quando o cheiro de pequi na panela nos conduzia à cozinha – hora do almoço. Mais tarde, mais brincadeiras. Ainda me lembro do versinho dos três marinheiros: “Vamos três marinheiros na carroça do padeiro, cada um com três cruzeiros”. Ah, que saudade daquele tempinho bom!

Quando papai chegava do roçado de noite, era uma beleza, família reunida. Uns sentavam nos banquinhos, outros no “rabo” da fofalha, onde meus pais contavam causos e histórias. E, sem se importar com a fumaça nos olhos, mamãe fazia o jantar. Posso até sentir o cheiro do franguinho caipira que ela preparava deliciosamente em suas panelas de ferro.

Aqui, antes era uma mata, e meu avô derrubou partes dela para pastagem. Anos depois foi construída nossa casinha, com apenas três cômodos, suficientes para abrigar meus sonhos de gente miúda. No quintal: mangueiras, jabuticabeiras, cajueiros e muitas outras árvores, nas quais eu adorava subir.

O tempo passou, muita coisa mudou. Já não há a cantiga do carro de bois, ora estridente, ora manhosa, mas ela se acomodou dentro de mim e se remoja ao vê-lo ali, quieto num canto, onde o conservo como relíquia.

Viajo a tempos remotos, vendo aqui do alpendre da minha casa um muro de pedras construído por escravos de um antigo dono. Esta lá, testemunha da força de um povo guerreiro.

Não me esqueço de um fato marcante que minha sogra contava. Nossa região é cercada pelo Rio Vermelho. Em 1890, ano sem chuva, ele secou, ficando somente a terra rachada em seu leito. Os moradores, desesperados, fizeram uma promessa: se a água voltasse, rezariam uma novena e ergueriam uma cruz. Como Deus é justo, o rio renasceu e a cruz foi erguida, está lá, até os dias de hoje, altaneira como uma aliança entre Deus e o povo de minha terra.

Tive o privilégio de passar minha infância onde a natureza tinha magia e encantos mil. No verão, a paisagem era como de tapete verde que dava gosto de ver. No outono, apreciava o gosto de diferentes frutas. No inverno, logo de manhã, pegava meu paletó de flanela e subia no mourão da porteira. Ali a natureza me abraçava com seu cheiro doce e sereno.

Aqui aprendi que os ipês-roxos florescem no mês de julho; os amarelos, no mês de agosto; e os brancos, em setembro. O curioso é que as flores do ipê-branco só caíam na terra molhada. Sentia brotar do chão o cheiro de futura fartura.

Ficava contando os dias para a chegada da primavera, só para ver o colorido das flores que enfeitavam os jardins da natureza.

Lembro-me de quão ansioso ficava para o fim do ano. Festa de Ano Novo era tradição lá em casa, tudo muito simples, mas com um sabor inigualável. Atualmente fazemos rodízios na casa dos filhos, um legado de meu pai.

Levantar cedo com o cantar do galo, tomar leite no curral, jogar milho para as galinhas, pro-sear com meus pais na beira da fofalha... tudo isso que aqui vivi serão sempre marcas... marcas da felicidade.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Joviano Batista Alcântara Neto, 50 anos.)

## Olhares sobre a cidade das flores

Aluna: Daiane de Oliveira Silva

Estas memórias partem do olhar feminino de três gerações da cidade de Garanhuns, conhecida como “Cidade das Flores”, localizada na mesorregião do Agreste de Pernambuco.

Ah, como não se lembrar de Garanhuns daquele tempo! Pode ter certeza de que era melhor viver naquela cidade de antigamente, pois tínhamos uma vida simples e muito feliz. As pessoas se amavam mais, ninguém tinha pressa para nada, já que pra gente tudo na vida tinha seu tempo.

Ainda me lembro das casas. Quando você vier aqui, ainda verá alguns casarões dos donos de terras que cultivavam café, principal renda econômica daquela época. Um mais lindo que o outro, com aqueles alpendres, que eu vivia sonhando em um dia poder morar.

Mesmo pequena, ia para os cafezais como muitas outras crianças que ajudavam os pais e que brincavam percorrendo aquelas ruas estreitas cercadas de pés de café recheados de “bolinhas” verdes, amarelas e vermelhas.

Ainda escuto o som do trem que vinha de Recife com destino ao São Francisco e parava na estação ferroviária da cidade, que ficava onde hoje é o Centro Cultural. Ele despertava a nossa curiosidade porque as novidades vinham por aquele caminho estreito de ferro que parecia não ter fim.

Cresci sem muito luxo, mas me recordo das festas juninas, o natal dos nordestinos, e da festa mais importante, a de Santo Antônio, padroeiro da cidade, que abençoou esta terra. Mesmo com dificuldade, garanti o sustento e a educação dos meus catorze filhos, criados com dignidade.

Se eu pudesse voltar no tempo, queria viver tudo de novo... A casa cheia com meus treze irmãos, com os quais, na inocência, eu dava asas à imaginação. Recordo-me das bonecas de pano que vovô fazia, das frutas e verduras que viravam brinquedos, como o chuchu que era nosso cavalo e a espiga de milho novo que, com os cabelos amarelos, tornava-se a princesa mais bela. Lata de óleo ou garrafa de água sanitária logo viravam carros onde meus irmãos enchiam de areia e os prendiam por um cordão. As brincadeiras de hoje no meu tempo tinham outro nome: amarelinha era “academia”, pega-pega era “Milu”. E, com essas brincadeiras, vi erguerem o Cristo do Magano, um dos pontos turísticos mais belos da cidade, com 1.030 metros de altura, o ponto mais frio e mais alto. Nunca me esquecerei da construção do Relógio das Flores, o único do Norte e do Nordeste, nosso mais belo cartão-postal.

Pode ter certeza de que eu tinha aquele cabelo armado que a chapinha acabou, pois na época da discoteca – quando se tocavam músicas de qualidade, das quais sinto saudades – a regra era ser livre e soltar as nossas feras.

Vejo uma cidade muito diferente da contada. Só o que não mudou foram as ladeiras, pois vivemos entre sete colinas. Hoje todos andam conectados, compartilham fotos, vídeos, e muitos não querem nada. Noto um consumismo exagerado e vejo todos correrem para se tornar aquele modelo pregado pela mídia; por outro lado, com a globalização, o lugar onde vivo evoluiu muito, pois temos acesso gratuito à educação, saúde e segurança.

Sei que faço parte dessa nova geração, mas, ao contar as lembranças de minha avó Zuleide de Santana e de minha mãe, Eliane Barbosa, elas proporcionaram a oportunidade de imaginar como era Garanhuns, as transformações que passou e como será futuramente. Confesso que senti saudade daquela época em que as pessoas não ligavam com o que a sociedade pensava delas, pois não tinham que agradar a ninguém, só a si mesmas, e isso é que é bom: viver por viver, nada mais. Tempos bons eram aqueles que sabemos que não voltam mais.

(Texto baseado na entrevista feita com as senhoras Zuleide de Santana, 82 anos, e Eliane Barbosa de Oliveira, 47 anos.)

Professor: Arnaldo Gomes da Silva Filho  
Escola: E. E. Professora Giselda Vieira Belo – Garanhuns (PE)

## Os tempos da palmatória

Aluna: Sulamita Pinheiro Santos

Às vezes me pego pensando em como enfrentei com dificuldade certos momentos de minha vida, pois não tínhamos muitas condições financeiras. Época em que a comunidade brotava por entre cacauais e seringais, as casas eram cobertas de palhas e distantes umas das outras, principalmente a taberna.

Eu e meus irmãos andávamos um tempão a pé para comprar o rancho, íamos juntos, tal qual uma fileira de patinhos! E, para animar, chupávamos cacau pelo caminho. Outras vezes brincávamos de manja pega, pra ver se chegávamos mais rápido, pois a taberna ficava lá onde o Judas perdeu as botas, de tão longe!

Lembro-me de que minha mãe nos mandava comprar as coisas e dizia: “Vã num pé e volte noutro”. Eu não entendia o significado dessa ordem e ficava imitando o Saci-Pererê. Então, minha mãe ralhava e, como num ritual, cuspi no chão e, se o cuspe secasse antes de a gente voltar, apanhávamos com cipó de cuieira assado. Era nego correndo o mais depressa possível com medo de levar uma surra!

Meu nome é João Evangelista Cunha Nogueira, mais conhecido como Nequito. Nasci em 1951, em Terra Nova, Careiro da Várzea, Amazonas. Tenho 63 anos e esta é minha história.

Cresci em uma localidade chamada Canteirão, em Terra Nova. Não tive infância, porque comecei a trabalhar muito cedo. Ajudava meu pai nos cultivos de mandioca. Eram tempos trabalhosos: acordávamos, tomávamos café com beiju e íamos ao roçado limpar os pés de mandioca.

Logo cedo aprendi a manejar bem um terçado. Aos 15 anos, minhas mãos estavam grossas e calejadas! E me orgulhava quando as pessoas falavam que eu tinha mãos de macho!

Estudos? Quase nada! O pouco ensino que tive foi numa escolinha de madeira que ficava na casa da professora Edwirges. Naquele tempo, eu e meus irmãos andávamos cerca de duas horas para chegar à escola. Transporte? Nem em imaginação!

O ensino também era rígido, se não aprendesse a tarefa, pegava bolo na mão com a famosa palmatória, que a professora fazia questão de deixar em cima da mesa como uma ameaça. Ainda lembro que tremia de medo quando ela dizia: “Escreveu, não leu, o pau comeu!”.

Uma das aulas de que mais tínhamos medo era da sabatina da tabuada: a professora colocava os alunos ao seu redor e, com a palmatória na mão, saía perguntando. Tínhamos que responder rapidamente e o que errava pegava bolo na mão pelo colega que acertava. O bolo tinha que ser forte! Era um castigo, e quem tivesse pena do outro pegava bolo também. Naquele época, ou o caboclo aprendia ou ficava burro de uma vez!

Naquele tempo não tínhamos merenda e chegávamos em casa cansados e mortos de fome! Tive que abandonar a escola na 2ª série, depois de repetir alguns anos. Hoje os tempos são outros: luz elétrica, água encanada. Usávamos lamparina para alumiar e carregávamos água do rio em baldes de cuieiras e colocávamos no jirau para lavar louça e no pote para beber.

Hoje em dia os alunos têm tudo na escola para aprender: livros, transportes, merenda. Só não aprende se não quiser! Até a malvada da palmatória não existe mais! Pena que mesmo assim ainda não dão valor.

Ah! Uma das coisas de que tenho mais saudades daqueles tempos era das peripécias que fazia na juventude. Os antigos contavam histórias assustadoras, de Matins e Misuras, que assombravam as pessoas nos cacauais e seringais ou nos terreiros em noites de luar. Então, eu me aproveitava disso e me disfarçava de assombração para assustar as pessoas (risos). Como eu me divertia com aquilo!

Na minha juventude tive momentos bons, me diverti bastante! Ia para as festas e festejos do padroeiro e namorava, dançava, passeava e brincava. Casei-me e tive cinco filhos, os quais me deram seis netos que me fazem muito feliz!

Atualmente, sento à sombra da mangueira que plantei quando criança e olho ao redor, observando meus netos. Então, percebo como o tempo passou. Muita coisa mudou, outras já não existem mais! Lembro-me dos acontecimentos marcantes, enraizados neste lugar, tal qual esta árvore que tive a honra de plantar. São nítidos na memória, os tempos difíceis, os tempos da palmatória, bem como os bons tempos que foram felizes e compensatórios!

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor João Evangelista Cunha Nogueira, 63 anos.)

## Um salto para trás

Aluna: Maria Heloíza Barbosa Tavares

Da janela do meu antigo casarão eu tinha um olhar desta cidade com ruas adormecidas, frondosos pés de algarobas e frequentes seresteiros em noites de lua cheia. Uma melodia clássica vinda da vitrola de dona Ester, minha vizinha, me distraía sempre. A música? Ah! A música fazia-me bailar em pensamentos, pois a severa educação imposta por meu pai impedia-me de estar no meio daqueles. Minha liberdade era medida entre a escola e a minha casa. Assim era o dia a dia de muitas moças santo-antonienses.

Naquela época, a falta de energia elétrica nos direcionava a sentarmos nas calçadas para um bate-papo entre familiares e amigos. Nas noites de lua cheia, a visão que tínhamos dela era como se destampasse seu olhar deixando-nos em êxtase, pois não havia torres, nem fios de eletricidade cruzando o ar como hoje. Ventos leves traziam os aromas de currais de gado que circundavam o nosso município. Em meio a esse aconchego, debruçava-me no colo de minha mãe e ouvia os contos populares, e em especial a lenda do “Salto da Onça”. A vida aqui era muito mansa. Lentos eram os gestos, as rezas, as conversas. Agora, as coisas já não são mais assim. Temos que acompanhar o ritmo da modernidade. Não sentamos nas calçadas como antes. As moradas parecem gaiolas por causa da violência. Um aglomerado de lojas, galerias, edifícios apagou as paisagens das serras e de frondosas árvores, mas não o que minha mente fotografou.



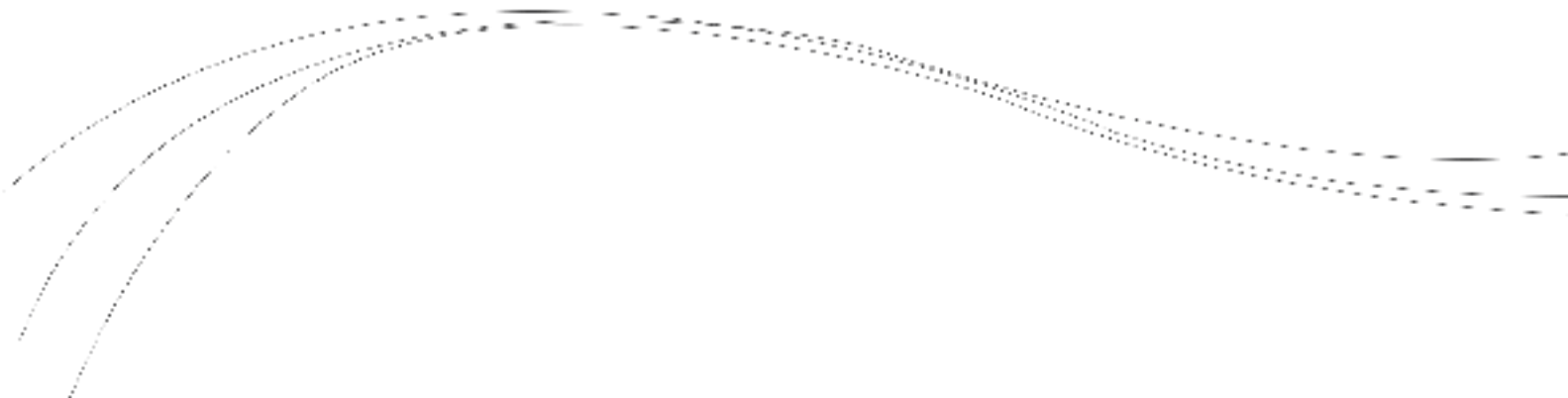
Lembro-me também de quando não tínhamos água encanada. Vi cenas de pessoas carregando água em jumentos com cangalhas e barris. Havia até quem se equilibrasse com latas d'água na cabeça desde o açude do senhor José do Carmo. E quando chovia? Ah! Era aquela festa! Antigamente dava para ver o claro dos relâmpagos nos céus do sertão. Hoje há muitos prédios que cobrem minha frágil visão. Meu pai dizia que os relâmpagos eram sinais de uma boa cheia no rio Jacu – rio que banha a nossa região. Quando isso acontecia, se espalhava a notícia de que tinha chovido na cabeceira do rio e daí começava o corre-corre das pessoas à espera das enchentes. Até os sapos se espalhavam por toda a cidade, saudando os novos visitantes trazidos pelas águas. Nos intervalos das enxurradas, formavam-se morros de areia trazida pelas águas que serviam de brinquedo para a garotada.

Hoje o rio chora de saudades dos tempos de águas claras que serviam de berçário para os peixinhos, das carícias das canoas que faziam o percurso de uma cidade à outra.

O tempo me fez ver o progresso desta cidade dar os primeiros passos. Atualmente o casarão é uma vitrine onde deixo expostas essas memórias.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Edite Costa de Oliveira, 88 anos.)

Professora: Mércia Fontoura  
Escola: E. M. Doutor Hélio Barbosa de Oliveira – Santo Antônio (RN)



A crônica, em suas múltiplas facetas, traz um olhar singular para o cotidiano. O cronista ilumina situações, fatos, atribuindo-lhes novo sentido. Sensações, observações, lembranças e casualidades se misturam. O que poderia passar despercebido torna-se encantador, envolvente, surpreendente, marcante. Os alunos-autores aprenderam a aguçar o olhar, a escolher e burilar as palavras para escrever um texto que instigue o leitor desde as primeiras linhas. Nossos jovens cronistas identificaram personagens pitorescos, peculiaridades das diversas regiões. Ao ler estas crônicas, você terá a oportunidade de conhecer um pouco do modo de ser e viver do brasileiro através das lentes de estudantes do último ano do Ensino Fundamental e do primeiro do Ensino Médio das escolas públicas dos quatro cantos do país.

# crônica





- 146** Quaresmeira de concreto  
Rafaely Monique Albuquerque Grilo de Carvalho
- 147** O São João sem o brilho da fogueira  
Suellém Vitória Santos de Oliveira
- 148** Soldados da vida  
Luísa Soares
- 150** Exclusividade  
Ester Raquel Ferreira de Araújo
- 152** Heróis sem nome  
Jéssica Sipriano de Freitas
- 154** Final de semana  
Elana Guimarães Pereira
- 156** Os meninos carregadores  
Jackeline Palma dos Santos
- 158** Literalmente cego  
Felipe Augusto Silva Nascimento
- 160** Do Inferno ao Paraíso  
João Pedro da Silva Bravo
- 161** Sangue inocente na Babilônia  
Marcelo Silva de Lima
- 162** A Sociedade Secreta das Galinhas  
Alisson Henrique Bernardes da Silva
- 164** Calor do momento  
Victor Chagas
- 166** Rumo à capital  
Gabriel da Silva Soares
- 168** Árvore da nossa vida  
Eguinaga Gomes de Santana
- 169** Quem disse que domingo não tem feira?  
Rafaella Vitória dos Santos
- 170** A gigante centenária  
Fabiana Pereira Ianse
- 172** O mundo de uma única cor  
Isabella Kéttlin Silva Barros
- 173** De quatro em quatro anos  
Andria dos Santos Moraes
- 174** O último balé  
Lorena João Daniel
- 175** Ops!  
Aracy Frutuoso Alves
- 176** Vozes de Tião  
Letícia Ganassini
- 178** Apaixonante rua minha  
Daniely Lopes Barbosa
- 179** “Só entra quem pode”  
Carlos Camilo Batista Vieira
- 180** Colóquio rural  
Mariane Mello de Souza
- 182** Viaduto  
Andressa Silvino Cardozo Bezerra
- 184** Feira: cheiros, temperos e versos  
Francisco Alves Quirino
- 186** A tempestade  
Quétilla Gaspar da Silva
- 188** Reinado oculto  
Matheus Henrique da Silva
- 190** O último jogo de baralho  
Beatriz da Silva Souza
- 192** Cenas da vida real  
Júlia Nathaly Cavalcanti Mendes de Sales
- 194** Bandeira branca, amor  
Laura Lorena Pinto Borba
- 195** Ilustres moradores  
Rita Gabrieli Garcia Oliveira
- 196** Cavalgada solitária  
Vítor Luiz Kohler
- 198** Sonoro tic-tac...  
Cleiton Jesus Andrade Pereira
- 200** O jogo da velha  
Roberta Amanda Ferreira de Aquino
- 202** O mapa do meu tesouro  
Thaylle Oliveira Queiroz
- 204** O herói envergonhado  
Rebeca Ramos de Melo
- 206** Sobre princesas, festas e Posse dos Coutinhos  
Ana Carolyn M. Guimarães

## Quaresmeira de concreto

Aluna: Rafaely Monique Albuquerque Grilo de Carvalho

A quaresmeira da rua, a rua da casa e a casa do bairro já não me pertencem... na minha cidade das flores alguns encantos são preservados; outros, nem tanto. A quaresmeira, à margem do rio, preenchia o meu olhar. Não, não era apenas uma simples árvore. Era minha amiga quaresmeira, uma companheira, quem me trazia paz. Todas as tardes reclinava meu corpo em seu tronco firme, e a vontade de ser livre como aquelas folhas que dançavam em cima de mim, até adormecerem profundamente quando caíam no chão: ora eram bailarinas, ora eram princesas, e minha imaginação voava. Cansada, podia sentir o pulsar dos seus vasos condutores, seu tronco era forte e seguro. Eu descansava olhos e aquecia os pensamentos.

Cuidávamos uma da outra. Ela adubava minha alma, eu alimentava suas raízes. Ela equilibrava minhas pragas, eu remediava suas enfermidades. As flores solitárias, grandes e vistosas, entrecortadas com tons de branco, rosa e violeta, revelavam o processo de polinização, acompanhando o meu desabrochar de menina a mulher. Era uma relação sólida e suave. No final das tardes, eu sentava ao seu lado, para chorar ou rir. Sim, nós conversávamos. E como eu a entendia!

Ela demonstrara certa inquietação: suas floradas, muito próximas, denunciavam tragédia e alarmava o meu coração.

O dia acordou com som da agonia encoberto pelo grito das máquinas: *TRUUU! TRU! TRU! TRU!*

– O Rodoanel passará por aqui! – notificava o operário que separava, com tapumes de madeira, a quaresmeira de mim. Meus olhos sobressaltados, afogados na dor, não acreditavam na divisão:

– A quaresmeira! O que vocês farão? Não!

O grande Rodoanel demolidor – do sonho, da vida, da quaresmeira – seria construído. Três terríveis máquinas com dentes de retroescavadeiras devoravam a alegria, fincavam vigas geladas e passavam por cima da metade do bairro, arrancavam pela raiz: as vidas, as famílias, as árvores, a minha quaresmeira. O grito, engasgado na garganta, corria como desespero pelos olhos.

No lugar da minha companheira há uma pilastra de cimento tão resistente e tão vazia! Uma quaresmeira de concreto... Agora, a cidade das flores perdeu sabores e cores, é palco de um teatro melancólico de dores. E, hoje, a quaresmeira da rua, a rua da casa e a casa do bairro já não me pertencem...

Professora: Elaine Ferreira de Matos dos Santos  
Escola: E. E. Professora Leda Fernandes Lopes – Suzano (SP)

## O São João sem o brilho da fogueira

Aluna: Suellém Vitória Santos de Oliveira

Hoje é noite de São João, observo as pessoas chegando ao grande evento da cidade. Muitos jovens alegres vibram com copos na mão, ao embalo de músicas que pouco se compreende, a não ser pelo trajeto do corpo que desliza até o chão num gingado sensual. Os enormes saltos das sandálias das mulheres contrastam com o piso em que elas dançam, embebedam-se e se divertem com entusiasmo de uma noite única.

Hoje é noite de São João, procuro festejos alusivos a esta noite e não encontro. Onde está a fogueira? Só vejo o brilho dos faróis dos carros que se alternam em movimentos de inquietação. E os fogos que homenageiam a grande noite? Já não se ouve o estrondo provocado por eles. Apenas o barulho das músicas, com som cada vez mais alto é o que se nota. As madrinhas e seus afilhados em volta da fogueira, para onde foram? As comadres também estão em extinção, concluo.

Hoje é noite de São João, vejo apenas a iluminação elétrica refletida nos postes que ofusca o brilho da noite. As pessoas, entretidas com celulares, teclando nas redes sociais com alguém distante, esquecem que estão no meio de uma multidão e permanecem sozinhas no mundo virtual. Ao redor das mesas, e não das fogueiras, todos festejam a ilusão daquela noite e, com o nascer do sol, vão para casa exaustos, com a certeza de terem festejado o São João.

Tudo isso pensava durante a noite de São João enquanto me lembrava das conversas da minha mãe, olhava as velhas e amareladas fotografias nas quais minha família e vizinhos se encontravam felizes em volta da fogueira. Nesse momento alguém bate à porta. É minha querida madrinha de uma linda noite de São João, quando ainda existia o brilho da fogueira.

Hoje é noite de São João?

Professora: Francisca Rosineide de Lima Pereira  
Escola: E. M. E. F. I e II Antônio Carlos de Paiva – Olho-d'Água do Borges (RN)

## Soldados da vida

Aluna: Luisa Soares

Posso dizer que minha vida recomeçou há exatamente um mês, naquela tarde quente e agradável, típica de cidade do interior. Sentada sob as árvores da Praça Saldanha Marinho, ponto central de Santa Maria, observava as folhas dos plântanos caindo em uma dança silenciosa, coordenada pelo vento norte que soprava havia alguns dias na região central do Rio Grande do Sul. Estava cansada, admito. Duas longas semanas de provas escolares, em que não apenas nossos conhecimentos foram testados, mas também nossos nervos foram postos à prova, serviram para me trazer a este recanto sombreado, onde buscava toda a calma que havia deixado de lado durante aqueles dias.

Após longos minutos observando a ventania, reparei que não estava só. Crianças corriam pela grama, divertindo-se com o vento e com as folhas, mas somente uma delas me chamou a atenção. Até hoje não sei se foi porque era a única menina que não estava alegre – pelo contrário, julguei-a cansada, pelo modo da sua postura, encurvada, e os passos lentos – ou se foi por conta do cabelo que, pintado com cores extravagantes, contrastava com a tristeza do olhar. Apenas sei que comecei a observá-la, curiosa de ver o que faria.

A garota levava pernas de pau, e segurava-as como se tivesse feito isso durante toda a vida. Com a mão livre ela puxava um menino pequeno, que também aparentava cansaço, e trazia apenas uma caixinha, fechada, o que me impedia de ver o que guardava. Ambos estavam vestidos com roupas coloridas, que, mesmo esfarrapadas e rasgadas em alguns pontos, eram comuns a um palhaço. Entretanto, as semelhanças acabavam aí. Nada tinham do lirismo, fragilidade e visibilidade – pelo contrário. Eu, mesmo cansada, era a única que os enxergava, surpresa pelo fato de que crianças tão pequenas, tão tristes, escapassem aos olhos até mesmo daqueles que se julgavam atenciosos observadores. Foi assim que entendi a diferença entre enxergar e ver: muitos os enxergam, mas poucos os veem.

Observei-os indo em direção à avenida, onde automóveis, motocicletas e ônibus disputavam lugar nas movimentadas ruas de minha cidade. A menina afagou a cabeça do menino e ambos sorriram levemente, repetindo o que parecia ser um antigo ritual. Ele pegou sua caixinha e a abriu, deixando muitos pirulitos, balas e jujubas coloridas à mostra, enquanto a menina forçava um sorriso e subia nas pernas de pau, aguardando o semáforo fechar.

Quando o fluxo de veículos parou completamente, eles começaram o dia de trabalho. A moça – imagino que não possa mais chamá-la de menina, pois era perceptível que, em tão tenra idade, já havia passado por diversas agruras – começou a fazer malabares enquanto se equilibrava nas pernas de pau. Simultaneamente o garoto passou vendendo os doces, arrecadando apenas algumas moedas, mas que foram suficientes para provocar um belo sorriso em seu rosto. Assim que o semáforo abriu para os carros eles saíram da via, contando, animados, o valor que tinham recolhido, apenas para que a tez morena da jovem se enchesse de rugas: o valor arrecadado não fora suficiente. Voltaram às ruas mais algumas vezes, recolhendo pouco mais que a quantia inicial, até que resolveram recolher as coisas e encerrar o dia de labuta.

Enquanto esses pequenos soldados da vida caminhavam, percebi que já estava escurecendo – era hora de ir para casa. Entretanto, meus olhos, cansados e surpresos, continuaram fixos na cena que se desenrolava. Ambos aparentavam estar com fome e sede, mas poucos realmente os viam. Exceto eu. Já não era uma mera espectadora, mas sim uma das inúmeras personagens da história da vida. Minha venda caíra perante essa triste realidade, permitindo-me ver algo que poucos realmente viam: a desigualdade. Santa Maria, cidade cultura? Talvez um dia...

Professor: Fabiano Silveira Machado  
Escola: Colégio Militar de Santa Maria – Santa Maria (RS)



## Exclusividade

Aluna: Ester Raquel Ferreira de Araújo

O maior evento de São Gonçalo do Amarante estava para chegar. Não se tratava apenas de uma festa de São João, São Pedro ou Santo Antônio, era tudo isso junto: o São Gonçalo Junino. Eu precisava estar linda para a ocasião, e para isso foi necessário economizar quase cinquenta reais para comprar aquela beleza que ficava exposta na vitrine.

Todos os dias eu ia à loja para verificar se o vestido ainda estava lá. Tinha vontade de escondê-lo para que ninguém o visse. Faltavam dois dias para a festa começar. O calçadão já estava todo enfeitado, as barracas, organizadas, o palanque, montado, mas o meu lindo e exclusivo vestido ainda não estava comprado. Conte novamente o dinheiro, porém ainda faltava um tantinho. Fui à loja e, como quem suplica, pedi um desconto. Consegui! Trouxe nas mãos aquele embrulho com a mesma alegria de quem traz a taça da Copa do Mundo, tão linda e única, objeto de desejo de tantos... mas só um pode ter. Eu era a dona do vestido. Nenhum artista da Terra ou qualquer outro teria maior brilho do que aquela peça azul com renda branca nas mangas e na gola.

Chegou o grande dia! A cidade estava mais iluminada do que nunca. Algodão-doce de todas as cores, comidas típicas e bugigangas de todo tipo contornavam a nossa lagoa. Gente de tudo quanto é lugar vinha para cá nessa época do ano, atraída, principalmente, pelos artistas famosos. Mas quem estava se sentindo uma estrela de Hollywood era eu. O vestido ficou perfeito em mim. Fiz muita questão de passear para lá e para cá, visitei todas as barracas, com aquela sensação de conquista e de liberdade para expressá-la. Éramos três: eu, o vestido e a festa.

De repente, em meio a tantas cores, havia uma especial: outro azul, além do meu, reluzia. Que susto! Susto maior foi quando a criatura ficou de frente para mim. O vestido era igual ao meu. Grosseira e im-per-do-a-vel-men-te igual. Naquele momento, quis que acontecesse um milagre: ou chovesse ou eu sumisse ou o mundo acabasse. Mas eu não sumi, não choveu, e a Terra, para dizer que não tinha nada com isso, continuou girando. Senti-me traída e injustiçada, mas estávamos frente a frente, algo teria que acontecer. Olhamo-nos por alguns instantes, com ar de surpresa e constrangimento. Caímos na gargalhada, como uma explosão de raiva e indignação. Aquela história de rir para não chorar é verdade. Nós preferimos rir a chorar.

Apesar de tudo, naquele ano, o São Gonçalo Junino, a maior festa da minha cidade, teve uma grande estrela: eu.

Professora: Tércia Maria Gomes Martins

Escola: E. E. P. Adelino Cunha Alcântara – São Gonçalo do Amarante (CE)



## Heróis sem nome

Aluna: Jéssica Sipriano de Freitas

Monotonia no meu bairro rima com todo dia. Aromas, cores, sons... tudo me é tão familiar quanto respirar. No entanto, naquele dia aparentemente igual a tantos outros, um novo som invadiu a mesmice rotineira, chamando minha atenção. Um carro, desses que fazem propaganda de qualquer coisa, em um volume absurdo, se deslocou através de uma rua próxima à minha, quebrando o familiar silêncio com o qual meus ouvidos estão acostumados.

O automóvel anunciava o próximo jogo do Criciúma, time que carrega o mesmo nome da minha cidade, convocando os torcedores para irem ao Estádio Heriberto Hulse para empurrar o “Tigre” para mais uma vitória.

Quando o anúncio acabou, o hino do Criciúma começou a tocar e, por algum motivo, eu comecei a prestar atenção no que cada verso da canção dizia. Os primeiros, em especial, chamaram a minha atenção: “Lembrando os heróis do passado que escreveram seus nomes na história...”.

A frase ressoou em minha cabeça repetidamente enquanto meus olhos acompanhavam o percurso que o carro fazia ao longo do caminho.

Sem motivo aparente, me peguei pensando sobre quem seriam os heróis do passado. Os ex-jogadores do Criciúma Esporte Clube, antigo Comerciarão? Os prefeitos, que governaram essa cidade com sabedoria? Não sei.

Sempre que alguém menciona Criciúma, o que vem de forma imediata à minha mente é “Cidade do Carvão”. Carvão esse que foi comprovadamente um dos principais responsáveis por alavancar o progresso da cidade. Carvão esse que foi extraído de minas por homens que arriscavam suas vidas todos os dias com nada além de um par de botas e um capacete, armados apenas com a coragem. E ninguém sequer sabe quem são esses homens.

Eles são anônimos, mas fizeram muito mais pela nossa cidade, me arrisco a dizer, do que qualquer um. Eles fizeram história, mas onde escreveram seus nomes? É comum encontrar praças, ruas, ginásios, estádios, instituições com nomes de políticos, de empresários, mas não com o nome de um mineiro. Aliás, o único espaço público que eu conheço em minha cidade que presta

homenagem a esses bravos guerreiros é o monumento ao mineiro, que fica na Praça Nereu Ramos, no centro da cidade. “Aos homens do carvão”, diz a inscrição. Homens do carvão, sem nome próprio, sem sobrenome. Anônimos, generalizados sob o título mineiros, representados na praça do monumento por uma fria estátua de bronze.

Eu conheço um mineiro. Seu nome, José Paulo. Sobrenome, de Freitas. Para o bem da cidade, mineiro. Para meu orgulho, meu pai. Simplesmente o homem mais corajoso que já conheci! Lembro-me de quando ele saía de casa durante a madrugada para ir trabalhar, tomando cuidado para não acordar ninguém. Lembro-me de quando eu não queria ir dormir, porque sabia que quando acordasse meu pai não estaria mais ali. Na época não fazia ideia, mas hoje percebo que um inocente “boa-noite” poderia ter se transformado em um trágico “adeus”. Lembro-me de todas as vezes em que me sentava perto dele, preparada para escutar atentamente mais uma história.

Em uma dessas histórias que escutei muito mais de uma vez, meu pai contava que ele e um grupo de mineiros quase morreram trabalhando. Então, me pergunto: quantas vezes isso deve ter acontecido em outras minas, com outras pessoas. Será que essas outras pessoas tiveram a sorte de sobreviver, assim como meu pai? Ou será que elas se foram dessa vida, silenciosamente, anonimamente como viveram, sem deixar seus nomes na história?

Quantos milhares de homens morreram nas minas e sem eles quantas famílias fraquejaram? Quantos órfãos de pais heróis, quantas esposas desconsoladas esses homens deixaram para trás?

Voltei a observar o movimento na estrada e ao longe ainda consegui ouvir o carro a tocar o hino. Lembro que sorri, ouvindo os primeiros versos da canção, desta vez sabendo com convicção a resposta à minha pergunta inicial: quem são os heróis do passado?

Para mim, os heróis do passado não são ex-atletas, nem ex-políticos, nem ninguém reconhecidamente famoso. Eles são pessoas comuns. Pais de família. Homens anônimos. Seus nomes poucos conhecem. Mas será que heróis precisam mesmo de nome?

Professora: Eliane Teza Bortolotto

Escola: E. M. E. I. E. F. Padre José Francisco Bertero – Criciúma (SC)

## Final de semana

Aluna: Elana Guimarães Pereira

Todo domingo acontece algo praticamente sagrado, e não é a missa. É algo cultural que passa de pai para filho. Como faço parte dessa cidade, não posso ficar de fora. Comecei minha produção impecável para o esplêndido evento. Experimentava: blusa clara, escura; sapato alto, baixo; melissa, sapatilha. E a dúvida cruel... Cabelo solto ou amarrado? Naquele momento, pensei em todas as meninas que poderiam me ver e depois comentar pessoalmente ou pelo “Face”.

Depois do almoço, com visual digno de um Oscar, fui para o tão badalado campinho de futebol-soçaite. Tive de me sacrificar um pouco, ao subir a nossa famosa Rua do Comércio, que no domingo parece uma passarela do “Lagoa Fashion Week”. Podiam-se ver modelitos exclusivos para aquele grande acontecimento.

Naquela subida interminável, com o sol flamejando minha cabeça, consegui chegar. Como sou uma pessoa cronista por natureza, preferi observar a ficar me exibindo à beira do campo.

De repente atentei os meus ouvidos a gritos vindos do fim do campo. Tentei ouvir, mas não dava para entender o que se dizia. Como eu não podia perder um babado para contar na escola no dia seguinte, aproximei-me de uma roda imensa de espectadores daquela cena. As pessoas assistiam à discussão como ao final de uma novela das oito. Então, escolhi um lugar para ficar de camarote.

Eram duas mulheres se ofendendo com insultos impublicáveis, que até agora estou desinfetando meus ouvidos para despoluí-los de tantos palavrões. Detalhe: isso foi apenas um aperitivo, para introduzir a baixaria.

Como briga de mulher não fica só no bate-boca, aguardei ansiosamente os famosos puxões de cabelo. Eis que surge um copo de cerveja atirado no rosto da outra e aí a briga começou a ficar feia.

Uma mulher bem magra, esquelética, de quase dois metros, se atracou com outra, baixinha e gordinha, e rolaram no chão vermelho da rua do campo. A aparência das duas parecia de um furador de fossa. Na briga valia tudo: puxões de cabelos, unha no rosto, e o *show* não acabava.

Eu não me contive na minha curiosidade e perguntei aos outros observadores daquela briga o que tinha acontecido. Para minha surpresa, veio então o motivo do desentendimento: a magricela viu a gordinha piscando para o marido dela.

A briga só acabou quando a prima da gordinha entrou no meio da roda e pediu para parar porque havia um mal-entendido ali. A coitada não tinha piscado para ninguém. Ela tem um tique nervoso e pisca o tempo inteiro.

A Lagoa é assim: tudo o que acontece vira notícia.



Professora: Nadyanne Bezerra Pinheiro  
Escola: E. M. E. F. Areno Martins Vieira – Rio Verde (GO)

## Os meninos carregadores

Aluna: Jackeline Palma dos Santos

É sábado e a cidade ganha vida, fervilha de gente. Os moradores da zona rural despontam junto com os primeiros raios do dia, montados em animais, trazendo pesadas cargas. Frutas de todas as cores e sabores, hortaliças, raízes, a tradicional farinha de mandioca... Aos poucos, o cenário vai sendo montado e a feira livre toma corpo, movimentando a alma da pequena cidade do Recôncavo Baiano.

Pessoas que negociam, que se cumprimentam, que aproveitam o momento para pôr em dia as novidades da semana. Em meio às ruas calçadas de pedras, a agitação se espalha em ondas, mantendo viva uma tradição. Há aqueles que costumam chegar bem cedo, para lá fazerem a primeira refeição do dia. Cuscuz, mingau e bolos diversos incrementam o cardápio e adoçam os paladares dos visitantes. Encontro de amigos, de vidas, de sonhos.

É um vaivém desenfreado. Disputam-se as melhores mercadorias, as mais frescas, as mais novas, mas luta-se também por um trocado, uma moeda qualquer. Aqueles meninos, talvez pequenos no tamanho, tornam-se gigantes na cena.

Embora crianças, lá estão eles no papel de carregadores. Com seus carrinhos de mão, adquiridos com muito suor, amontoam-se logo na entrada do local, à espera de uma alma bondosa que os enxergue, que os requisite.

Atentos, procuram por serviços, disputam espaços, tentam vencer as pelejas da vida. “Carro de mão, freguesa?” – é a frase que ouvimos a todo instante, fazendo-nos lembrar uma realidade que existe, mas é por muitos ignorada: a necessidade do trabalho precoce, quase sempre motivo de ausência na escola. Carregam sacos, pacotes, compras... muitas vezes uma carga que ultrapassa o limite físico da idade que possuem.

O trabalho árduo, porém, não os envergonha, nem lhes tira a alegria. Divididos entre o esforço e a brincadeira, trocam apelidos, fazem apostas, divertem-se uns com os outros, descolam uma laranja de um feirante conhecido e riem de si próprios, revelando a leveza e a descontração, próprias da juventude.

Observo tudo aquilo de longe, mas conheço de perto toda aquela lida. Meu irmão é um deles. Vejo-o sentado na beirada do seu carrinho, balançando as pernas, impaciente. Aproximo-me. Uma senhora de cabelos bem alvos chama-o para levar suas sacolas. É a sua primeira viagem. Ele sorri: “O dia não está perdido”, mas antes acena para mim. Nossos olhos conversam em silêncio. Ele segue adiante. Parada, ali mesmo, no centro da feira, penso em minha mãe, em nossa história, em Deus...

Entardece e o sol dá o tom da despedida. A feira começa a se esvaziar, as barracas são cobertas por grossas lonas, visitantes e feirantes retomam seus destinos, a calmaria então volta às ruas da Terra Morena... E os meninos carregadores? Estes voltam para seus lares cansados, mas, sobretudo, cheios de contentamento e dignidade, satisfeitos por contribuírem para o sustento da família. Na cidadezinha, a próxima feira é esperada com ansiedade, como se espera pelo sonho de uma vida mais justa.

Professora: Maria da Conceição de Souza Silva  
Escola: C. E. Governador Luiz Viana Filho – Nazaré (BA)



## Literalmente cego

Aluno: Felipe Augusto Silva Nascimento

Eu praticamente não conseguia ver nada, apenas um céu pálido e um sol sem luz. Não estava cego, apenas tinha acabado de fazer exame de vista, então estava meio complicado não só para enxergar como também para andar.

Minha sorte era contar com a minha mãe, que estava comigo no ponto do ônibus. Sim, infelizmente, eu estava em um ponto de ônibus e fazia mais de 25 minutos. Sinceramente, não gosto de andar nesses transportes daqui, porque, além de eles demorarem a passar, vêm sempre lotados.

Depois de muito tempo de espera, um ônibus finalmente parou e, para a minha surpresa, ele estava vazio, não literalmente vazio, porque havia umas cinco ou seis pessoas. Eu não consegui contar direito, porque vi apenas seus reflexos. Eu e minha mãe nos acomodamos nas cadeiras da frente – ainda hoje eu me pergunto por qual motivo, mas talvez estivéssemos cansados demais para nos locomovermos até as cadeiras do fundão.

O ônibus para na Integração. Ele, que estava vazio, se enche rapidamente, como se milhares de formigas entrassem em um formigueiro, e todas ao mesmo tempo. Um idoso entra no ônibus e fica em pé, pois todas as cadeiras estavam ocupadas. Minha mãe, comovida com aquela cena, olha para mim e diz em voz alta:

– Felipe, deixe o senhor sentar aí.

Infelizmente, tive que fazer isso, digo “infelizmente” não porque eu dei a minha cadeira, mas porque a minha mãe poderia ter dado a cadeira em que ela estava, em vez de ter oferecido a minha. Fiquei meio chateado.

Fiquei em pé uns dois minutos, até eu me surpreender com uma voz doce e feminina, que vinha lá de trás, dizer:

– Você não quer sentar aqui? Tem uma cadeira sobrando.

Não pensei duas vezes e fui até lá, pois sabia que era comigo, só havia eu em pé.

– Mas é claro – respondi, com o tom de voz baixo.

Após ter sentado e relaxado por alguns segundos, a minha atenção volta-se para a moça que me cedeu a cadeira.

– Obrigado – eu disse, com o tom de voz aliviado.

Aquela linda voz me respondeu dizendo suavemente que não havia motivos para agradecer.

Mas aquela não era uma voz qualquer. Ela era doce, linda e encantadora, na qual os meus tímpanos ficaram viciados durante os segundos seguintes. Eu olhei para a moça, mas não vi o seu rosto, pois os meus olhos ainda estavam sob o efeito do colírio. Consegui perceber que o seu cabelo era curto, tão curto quanto o meu, mesmo assim não conseguia desviar a minha atenção, pois, de fato, eu estava apaixonado por aquela voz.

Depois de alguns segundos, ela se volta para mim e começamos uma conversa. Eu falava pouco. Aproveitei ao máximo aquele timbre, que me deixava em paz. Eu apenas queria que aquele momento único nunca acabasse. Diante disso, percebo que a minha mãe olha para trás e me vê rindo ao lado da moça. Minha mãe, naquele momento, deveria estar com orgulho de mim, por me ver rindo e conversando com uma garota, provavelmente muito bonita.

O tempo passa, conversa vai, conversa vem, e eu ainda não tinha nem perguntado o nome dela.

Naquele momento, senti um cheiro podre entrar pelas janelas do ônibus. Obviamente, seria do Canal de Bodocongô. Fiquei preocupado, porque estava próximo da minha parada e ela ia saber que eu moro ali. Então, eu tinha que me apressar para perguntar o nome dela. Sem mais enrolação, suspirei e disse:

– Bom, nós conversamos bastante, mas eu ainda não sei o seu... Não terminei a frase, pois a minha mãe me interrompeu, dizendo:

– Felipe, nossa parada é aqui. Dê tchau ao seu AMIGO.

Professora: Daniele Ferreira Ribeiro  
Escola: E. E. F. Professor Itan Pereira – Campina Grande (PB)



## Do Inferno ao Paraíso

Aluno: João Pedro da Silva Bravo

Alvorada é um bairro singelo, discriminado pela maioria das pessoas, pois é onde ocorrem os maiores espetáculos das paginas policiais. Porém, como todos os sertanezinhos já sabem, é aqui que tudo termina, é aqui onde as pessoas sentem a luz pela ultima vez, onde sentem o primeiro punhado de terra jogados por cima de suas lápides, trancadas com choro ou com ouro.

Moro num bairro vizinho de onde os mortos vêm morar: o Paraíso. É irônico, não? Um lugarzinho charmoso, mas que também tem seus problemas e confusões.

Hoje, por exemplo, é uma noite confusa, como muitas outras noites.

Lã fora, o que se ouve novamente são sirenes, pessoas sussurrando o medo presente, gritos insanos, homens fardados cada vez mais perto e as mortes na sarjeta.

E nas casas tão belas, transfigurando a humildade de uma família, o trabalho suado e as marcas da violência ali presentes. Dentro dessas casas vê-se uma mãe suspirando em aflição, com dois filhos nos braços, orando para seu companheiro entrar por aquela porta ileso.

Naquele espaço verde, há uma praça catita, aludindo a uma fração do Éden, ofuscada por uma fumaça que espalha o vício pelo ar... A fumaça sai da boca do menino cambaleante, se afogando nas próprias lágrimas, as quais trazem vergonha e ódio.

Dentro dos bares, homens bebem sem parar, golfando os próprios vícios nas calçadas, e ainda implorando por mais uma dose de morte.

Então, me pergunto: “Qual o sentido de morar no Paraíso?”. Um paraíso confuso, invertendo os significados impostos para um paraíso mais parecido com um “purgatório”.

E eu te respondo, meu caro, que em todos os paraísos existem anjos, e este não podia ser diferente. Anjos estes que ficam no portão esperando o abraço da mãe, após um dia de trabalho duro; anjos que dançam com as bolas nos pés rumo ao gol no fim da rua; anjos que levam os filhos para a escola com a esperança de um futuro melhor; anjos que sorriem, que transformam o problema em solução, que ligam o amor com a compreensão, que tiram o ódio e colocam no seu lugar uma semente de amor e uma promessa de felicidade.

Anjos que fazem o céu parecer mais azul, que fazem muitas vezes do Inferno um verdadeiro Paraíso.

Professora: Vanessa Aparecida Turtero Ferreira

Escola: E. M. E. F. Professor Roberto Zanutto Desidério – Sertãozinho (SP)

## Sangue inocente na Babilônia

Aluno: Marcelo Silva de Lima

Bang! Bang! Bang! Essa é a rotina na comunidade da Babilônia, uma das mais carentes da cidade de Fortaleza, Estado do Ceará. Todos os dias a insegurança, o medo que impõe o silêncio, a desumanização. Tiros e mais tiros. A nossa Faixa de Gaza.

Ouçõ barulho de sirenes, trotes de cavalos, pisadas fortes. Igual a muitos moradores, sinto a curiosidade em ver o que está acontecendo e me apresso para vestir uma camiseta. Mal termino de me vestir, ouço batidas no portão. Corro para abrir e não vejo ninguém. Já na rua, me deparo com uma multidão, rostos tristes, alguns chorando. A expressão nos rostos dessas pessoas me comove antes mesmo de saber o ocorrido. Sigo a multidão pelas ruas da Babilônia, a favela mais perigosa do Barroso, bairro da periferia da capital cearense, onde reina a escuridão.

Chegamos ao local da ocorrência e estamos diante de uma cena arrasadora, de partir o coração da pessoa mais fria: um homem estendido no chão, com várias balas alojadas na cabeça e, ao seu lado, um garotinho que levou um tiro no braço. O pai ainda em vida tentara proteger o filho.

Mais moradores acorrem ao local e tentam ajudar como podem. Uma mulher, numa atitude gentil, coloca o pequeno no braço e, desesperada, corre a fim de levá-la com urgência a um hospital. Fico atônito, sem reação. Até o céu parece lamentar e escurece. Não demora e começa a cair uma chuva fina, chorosa, como as lágrimas de tristeza das pessoas. O sangue derramado logo fica negro ao se misturar com o esgoto. Impossível esquecer o que acabo de ver e passo a sentir a dor da família enlutada, um aperto no coração, uma dor inexplicável.

Ao sair do local com os olhos cheios d’água, e segurando o choro, volto para casa. Passo por uma rua próxima ao crime e vejo um pequeno bar. Homens e mulheres bebem e conversam normalmente, como se nada tivesse acontecido. Parecem estar “se divertindo”, não se importando com a vida humana. A indignação dá lugar à raiva, penso em gritar com aquelas pessoas, mas eu me controlo. Só me restam a revolta e o silêncio.

Em meu caminho para casa sou acompanhado pela trilha sonora do paredão, as potentes caixas de som dos carros, a batida no último volume: “Na Faixa de Gaza sô homem-bomba / Na guerra é tudo ou nada / Várias titânio no pente / Colete à prova de bala”.

Professor: Sivaldo Miguel Ferreira Abdon

Escola: E. E. E. F. M. Professora Maria Gonçalves – Fortaleza (CE)

## A Sociedade Secreta das Galinhas

Aluno: Alisson Henrique Bernardes da Silva

Cá estamos em Muzambinho, a cidade pacata que virou notícia por algo inusitado: as galinhas. Na verdade, o motivo de atenção da mídia aqui é uma lei que proíbe a criação dos pequenos bichinhos em zona urbana. Pobres galinhas! Algumas pessoas concordam com a novidade, outras discordam. Aham um absurdo criar uma lei sobre algo sem nenhuma importância. Os ladrões de galinha estão indignados... A fonte de renda deles, quem vai garantir agora?

E a opinião das benditas aves em questão não conta? Puxa! Aí você deve estar pensando... Como assim? Galinhas nem sabem pensar! Aí é que você se engana, camarada, elas não estão gostando nem um pouquinho da novidade. E como sei disso? Bom, é complicado explicar, mas vamos lá...

Dona Terezinha é uma senhora muito simpática, de incríveis 98 anos. Não se engane, pois ela está esperta que nem criança. Mora sozinha em um casebre perto da velha cooperativa, com suas muitas galinhas. Às vezes apareço por lá para tomar um café. Ela faz umas quitandas que são uma delícia.

Entre nossas boas e longas conversas, ela me contou algo difícil de acreditar: as galinhas sabem falar! Estranho, né? Eu sei, mas é verdade. Eu vi, ou melhor, eu as ouvi conversando umas com as outras.

Estavam nervosas, chamando todas as galinhas da vizinhança. O galo Zê tentava organizar aquela bagunça. Propunha uma revolta, e a vingança era minuciosamente planejada. Todos davam palpites...

Chegando vagorosamente, Risoleta, a mais velha do quintal, resmunga:

– Loucos! De nada isso vai adiantar! O fim das galinhas caipiras já está traçado! Os humanos preferem aquelas metidas galinhas de granja!

Zê retrucou prontamente:

– Não escutem essa velha gagá! A nossa solução é simples. A gente rouba um ônibus, bota a galinhada dentro e foge pra outra cidade.

– Isso mesmo! – diz um franguinho valentão. – Muzambinho nem tem mar! Vamos é pra Porto de Galinhas!

– Falar é fácil. Quem vai dirigir? Você? Prefiro virar ensopado – diz Risoleta, já se retirando, indignada...

Alguém, do meio do galinheiro, em piados tristes, diz:

– Ela tem razão! Tudo isso é loucura. Somos meras galinhas...

– É assim? Vamos ficar de bico calado? Querem acabar no almoço de sábado? – O galo ergue a crista e sobe no poleiro mais alto. – O negocio é o seguinte: vamos sequestrar o tal prefeito! É fácil! A gente avisa o papagaio que mora lá perto e depois...

– Ei, pera aí! Olhem lá o garoto na janela! – O garnisé canta alto e todos olham em silêncio para mim. Dona Terezinha rapidamente fecha a janela e me manda embora em um estalo.

– Você não viu nada, mocinho – diz ela, apressada. – Leva umas bolachas pra comer depois. É uma boa hora de ir embora.

Bem, não consegui escutar o resto da conversa, mas já não duvido de mais nada. Isso é tudo o que sei. Contei a um amigo e ele me chamou de mentiroso – já era de esperar. Quanto a você, acredite se quiser, mas tenho certeza que elas estão planejando algo grande. Quem sabe até vão todas fugir de Minas e dominar Pernambuco inteirinho. Ou pior: a Terceira Guerra Mundial... Ei, não se espante se um dia as galinhas dominarem o mundo, hein? Só não diga que não avisei!

Professora: Maria Hilma Marques Silveira

Escola: E. E. Professor Salatiel de Almeida – Muzambinho (MG)

## Calor do momento

Aluno: Victor Chagas

Eram dias e noites chuvosos e quentes pelos quais passava o Recife. Enquanto as terras do sul sofriam com a seca – numa sádica, insólita e irônica inversão do destino –, os Estados da mata branca vinham passando por dias molhados, e pouca água não era problema por ali. Muito mais problemática era a greve da polícia militar, decretada no meio do dia, e que matava de medo antecipado os que ouviam os boatos: meliantes marcavam hora para roubar.

Compreensivelmente, hás de concordar, tensa com o caos corrente na cidade, entra no elevador a empregada do quinto, que pensa em sua casinha lá longe, em Cavaleiro. Enquanto a ansiedade por seus filhos lhe carcome o coração, dá de cara com dona Ana, senhora ativa do sétimo, e Maria das Graças, mãe de Sofia, que vive no nono.

– Boa noite – diz baixo e se acanha num canto para em paz se preocupar.

As duas outras, depois do cumprimento, caem em silêncio, desconcentradas e sem nada a dizer – era da greve que falavam.

– Então – comenta dona Ana, com os óculos de grau lhe crescendo os olhos –, e desse calor cruel, o que pensam?.

Ao que das Graças, com a cara de drama, responde:

– Mulher, que sufoco! Nem ar-condicionado triunfa num bafo forte desses!

A senhora, sorrindo, diz que é mesmo, ninguém merece quentura assim. A mulher minguada cala, como muda – sem ar-condicionado, não pode nem quer opinar. Parado o elevador, as madames vão para a garagem e a empregada, para o ponto, pegar ônibus – o primeiro de três.

Vazia já a rua, a mulher, quase sozinha, murmurava para si. Rezava a ave-maria, rogando à mãe de Deus proteção em sua trilha e para a vida de seus filhos. Chegado o ônibus, muito menos vazio que a via, fez o sinal da cruz e se calou. Os santos lhe atenderam a prece, uma etapa do caminho foi concluída sem crise. A segunda mostrou menos compaixão – ao descer do coletivo cheio, com mais meia dúzia de valentes, viu-se em meio a uma algazarra. Na falta de polícia, muita gente aproveitava a cegueira da justiça e despojava uma lojinha da geladeira tão querida.

Se primeiro a pobrezinha ficou pasma – empalideceu mesmo –, logo um sangue ardente lhe fervia a cabeça. Era certo que seus filhos se achavam bem em casa. Mas lá era quente, quente como um inferno, e, aqui, agora, florescia uma chance singular. Se todos faziam, podia ser tão errado assim? Sinceramente, que carência sentiria um endinheirado comerciante de um único aparelho de ar-condicionado? Não mereciam seus filhos essa bênção? Pois bem. Agarraria sua chance. E, na semana seguinte, daria seu parecer quanto ao clima às senhoras do ascensor.

Professor: Josemar José Barbosa  
Escola: I. F. P. E. Campus Recife – Recife (PE)



## Rumo à capital

Aluno: Gabriel da Silva Soares

Acordo cedo. Com despertador em forma de gatilhos, com latidos e com o cantar do galo da vizinha.

Na esquina escuto tocar “Nada como um dia após o outro”. É como se as pessoas não escutassem a música, apenas a ouvissem. Elas são tão acomodadas...!!! Levam os dias sempre da mesma forma, veem sempre as mesmas notícias sobre os mesmos problemas.

Estou compondo uma nova música de esquina, o nome é “Nada como um dia mais previsível que o outro”.

Tenho um encontro às cinco da manhã. Aonde vou, se reúnem muitas pessoas. Elas não se falam, apenas demonstram paciência, como aqueles monges do Camboja. Aqui elas esperam o ônibus.

De repente, o espírito de monges pacientes muda para o de corredores ferozes em busca do primeiro lugar, e, no final das contas, o lugar são os centímetros quadrados ocupados pelo corpo, que se equilibra em uma barra de ferro no teto, rodeada por uma cordinha que atravessa o coletivo.

Dentro de um ônibus, as pessoas comentam sobre tudo, sobre a vida alheia ou suas desventuras. É incrível como é possível entrar na vida delas apenas escutando. É como se tudo aquilo fosse uma exceção concedida pelo espaço-tempo, onde a vida em si passa despercebida aos seus olhos, pois sua meta é sair dali e seguir o dia.

A estrada entre Santa Maria e a capital é longa, e existe uma grande fronteira de realidades distintas nessas estradas que ligam as cidades do entorno a Brasília.

Dizer que não existem injustiças sociais por aqui é como dizer que não há esquina em Brasília.

Puxo a cordinha, desço os degraus e observo o que se passa pelo trajeto. As pessoas, quando estão caminhando, parecem estar em modo automático. No que elas estão pensando? Observo mais um pouco e pergunto se elas realmente pensam, e, se pensam, pensam em algo além de “Tenho que trabalhar para pagar minhas contas”?

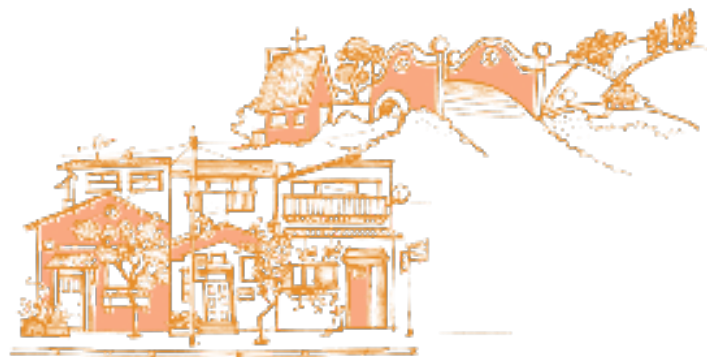
E a pergunta final acaba sendo o que esses pequenos momentos significam em suas vidas ou o que suas pequenas vidas significam nesses pequenos momentos.

Há muitos caminhos, muitas possibilidades e muita coisa bonita nesta cidade. Aqui a poesia está presente, nas pessoas, nas paredes, no concreto e no abstrato. E assim um dia normal flui, soando como uma melodia em completa sintonia.

As pessoas não percebem, mas estão interligadas. E quem se vê de longe? O que vê? Sou parte dessa ponte que liga esses dois pontos.

Nada como um dia após outro.

Professor: Carlos Eugenio da Silva Rego  
Escola: C. E. M. Setor Oeste – Brasília (DF)



## Árvore da nossa vida

Aluna: Eguinaga Gomes de Santana

Em uma grande manhã de domingo, na Rua da Paz, para onde você olhasse, veria diversas árvores, tendo ao lado belas casas. Havia uma que parecia especial para a criançada. É uma pena que algo estava para acontecer, e prejudicaria toda aquela paisagem.

Preocupadamente passavam diante das árvores homens que as olhavam e cochichavam. Fortes, com seus bonês estranhos na cabeça. Às vezes, surgiam sobre as árvores umas crianças de olhos claros e, atentos ao movimento, brincavam sobre elas sem saber que aquela seria uma das suas últimas brincadeiras.

Naquele domingo pela manhã, os meninos brincavam na copa da árvore, enquanto as meninas tomavam um solzinho, deitadas sobre um lençol branco, quando perceberam que aqueles homens queriam alguma coisa. Usavam roupas rasgadas e calças velhas, com machados grandes nas mãos. Estavam ali, parados e muito silenciosos diante dela, como quem dá a última oportunidade para a vítima se defender e mostrar que não merece ser tombada. Por alguns instantes, eles se olhavam e se separavam.

De repente, apareceu na porta a dona da casa que morava ao lado da árvore. Ela estranhou o que viu, aproximou-se das crianças e percebeu os machados nas mãos dos homens que, lentamente, atingiram o gramado e levantaram seus instrumentos de destruição contra o caule da linda árvore. Sempre olhando para a idosa com um ar de desafio, batiam o armamento sem dó na pobrezinha.

Em seguida, calados, retiraram a terrível ferramenta, levantou-a bastante como se quisessem mostrar quem foi o vencedor, quem detinha mais poder, e com uma cautelosa retirada, colocou-a sobre o ombro e em poucos instantes já não estavam mais ali – nem eles, nem a árvore.

Lã, do outro lado da rua, os filhos daquele lugar assistiam a tudo o que acabara de acontecer, durou mais de horas, mas eles pereceram em poucos minutos, desconfiados e preocupados. Permaneceram em silêncio. Seus pais imaginaram uma encrenca e pensaram no sossego. Não duvidaram de nada: no outro dia, mudaram-se e venderam a casa. A rodovia chegou.

Professora: Gilvanna dos Santos Ferreira  
Escola: C. E. Nelson Rezende de Albuquerque – Gararu (SE)

## Quem disse que domingo não tem feira?

Aluna: Rafaella Vitória dos Santos

E todo domingo é a mesma coisa. Grito da mãe, sono arrastado, café com pão quentinho e... feira!!!

Domingo sem feira é como namoro sem beijo. E lá vamos nós. Mamãe se arma do carrinho e de quebra carrego uma bela sacola florida.

Feira em Uberaba é assim: colorida, barulhenta, divertida, com cheirinho de churrasquinho de gato e lo-ta-da!

Todos esperam ansiosos pelo principal evento dominical da cidade.

Enquanto mamãe se mistura às outras senhoras discutindo o preço do tomate e experimentando um gostoso abacaxi, me pego a observar aquela imensidão de pessoas que, em grupos ou sozinhas, por ali perpassam sem nenhuma pressa, afinal... é manhã de domingo.

Em cada rosto cansado um sorriso animado, o corpo acompanhando uma música que toca na barraca ao lado. Crianças sendo puxadas pelos pais que nem sequer observam a boca lambuzada de sorvete barato que comprou ali perto.

E o pastel com garapa! Ah! Essa é a vedete da festa! Vem gente lá do centro da cidade só para experimentar essa gostosura da feira da “Badia”. Tem aqueles que ficam em festa e bailes e acabam se encontrando em uma barraquinha de pastel para repor as energias.

Famílias caminham felizes com aquele bonito galo amarrado para o almoço de domingo na casa da avó.

Sem contar as barracas que durante a semana estão em outras feiras menores e não menos importantes nos bairros mais afastados da cidade.

É hora de voltar, mamãe se aproxima com frutas, verduras, doces, ovos e até uma muda de flor. Vamos para casa após desfrutar de momentos ricamente divertidos que estão sempre tão perto da gente, mas que nem sempre os vemos com olhos de gratidão.

Professora: Luciene Ribeiro de Carvalho Otaviano  
Escola: E. M. Adolfo Bezerra de Menezes – Uberaba (MG)

## A gigante centenária

Aluna: Fabiana Pereira lanse

Ao lado da biblioteca municipal vive uma senhora centenária, talvez a mais velha cidadã que há por aqui. Sim, a considero cidadã porque faz parte da história da minha cidade, do meu município. Essa senhora mora aqui desde muito tempo, talvez antes de o primeiro morador chegar.

Ela nasceu, cresceu, viu o distrito emancipar-se. Viu também os carreiros de terra por onde as carroças passavam darem lugar às estradas nas quais hoje os carros vêm e vão. Outras viviam ao lado dela e espalhadas por toda parte, como contava minha bisavó. Porém, o progresso foi chegando de mansinho e as suas vizinhas foram desaparecendo, mas ela, por ter sua morada privilegiada, bem na esquina de uma das principais ruas, ficou ali bem sozinha...

Essa senhora nasceu não sei se pelas mãos humanas, por bênção da natureza ou por uma gralha-azul que resolveu enterrar seu pinhão por estas bandas. Essa senhora da qual estou falando é uma araucária, que para muitos pode ser só mais uma árvore entre as milhares que existem por aqui, mas, para mim, ela é uma velha conhecida que posso apreciar todos os dias, e, sei, guarda segredos e acontecimentos importantes que esconde fielmente em seu íntimo, pois se falasse não acharia ninguém à sua altura para compartilhá-los.

Por aqui ela é mais conhecida como “o pinheirão” – é ponto de referência. Seus ramos são o abrigo de pássaros, especialmente das curucacas. E da minha sala de aula posso ver a casa do João-de-Barro que já faz tempo construiu sua morada no lado norte de um de seus galhos. Também é nesses galhos que, eventualmente, muitas pipas se enroscam enquanto estão passeando pelo céu, comandadas por algum menino num dia de vento forte de verão. E, para deixar clara sua imponência, é impossível resgatar a pipa que se enroscou nos seus espinhos, pois não há ninguém que se atreva a escalar seu enorme e maciço tronco. E bem lá no alto, na sua copa, nasceram bromélias vermelhas, ardentes, e dá para avistá-las de longe enfeitando o verde da sua ramagem. E quando chega dezembro ela se torna símbolo do Natal. O seu tronco fica crivado de pisca-piscas que mais parecem estrelas anunciando a chegada do Menino-Deus. Todos ficam extasiados admirando a sua exuberância. E bem ao seu pé o Papai Noel distribui doces às crianças que vão apreciá-la.

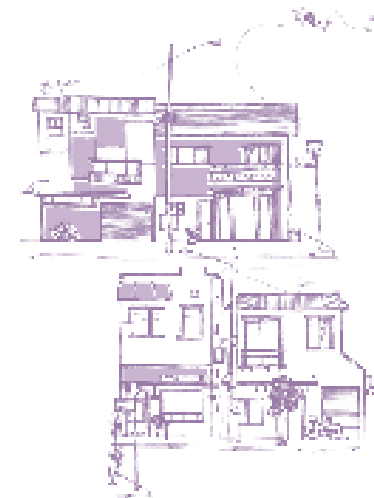
Muitos versos já foram escritos em sua homenagem e muitas pessoas já se inspiraram com sua beleza. Lugar de namoros feitos e desfeitos, de beijos roubados, um lugar aconchegante para namorar. Muitos invernos já passou, sentindo a geada ou até os flocos da neve se chocando com seus galhos.

E me pergunto: “Será que alguém, alguma vez, a regou, ou ela cresceu somente com as condições que a natureza lhe ofereceu? Será que meus pais notaram sua existência quando eram jovens? E os meus avós?” Não tenho respostas.

Desejo, do fundo do meu coração, que continue aqui, para que, quando meus filhos nascerem, eu possa ensiná-los a apreciar e a respeitar esta bênção que Deus derramou sobre minha Santa Maria do Oeste. Este lugar que vivo, que amo, que possui essa riqueza centenária chamada araucária e que já presenciou tantas histórias por tantas gerações...

Ah! Se ela falasse...

Professora: Maria Julia Batista Mendes  
Escola: E. E. F. M. Padre José de Anchieta – Santa Maria do Oeste (PR)



## O mundo de uma única cor

Aluna: Isabella Kétlin Silva Barros

“Da janela lateral do quarto de dormir...” Parece letra de música e é, mas a realidade não é tão poética assim. Da minha janela posso ver, desde pequenina, a mesma coisa – poeirão –, moro em uma rua muito movimentada. Parece que toda a cidade passa por lá uma hora ou outra do dia.

O corre-corre de crianças subindo e descendo de bicicleta, mães puxando os filhos pela mão, idosos caminhando a esmo, tudo isso coberto por um poeirão sem fim, como se a rua fosse um mar de terras voadoras que nunca param para descansar e se assentam em algum lugar.

Poeira, poeira, poeira... O chão das casas está cansado e reclama de tanto receber o pano de chão molhado, que tenta em vão ganhar uma guerra perdida contra a teimosa e obstinada poeira.

Como uma engolidora das cores, ela vem como uma nuvem e cobre as flores, as folhas, os telhados, tudo... Tudo fica marrom como chocolate; até o arco-íris ficaria marrom lá no céu se aparecesse por aqui, aliás, o céu fica marrom todas as tardes quando o sol dá seu adeus alaranjado e se retira dando graças a Deus por estar longe o bastante da poeira que cobre o meu mundo. É no entardecer que também a molecada corajosa sai à rua para jogar bete até o negrume da noite aparecer e espantar todos dali.

Raras vezes há o refrigério de um caminhão-pipa que molha a rua em vão tentando apagar a poeira, porém o caminhão nunca consegue vencer a batalha, mas luta com rigor e disciplina na tentativa de tornar essa rua um pouco menos monocromática.

Da janela lateral do meu quarto de dormir observo e reflito sobre a passagem do tempo. Percebo então que aqui o tempo passa encolhido em um canto, como um ratinho escondido, pois nada muda, nada sai do lugar, nada é mais presente que a poeira marrom e... de alguma forma, sei que isso é bom.

Passamos meses assim, afogados no mar marrom da nossa vida, até chegar o dia em que uma gota de chuva cai do céu e, com ela, milhões de gotas vêm nos proporcionar um espetáculo de cores e cheiros, porque é indescritivelmente esplêndido o cheiro da chuva molhando e lavando o chão – assim como ela lava a poeira, parece que também dá um banho em minha alma, que se renova e refresca como a terra.

O colorido volta a surgir e proporcionar a este mundo um agradável aroma de renascimento que “fascina, inebria e entontece”... mas aí já é outra música.

Professora: Andreia de Souza Rosa

Escola: E. E. F. M. Padre Ezequiel Ramin – Alta Floresta d’Oeste (RO)

## De quatro em quatro anos

Aluna: Andria dos Santos Moraes

Minha rua não é “A rua”. Ela é como a maioria das ruas: alguns buracos, calçadas desgastadas, vizinhos fofoqueiros, barracos familiares, polícia 24 horas... e assim vai. Minha rua é habitada por adultos que saem às 5 horas da manhã para trabalhar e de jovens que acordam às 12 horas para estudar. Nada de muito emocionante acontece, até que de quatro em quatro anos ocorre um fenômeno. Aquele evento que une e reúne toda a nação brasileira, todos os países do mundo e, consequentemente, toda a minha rua: a Copa do Mundo.

Quem acordou na manhã do dia 12 de junho se deparou com uma cena que só ocorre de quatro em quatro anos mesmo. Crianças, jovens, adultos e até a senhora da casa 9, de que não me recordo o nome, reunidos. Todos pendurando enfeites, bandeiras enormes, pintando a rua, e tudo que se podia pintar de verde e amarelo ganhou cor naquele dia. A rua, que parecia esquecida pela prefeitura, foi asfaltada. Até o presidente do bairro, que ninguém nem sabia quem era, deu o ar de sua graça.

Nos jogos das outras seleções era a mesma coisa de sempre: adultos saindo para trabalhar e jovens acordando para estudar. Mas nos jogos da seleção brasileira... Ah, caro leitor, era uma festa! Todos deixando de lado as obrigações de trabalho e atividades escolares, e, no caso da senhora da casa 9, o crochê, para voltar seus olhares para um telão que o tal presidente do bairro instalara em frente de sua casa para os moradores assistirem aos jogos da seleção.

Passaram-se lances, pênaltis, expulsões, polêmicas, gols, defesas e vários jogos, até que chegamos à tão sonhada semifinal. O jogo era entre Brasil e Alemanha.

Claro que nós queríamos a nossa rival Argentina, mas que ela viesse na final. Estávamos todos unidos e com os olhos fixos no telão quando, de repente... que decepção: 7 x 1 para os alemães! Soa o apito final e, com ele, damos adeus ao hexa e à final com a nossa rival Argentina.

O presidente tirou o telão, os moradores arrancaram os enfeites e as bandeiras, e tudo o que foi pintado de verde e amarelo foi repintado. No outro dia, a rua voltou ao normal. Alguns buracos já se abriam nela, as calçadas voltaram aos seus desgastes, os vizinhos fofoqueiros, que ao término do jogo não tinham mais o que comentar, voltaram a fofocar um da vida do outro e os barracos familiares retomaram a sua frequência normal (todos os dias). Já que a união havia acabado, a polícia continuou a rondar 24 horas e o tal presidente do bairro voltou ao anonimato.

Professora: Damares Silva Araújo

Escola: E. E. Homero de Miranda Leão – Manaus (AM)

## O último balé

Aluna: Lorena João Daniel

O sono ainda tomava o meu corpo, mas a obrigação já me punha de pé, na incansável rotina de uma estudante que mal conseguia comandar o movimento das pernas que a levariam até o ponto de ônibus. Ponto de tortura, pois o vento congelante resfriava-me da cabeça aos pés. Pés que àquela altura já estavam como pedras de gelo.

Apesar do intenso frio, a atenção de meus pensamentos estava nas estrelas que ainda me faziam companhia em meio a tanta escuridão. Escuridão que num instante passou a ser iluminada pelo brilho dos faróis do ônibus escolar. Um alívio. Pronto. Entrei e me acomodei. Agora era só esperar.

O ônibus avançava e, enquanto eu olhava para o resto do mundo que aparecia no clarear do dia, uma impressionante paisagem cativou o meu olhar. Em meio a tantos morros, um aparentava ser palco onde várias bailarinas, com *collants* e tutus esverdeados, meias marrons como madeira e sapatilhas cor de terra dançavam, rodopiavam de um lado para outro. Todas numa sincronia perfeita: pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Uma coreografia majestosa, embalada por uma famosa sinfonia: *Os ventos gelados*.

Continuei observando a cena e, mais à frente, uma das bailarinas se destacava. Era uma talentosa jovem com seu parceiro, entrelaçados por todo o palco, sendo iluminados por um holofote que acabara de surgir de trás das montanhas, a mais brilhante de todas as luzes: o Grande Astro. Pareciam alegres, até que um ser rústico, insensível, invadiu a apresentação e, como se não fosse nada, cortou as sapatilhas de uma bailarina, que caiu de tristeza. Nesse instante, das outras dançarinas começaram a voar lágrimas em forma de folhas e os pássaros que assoviavam “Beethoven” se calaram. O *show* acabara.

Só então percebi o som daquele motor que interrompia meus pensamentos e indicava para alguns apenas mais um dia comum de trabalho. Olhei para os lados: alguns colegas dormiam, outros conversavam ou manuseavam seus materiais. Será que só os meus olhos perceberam aquilo? É, talvez outras pessoas também tenham visto, mas o que para mim foi uma bonita e triste ilusão para elas apenas a vista de mais um morro de eucaliptos.

Professora: Luciene Gilles Guidi

Escola: E. E. F. M. Victório Bravim – Marechal Floriano (ES)

## Ops!

Aluna: Aracy Frutuoso Alves

Sexta-feira, à noite, eu e minha amiga Leidneya estávamos nos arrumando para ir ao forró, porque, após uma longa semana de trabalho duro, a melhor coisa que fazíamos para nos divertir era ir ao Espaço Verde. Lá, além de tirarmos todo o cansaço dançando, também fazíamos boas amizades. Eu e Leidneya somos amigas de infância, nossa amizade começou desde o tempo em que o grupo Rouge fazia sucesso com o *hit Ragatanga*, inclusive esse é o *hit* que embalou e ainda embala nossa amizade até hoje.

Hoje estávamos com o pensamento diferente, pois não íamos só para dançar; dessa vez estávamos dispostas a encontrar o amor de nossa vida lá. Assim, logo que chegamos, começamos a observar: estava tudo muito bonito, todos muito animados, dançando, muitos solteiros bonitões e, o melhor de tudo, mulher entrava na faixa. Depois que entramos, a fila de homens querendo dançar com a gente começou a aumentar. No meio do salão, enquanto dançávamos ao som de *Xote das meninas*, de Luiz Gonzaga, Leidneya começou a me cutucar para avisar que tinha um bonitão olhando para mim. Eu logo me empolguei, disse para ela que se ele tivesse a fim viria atrás de mim assim que terminasse tudo.

Mais tarde, quando o relógio marcou 23 horas, Deuzemar, nosso amigo, começou a nos chamar para ir embora. Assim que chegamos à parada do ônibus, tivemos uma surpresa: o bonitão da festa estava vindo em nossa direção, Leidneya disse:

– Edneya, mulher, olha só quem tá ali!

Eu, superfeliz, passei a mão no cabelo, ajustei a roupa e disse:

– Passou a noite toda olhando pra mim no forró. Hoje tô com tudo!

Segundos depois o bonitão se aproximou de mim e disse:

– Aí, gata, passa o celular!

Comecei a falar meu número, até que ele me interrompeu:

– É um assalto!

Eu crente que o cara estava a fim de mim! Mas que nada! Ele roubou tudo o que eu tinha, até meu respeito.

Professora: Lourena Klebia Alves Gomes

Escola: E. E. F. M. José Leopoldino da Silva Filho UV-04 – Fortaleza (CE)



## Vozes de Tião

Aluna: Leticia Ganassini

Uma cidade localizada nos arredores da elite, vizinha de condomínios de classe média, perto de onde as decisões mais importantes de todo o país são tomadas, considerada uma das “meninas” do Cerrado, centraliza-se rumo à capital federal, Brasília. Sim, estamos falando de São Sebastião! Lugar que meus pais escolheram para passar a vida e construir sólidas amizades. Eles vieram para cá há cerca de vinte anos e nunca mais voltaram para suas cidades natais, acho que os “Tiãos” daqui nos fazem bem, tanto é que conhecemos e temos uma boa relação com vários.

Nosso “cantinho” não é conhecido apenas por ser uma das cidades-satélites do Distrito Federal, mas por termos um fato incomum e bastante curioso: tem Tião espalhado para todo lado. E, em meio a tantos outros nomes originais e modernos que vemos hoje em dia, levar o nome de Sebastião em meio a essa geração, geração carente de Tião, já é um privilégio. E, quando o nome vem com histórias de vida carregadas de emoção, nem se fala... E é isso que acontece na minha cidade, são Tiãos que se diferenciam humildemente dos outros por seus relatos interessantíssimos de vida, dos quais podemos aprender muito. E, já que é assim, cada um foi apresentando e destacando suas qualidades, profissões e atributos a fim de se diferenciar no meio de tantos outros.

Existe aquele que outrora foi um dos pioneiros da cidade e até ganhou uma homenagem, uma praça que leva o seu nome. Esse é conhecido com Tião Areia, já que vieram outros sete Tiãos com ele. Recebeu esse apelido, pois era sua a tarefa de ficar na beira do rio retirando o produto. O incrível é que esse mineiro veio parar aqui por causa da necessidade – ajudar a si próprio e a mãe –, pois, com o futuro incerto, jamais saberia que ia ser tão importante na construção da cidade.



Outro também é o Tião que passou vinte anos produzindo pães de queijo para toda a comunidade, gastou seu tempo e energia para servir alimento a outros, e era tão generoso que, junto com o pão de queijo, servia o cafezinho, de graça. Todos gostavam de passar na Rua 14 e conversar uns minutinhos com Tião antes de ir para o trabalho ou para a escola.

Mas devemos falar também de outro honrável Tião, que é borracheiro, leva uma vida simples, tem até orgulho de saber que existem tantos outros com o mesmo apelido e não se sente “só mais um”. E, por coincidência ou ironia da vida, mora na Avenida São Sebastião e veio para cá no dia do aniversário de São Sebastião!

O que dizer então do Tião da biblioteca? Montou um espaço na garagem apenas para que outros pudessem ter prazer na leitura, sente também prazer de receber os alunos da vizinhança, que vez por outra vão lá fazer uma pesquisa para a escola.

O mendigo da Praça do Fórum se chama Tião. Esse, sim, é muito querido e carrega consigo um grande conhecimento. E ele fica ali, desentvergonhado, no meio da praça, recitando vez por outra versos de Fernando Pessoa. Fala apaixonadamente, histericamente e dramaticamente bem. Nunca houve recitador de rua melhor na cidade como o Tião da Praça, o qual deixa os nossos dias mais agradáveis e inspiradores.

Enfim, é realmente uma cidade onde xará de Tião não falta. E quantas vozes de Tião estão escondidas em becos e vielas de São Sebastião e quantas histórias ainda precisam ser contadas e quantos outros memoráveis Tiãos, que sabiamente nos ajudam a serem mais humanos, amigos e amáveis precisam ser descobertos pela cidade? E, com tantos casos assim, o nome da cidade não poderia ter sido outro. Por informações antigas, sabemos que o nome do lugar correu o risco de ser chamado de Eucalipto ou Sombra da Serra. Mas, sem tantos nomes coerentes para a cidade e com tantos moradores com um detalhe em comum, não tiveram outra opção: o lugar combinava mesmo era com São Sebastião.

## Apaixonante rua minha

Aluna: Daniely Lopes Barbosa

Ouço desde pequena que minha rua é um lugar “calmo”, com uma iluminação toda “especial”... Primeiro das tias solteironas, depois das primas mais velhas e mais tarde das amigas namoradeiras que adoravam o clima purpurina dos buracos em perfeita harmonia com as crateras e o defeituoso poste que, até hoje, pisca a noite inteira.

Talvez minha relutância em acreditar no conto de fadas seja por falta de príncipes nas redondezas. Alheio a isso, foi inaugurada uma pequena lanchonete, com ar rústico e simpático, e meu único desejo era que o sanduíche de R\$ 3,50 saciasse meu apetite de um dia inteiro.

Ouço baterem à porta da minha casa. Corro para abri-la numa minimaratona, ansiando por meu jantar.

E lá estava o entregador da lanchonete recém-inaugurada... O genro de papai dos meus sonhos. Bochechas coradas assim como *ketchup*: vermelhinhas e suadas, depois de subir o pequeno Everest, de barro e piçarra, até a minha casa, de bicicleta.

Então, me esqueci de tudo e de todos, tanto da violência quanto dos acidentes que inundaram o noticiário do bairro que passava na TV de 14 da sala... O único pensamento que persistia em mim era “o porquê de eu estar com aquele vestido de tantas passarelas atrás, sem minhas sandálias de salto, sem o *gloss* de morango que o faria ter vontade de me beijar, e, especialmente, o porquê de fitinhas de chita em meus cabelos”. Meu devaneio teve fim a tempo de pagar um trocado ao entregador e fechar o portal mágico que separa meu mundinho encantado do resto do mundo. Mas não sem antes me derreter com seu “obrigado” seguido de um sorrisinho torto e segui-lo com os olhos pela rua.

Rua antes tão sem graça e agora tão mais colorida e cheia de emoção e movimento tanto quanto desenho japonês. Meu “feliz para sempre”? Que nada! Durou somente até perder seu boné vermelho de vista... E a cor concentrou-se somente nas pinturas das casas, umas coladas às outras; a emoção esfriou-se na conversa das comadres fofoqueiras de plantão comentando gentilmente a minha falta de namorado; e o movimento congelou-se nas pedrinhas de gelo do meu suco de laranja.

Assim como numa comédia romântica, resolvi derrotar a bruxa e salvar o que era realmente importante, até porque a rua continua esburacada e o poste com defeito, porém a vaga de príncipe já foi preenchida.

Professora: Maria Helena Pires

Escola: C. E. Professora Silvândira Sousa Lima – Araguaína (TO)

## “Só entra quem pode”

Aluno: Carlos Camilo Batista Vieira

Um circo. Apenas um circo pra gente dessa pequena comunidade era motivo de muita alegria. Pataxó nunca tinha tido o prazer de receber um circo. Aos poucos e bem devagar chegavam aqueles carros cheios de palhaços. Todas as janelas se abriam em um efeito dominô, todos admirados. Os palhaços trabalhando para montá-lo, peça por peça, e a população naquela ansiedade...

Muita gente contribuiu para a montagem, e o que era um amontoado de ferros em poucos dias tornou-se “O CIRCO”. Ele estava ali, concretizado, bem na minha frente. No primeiro dia de espetáculo, meu coração quase saía do peito, como se dissesse: “Me solta, me solta, me tira deste peito, quero ir ao circo!” Eu me aproximava, me aproximava, me aproximava, em silêncio, mas de longe podia-se ouvir aquele *tum, tum, tum, tum*: eram as batidas do meu coração, sempre propondo a frase: “I love you, circo”. As crianças corriam como carros de Fórmula 1, com aquele toque de doçura nos olhos e aquelas turbinas debaixo dos pés.

Também corri, e muito! Mas de nada adiantou. As palavras do segurança deixaram-me triste: “Garoto, só entra quem tem ingresso, só entra quem pode!” Nesse dia, todos estavam alegres, o sorriso tomava conta da comunidade Pataxó. Eles sorrindo; eu, chorando. Minhas lágrimas pulavam do meu rosto de encontro ao chão, eu chorava de tristeza. Sempre acreditei que os sonhos pudessem me levar a qualquer lugar, que eu pudesse alcançar tudo. Porém, a partir daquele momento, passei a entender que precisava de dinheiro, tinha que fazer alguma coisa para conseguir.

Amigo leitor, se estivesse no meu lugar, o que faria para conseguir dinheiro? Você pediria, não é? Eu até tentei, mas não tinha a quem pedir.

Como meu tio trabalhava descarregando peixes em dia de domingo, ofereci minha ajuda em troca do dinheiro do ingresso. Confesso que tive que trabalhar muito para conseguir aqueles três reais e, no segundo dia de espetáculo, eu estava lá, dessa vez do lado de dentro. Quando começou a apresentação dos palhaços, ouviu-se o choro de alguns garotinhos e muitos risos. E o meu não se comparava a nenhum deles, era o mais alto de todos. Mas que pena! Tudo isso acabou. O circo foi embora deixando aquela saudade que qualquer um sentirá. Aquelas alegrias ninguém tira de mim, mas também tem outra coisa que é difícil de esquecer: as palavras do segurança – “Só entra quem pode”. Resta-me pensar que todo sonho tem seu preço.

Professora: Diana Lopes Bezerra

Escola: E. M. Francisco Florêncio Lopes – Ipanguaçu (RN)

## Colóquio rural

Aluna: Mariane Mello de Souza

Ao caminhar pelas ruas do distrito de Indubrasil, pertencente ao município de Terenos, deparei-me com as interessantes expressões que os moradores utilizam para se referir a todo tipo de assunto. A peculiaridade existente nesses falares provavelmente exista pelo caráter estritamente rural que permeia essas relações.

Em certa oportunidade, fazendo uma visita a um morador antigo da região, vi que ele se referia à sua nora como uma mulher “lascada”. A princípio, achei estranho, pois imaginei que a mulher fosse bem azarada. Contudo, tempos depois, compreendi que a mulher, na verdade, era esforçada no serviço, digna de um adjetivo como esse: “lascada”. Por ser tão esforçada, pegava muito peso e fazia os afazeres destinados aos homens. Frequentemente sofria um “capote”, quer dizer, levava um belo tombo. Não adiantava ela ficar “ingirizada” ou com “cara de tacho” (respectivamente, irritada ou sem graça). Isso acontece!

Ao participar de uma quermesse na paróquia Santo Afonso Ligório, sentei-me à mesa de velhos conhecidos. Lá estava Renira, “mulher larga”. Não pensem que sou preconceituoso quanto ao peso das pessoas. Imagina! Renira não era mulher gorda, tampouco faço alusão a um vocabulário indecente. Aquela senhora era, na verdade, uma sortuda, já que ganhava sempre os melhores prêmios nos bingos realizados nessas festas. Aqueles que não ganhavam prêmio nenhum ficavam com o famoso “fumo”. Compravam a cartela do bingo e não ganhavam nada. Era um termo muito usado para designar aquele que passava por dificuldade, ou seja, gastava o dinheiro e ficava no prejuízo.

Depois das festas na paróquia, realmente o prejuízo era grande. O indivíduo tinha que trabalhar o resto do mês para recuperar o que gastou no festejo. Para conseguir um dinheiro rápido, o melhor serviço era o de “oreia seca”. Ninguém gostava desse tipo de ocupação, já que era sob o sol ardente. Daí se origina a expressão.



Entretanto, sabemos que o trabalhador rural é “rebingudo” por natureza. Não é porque surge uma dificuldade como essa que ele se entrega. Ah, deixe-me esclarecer: não falei mal do trabalhador rural, mas chamei-o de valente.

É necessário que eu meça as palavras, pois não quero me meter em um “rabo de foguete”. Não se assuste! Não me refiro a um voo na cauda desse veículo espacial, mas a uma grande confusão, caso eu ofenda alguém.

As ruas do distrito de Indubrasil são assim: cheias de árvores, bicicletas, pessoas com boa prosa, rodas de tererê e uma rodovia no meio com intenso fluxo de automóveis. É uma contínua agitação, isto é, “um fervo só”!

Professora: Aline dos Santos Teixeira da Costa  
Escola: E. E. Antônio Nogueira da Fonseca – Terenos (MS)

## Viaduto

Aluna: Andressa Silvino Cardozo Bezerra

Mais uma vez sentada naquele banco de carro. No caminho, minha irmã cantarolava uma música sobre joaninhas. Meus pais conversavam com animação no banco da frente. Eu, através da janela, olhava com desdém para mais um dia, para as mesmices de todos os meus dias.

O carro parou de repente embaixo do Viaduto Floriberto Mariano.

– O que aconteceu?! – perguntei.

Meus pais desceram do carro; minha irmã, logo atrás.

Sem entender, desci aborrecida e concluí que, mais uma vez, chegaríamos atrasados.

Meu pai, me fitando, disse:

– O pneu do carro furou... vou ter que trocar.

Revirei os olhos... “Era só o que me faltava!!!”

– Posso ficar no carro? – perguntei, já abrindo a porta.

– Não!!! – Em troca à resposta enfática de minha mãe, bati a porta com mais força que o normal.

Enquanto procurava um lugar para me sentar, percebi que, mesmo morando nesta cidade há tanto tempo, nunca estive ali, parada ali. O viaduto parecia imponente, com paredes grafitadas por algum artista; do alto dele via-se um belo cenário: o mar da praia das Pitangueiras...

Avistei uma pedra um pouco atrás de onde estávamos. Sentei-me lá... porém um cheiro desagradável me causou repulsa e nojo. Procurei, mas o que vi eram carros em alta velocidade e, num canto da parte interna, papelões, palavrões e pichações.

Subitamente voltei o olhar e os encontrei... no canto, encolhidos, escondidos entre papelões e trapos de panos. Uma ânsia me subiu à boca.

Eu os observava disfarçadamente...

O vento frio, gelado, me perturbou; me encolhi dentro do casaco. Um se levantou e puxou para cima deles outro papelão. O outro era uma mulher que ajeitou a tentativa do companheiro.

Seus olhares se cruzaram com o meu... e esse momento se tornou eterno. Um misto de sentimentos borbulhava dentro de mim: indignação, revolta, impotência, contrapondo-se com meu egoísmo e mesquinhez.

A voz de meu pai me chamando rompeu o silêncio angustiante daquele momento... e, vagarosamente, levantei-me da pedra, lançando um último olhar para eles...

O viaduto os acolhia, os protegia, ao mesmo tempo que os tornava esquecidos, invisíveis...

Entrando no carro, lembrei-me dos últimos versos do poema de Ulisses Tavares: “Tem gente que existe e parece imaginação”.

Professora: Ana Paula da Conceição da Silva  
Escola: E. E. Prefeito Domingos de Souza – Guarujá (SP)



## Feira: cheiros, temperos e versos

Aluno: Francisco Alves Quirino

O sol ainda tímido fazia nascer uma bela manhã de sábado. Dia da feira que movimenta o sertão pernambucano. Nos primeiros instantes matutinos saio de casa junto com minha mãe. Nosso intuito era fazer as compras da semana.

As frutas, as verduras e os cereais compõem os itens básicos, cuja densidade impregna nossa sacola de náilon colorido, onde mamãe guarda com zelo os alimentos que irão nutrir toda a família durante mais sete dias.

Contornamos a praça e fomos à rua da feira. Ao passarmos pelas primeiras barracas, o cheiro irresistível dos espetinhos de churrasco se misturava à beleza atraente dos pastéis da barraca de dona Josefa, que não traz a realza em seu nome, mas verdadeiramente é a rainha na arte de fazer pastéis.

Mais adiante, o colorido das frutas se confunde com as verduras, tornando-as brilhantes e quentinhas, aquecidas pelas centelhas de sol que perpassam pelas frestas da lona que recobre as barracas. Minha mãe para e compra algumas delas. Não muito longe, outra banquinha, esta de temperos, deixa exalar um aroma agradável da pimenta sendo moída junto com o cominho, que, girando na máquina, se transforma num pozinho fino, pronto para a alquimia dos almoços deliciosos dos domingos. Não sei se já observaram, mas os cheiros têm o poderoso mistério de nos transportar a lugares guardados em nossa memória e nesse instante me veio à lembrança o odor convidativo das panelas aquecidas em fogão a lenha, cujo perfume percorre terreiro a fora as casinhas do sertão.

A feira é o espaço de encontro do sertanejo, ela promove a união da área urbana com a rural, lá ele compra, vende, conversa e aprende.

Nesse dia, a matriz permanece aberta para os fiéis camponeses, pois para eles a necessidade de alimentar a fê se iguala à de alimentar o corpo, tornando-o forte para enfrentar as dificuldades que a vida impõe.

Meu amigo leitor, confesso que ficar tanto tempo em pé me deixa cansado e com vontade de voltar para casa, mas entre tantos outros sons surgidos na feira um deles me chama a atenção. Esqueço meu cansaço e convenço minha mãe a irmos aonde se encontra um aglomerado de pessoas formando um círculo no meio do qual está um representante da mais autêntica cultura do nosso povo: o cantador de viola.

Vejo de longe o protagonista, homem simples tal qual os outros que ali estão. Porém, algo o diferencia, pois sob o sol das 11 horas ele dedilha o instrumento e canta improvisadamente versos magistrais. Sua poesia abranda o sofrimento, fazendo com que os espectadores esqueçam por um breve tempo todos os seus eventuais problemas. As gargalhadas provocadas pelas sextilhas bem humoradas e os aplausos calorosos pelos motes bem engendrados que em redondilha menor denunciam os descasos maiores dos quais nossa gente é vítima me contagiam. Eu fico encantado com tamanha imaginação, alguém com tão pouco estudo, mas com tanta sensibilidade, para transformar em poesia o cenário do sertão. O sertão que você, compadre leitor, conhece muito bem.

Prestigiamos o artista, enquanto ele exercia sua importante profissão. Vimos muitos motes serem criados para desafiar a astúcia poética do cantador. Os risos eram constantes, mas também houve o momento em que os que ali estavam, ao ouvir uma estrofe sobre alguma casa de taipa abandonada, inclinaram a cabeça repetidamente, em sinal de concordância e saudade.

O sol já estava no meio do céu. Era meio-dia. A apresentação chegou ao fim e o poeta se despediu. Por fim, eu e minha mãe voltamos para casa e nesse dia levei comigo três coisas: os cheiros, os temperos e os versos.

## A tempestade

Aluna: Quétilla Gaspar da Silva

Entre os meses de setembro e outubro ocorrem as tempestades por aqui. E nem são tão grandes como se pode pensar. Já foram bem maiores no passado, conforme relata meu pai. Segundo ele, a fúria de uma forte tempestade produzia tão intensos estrondos no seio da mata que qualquer desavisado imaginava que chegara o fim do mundo! Raios e mais raios caíam e destroçavam árvores centenárias e de grande porte, partindo-as ao meio. A ventania deitava o mato e passava feito trator desgovernado. A chuva, violenta e copiosa, abria crateras no solo e arrastava tudo o que encontrava pela frente. Não havia quem não se impressionasse.

Atualmente, já não é assim, tanto que nossas tempestades são chamadas, por quase todos, de temporais. Claro que as palavras designam o mesmo fenômeno, mas acho que temporal nos soa uma palavra mais branda, assim como costumam ser nossas tempestades.

Mês passado, contrariando a normalidade local, sofremos o terror de uma grande tempestade que nunca será esquecida certamente! Era julho e ninguém, mas ninguém mesmo, sonhava ou estava preparado para o que consideramos a mais violenta, assustadora e inimaginável tormenta que nos sobreveio.

Em breves e estúpidos minutos, o sol, que brilhava intenso, enchendo a todos de uma esperança quase palpável, foi encoberto por uma nuvem negra, densa, desesperadora. E a esperança ora viva, de súbito, deu lugar à certeza do desastre inevitável!

Em minha casa, todos se olhavam incrédulos... Papai, boquiaberto, inexpressivo por instantes, parecia fazer um ensaio para a morte! E creio que foi assim em todos os lares por essas redondezas. Diante do terror, não havia quem não se perguntasse, incrédulo: o que será mesmo que está acontecendo?

Lá fora, o cataclismo já lançara cinco raios mortais; mais dois viriam, fadidamente. A ventania, furiosa, destruía sonhos, arrancava bandeiras desfraldadas e desbotava a paisagem que fora tão fervorosamente pintada para demonstrar nosso amor pela pátria que nos acolheu. A essa altura, todos já rezavam para que o fim chegasse logo. Ninguém mais queria ver ou ouvir nada... Estava tudo perdido!

De repente, papai não resistiu ao furacão de emoções que o infortúnio lhe despertara. Logo papai, homem do interior, acostumado aos reveses da vida; embrutecido pela dura rotina do trabalho na roça; matriculado no cabo da enxada e do terçado?! Custou-me acreditar... Nunca vira tanta fragilidade nele! Era agora um passarinho tentando se agarrar ao débil galho de um arbusto qualquer durante um grande temporal. Mas foi impossível. As lágrimas, como que libertadas de uma prisão, desceram rápidas, copiosamente, e banharam seu rosto sofrido, castigado pelo sol e pelos anos. Papai desabou a chorar...

Ouvi dizer que a tal catástrofe devastou a pátria de norte a sul. A mesma destruição que aqui se deu, tomou ruas, bairros e cidades pelo país afora. Disseram-me ainda que as lágrimas de papai se misturaram a milhões de outras e, juntas, inundaram um país inteiro. Éramos agora manchetes dos principais jornais do planeta! Não precisou ninguém decretar, todos já sabiam que havíamos entrado em estado de calamidade pública.

À tempestade deu-se o nome de “Mineiraço”. Pela dimensão do estrago, está a anos-luz da maior já registrada até então, ocorrida em 1950, chamada “Maracanaço”. Foi uma chuvarada de gols. Sete violentos e surpreendentes raios caíram bem na nossa cabeça, na nossa casa, aos olhos do mundo inteiro. De nada serviu o escudo estrelado que trazíamos no peito. E ali se deu um imenso dilúvio de lágrimas, que se misturou ao um vendaval de olés!

Diante de tamanha tragédia, pensei: “Bem que papai me dizia que uma grande tempestade parece o fim do mundo”.

Ainda bem que só parece!

Professora: Gessytha Azevedo do Nascimento  
Escola: E. E. F. Craveiro Costa – Cruzeiro do Sul (AC)

## Reinado oculto

Aluno: Matheus Henrique da Silva

Finalmente é julho. Andradenses aguardam ansiosamente. Bota, camisa xadrez, calça *jeans*, programação e horários exclusivos. Tudo organizado e preciso. A animação colorida de roxo toma conta da cidade de ponta a ponta. É hora de mostrar o que Andradas tem de melhor. Gente de todo lugar. Festa do Vinho: a causa da agitação.

Quanta agitação! É impossível não notar o brilho nos olhos de cada cidadão, como um espelho de águas cristalinas em dia ensolarado. A alegria brinca com tudo e com todos.

Fui conferir o clima animado, dar uma volta pela cidade na companhia de minha avó, uma pessoa que há muitas festas do vinho mora aqui. Passamos pela praça central, dona de um coreto, fonte e diversos bancos, e, infelizmente, de garrafas e mais garrafas de vinho nesta época. Ao mesmo tempo é um universo inspirador, cenário de ocasiões especiais, principalmente à noite, quando ganha vida e aura romântica.

Enfim chegamos à Casa da Memória, um pequeno, mas grandioso museu municipal. Exposição especial da festa. A organização era impecável. Mandioca, macaxeira e aipim constavam no livro de registros, gente de todo lugar. Notícias de jornais, fotos, alguns objetos antigos... Tudo sobre a festa. Sentia-me bem ali.

Eu era como um turista que descobrira a história de um evento tradicional. Quando o vento soprava pelas largas janelas do prédio, sentia o cheiro do tempo que passou, cheiro de épocas e gerações que marcaram a história da cidadezinha.

Chegamos à Corte do Vinho. Moças bonitas que participaram como rainhas e princesas da festa ilustravam as gélidas paredes brancas do museu. Observei com intensidade os acessórios usados por elas, que, para muitas, significaram mais que ouro ou diamante – significaram a honra de representar um evento tão marcante.

De repente... O vestido da primeira rainha... Apesar do peso do tempo, continuava intacto, admirado por muitos, como uma árvore antiga que ainda dava frutos perfeitos.

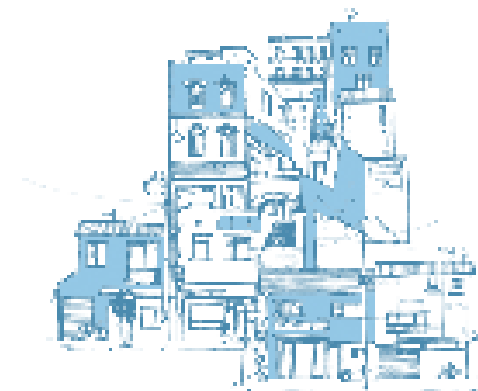
Olhei para o lado e vi a foto de quem o vestiu. Parecia-me familiar... Era uma moça elegante, alta, cabelos negros, na flor da idade, vinte primaveras completas praticamente. Observei, então, a inscrição abaixo e tamanha foi minha surpresa... Era minha avó!

Descobri que a terra do vinho tinha uma rainha oculta para muitos. No entanto, era alguém especial que há anos reinava em minha família e em nossos corações.

Por que teria escondido isso? Talvez por manias ou crendices do povo antigo de minha cidade. Uma pena tantos pensamentos assim prenderem muitos aqui! “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, e nesse caso a alma pode não ser pequena, mas presa como um pássaro na gaiola.

Professora: Mariana Pio

Escola: E. E. Doutor Alcides Mosconi – Andradas (MG)



## O último jogo de baralho

Aluna: Beatriz da Silva Souza

Logo pela manhã, o senhor Astolfo, 80 anos, acorda num ritmo lento. Escova os dentes, toma banho e faz café. Demoradamente. Apesar do calor que costuma fazer durante o dia, não pode arriscar pegar um resfriado. Veste o casaco de brim, cachecol, sapatos de couro cru, comprados de segunda mão, mas bem conservados pelo seu Juca, o sapateiro da cidade. Pronto para sair, caminha para a sala. Ao ver o velho baralho, surrado pelo tempo, sente uma tristeza capaz de atingir a alma.

Numa outra ponta da cidade, na conhecida Vila Formiga, está o senhor Epaminondas, igualmente vestido como o senhor Astolfo. Epaminondas, nome do primeiro prefeito da cidade!

Sentado na poltrona de couro que ganhou de presente de casamento, Epaminondas acaricia o gato, animal de estimação e único companheiro desde a morte da esposa, enquanto olha com sentimentos impregnados de alegria e tristeza para seu maior tesouro, pendurado na parede da sala: uma fotografia emoldurada. No retrato em branco e preto, dois garotos sorridentes estão abraçados debaixo de uma majestosa árvore na praça da matriz. Epaminondas reconhece a si mesmo em uma das crianças. A outra, Astolfo. E é exatamente essa árvore frondosa, objeto de grandes emoções para os dois e palco de muitos trucos e cachetas empolgantes entre eles, que será arrancada para ceder espaço a um estacionamento. Ah, a modernidade...

Às 8 horas da manhã, os dois se encontram na praça, debaixo da árvore, com pontualidade britânica. Nesse momento, a tristeza não os deixa falar um simples “bom dia” e se cumprimentam com sons guturais, enquanto se sentam em torno da árvore.

As cartas de baralho são retiradas do bolso e distribuídas para dar início ao jogo. O senhor Epaminondas joga a primeira, seguido pelo senhor Astolfo.

Sucessivamente.

Do outro lado da rua, passa o senhor José, de bengala. Acena para os dois e é retribuído com dois acenos. Em seguida, o senhor José olha com imensa tristeza para a árvore e sente uma culpa pelo seu abaixo-assinado não ter obtido sucesso.

Duas araras-azuis buscam repouso na árvore quando o senhor Astolfo quebra o silêncio.  
– Epaminondas, é de sua memória quando nós dois, pequeninos, brincávamos e fazíamos nossas traquinagens em torno dessa árvore?

A pergunta foi acompanhada de um sorriso vazio e maroto.

– Ah... lembro, sim. Bons tempos aqueles! Foi aqui que quebrei um braço, perdi um dente de leite, conheci aquela que seria a minha futura esposa e foi aqui que ganhei meu melhor amigo.

Os dois se fitam rindo. Astolfo olha para a árvore e acompanha o voo das araras-azuis até perdê-las de vista. A partida se encerra com a vitória de Epaminondas.

– É, Astolfo, com essa vitória, ficamos empatados. Pelas minhas contas, são seiscentas partidas ganhas para cada um.

– É uma lástima que o desempate não será possível. Amanhã, às 7 horas, a árvore será...

– Não continue – interrompe o amigo.

Prontos para se levantarem e seguirem a rotina do dia, nem percebem quando uma garotinha espalhafatosa, cheia de brilhos e penduricalhos, passa pela rua e avista os dois, famosos pioneiros da cidade. Coloca a mão na bolsa, retira dela o Smartphone e com um toque na tela captura a imagem dos dois sentados com as mãos na árvore.

A foto eterniza o último jogo de baralho.

Professor: José Francisco Bertolo

Escola: E. M. E. F. Professora Dirce Libano dos Santos – Cardoso (SP)



## Cenas da vida real

Aluna: Júlia Nathaly Cavalcanti Mendes de Sales

Indo para casa num sábado movimentado, sob o forte calor do sol e do escaldante asfalto (parece contraditório numa cidade onde a brisa das suas matas e o clima úmido das suas cachoeiras imperam), passos indecisos, cansados, preguiçosos... de repente parei.

Lancei o olhar para uma grande rua, tomada por bancos de madeira, cobertos com lona ou plástico de toda cor, feitos para o comércio ambulante. Eles faziam parte de uma feira, que parecia uma enorme “paleta de cores”, com todos os seus frutos, vegetais, temperos, produtos “*Made in China*”, sapatos e roupas de segunda linha, alumínio, couros, bancos de carne e carros de mão.

Em meio a esse lindo colorido estava a grande movimentação dos meninos fretistas, dos feirantes e dos clientes. Parecia até um balé ou coisa parecida, em que cada um desempenhava sua função, dentro dessa rua que não parecia ter fim. Meu olhar se encantava cada vez mais. Todo movimento era uma peça que ia sendo marcada em minha memória. Resolvi sair da “estaticidade” de olhos vidrados e fui em direção dessa rua “feirante”. Foi então que avistei um menino magrelo de bermuda meio surrada, camiseta azul meio desbotada e com três moedas na minúscula e delicada mão esquerda. Segui-lo de imediato foi meu impulso, e o fiz. Ele parecia ter mapeado todos os cantinhos da feira. Estava certa. A cada passo que dava, meu olhar se deleitava com as tantas novidades que havia. A feira, com sua cadência, me fascinava! Sentia-me maravilhada! Seguindo meu pequeno guia, ia vendo o semblante de cada comerciante: uns, meio arrogantes; alguns, estressados; e outros, felizes, mas era perceptível a simplicidade de todos em seus olhares e gestos, ofertando seus produtos.

Ainda caminhando, vi donas de casa arrastando carrinhos, uns quase vazios, outros transbordando! Voltei a observar a feira a que havia começado a “assistir”. Um casal de crianças, acompanhadas do pai, compraram pintinhos coloridos que pareciam pequenas bolas feitas à mão. Era grande o sorriso da menina e do menino por terem em mãos aqueles pompons multicoloridos com vida animal. O sol do meio dia estava a pino. No chão, a minha sombra escondia-se debaixo dos meus pés. Mesmo assim, continuei a desvendar o ambiente.

Galinhas ciscando por entre os bancos e cachorros disputando ossos e migalhas de carne atirados ao chão pelos vendedores. Frutas e verduras estragadas no chão. As placas de papelão com ofertas. Gritos e vozes graves e agudas produzidos para venderem seus produtos:

– Vai levá, não, dona? A macaxera foi rancada, hoje, bem cedim! Cunzinha qui espapaça!

Mendigos disputavam esmoladas ofertadas pelos transeuntes:

– Ei, seu Zê, me dê uma ajudinha pá interá minha passage de Amaraji pá Chã-Grande!

Ainda hipnotizada com tudo aquilo, sem me perder do meu guia, continuei minha caminhada.

Vi, atentamente, os sorrisos meio sem dentes e os cabelos grisalhos dos comerciantes mais idosos. E aquela feira se realizava todos os sábados, desde que minha cidade fora fundada (pois foi através de uma feira que esse município nasceu). Ali o antigo se misturava ao novo.

E, como todas as coisas têm seu fim, percebi que chegara ao fim da Rua Davino Pontual... Que pena! Pois acreditava que jamais acabaria. Antes que o pequeno guia se perdesse da minha vista, corri até ele, dei-lhe várias moedas e um “muito obrigada”.

Mesmo sem entender, ele sorriu. E alegremente sumiu por entre os bancos e pessoas. O sorriso do garotinho refrescou meu coração, voltei-me para trás e vi toda a feira, como se fosse uma pintura numa tela, retratando o passado sem esquecer-me do presente.

Pensei... e vi que essa cena dos sábados desta minha pequenina cidade fazia afago a todos os tipos de pessoa. Mostrava que é com o suor que se constrói uma vida digna, que a simplicidade faz o homem viver mais feliz, e a ousadia faz surgir uma cidade.

Senti-me renovada e revigorada ao passar por aquela rua tão viva! Tão cheia de vida! Olhei em volta.

Levantei levemente a mão e murmurei um “até breve”. Segui em direção ao caminho de casa, a passos largos. E no meu arquivo mental, leitor, estavam as cenas ocorridas naquela feirinha dos sábados.

Professora: Maria de Fátima da Silva Moraes Souza  
Escola: E. R. E. M. Antonio Alves de Araujo – Amaraji (PE)

## Bandeira branca, amor

Aluna: Laura Lorena Pinto Borba

No momento em que o país descerrava as cortinas, dando início ao grande evento esportivo, nos doze palcos do seu território, esbanjando dinheiro para oferecer o que tem de melhor aos estrangeiros, o Rio Negro resolveu protestar contra o acúmulo de lixo em seu leito, abrindo suas margens para devolver à população tudo que nele despejam diariamente.

À princípio o movimento começou pacífico. O rio caminhava lentamente pelas principais vias de acesso à cidade paranaense, mas em frente ao antigo paço municipal iniciou-se o confronto, nem a polícia, nem a Defesa Civil conseguiram contê-lo; casas, estabelecimentos públicos e privados foram invadidos.

Ao atravessar a Ponte Rodrigo Ajace, onde todos os anos a prefeitura enfeita de forma ostensiva, buscando despertar em nós, através de belas esculturas e luzes coloridas, a consciência ecológica na reutilização do lixo, peguei-me pensando na ironia da antecipação da decoração natalina.

O cenário hoje nos locais atingidos pela manifestação fluvial é desolador e ao mesmo tempo curioso, pois árvores e arbustos se exibem nas margens “lindamente” enfeitadas com sacolas plásticas, na sua maioria brancas, balançando ao vento como aves migratórias empoleiradas no regaço da noite.

Enquanto o brado retumbante “mostra tua força Brasil” ecoava numa efusão de sotaques afinados, o povo de Rio Negro arregaçou as mangas e mostrou nas margens nada plácidas do rio que abastece a cidade, que juntos aqui no finalzinho do Paranã somos um só e que nossa força para reconstruir a vida é realmente enorme.

Agora só resta esperar que a melodia entoada pelas sacolas presas às árvores, “Bandeira branca, amor / não posso mais / ... eu peço paz”, não seja esquecida e que a solidariedade dos rio-negrenses, torne-se uma prática comum, voluntários que se tornaram anjos do amor e da caridade.

Professora: Carla Borba

Escola: E. E. F. Inácio Schelbauer – Rio Negro (PR)

## Ilustres moradores

Aluna: Rita Gabrieli Garcia Oliveira

Após a chuva da noite passada, o sol está surgindo, ainda preguiçoso. O clima está agradável. Então, decido me sentar na calçada de casa e começo a observar minha rua. Percebo que ela é a mais interessante de todas, apesar de não ter a beleza das outras deste bairro, como os imensos tapetes que forram o chão, formados pelas flores que caíram dos ipês-amarelos.

Não é a poeira na rua, a falta de iluminação, o medo de ser assaltado, o rio que se forma na rua quando chove, não é nada disso que a torna intrigante. São os seus ilustres moradores.

Há um senhorzinho, muito simpático, que senta diariamente em um banquinho, sorrindo e de bem com a vida. E, junto dele, o seu amigo, que está sempre elogiando as pessoas que passam por ali...

Ah, e como me esquecer de outro morador, muito querido, que adora compartilhar informações da vida alheia! Há também a mulherzinha da casa verde e portão amarelo, mãe do menino chorão, e, ainda, o meu vizinho desinformado, pois todos os dias, na hora que ele sai, chega um amigo para fazer companhia à sua mulher, assim como tantos outros...

Nessa simples observação, passo a me lembrar de algumas histórias que presenciei por aqui. Uma apareceu uma capivara na rua e todos saíram de suas casas para vê-la. Mas quem se importa? Quando se fala que mora no interior de Mato Grosso, as pessoas pensam que você tem uma onça como gatinho de estimação e escova os dentes com os jacarés. Então, essa história não seria interessante.

Também uma vez uma mulher deu uma surra no marido, no meio da rua, com uma mangueira de jardim, e o porquê disso até hoje ninguém nunca soube.

Bom, apesar de às vezes me estressar com os vizinhos e com a rede de compartilhamento das informações pessoais, que traz mais notícias que o *Jornal Nacional*, gosto do lugar onde vivo e, principalmente, desses vizinhos peculiares. Eu não os trocaria por nada deste mundo! E você, caro leitor, trocaria os seus pelos meus?

Professora: Cláudia Leal Ribeiro

Escola: E. E. Professora Eunice Souza dos Santos – Rondonópolis (MT)

## Cavalgada solitária

Aluno: Vítor Luiz Kohler

Não se sabe o nome dele, de onde veio, quem é sua família. As poucas pessoas com quem tinha algum contato o chamavam de Darci. Para três ou quatro pessoas, permitia que o chamassem de Cavalo Velho, ou melhor, “Cavalo Veio”. Por que esse apelido? Porque para os filhos do vizinho que morava em uma chácara próximo dali Darci brincava de fazer barulhos batendo os punhos fechados no peito imitando o tropel de cavalos.

Cavalo Velho vivia no interior do município da Lapa, no Paraná, lugar denominado Passo da Cruz, fazendo divisa com Mariental e o município de Contenda. Solitário e silencioso, mantinha uma rotina simples: levantava cedo, pegava água na chácara vizinha, produzia seus alimentos e vivia da troca por trabalho.

Sua casa era feita de tábuas, antigo depósito de produtos agrícolas, emprestado por moradores da região. Habitava ali já fazia dez anos mais ou menos, nunca recebeu nenhum parente, filhos, irmãos... nenhuma visita que não fossem aqueles que moravam ali nas redondezas.

A solidão o fez ter alguns hábitos nada saudáveis: o fumo e o álcool, que eram sua companhia em todos os momentos: solidão, doença, alegria, frio, calor... enfim, jamais se separaram.

Certa manhã, por volta das dez e meia, o dono da Chácara Kohler, percebendo que Darci não havia descido para buscar água, subiu a ladeira que separava o espaço de conforto familiar, fartura, aconchego do outro lado. No topo da estrada, observou a pequena casa fechada, nenhum sinal de fumaça ou vida. Teria Cavalo Velho cavalgado para outras terras? Teria saído em busca de sua família, sua história, sua identidade? Não! Nada! Nenhuma resposta ao chamado: “Darci!” “Cavalo Veio!”

Talvez tivesse saído, mas isso era algo que ele nunca havia feito sem antes buscar água, fazer o café humilde no fogão a lenha no canto do cômodo.

Mais tarde chegou outro senhor, que estranhou também a ausência do solitário morador. Carlão (esse era seu nome) relatou que estivera com Darci até tarde da noite passada e havia deixado o amigo fechando a porta quando saiu. Preocupados, os dois arrombaram a porta e, para susto e tristeza, encontraram Cavalo Velho deitado, gelado e sem vida. Causa da morte? Ninguém sabe. Seu nome completo? Ninguém sabe. De onde veio? Ninguém sabe. Quem é sua família? Ninguém sabe. Seu nome seria de fato Darci? Ninguém sabe...

Na mesma tarde a Funerária Daou, tradicional e conhecida como a mais humana da Lapa, desceu com o humilde caixão para buscar Darci após ter cumprido todas as exigências legais para sepultar Cavalo Velho como indigente. Causa da morte? Ninguém sabe. Nenhum sinal de agressão, luta ou ferimento.

Segundo os policiais, talvez excesso de alegria e bebida...

O velho rancho de Darci continua lá, habitado pela solidão, e às vezes alguém diz que ouve o vento trazendo o barulho da cavalgada no peito de Darci...

Professora: Sirley Maria Kohler Ganzert  
Escola: C. E. F. M. Antônio Lacerda Braga – Lapa (PR)



## Sonoro tic-tac...

Aluno: Cleiton Jesus Andrade Pereira

Naquela tarde cheguei de Rio Pardo todo serelepe com minha mais nova conquista: um relógio. Inocente desejo infantil dos meus sonhos consumistas. Via-o marcar os minutos, maravilhado. O piscar hipnótico dos segundos representados por dois pontos. Numa observação mais atenta, teria percebido meus batimentos cardíacos sincronizados com sua máquina.

Como toda criança, precisava ostentar o meu mimo querido.

Fui correndo até minha avó, estiquei o braço com orgulho. Todos da família que estavam próximos elogiaram o objeto amado. Era digno de elogios mesmo: todo em plástico colorido, com telinha de vidro que guardava o contador.

Perguntei pelos meus primos; logo veio a resposta:

– Tão na sanga, brincando.

Prontamente me dirigi ao barranco e os observei na água. Mal me viram, já gritaram, em convite:

– Vem pra água! Vamos brincar! Está divertido! Vem!

Por um momento resisti àquele convite sedutor. Mas não podia deixá-lo passar. Necessitava brincar. Naquele momento!

Comecei a buscar argumentos que ajudassem a me convencer do contrário:

– Não... Acho que venho amanhã.

Mas a água... Ah, a água: límpida, morna e terna, como colo materno, com seu correr sereno e ritmado, cujo leito é areia clara.

– Shhhhh... – Chiava a água.

Pareço ouvir um murmúrio cantarolado, como se fosse mãe-d'água me hipnotizando.

O riso dos meus primos... Tudo me levava a sucumbir ao desejo. A guerra em mim havia sido perdida. De repente, um grito ecoa na mata que nos rodeia e quebra minha hipnose:

– Filho, sai da água, agora! Tu vai ver quando chegar em casa, guri!

Maldição! Eu tinha entrado na água. De roupa e tudo.

Só então me lembrei do relógio. Uma tristeza enorme invadiu meu peito. Do meu olhar, a terrível constatação: o coração do relógio, ao contrário do meu, que golpeava o peito numa infernal corrida, havia parado de pulsar. Senti-me um criminoso. Homicídio culposo. Eu mesmo acabei com meu mimo tão amado. Meu amor havia morrido em menos de um dia. Paguei caro pelo meu crime: três palmadas que até hoje me custam dores na consciência.

Professora: Cátia Mello da Silva Silveira  
Escola: E. M. E. F. Olavo Bilac – Rio Pardo (RS)



## O jogo da velha

Aluna: Roberta Amanda Ferreira de Aquino

Finalmente iria comprar a roupa do meu aniversário no centro de Fortaleza com minha mãe. Chegamos ao ponto de ônibus, na Avenida João Pessoa, e para minha surpresa a parada estava diferente. Desapareceu aquele monstro quadrado que nos metia medo, sem nenhum conforto ao sentar no batente duro como pedra.

A nova estrutura é muito mais confortável, com cobertura para não pegar sol ou chuva e com espaço para cadeirante.

Pedi à minha mãe o celular e o fone para ouvir música enquanto o ônibus não chegava. Quando a melodia estava ficando boa, vi uma velhinha com aparência sofrida usando uma roupa bem humilde se aproximando de mim. No mesmo instante, passou um jovem casal de mãos dadas diante de nós. Minha mãe disse:

- Filha, vou comprar água e volto já.
- Tã, mãe.

Coloquei novamente o fone no ouvido. Quando ia novamente começar a ouvir música, a velhinha que estava ao meu lado começou a falar:

– Aquele casal de jovens que passou agora fez eu me lembrar do meu tempo quando era menina. Quem me dera voltar no tempo e refazer minha vida de novo!

Nesse momento retiro o fone, boto o celular dentro da bolsa e converso com a anciã:

– Poxa, senhora, não fique triste. Pode começar uma vida nova e ser feliz. Pelo fato de estar idosa, isso não empata em nada – disse eu, sentindo pena da pobre velhinha.

– Não dá pra refazer minha vida novamente, meus filhos me abandonaram. Foram todos embora. Estou sozinha, sem ninguém. Fiz muitas marmotas e agora é tarde demais para começar uma vida nova – respondeu a velhinha, chorando como um bebê faminto e abandonado.

É uma lástima que muitos idosos são abandonados e até mesmo maltratados. Às vezes, quem comete a maldade são os próprios filhos. Muitos deles sofrem maus-tratos, passam fome por estarem sozinhos, sem ninguém.

Creio que você nunca maltratou sua mãe ou seu pai. Mas pode ter visto ou ouvido algo parecido, não é verdade?

No início do ano, bandidos assaltaram o Lar Torres de Melo e levaram o dinheiro da aposentadoria de mais de duzentos idosos. Como pode existir pessoas que não têm amor pelos mais velhos!

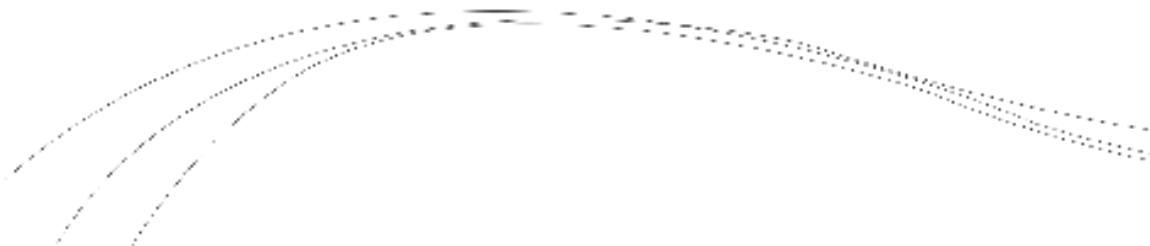
O ônibus apareceu na avenida e avistei mamãe chegando. Entramos no ônibus e logo em seguida sentei na cadeira de onde dava para ver a pobre velhinha sentada e solitária. Naquele exato instante chegou minha colega de turma, que colocou sua bolsa no banco da parada enquanto falava no celular. Vejo a idosa retirar algo da bolsa da garota: os óculos! Procuro o celular para ligar para minha amiga e avisar o que está se passando.

– Ué! Cadê meu celular?

Professor: Joaquim Filho Lima Correia  
Escola: E. M. E. I. F. Vicente Fialho – Fortaleza (CE)

### Glossário

Marmota – No Ceará é sinônimo de besteira.



## O mapa do meu tesouro

Aluna: Thaylle Oliveira Queiroz

Em um belo dia de manhã, embora frio e nublado, acordei com uma breve e contraditória sensação: leveza e ansiedade. Recordei-me em seguida que tinha despertado de um sonho curioso e inacabado.

Sonhei que me encontrava por alguns instantes num lugar calmo e maravilhoso. Havia uma atmosfera de sonho: em meus olhos refletia uma imensa luminosidade do pôr do sol, logo abaixo uma paisagem vibrante e um mar azul, onde se podia ouvir o som das águas correndo. Sentia-me extremamente feliz, no meu rosto estampava-se um sorriso inspirador, e eu corria sem parar pela beira do mar, de pés descalços. Com toda aquela euforia, demorei para perceber que meus longos passos me levavam para perto de um objeto de cor vermelha e espessura retangular. Foi exatamente naquele momento que acordei e infelizmente não tive tempo de identificá-lo.

O sonho foi interrompido, mas eu sabia onde estava, conhecia perfeitamente aquele lugar e, mais do que ninguém, o admirava. Próximo de onde vivo há um povoado que se chama Boa União e é lá que se localiza aquela linda paisagem natural do meu sonho.

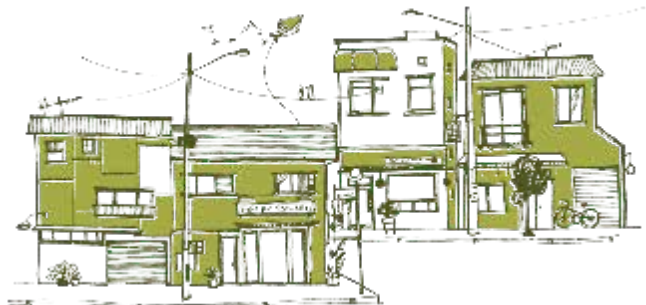
Naquela manhã, depois de ter lembrado tudo o que “vivi” enquanto dormia, bateu uma vontade de ir até lá. Imediatamente, peguei a bicicleta, pedalei rápido, com o intuito de conseguir uma grande velocidade a caminho do local desejado.

Minhas emoções me levaram adiante e, quando me dei conta, já estava onde queria chegar. Sentei numa pedra em frente à visão deslumbrante e comecei a admirá-la. Depois de mais ou menos dez minutos de silêncio quase sem fim, avistei ao longe algo brilhar. Cuidadosamente, me aproximei para ver do que se tratava, quando deparei com o mesmo objeto que havia visto no sonho. Ele tinha as mesmas características, era um livro grosso que estava aberto entre as páginas 178 e 179. Peguei-o depressa, escondi-o embaixo da blusa e levei comigo para casa. Tive medo de alguém ter visto a cena; porém, a minha curiosidade foi maior que tudo.

Esse acontecimento me tocou profundamente, com toda a certeza jamais esquecerei aquele dia. Tenho em mim que o sonho foi como um mapa que me ajudou literalmente a encontrar meu verdadeiro tesouro. Todas as noites, quando minha família se acomoda para dormir, vou até o esconderijo e pego meu precioso livro. Costumo lê-lo pelo menos cinco páginas. Foi ele que fez crescer dentro de mim uma grande paixão pela leitura. Hoje em dia é o que eu mais gosto de fazer na minha vida. Certamente significa muito para mim.

Não me importa se você não acreditar, mas todos guardamos um segredo – e esse é o meu.

Professora: Larissa de Queiroz Santos  
Escola: C. M. de Barrocas – Barrocas (BA)



## O herói envergonhado

Aluna: Rebeca Ramos de Melo

Subir num ônibus em um terminal de integração da cidade de Manaus no horário do *rush* é uma verdadeira batalha. Homens e mulheres se acotovelam e se empurram para tentarem conseguir um lugar vazio para sentar. Quando não, apenas embarcar e se encaminhar rumo aos seus destinos já é suficiente.

Certo fim de tarde, Irineu aguardava ansioso a chegada de seu busão em um desses terminais. Não demorou muito, ao longe ele observou que o coletivo da Linha 612 se aproximava. Psicológica e fisicamente, estava preparado para ser um dos primeiros a entrar.

Mal o ônibus parou no lugar determinado, começou o corre-corre, e, realmente, Irineu foi um dos primeiros a entrar, conseguindo assentar-se no lugar que tanto desejava, no banco mais alto, que não era simplesmente um banco comum, era um banco de honra, onde só o mais astuto conseguiria assentar-se sem nenhum empecilho.

Parecendo uma verdadeira lata de sardinha, o veículo segue o seu trajeto. Irineu esboçava aquele sorriso com o canto da boca, sentindo-se um campeão ante os demais passageiros.

No primeiro ponto após o terminal, o ônibus parou. Algumas poucas pessoas desembarcaram e uma senhora de mais ou menos 65 anos entrou. O que é surpreendente quando alguém com esse perfil embarca é que o sono ataca quem está sentado. E foi isso que aconteceu. O coletivo prosseguiu viagem e a senhora em pé.

Irineu começou a ficar constrangido, pois alguns passageiros pareciam olhá-lo com ar de reprovação. De repente, ele se levanta, toca de leve na pobre mulher e com uma voz mansa diz:

– Por favor, senhora, queira sentar-se aqui neste lugar.

Achava ele que receberia palavras de agradecimento e de cortesia, porém ela explodiu e disse:

– Você tá pensando o quê? Que eu não me aguento em pé? Que eu tô caindo sobre minhas próprias pernas? Respeite-me, seu moleque.

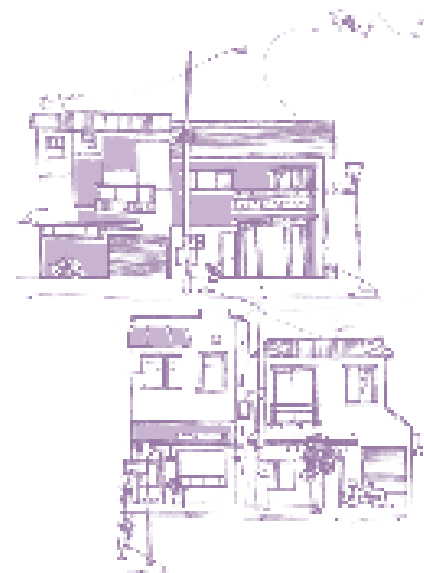
Aquele que antes se considerava o maioral, o “primeirão”, agora colocou o rabinho entre as pernas, abaixou a cabeça e imaginava todos os passageiros cochichando e rindo de sua atitude.

A cada freada que o ônibus dava, a senhora se desequilibrava no alto de suas frágeis pernas, mas preferiu não aceitar a gentileza do menino.

E Irineu ficou a pensar: “Acho que não está mais valendo a pena ser bem-educado”.

Professor: Mauricio Oliveira da Silva

Escola: E. E. Professora Ondina de Paula Ribeiro – Manaus (AM)



## Sobre princesas, festas e Posse dos Coutinhos

Aluna: Ana Carolyna M. Guimarães

O dia só estava clareando, mas para mim já era tarde. A insônia da noite anterior, fruto da euforia, não me deixou pregar o olho. Mas essa agitação tinha um motivo que, de tão grandioso, quase não caberia numa crônica: era o dia de comprar a roupa para minha festa de aniversário! Não me aguentava de tanta ansiedade, queria sair logo de casa para tornar realidade meus sonhos mais dourados: um vestido de princesa para deixar as outras meninas com cara de abóbora.

Festa de aniversário na Posse é um evento social de grande repercussão. As pessoas passam a semana comentando, fazendo preparativos, combinando a hora de chegar, o que vão dar de presente à aniversariante. Cerimônia do Oscar é fichinha diante do burburinho que uma festança gera na distinta sociedade posseana. Eu estava radiante; afinal, essa era a minha vez de brilhar.

Assim que me aprontei, minha mãe e eu fomos a Alcântara para escolher a minha roupa. Vida de princesa à noite, mas realidade de Gata Borracheira durante o dia. As estradas esburacadas fazem do ônibus uma caixa de som mais potente que a do DJ da festa e a poeira da estrada incomoda tanto quanto a purpurina no corpo suado. Mas nada iria estragar meu dia! Fechava os olhos e transformava o calor do ônibus no vapor alegre da pista de dança... Tudo parecia melhor e tudo valia a pena!

Chegando à loja de aluguel de roupas de festas, me senti como num camarim de televisão. Muito brilho, muita pluma, muito dourado. As roupas já tinham sido usadas por muitas meninas, ávidas pelo seu dia de estrela, assim como eu. Os puídos das barras dos vestidos não me incomodavam, eram as marcas indelévels da vitória de todas as que usaram. Isso só me dava mais certeza do sucesso da minha noite: foi especial para elas, não será diferente comigo.

Escolhi o vestido verde-esmeralda. A cor do tecido coloriu de esperança meus pensamentos. Nada poderia dar errado. Escolha feita, pausa no sonho e retorno à realidade. Agora, com um trambolho gigante nas mãos, as ruas de Alcântara pareciam mais longas, o espaço do ônibus, mais estreito e a caminhada na poeirenta estrada da Posse, uma interminável maratona. Acho que, a essa altura, até uma carruagem de abóbora me faria feliz!

A festa foi linda, o vestido causou uma inveja de bruxa mã nas outras meninas, como eu havia desejado, e meu príncipe nem parecia o sapo de outras ocasiões. Durante semanas, a minha festa foi o assunto mais comentado entre as janelas das vizinhas, era como se eu figurasse nos *trending tops* do Twitter! O vestido ganhou mais um puído na barra e eu tive meu dia de princesa, como eu sonhava! Pelo menos até a meia-noite, quando a festa acabou e minha mãe me presenteou, tal como a madrastra das fábulas, com a vassoura... para limpar o salão de festas.

Professor: Wagner da Conceição Trindade  
Escola: E. M. Ernestina Ferreira Muniz – Tanguá (RJ)



Os professores dos dois últimos anos do Ensino Médio puderam proporcionar aos seus alunos uma oportunidade diferenciada de participação na vida pública ao trabalhar com os artigos de opinião. Muitas foram as competências que os alunos-autores desenvolveram no processo de produção desses textos: observar o lugar onde vivem, identificar uma questão polêmica relevante sobre a qual não existe consenso, tomar conhecimento do que já foi dito a respeito dela, pesquisar fontes de informação, reconhecer e usar diferentes tipos de argumento para defender o seu ponto de vista. Perceberam que, para convencer o leitor, mais do que empolgação, é preciso buscar os melhores caminhos para negociar com os opositores e escolher as palavras mais adequadas. Dessa forma, construíram a sua posição diante da polêmica, elaborando-a em um artigo de opinião. O estudo desse gênero textual em sala de aula tornou-se um caminho especial para o ensino de língua portuguesa. Muitos foram os textos produzidos pelos estudantes que participaram da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Contudo, o ciclo da produção escrita só se completa quando a voz do autor é ouvida, encontra interlocutores. Nas próximas páginas você conhecerá parte dessa produção – a dos finalistas. A leitura destes textos permite compor um retrato das questões polêmicas que preocupam os jovens de diversos lugares do Brasil e afetam suas comunidades. São evidentes o entusiasmo e a seriedade com que realizaram esse trabalho, e certamente você será contagiado por eles.

## artigo de opinião



# artigo de opinião

**212** Praça Portugal: um ícone histórico em ameaça

Gleiton de Souza Vasconcelos Gomes

**214** Rodoanel: antagonista de um enredo contraditório

Juliana do Nascimento Pereira Orphão

**216** Gêmeos: milagre, manipulação ou genética?

Débora Wappler

**218** Tombamento: preservando um passado sempre contemporâneo

Fernando Max Alves Ferreira

**220** O oxente e o ok

Joyce Maria Almeida Correia

**222** A viagem só de ida

Bárbara Till

**224** Represas: saciam ou afogam vidas?

Lais Suzana Sary

**226** Itaoca Offshore: progresso versus impacto ambiental

Leticia Barboza Marvila

**228** Nem tão doce quanto parece

Jaqueline Ferreira da Silva

**230** Entre sabores e dissabores

Camila Gomes Conceição

**232** Eu voto “sim”

Tayná Alcía Lourenço

**234** (Re)criar ou abandonar?

Ana Amália Rodrigues Luna

**236** Que rufem os tambores, não os tratores!

Carlos Iury Holanda da Silva

**238** Há lagoas?

Pedro Henrique Santos Barros Araújo

**240** Terra de fartura

Eduarda Facina

**242** O progresso pelo progresso e a destruição da memória do povo

Gustavo Ítalo Freire Martins

**244** A polêmica das galinhas

Fernanda Maria Cintra

**246** A pedra que não canta mais

Iara Maria Fonseca da Silva

**248** Visita íntima em motel: uma questão de dignidade!

Eduarda Moura Pinheiro

**250** Aterro regional, a cidadania em xeque

Dayani Lebedief Sakamoto Rabello

**252** De segunda cidade mais violenta do mundo a lugar tranquilo para se viver

David Junior de Oliveira Goes

**254** Macacos me mordam, nossa riqueza está em risco!

João Victor Borges Oliveira

**256** Lixo ou benefício? Acorda, Marituba!

Wilcles de Souza Freitas

**258** Progresso e meio ambiente. Como equilibrar essa equação?

Jeferson Gibrair Junior Madella

**260** O protagonista da destruição

Josivaldo José Lima da Silva

**262** O jardim da Rua 16

Luiz Eduardo Lima Aguiar

**264** Mossoró: cenário da bala, palco da violência

Leonardo Serafim da Costa

**266** As janelas espiam e as bocas se calam

Gleyciene Oliveira Silva

**268** Agrotóxico: vilão ou solução?

Débora Simonetti Martinelli

**270** Polo industrial: o dilema entre a vida e a economia

Dêneson Pastor Lima

**272** Às margens do Rio Parati

Zimbábwe Osório Santos

**274** Cana de açúcar: desenvolvimento ou retrocesso?

Jéssica Fernanda Prado Martins

**276** Passado que não passou

Gabriel Schincariol Cavalcante

**278** O festival dos lucros invisíveis

Eldia Rayne dos Santos Cardoso

**280** Entre praças, saúde e educação

Bárbara Cristina Santos de Sousa

**282** Há uma praça no meio do caminho

Agna Ferreira Tavares Vieira

**284** Emancipação: decadência ou progresso?

Emanuela de Almeida Amorim

**286** Quilombola, sem quilombo, pode?

Kleysllany Mansano Godoy

## Praça Portugal: um ícone histórico em ameaça

Aluno: Gleiton de Souza Vasconcelos Gomes

O lugar onde vivo é uma metrópole moderna, de povo alegre e hospitaleiro. Lugar para se viver, ouvir, sentir, guardar na lembrança e nunca mais esquecer. Aqui na capital cearense tudo é pensado e voltado para o turismo, onde a calma e o agito dialogam em total harmonia. Agregadas a essas particularidades, existem as características arquitetônicas da cidade. Algumas delas são realçadas nas praças, que assumem destaque expressivo nos bairros da cidade. Ao longo da história, elas se tornaram locais de encontro de várias gerações, construindo e preservando a cultura do povo fortalezense.

Um desses espaços, a Praça Portugal, localizada no coração do bairro Aldeota, é um diferencial em nossa cidade. Seu contorno circular é único e se destaca pelo tamanho e simetria. Situa-se no centro das duas maiores e mais movimentadas avenidas do bairro, Dom Luiz e Desembargador Moreira. No seu entorno existem muitas lojas comerciais que contribuem de forma significativa para a economia local. Construída em 1947, é formada pelo conjunto de cinco partes: uma área central e quatro ilhas laterais. A área central abriga um monumento denominado *Esfera armilar*, que representa um instrumento de navegação, símbolo da epopeia marítima portuguesa e da união entre os povos lusófonos. É componente importante da história de Fortaleza. No entanto, nos últimos meses, o espaço vive em meio a uma polêmica: a prefeitura anunciou um projeto que prevê a extinção desse ícone histórico, parte da memória de minha cidade.

Com a justificativa de melhoria da mobilidade urbana, as autoridades apresentaram um novo modelo de cruzamento para o local, dividindo a praça em quatro partes. Porém, divisão maior está nas opiniões dos fortalezenses a respeito do assunto. O prefeito argumenta que a reestruturação do espaço promoverá uma melhoria da fluidez do tráfego dos meios de transporte, evitando, dessa forma, os congestionamentos da região. Para ele, a demolição da praça foi preferível à construção de um túnel, em razão de custo e tempo de realização da obra.

Particularmente, acredito que a Praça Portugal não seja só um monumento histórico. Sua definição vai além desse conceito, compreende um conjunto de formas, espaços e lembranças que se construíram ao longo dos anos. Lugar de encontro de muitas gerações com ideologias opostas, mas que possuem o mesmo objetivo: se divertir. Conhecida por ser, todo ano, palco da montagem da mais alta e bela árvore de Natal da cidade, buscando sempre representar a identidade do povo fortalezense. A Praça Portugal representa o marco do desenvolvimento urbano de minha cidade. Ela é “um símbolo da capital cearense, dos vínculos estreitos que temos com Portugal, nossa referência urbana”, como bem relatou o colunista cearense Francisco Campelo.

É notório que nossa metrópole precisa de obras de mobilidade e intervenções urbanas, mas desde que respeitem o patrimônio histórico da cidade. Tenho a convicção de que a Praça Portugal deve ser preservada. É preciso ter a sensibilidade de levar em questão que um monumento público não pode ser extinto, pois a referência afetiva que toda uma população tem por ele não poderá ser preenchida, deixando um “vácuo” na memória da cidade. Ao contrário do que a atual gestão municipal sugere, acho que uma boa maneira de melhorar o trânsito seria aprimorar seu entorno com descentralização do trânsito e semáforos sincronizados. Vale ressaltar que a população deve ser consultada para a execução de uma ação radical como essa, haja vista que a qualidade de vida das pessoas é diretamente afetada quando decisões são tomadas sem a reflexão e o encontro de um consenso coletivo. Portanto, a participação popular durante os projetos é primordial para o crescimento digno de um local. Ao destruir nosso patrimônio, estamos não somente perdendo qualidade de vida, mas também cidadania e senso de pertencimento aos locais e aos grupos comunitários.

O ideal seria que o apego afetivo contagiasse a todos e que tivesse força suficiente para anular de vez a ideia de extinção da praça, um espaço charmoso que promove um diálogo entre o passado e o presente do lugar onde vivo.

Professora: Clariany Ferreira Correia  
Escola: E. E. E. Paulo VI – Fortaleza (CE)

## Rodoanel: antagonista de um enredo contraditório

Aluna: Juliana do Nascimento Pereira Orphão

A cidade onde vivo agrega belezas naturais, um povo hospitaleiro e bem-humorado. Situado na região metropolitana da Grande São Paulo, é um município plano, como um palco de teatro. Entretanto, nos últimos anos os moradores deste tablado protagonizam o enredo de uma peça trágica repleta de contradições.

O motivo da catástrofe é a construção do trecho leste do Rodoanel Mário Covas, administrado pela concessionária SPMar e autorizado pelo governador Geraldo Alckmin. Desde 2012, os suzanenses convivem com um antagonista que promove o descaso com a natureza e assombra com a desapropriação de moradores, descartados como marionetes quebradas. São 140 famílias! A execução desse projeto viário gera intermináveis questionamentos: o Rodoanel trará benefícios à maioria da população? É a melhor solução para o problema da mobilidade urbana?

A sociedade civil não acredita nos benefícios do Rodoanel. Para eles esse rolo compressor viário é um paliativo e está no sentido contrário do progresso sustentável e beneficia apenas uma parcela da sociedade. Contudo, representantes do governo levantam bandeiras e com veemência defendem o projeto.

“Suzano, Poá, o ABC, Arujá, Guarulhos, Ferraz vão ficar na melhor esquina do Brasil que é o Rodoanel, com as autopistas que chegam a São Paulo, com o aeroporto e com o porto. Isso vai atrair muito as empresas para gerar emprego e desenvolvimento”, afirmou o governador Geraldo Alckmin à TV Diário, filiada local da Rede Globo, em visita ao município.

Não se pode aceitar tamanho desrespeito sob nenhum argumento progressista. É fácil ser a favor quando não se é afetado pela situação, quando a casa pela qual se batalhou tanto para comprar ou construir não está na lista negra de uma obra que não passa apenas por cima de casas, mas por cima de sonhos e conquistas.

Acredito que a vida é o que há de mais importante no mundo: a fauna, a flora e os seres humanos devem ser aplaudidos e respeitados, por isso eu sou contra a forma com que o Rodoanel é executado e também refuto seus possíveis benefícios.

Em outra reportagem, ao *Diário de Suzano*, moradores do Jardim Monte Cristo denunciaram a situação calamitosa que estavam vivendo. Em um dos depoimentos, a dona de casa Antônia Maria da Silva, moradora há trinta anos do bairro, afirmou que a SPMar ofereceu cerca de 40% a menos do que o valor real do seu imóvel, mesmo com a documentação toda regularizada. Ser indiferente ao desespero dessas pessoas é desumano.

Os dom-quixotes de Suzano até que tentaram lutar pelos seus direitos violados: fizeram protestos em frente ao fórum, consultaram advogados, foram à imprensa, denunciaram os silvestres e mananciais afetados. Todavia, as cortinas desse espetáculo estavam fechadas.

Concordo que a mobilidade urbana precisa ser solucionada. Ressalto que não será com as construções de mais rodovias e viadutos que resolveremos o problema. Para tanto, é preciso rever a estruturação do transporte público e sua articulação com a habitação, revitalizar e reabitar os centros urbanos. Em vez de privilegiar o transporte individual, o governo deveria investir na criação de outras soluções, como o uso da bicicleta, aumentar as ciclovias, colocar à disposição ônibus e pontos que recebam bicicletas para viagens de longa distância. Assim, proporcionar à população escolhas mais saudáveis e ecologicamente corretas.

Outra solução seria reaproveitar ferrovias abandonadas e investir no ferroanel. Essa ação contribuiria para acelerar e minimizar os custos com os transportes de carga e economizar com pedágios, combustível, tráfego e manutenção dos veículos, sem poluir o ar. Atitudes como essas resolveriam o problema de mobilidade sem destruir os cenários naturais e usurpar os sonhos das personagens que vivem nas extremidades do Rodoanel.

Os responsáveis pela obra devem mudar sua postura. Trata-se de uma questão ética: reavaliar os valores dos imóveis, ressarcir com urgência essa população que perdeu sua dignidade, sua identidade, sua história. E, claro, pedir mais um perdão à natureza!

Professora: Elaine Ferreira de Matos dos Santos  
Escola: E. E. Professora Leda Fernandes Lopes – Suzano (SP)

# Gêmeos: milagre, manipulação ou genética?

Aluna: Débora Wappler

O lugar onde eu moro é um município que conta com sete mil habitantes e está localizado no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Cândido Godói é uma cidade conhecida como a capital mundial dos gêmeos, o que gerou várias polêmicas, reportagens e estudos. O fenômeno de nascimentos de gêmeos não está em Cândido Godói como um todo, mas concentra-se mais na Linha São Pedro, uma pequena comunidade do interior, distante 4 quilômetros da cidade. Em uma área de pouco menos de 6 quilômetros quadrados vivem cerca de 80 famílias e há gêmeos em pelo menos 38 delas, embora a maioria já tenha deixado a pequena cidade. No município todo se estima existirem 68 casais de gêmeos.

Por causa desse fato, o município ganhou atenção do mundo inteiro. E a maioria buscava uma “explicação” para esse fenômeno. A primeira suposição é baseada numa lenda, gravada em um monumento na praça pública da cidade, que diz que um trabalhador desejava ter um filho e pediu fortemente em oração para Deus. As suas lágrimas de fervor se misturaram com a água da chuva naquele instante, que correu para um rio dessa comunidade. Então, o trabalhador teve seu desejo realizado por Deus, tendo gerado um par de gêmeos. Diante disso, todo aquele que tomasse daquela água, no caso milagrosa, teria a dívida de gerar gêmeos.

Entretanto, surgiu uma explicação científica. Associou-se a alta taxa de nascimentos de gêmeos com supostas experiências conduzidas pelo médico alemão de Hitler, Josef Mengele, que teria passado por Cândido Godói em 1963. Na maioria dos casos, as crianças nascem loiras e de olhos azuis, modelo considerado ideal por Hitler.

Creio que esse argumento não é suficientemente convincente. Com toda tecnologia existente hoje, não se consegue uma manipulação genética desse tipo; naquela época então as possibilidades seriam inexistentes. E muitas pessoas que viveram aqui antes e durante essa época nunca viram ou ouviram falar desse homem. Sendo uma cidade pequena, onde a maioria se conhece, algo teria sido comentado. Mas até hoje absolutamente nada.

Outra conjectura é que a maioria é descendente de alemães; então, as crianças tendem a nascer loiras e de olhos claros, uma decorrência de suas origens e genética.

Enfim, depois de muitos comentários e opiniões, foi divulgado um estudo feito no município. Nem o médico nazista Josef Mengele, nem a suposta “água da fertilidade” e nem a mão de Deus teriam participação importante no fenômeno.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um hospital de clínicas ligado ao Instituto Nacional de Genética Populacional declararam seus seguintes resultados: o fator preponderante é a presença significativa da forma “C” de um gene da família p53 nas mães de gêmeos do município, que teria sido trazido pelos primeiros imigrantes, quase todos alemães, à região. Esse gene oferece maior “proteção” à gravidez, o que favorece a gestação de gêmeos. Na Linha São Pedro, sendo pequena e com poucos moradores, o impacto foi grande; afinal, as famílias foram gerando seus descendentes e estes se envolveram com outras famílias na mesma localidade.

Também os fatores ambientais, como a boa qualidade da água, proporcionam gestações saudáveis para as mães. A pesquisa estudou 42 mães de gêmeos e 101 mães que tiveram gestação com um único filho. Creio que esse estudo avançado foi muito importante para melhorar a compreensão por parte de todos, até mesmo para formar minha opinião.

Porém, a mãe de um casal de gêmeos relatou que não tem nenhum gêmeo na família e foi só chegar à Linha São Pedro para trabalhar que em três meses ficou grávida de gêmeos. Então, o mistério parece que continua. Alguns já têm ideia formada, outros não sabem o que pensar e outros ainda aguardam novas pesquisas.

Só espero que ninguém se deixe levar por ilusões. Cândido Godói, uma cidade muito tranquila de se viver e amada por todos os habitantes, carrega com muita honra a fama de ser a capital mundial dos gêmeos. E eu me sinto feliz por poder conhecer essa história. Portanto, ressalto a importância de lembrar que a genética e os fatores favoráveis são os únicos envolvidos neste lindo e interessante fenômeno.

Professora: Cátia Regina Damer  
Escola: I. E. E. Cristo Redentor – Cândido Godói (RS)

## Tombamento: preservando um passado sempre contemporâneo

Aluno: Fernando Max Alves Ferreira

Itaúna é uma pacata cidade do centro-oeste de Minas Gerais, cuja origem data do começo do século XX. Desde então a cidade cresceu e ganhou importância, sem, no entanto, perder sua história, conservada através de edifícios e obras cujo estilo remonta à arte eclética, e por meio de sua bela Praça da Matriz, com suas frondosas árvores centenárias. No entanto, o progresso tecnológico e urbano, um bem necessário, vem ameaçando a preservação de tais artefatos, pois certos progressistas insistem em suas derrubadas. Eles não se atentam ao fato de que o progresso se dá primeiramente pela preservação da história local, o que faz do tombamento um ato fundamental para o avanço almejado.

Determinadas obras fazem parte do cotidiano dos itaunenses, estando intimamente ligadas à sua história e à cultura da cidade. Penso que essas obras eternizam fatos que a cidade viveu e os preservam para as gerações futuras, concedendo a todos a chance de relembrar ou mesmo conhecer a bela história do lugar em que vivem.

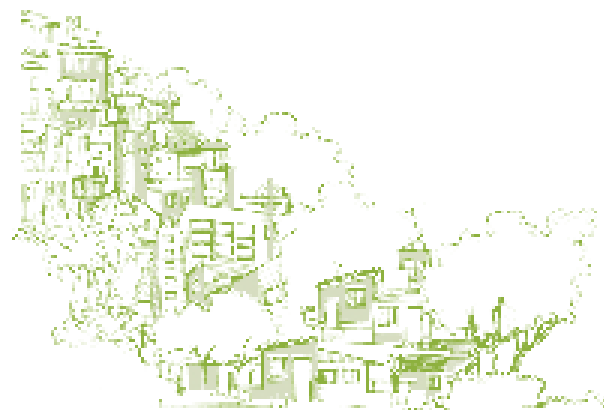
Muitos dizem que o tombamento atrasa a economia e a urbanização e prejudica o dono do bem tombado. Porém, atualmente, o governo isenta diversos impostos do proprietário desses lugares e ele não se torna impedido de usufruir do bem conforme queira desde que o preserve. Além disso, o tombamento não é empecilho à economia e urbanização, mas aliado destas. Um bom exemplo é visto na Europa e na Índia, onde velhas residências se transformaram em hotéis de alta lucratividade, permitindo o avanço econômico.

Alguns artefatos tombados estão intimamente ligados à história de Itaúna e sua desvinculação já não é mais possível. A Praça da Matriz da cidade é um exemplo. Sendo local para diversos eventos e atuando como cartão-postal da cidade, a “pracinha” se tornou sua parte fundamental e o povo vincula sempre a cidade àquela praça e sua bela Igreja Matriz, também construída com elementos neoclássicos, sendo local de religiosidade de muitos. Cabe ressaltar também o papel das árvores daquele local, que, já tombadas, constituem a beleza natural e retêm grande parte da poluição do centro da cidade.

Além de garantirem a singularidade de Itaúna perante outras cidades vizinhas, os artefatos tombados asseguram um aquecimento no setor de turismo, uma vez que diversas pessoas se interessam em conhecer tais locais que remontam a belezas do passado e estão intimamente conectadas ao presente.

Então, percebe-se que o tombamento histórico é algo inevitável a uma cidade consciente que preserva suas raízes, assim como a urbanização também o é. A conciliação entre esses dois fatores, como já é feito em diversas cidades, é a melhor opção para o avanço delas. Simples ações, como o tombamento de bens que realmente preservem a história e o maciço investimento governamental, para que se tornem também atrativos turísticos, além da sua correta utilização por parte da comunidade, permitirão que a memória de diversos itaunenses seja preservada e a cidade progrida em plenitude.

Professora: Ana Cristina Meneses Prado  
Escola: E. E. Itaúna – Itaúna (MG)



## O oxente e o ok

Aluna: Joyce Maria Almeida Correia

Com a chegada do complexo industrial e portuário do Pecém, a nossa cidade, São Gonçalo do Amarante, recebe pessoas de todo o Brasil e até do exterior. Cada um traz consigo a cultura, o jeito de ser e de falar. A mistura de sotaques e o uso de termos “estranhos” já são bem visíveis. O problema é que os que chegam aqui acreditam que falamos errado e os moradores acham que o erro está no modo como os recém-chegados falam. Uma briga em que não há ganhadores, muito menos perdedores.

A língua falada não é estática, imóvel; ela é viva e bem dinâmica. A prova disso é que antes mesmo da colonização já havia variantes da fala no Brasil. Com a chegada dos portugueses, africanos e, posteriormente, outros povos, a variedade da nossa fala passou a ter dimensões nacionais. Por isso, eu penso que a polêmica sobre o certo e o errado acerca de como se deve falar aqui é uma discussão sem fundamento. O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico. Ele diz ainda que a confusão se faz entre a língua e a gramática normativa, que não é língua, mas apenas uma descrição parcial dela. E que, se o domínio da norma-padrão fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social. Na minha opinião, a norma-padrão deve ser ensinada, é uma competência importante para a cidadania, mas não deve dividir as pessoas em dois grupos: os que sabem e os que não sabem falar direito. Julgar uma pessoa pela forma como ela fala é uma atitude insensata.

Estima-se que o número de habitantes da nossa cidade será triplicado em uma década. Isso já é motivo suficiente para que todos compreendam que haverá outras maneiras de dizer, sem que ninguém seja melhor ou pior. Quem chegar a um restaurante da cidade e pedir aipim vai comer uma deliciosa macaxeira, herança dos Anacés – primeiros habitantes de São Gonçalo do Amarante. As nossas cuias de guabiraba terão de conviver bem com as cuias de chimarrão. “Não troco o meu oxente pelo ‘ok’ de ninguém”, disse o saudoso Ariano Suassuna, defendendo a sua fala regional. Mas ninguém precisa trocar nada. Ninguém precisa, nem deve abrir mão da sua variante linguística. Fazê-lo é hipocrisia, a fala é a história da nossa vida, do nosso tempo e do lugar onde vivemos.

O nosso município é um dos que mais crescem no Brasil, mas não queremos crescer apenas economicamente, não queremos ser um povo vazio de tolerância e de conhecimento no que diz respeito a esse misto de falantes, a essa riqueza imaterial. O nosso oxente é tão correto e maravilhoso quanto o *ok* de quem vier. Eu não vou deixar de ser eu mesma se alguém me chamar de menina ou guria. Além disso, quando se estigmatiza uma pessoa, prestigia-se outra, originando uma exclusão social.

Diante desse intenso movimento migratório que estamos vivendo, a decisão mais sábia é acatar todo “uai”, “oxente”, “tchê” e por que não o “ok”. Agora, somos todos são-gonçalenses, igualmente brasileiros.

Professora: Tárzia Maria Gomes Martins  
Escola: E. E. P. Adelino Cunha Alcântara – São Gonçalo do Amarante (CE)



## A viagem só de ida

Aluna: Bárbara Till

“O bom filho à casa torna”, certo? Baseada na realidade do município de Quevedos, é possível afirmar o contrário.

De alguns anos para cá tem-se notado certa anormalidade quando se trata da porcentagem de faixa etária jovem municipal. O que se vê é uma população escassa de jovens entre 19 e 29 anos e um contingente crescente de idosos. Esse é um fato que faz parte da realidade das cidades interioranas do Rio Grande do Sul, como aponta recente pesquisa do IBGE, que mostra que em 219 municípios rurais do interior do Estado tem havido evasão exponencial da juventude, causando o envelhecimento e estagnação da população.

O que venho abordar aqui é o porquê de isso estar ocorrendo. Por que os jovens de Quevedos não têm voltado a se estabelecer no município no período pós-ensino superior? A resposta para essas perguntas é só uma: uma perspectiva diferente de vida.

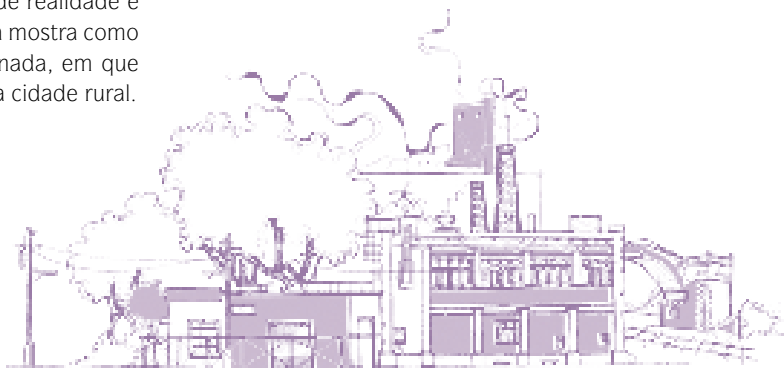
O senso comum denota que essa perspectiva diferenciada seria a econômica. Isso, em parte é verdade, pois os jovens de Quevedos têm uma dificuldade grandiosa de voltar a se estabelecer no município como profissionais. A cidade provê, em maior quantidade, a monocultura da soja como estilo de vida. Há outras áreas em que há potencialidade de emprego, saúde e educação; porém, levando em conta a demanda pelo número de habitantes, as possibilidades são praticamente nulas.

Mesmo que a perspectiva de economia melhor seja um argumento válido, nota-se que não é o maior motivo para esse abandono da juventude em relação ao município. A grande realidade é que somos apresentados a uma visão de metrópole, principalmente pela mídia, que a mostra como o estilo de vida e padrão mais desejável da sociedade. A vida frenética e desordenada, em que não se cai na rotina, é um atrativo extremo a um indivíduo que acaba de sair de uma cidade rural.

O que a juventude não tem levado em conta é que há benefícios diversos àqueles que têm a intenção de permanecer aqui. Seriam estes a baixíssima criminalidade, que faz com que a cidade seja daquelas nas quais se pode “dormir de portas abertas”. Também é preciso lembrar que o custo de vida é deliberadamente menor que o de cidades com grande população, e os salários daqueles da vida agrícola, algumas vezes é até maior do que muitos empregos de base que geralmente compõem as opções mais disponíveis à maioria que se aventura em grandes metrópoles. E, além de tudo, claro, a nossa pacata cidadezinha também dispõe de menos criminalidade e mais contato com a natureza, mas isso pode não representar grande vantagem para muitos.

O que se pode ver é que esses jovens estão agindo como perfeitas mariposas, sendo atraídos para as luzes dos grandes holofotes e esquecendo que aqui, no lugar onde suas personalidades e mentes foram formadas, a luz das estrelas é que brilha mais forte. É preciso lembrá-los de qual dessas luzes ficará brilhando por mais tempo.

Professora: Marcia Braz de Oliveira Gaier  
Escola: E. E. B. Dom Pedro I – Quevedos (RS)





# Represas: saciam ou afogam vidas?

Aluna: Laís Suzana Sary

As represas, sejam para construção de usinas hidrelétricas, sejam como reservatórios para o consumo humano, encontram-se em elevado número na paisagem de nosso país graças à grande quantidade de rios desse extenso território. Infelizmente, um desses reservatórios poderá ser construído na bacia hidrográfica do rio Miringuava, em São José dos Pinhais, Paraná.

O projeto inicial dessa obra foi desenvolvido no Primeiro Plano Diretor de Curitiba, na década de 1960, e a partir de então, em decorrência da polêmica gerada, houve muitas modificações até a atual proposta: construir a represa com extensão de 30.000 hectares na Colônia Avencal. Essa área, na zona rural da cidade, foi desbravada pelas famílias polonesas, imigrantes que vieram para o Brasil a partir de 1878 devido ao incentivo do governo, trazendo a rica cultura e o modo de cultivar o solo, e com a convicção de que teriam terras e trabalho garantidos. As colônias foram crescendo através dos laços familiares, mantendo os costumes, a culinária e o amor pela terra. Mas, com a realização dessa obra, “mais de 57 famílias irão ser afetadas diretamente, tendo suas propriedades alagadas, além de 800 famílias que serão afetadas indiretamente, não podendo cultivar a terra”, conforme afirma Jaime Sary, membro da Associação dos Proprietários e Moradores da Bacia do Miringuava.

Estima-se que esse reservatório de água garantiria o abastecimento regular de São José dos Pinhais e Curitiba por quinze anos, mas causaria uma grande redução na produção de hortaliças e leite, pois a área rural da cidade é uma das maiores e mais importantes produtoras da região. Com a Área de Preservação Ambiental (APA) resultante da implementação do projeto, os agricultores não poderão aplicar as mesmas formas de cultivo hoje utilizadas e tampouco contarão com o auxílio de programas de incentivo para que possam migrar para a agricultura orgânica. Então, como única saída, eles teriam que deixar suas terras e buscar novos lugares para viver. Porém, para agravar a situação, as indenizações oferecidas estão muito aquém do valor de mercado e, conseqüentemente, não seria possível comprar uma propriedade equivalente na região. “O valor foi estipulado em 2008 e nós só recebemos, sem reajustes, em 2013”, declara a moradora afetada Clari Terezinha Klavilhuka. Portanto, além de perderem as terras, eles irão também perder a principal fonte de renda.

Outro fator de grande importância são as extensas áreas de vegetação que serão perdidas. A Mata Atlântica tem um significativo domínio na área de alagamento prevista. Como principal exemplo desse bioma, temos a *Araucaria angustifolia*, árvore símbolo do Paraná, que está na lista de espécies ameaçadas de extinção. De acordo com a União Internacional para a Conservação da Natureza, a árvore já perdeu 97% de sua área original, que cobria aproximadamente 200.000 quilômetros quadrados. Além de ser uma espécie sensível, no inverno ela produz semente, o pinhão, e este é um dos poucos alimentos para animais silvestres de várias espécies, como também complemento da renda de muitas famílias.

Também não se podem desconsiderar as conseqüências da alteração do fluxo natural de um curso de água. A transformação de qualquer rio para um meio lântico causa muitos impactos, como a perda do equilíbrio climático, mudanças na fauna, interrompendo a migração de peixes, ou até causando a morte deles e motivando o deslocamento de inúmeras espécies de animais terrestres.

Desse modo, a construção de uma represa não é o ideal para esse contexto, visto o número de danos causados ao meio ambiente e às pessoas. Uma forma alternativa de abastecimento poderia ser o uso das águas subterrâneas, que somam 22,4% de toda a água doce do planeta. Como o Brasil possui 70% da área do aquífero Guarani, o maior manancial de água doce subterrânea do mundo, este poderia ser explorado de forma consciente para abastecer a população, como já é feito, por exemplo, na cidade de Iporã, Paraná. Afinal, precisamos aplicar a sustentabilidade, o que implica bem-estar social e ambiental, respeito ao ser humano e conservação da fauna e flora nativas.

Professor: Vinícius Moreli Tavares

Escola: C. E. E. F. M. Colônia Murici – São José dos Pinhais (PR)

## Itaoca Offshore: progresso versus impacto ambiental

Aluna: Letícia Barboza Marvila

Moro em Itapemirim, um município localizado no sul do Estado do Espírito Santo. Há alguns anos, seus moradores tinham apenas como principal fonte de renda a pesca e a usina de cana-de-açúcar, mas a notícia da chegada da Itaoca Offshore (empresa que presta apoio logístico à exploração de petróleo e gás no Brasil) tem criado muitas controvérsias. Ela irá proporcionar benefícios, principalmente quanto à geração de empregos, e atrair novos investimentos; entretanto, muitos moradores se preocupam com as modificações das vias de acesso e os impactos ambientais que poderão ocorrer.

O município já sofre as consequências, pois quiosques próximos à obra já estão sendo destruídos, cabendo aos donos uma singela indenização. Mas a causa de grande preocupação são três nascentes localizadas justamente onde será construída uma das rodovias de apoio à área portuária da Gamboa. Todos os dias, moradores e turistas vão à fonte que é abastecida pelas nascentes a fim de encher galões de água para o consumo próprio. O morador Celino Bento, de 89 anos, afirmou que mora na região desde os 28 anos, viu sua geração bebendo dessa fonte e agora teme que tudo possa acabar. Os moradores esperam que seja feito um desvio para a construção do asfalto a fim de preservar as nascentes.

A pesca, não só da região como de todo o litoral capixaba, corre o risco de ser afetada por causa da dragagem durante a obra. No passado a empresa Samarco Mineradora fez uma grande dragagem no porto de Ubu e, mesmo com várias famílias de pescadores sendo indenizadas durante os meses que durou a obra, robalos e lagostas, que eram pescados com frequência em áreas próximas, simplesmente desapareceram. Os moradores não descartam que isso possa ocorrer com a chegada da Itaoca Offshore.

Por outro lado, serão investidos 450 milhões de reais no projeto, gerando 500 postos de trabalho durante a construção e 1.000 depois que entrar em funcionamento, trazendo assim uma nova fonte de renda e garantindo aos moradores qualificação de mão de obra. De acordo com Bruno Bendinelle, diretor da Itaoca Offshore, trata-se de uma região estratégica, próximo das duas maiores bacias petrolíferas do Brasil, responsáveis por mais de 95% das reservas provadas do país. Ele ainda afirma que até 2020 a produção de óleo e gás dobrará seu valor “A cidade está precisando de emprego. Fora a pesca, emprego aqui é ruim”, diz o pescador Ricardo Feiras.

Penso que, com a obra, a tendência será mudar toda a dinâmica e rotina dos moradores da região, por isso é necessário um estudo criterioso dos impactos na vida da população. Com a perda dos quiosques, muitos “quiosqueiros” irão reconstruir sua fonte de sustento depois da mudança da via. Em minha opinião, esse tempo poderia ser investido em qualificação, não apenas para os donos dos quiosques, mas para toda a população. Afinal, com a chegada de uma empresa de grande porte, é necessário mão de obra qualificada, e, a meu ver, deve-se investir na própria população, sem a necessidade de contratação de trabalhadores de outros Estados.

Além disso, a saída viável para que não possam ocorrer os impactos ambientais consistirá na busca de novas alternativas de monitorar as áreas que serão afetadas, contratando equipes ou mesmo projetos que possam acompanhar principalmente a água, a fim de evitar que ela seja poluída, o que contribui para preservar também a vida marinha. Enfim, tenho plena convicção de que muitos benefícios serão trazidos para o Estado e de que, futuramente, nós, jovens, precisaremos de uma empresa desse porte para nos estabilizarmos financeiramente. Porém, é necessário que o progresso e o meio ambiente caminhem juntos, pois pensar em futuro é ter um olhar voltado para as questões ambientais; afinal, “se não for sustentável, não há futuro”. Agindo de forma consciente e preventiva, será possível que meio ambiente e progresso caminhem lado a lado rumo ao desenvolvimento do meu município, Estado e país.

Professora: Angelica Estevão da Silva

Escola: E. E. F. M. Washington Pinheiro Meirelles – Itapemirim (ES)

# Nem tão doce quanto parece

Aluna: Jaqueline Ferreira da Silva

A pacata cidade de Goianésia, situada no Vale do São Patrício, é carinhosamente chamada de “Princesinha do Vale”, por ser considerado um lugar jovem, bonito e organizado. O setor primário é o motor da economia, pois, além da produção de leite, milho, sorgo e seringueira, destaca-se na atividade canavieira. A cana-de-açúcar é o nosso ouro verde e gera emprego e renda para a população. Entretanto, visando aumentar a produção, os empresários do setor sucroalcooleiro investem cada vez mais na mecanização. Essa é a causa de grandes transtornos para os goianienses. O assunto é alvo de tensas polêmicas, pois os prós e os contras são muito polarizados.

Como consequência do processo inovador, as máquinas substituem as mãos calejadas dos trabalhadores braçais, tornando o doce da cana um amargo fel para as suas vidas. Acredito que isso não deve acontecer, uma vez que é a jornada desses labutadores, em meio aos quilométricos canaviais, que garantem o “doce açúcar” de cada dia.

A oferta de serviços para os “boias-frias” diminuiu consideravelmente, por isso aqueles que permanecem no emprego, geralmente com baixa ou sem nenhuma escolaridade, se sujeitam a qualquer condição de trabalho. Por pior que seja, não podem perder o pouco que ganham. É evidente a desvalorização destes profissionais, que ficam escondidos entre os “jussás” da cana.

Um rurícola que trabalha há mais de 26 anos em uma indústria local alega que seu salário, assim como o de seus colegas, caiu drasticamente nos últimos anos. Segundo ele, os trabalhadores com menos tempo de serviço são os primeiros da lista de demissão; já aqueles que estão na firma há longo período são pressionados a pedirem as contas. Essa é uma política que reduz os custos para a empresa, mas é simplesmente vergonhosa e lastimável.

Cabe ressaltar que o desemprego que se alastrou por Goianésia, em decorrência desse processo, gerou um surto de vendedores ambulantes, os mascates. Eles estão à mercê do trabalho informal; logo, se encontram desprotegidos e desamparados pela legislação trabalhista.

A mecanização é estimulada por lei, pois reduz as incinerações, uma vez que as máquinas fazem a colheita sem a necessidade de queimar os canaviais. Os donos das empresas utilizam-se desse artifício de sustentabilidade ambiental a fim de justificar a demissão dos boias-frias. E o sangue e suor derramados durante anos por esses guerreiros entre as canas não conta? É possível preservar o meio ambiente e ao mesmo tempo zelar pelo ofício desses colaboradores; portanto, uma desculpa como essa é ridícula.

Uma solução viável seria adaptá-los para a colheita da cana “crua”, que, por ser mais dificultosa, requer melhor remuneração. De acordo com o meu professor de biologia, Victor de Sá, essa modalidade de corte também é lucrativa para a empresa. Ele acrescenta que as queimadas só servem para aumentar o desempenho de cada trabalhador, serventia que se torna insignificante se comparada aos impactos ambientais gerados.

Outra questão levantada pelos donos das empresas é que o lucro gerado pela mão de obra dos boias-frias é bem menor que o proporcionado pela mecanização, pois, segundo dados da edição nº 88 da revista *Dinheiro rural*, uma máquina faz o trabalho de até 100 rurícolas. Concordo plenamente com eles, mas isso não é justificativa para demiti-los, já que necessitam desse árduo trabalho para sobreviverem. Quero que meu grito represente o choro desses batalhadores reprimidos pela opressão dos gerentes do agronegócio. Portanto, lanço minha voz em prol dessa causa nobre, pois tenho sede de mudança.

O correto seria investir em projetos de capacitação profissional, para que os boias-frias possam ser admitidos em outros cargos e trabalhem em melhores condições. É importante priorizar o bem-estar do trabalhador-estudante, visto que as duas profissões acarretam um grande desgaste físico-mental.

Nesse âmbito, medidas como reduzir a jornada de trabalho, bonificação salarial, folgas em dias de avaliações, entre outras, seriam eficazes. Com essa ascensão profissional, tanto os rurícolas quanto os empresários tendem a ganhar. Sem demissões, sem prejuízos para as empresas e sem maiores ou tantos danos ao meio ambiente, todos nós poderemos saborear sem culpa a doçura desse açúcar que “alimenta” a economia de minha cidade.

Professora: Patrícia Nara da Fonseca  
Escola: C. E. Jalles Machado – Goianésia (GO)

## Entre sabores e dissabores

Aluna: Camila Gomes Conceição

Sou moradora da zona rural de Nazaré, município do Recôncavo Baiano, reconhecido por produzir uma inigualável farinha de mandioca, símbolo da tradição de nossa terra e responsável por conferir à cidade a alcunha de “Nazaré das Farinhas”. Entretanto, na contramão do indiscutível sabor encontra-se um problema que pode ameaçar o nosso produto de firmar-se como referência nacional: a falta de higienização das casas de farinha.

No ano de 2011, a Universidade Federal do Estado (UFBA), a fim de contribuir para a Indicação Geográfica (IG) desse produto agrícola, iniciou na região, juntamente com alguns parceiros, um projeto do qual eu fiz parte como bolsista de Iniciação Tecnológica (IT), tendo a função de colaborar para o mapeamento de informações acerca do processo de produção da farinha.

À medida que as pesquisas avançavam, foi possível constatar a negligência com a higiene durante a fabricação do produto, em decorrência de fatores como: a estrutura das casas de farinha não impede a circulação de animais durante a raspagem, moenda e torrefação da mandioca; no geral, as raízes não são lavadas; os trabalhadores não usam camisas, luvas, toucas ou máscaras, facilitando o contágio do produto com bactérias e vírus; sem contar que, na maioria dos casos, os locais para o armazenamento após a torragem da farinha são inadequados.

Quando questionados a respeito dos problemas supracitados, os donos de casas de farinha alegaram não ter condições de melhorar esses aspectos diante da falta de recursos financeiros para as reformas necessárias e do excessivo calor, que dificulta sobremaneira o uso de vestimentas e acessórios apropriados.

Compreendo as dificuldades dos produtores; todavia, como atribuir o selo IG a um produto que está em desacordo com as orientações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)? E ainda: onde fica o zelo pela saúde do consumidor?

Segundo o nutricionista Ícaro Cazumbá (também membro da equipe de pesquisa), embora haja ressalvas no que se refere aos métodos de produção da farinha, essa não é a questão mais preocupante – em virtude de a alta temperatura do forno eliminar toda impureza –, mas a sua conservação até chegar à mesa do consumidor. Diante de tantos fatores negativos, preferi não arriscar e aboli a farinha do meu cardápio.

Que fique claro que eu não estou fazendo nenhuma campanha contra a nossa farinha, apenas defendo o direito do consumidor à informação acerca do produto que irá comprar. Espero um dia voltar a me deliciar com a saborosa iguaria da minha terra; antes, porém, preciso sentir-me segura de que as condições mínimas de higiene estão sendo respeitadas.

Como cidadã nazarena e apaixonada por esta terra, cultivo o desejo de que haja maiores iniciativas governamentais voltadas para as casas de farinha, valorizando os produtores e incentivando-os a buscar melhorias através de cursos, palestras, financiamentos ou empréstimos para reformas e compras de novos equipamentos; enfim, meios que possibilitem à nossa tradicional farinha, a joia do recôncavo, tornar-se ainda mais notável por sua qualidade e excelência.

Professora: Márcia Jesus de Almeida

Escola: E. E. Governador Luiz Viana Filho – Nazaré (BA)



## Eu voto “sim”

Aluna: Tayná Alícia Lourenço

Campinas é um município de São Paulo de cerca de 1.100.000 habitantes, de acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade foi fundada em 1774 e sua atividade econômica foi baseada no café e na cana-de-açúcar. Hoje a principal fonte econômica está no setor terciário e abriga também mais de 10.000 empresas de médio e grande portes, muitas das quais estão entre as 1.000 maiores e melhores do país segundo a revista *Exame*. Apesar de ser motivo de orgulho para os campineiros, nem todos estão plenamente satisfeitos com a cidade. Temos quatro distritos: Souza, Joaquim Egídio, Nova Aparecida e Barão Geraldo, neste último localiza-se a entrada do *campus* de uma das melhores universidades e hospitais do Brasil, Unicamp.

Entretanto, se o desejo de progredir prevalecer, não serão quatro distritos por muito tempo, pois os moradores de Campinas votarão em um plebiscito para decidir sobre a criação de dois novos. Campo Grande e Ouro Verde são os nomes das regiões que farão parte dessa pesquisa. Juntas, elas abrigam cerca de 400.000 habitantes, distribuídos em 230 bairros, e só de escolas são 82, com 27.000 alunos. Mas isso não quer dizer que a situação seja ótima. Pelo contrário, eles sofrem com problemas de falta de acesso a direitos básicos, como saúde e educação satisfatórias, e também deficiências sérias com o transporte e atendimento público. Os moradores acreditam que com a descentralização do poder municipal tempos melhores virão.

Enquanto os brasileiros estarão votando no dia 5 de outubro para presidente, governador, senador, deputado federal e estadual, os campineiros estarão também decidindo sobre a criação dos distritos. De acordo com as regras definidas pela Justiça Eleitoral, vereadores poderiam criar frentes favoráveis e contrárias sobre a questão, porém formou-se apenas uma frente única favorável.

Por que os vereadores que se opõem à ideia aceitaram essa frente única? Para mim, a resposta é óbvia. Se eles se opusessem, estariam sujeitos a não receberem votos em uma próxima eleição; afinal, as duas regiões, devido ao número de eleitores, têm grande força política. Isso é muito negativo, pois a criação de uma frente contra traria à tona um debate em que os vereadores esclareceriam os pontos positivos e negativos da proposta, ajudando o eleitor a votar conscientemente.

“Nós somos 50% da população de Campinas e a distribuição de recursos, infelizmente, não acompanha essa proporção. O distrito seria um primeiro passo para começarmos a batalhar por melhorias nas duas regiões”, afirmou o vice-presidente do Conselho Regional de Associações de Moradores do Campo Grande, Isaac Martins da Silva. Diante disso, acredito que a voz da população deve ser ouvida e atendida, pois se ele, sendo a voz da população que lá vive, acredita que com a criação terão melhorias, por que não nós que estamos de fora não acreditamos também e votamos “sim”? Embora haja quem pense que isso pode gerar prejuízo para a cidade, pois, com a construção da subprefeitura, novos funcionários serão contratados, ou seja, mais dinheiro do povo será gasto com a infraestrutura necessária.

Sou plenamente a favor da criação dos distritos de Campo Grande e Ouro Verde. Acredito que, com a criação das subprefeituras, grande parte das necessidades serão atendidas e muitos problemas serão resolvidos com maior agilidade. Além do mais, bairros que hoje são tidos como perigosos e abandonados se tornarão, amanhã, exemplos de locais melhores para se viver. As pessoas que votarem a favor verão que foi o correto, porque é nossa obrigação saber a situação da cidade e ajudá-la com o que estiver ao nosso alcance para podermos evoluir. E essa é uma excelente oportunidade de mostrar que estamos caminhando para a evolução do lugar onde vivemos.

Professor: Gilberto Freire de Souza  
Escola: E. E. Professor Milton de Tolosa – Campinas (SP)

## (Re)criar ou abandonar?

Aluna: Ana Amália Rodrigues Luna

O grafiteiro Anderson Ferreira Lemes, mais conhecido como Alemão, grafitou a fachada da Estação Ferroviária de Assis. Algumas pessoas reclamaram e outras elogiaram a arte. A questão gerou muita polêmica e foi parar no Ministério Público, além de se tornar notícia na TV TEM (emisora regional, afiliada à Rede Globo).

O artista acredita que seu trabalho poderá chamar a atenção das pessoas para algo que foi abandonado e perdido no tempo. O que é extremamente importante, pois ninguém olhava para o prédio com os olhos de pessoas encantadas e interessadas pela história da estação, há tanto tempo abandonada, com os mesmos olhos que a veem agora, com o grafite.

Considerado um prédio significativo para Assis, por ter feito parte do crescimento e desenvolvimento da cidade, quando a vida cultural e econômica girava em torno da estação e da estrada de ferro, o espaço está se deteriorando cada vez mais.

Segundo Elisabeth Gelli, representante do conselho curador da Fundação Assisense de Cultura (FAC), “o Alemão tem gabarito para fazer uma obra como essa, é reconhecido mundialmente”. Suas obras já foram expostas no Museu do Louvre, em Paris, além de participar de exposições na Alemanha e na Itália. Com isso, podemos perceber que não se trata de qualquer pichação, mas sim de uma obra de arte, feita com grafite.

Há ainda aqueles que se recusam a aceitar o grafite na estação. Além de não terem gostado das cores usadas, para eles a pintura descaracterizou o prédio. Para o arquiteto César Abreu, “o material aplicado foi passado por cima de uma superfície já deteriorada, tudo terá que ser novamente restaurado”. Isso, no entanto, tem solução: a arte foi feita exclusivamente para dar foco à estação. Quando a estrada de ferro foi privatizada, grande parte do patrimônio da antiga Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa) ficou abandonada, passando a servir como beco, onde usuários de drogas se escondem.

Agora a arte colocou a estação em foco. Se o poder público tomar a iniciativa de fazer a reforma e restaurar o lugar, como deve ser feito, é só apagar o grafite e efetuar a restauração. Assim como o Alemão cita na entrevista à TV TEM, foi necessário o grafite no prédio para que as pessoas o percebessem, mesmo que isso tenha ocorrido por meio das críticas feitas à arte.

Portanto, tenho certeza de que o grafite na abandonada estação ferroviária, tão importante para o desenvolvimento da cidade de Assis, além de transformá-la em ponto de referência regional do Vale do Paranapanema, vai chamar a atenção para sua importância histórica. A estação, que trouxe imigrantes italianos, libaneses e alemães para Assis e ajudou a elevar a localidade à condição de município, tornou-se uma grande obra de arte a céu aberto. Além de ter sido uma brilhante ideia para chamar a atenção das autoridades públicas, ganhamos um atrativo turístico para a cidade, assim como o Beco do Batman em São Paulo e tantos outros lugares grafitados pelo mundo.

Professora: Telma Aparecida Luciano Alves  
Escola: E. E. Professora Leny Barros da Silva – Assis (SP)



## Que rufem os tambores, não os tratores!

Aluno: Carlos Iury Holanda da Silva

Enquanto na antiga Grécia as praças eram lugares onde as grandes decisões eram tomadas – as famosas ágoras –, em Fortaleza é em gabinetes fechados que se decide o destino da Praça Portugal, cartão-postal de nossa cidade.

A substituição da praça por um cruzamento está previsto do Plano de Ações Imediatas de Transporte e Trânsito (Paitt), apresentado pela prefeitura de Fortaleza. Já na primeira intervenção feita em nome do Paitt, mais de duzentas árvores dos canteiros centrais das avenidas Dom Luiz e Santos Dumont foram removidas, sob o argumento de que a eliminação dos canteiros irá melhorar a fluidez do tráfego naquela região. A cidade, que já assistiu a alguns descasos relacionados à preservação do patrimônio histórico e cultural, entre eles a paulatina substituição dos casarões da Avenida Santos Dumont por modernos prédios comerciais, inquieta-se. Agora é a vez de a Praça Portugal deixar de existir. Na tentativa de impedir que isso aconteça, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) entrou com um pedido de tombamento da praça como patrimônio municipal, o qual foi prontamente negado pelo Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural (Comphic), numa clara demonstração de contradição às suas principais funções: preservação e manutenção da cultura e da história da cidade. O projeto também é criticado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB). Contudo, as pessoas que veem a praça apenas como uma rotatória concordam que ela deixe de existir para dar lugar a um cruzamento. Modelos de rotatórias semelhantes à da Praça Portugal são facilmente encontrados em países do Primeiro Mundo. Podemos citar o Arco do Triunfo, em Paris, e a Praça de Tetuan, em Barcelona, o que torna inaceitável a tese de que a Praça Portugal é um impasse ao trânsito de Fortaleza.

Sabemos que enfrentar o trânsito em nossa cidade é um verdadeiro teste de paciência. Em horário de pico, fileiras de carros, motos e transportes coletivos se formam pelas principais ruas da cidade, e chegar ao destino desejado virou um desafio. Não acredito que sacrificar a praça seja a única forma de solucionar esse problema, mesmo porque a construção de túneis também foi cogitada e, certamente, evitaria toda essa polêmica. Para o ambientalista José Sales, não é a praça que influencia o trânsito, mas uma série de fatores, como a falta de fiscalização e os estacionamentos irregulares.

O juiz Manoel de Jesus da Silva Rosa concedeu liminar impedindo que a prefeitura inicie as intervenções na Praça Portugal; entretanto, o prefeito já anunciou o início das obras para a primeira quinzena de setembro. É preocupante perceber que ainda há grandes chances de esse projeto seguir adiante.

Demolir praças, derrubar árvores... será mesmo a solução? Assim como o pedestre deve vir antes do carro e o transporte público antes do privado, os espaços públicos devem vir antes de obras de trânsito. Sou contra intervenções que atropem a memória de uma cidade em nome do moderno, do novo. Dessa forma, precisamos exigir uma ampla discussão a respeito das ações que estão sendo implementadas na atual administração municipal.

Assim, pensar, discutir e debater o futuro da cidade é necessário. Não podemos permitir que gestores temporários, em nome da mobilidade urbana e do “desenvolvimento”, apaguem a memória da cidade. Não podemos fechar os olhos ao que acontece ao nosso redor sob pena de, na calada da noite, sermos acordados pelo “rufar” dos tratores a derrubar a praça e de nos lembrar que, em um dia não muito distante, já amanhecemos sem as árvores. Que a sexagenária Praça Portugal possa permanecer no coração do bairro Aldeota, com sua simbologia, sua beleza, sua história.

Professora: Maria Helena Mesquita Martins  
Escola: E. E. F. M. Renato Braga – Fortaleza (CE)



## Há lagoas?

Aluno: Pedro Henrique Santos Barros Araújo

Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara formam uma trinca difícil de bater. Por consequência disso o maior patrimônio de nossa cidade a lagoa Mundaú (o nome certo é laguna já que a mesma tem ligação com o mar) é a cada dia mais vilipendiada pela população e governo maceioense que subestima seu potencial turístico e econômico. Como fomos deixar o lugar que, segundo estudo do Instituto do Meio Ambiente (IMA), já foi o hectare mais rico em proteína animal do planeta, mal conseguir sustentar famílias de pescadores que ainda dependem dela?

Após um estudo realizado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisadores chegaram à conclusão que no decorrer dos próximos cem anos, a Mundaú deixará de ser habitada por peixes moluscos e crustáceos e passará a abrigar pequenos répteis e espécies de aves, pois com o contínuo depósito de sedimentos em seu leito o corpo d'água se tornará um pântano. O principal causador da aceleração desse processo que é natural, é o homem. O desmatamento das matas ciliares da bacia hidrográfica do principal afluente (e que dá nome à laguna) – o rio Mundaú – é de total responsabilidade das cidades e fazendas ribeirinhas que põem abaixo essa barreira natural de sedimentos, e que ajuda também a conter enchentes como as do ano de 2010 que arrasaram toda essa região deixando milhares de desalojados e cerca de vinte e quatro mortos. Mesmo com o perigo constante de a tragédia se repetir, os moradores dos municípios ribeirinhos se recusam a sair alegando que não têm para onde ir sendo que o governo do Estado disponibilizou milhares de casas que fizeram parte da reconstrução das cidades destruídas pela cheia.

Com cerca de vinte e sete quilômetros quadrados de extensão a laguna Mundaú banha vários municípios, inclusive o de Maceió onde nove bairros a margeiam. Cresci num desses bairros, o bairro histórico de Bebedouro. Desde pequeno sempre ouvi minha família falar na decadência da produção de peixes e principalmente de sururu, molusco extremamente vinculado à identidade do alagoano e que antigamente era retirado em abundância de suas águas. Tal molusco precisa de certo nível de salinidade da água para poder se desenvolver, porém a água da laguna, que é naturalmente salobra, está ficando cada vez mais doce devido a obstrução de seus canais por causa do assoreamento, que impede assim a ligação dela com o mar. Além disso, existe outro fator para a diminuição da qualidade da água e consequentemente a queda na produção de peixes crustáceos e moluscos, a poluição, tendo em vista que as cidades que margeiam tanto a lagoa

quanto rio Mundaú não estão 100% cobertas pela rede de coleta e tratamento de esgoto e uma quantidade considerável desses dejetos é despejada diretamente no próprio rio e consequentemente vão parar na laguna, agravando ainda mais a sua situação, que além disso, ainda recebe esgoto de Maceió e cidades vizinhas.

O Governo Estadual adota medidas de cunho emergencial. Entretanto, a dragagem feita nos canais não passa de uma medida de efeito temporário. Uma alternativa viável para sanar por completo esse problema, seria a constante dragagem de toda a lagoa em conjunto com a retirada dos ribeirinhos das áreas de várzea, para proporcionar o reflorestamento das matas ciliares do rio Mundaú. Infelizmente a falta de vontade política é o maior entrave para que isso aconteça tendo em vista que o nosso Estado é dominado política e economicamente por usineiros e fazendeiros, que seriam os principais beneficiados se o reflorestamento viesse a acontecer já que perderiam milhares de hectares de plantio da cana e pasto, para as novas matas.

Promover o reflorestamento e a conscientização da população e do governo quanto à poluição, é de suma importância para manutenção da vida desse complexo estuário que é um dos mais importantes do país, porém com o resultado das eleições apontando o filho de um representante da elite como o próximo governador do Estado, minha esperança de um dia ver a lagoa Mundaú que meus avós me falavam se esvai como as suas águas corriam para o mar.

Professora: Silvaneide Mendonça dos Santos  
Escola: E. E. Rosalvo Ribeiro – Maceió (AL)



## Terra de fartura

Aluna: Eduarda Facina

Estima-se que entre 1870 e 1920 em torno de 1,5 milhão de italianos emigraram para diversas cidades do Brasil. Cândido Mota, uma cidade interiorana do Estado de São Paulo, foi um dos destinos desses emigrantes, o que possibilitou o desenvolvimento da agricultura, tornou-a esteio da economia e a principal fonte de renda e empregos da região.

Desde então alguns temas que envolvem a agricultura, como o uso indiscriminado de agrotóxicos, preocupa não só ambientalistas, mas também agricultores. Alguns grupos de opositores manifestam suas ideias nos meios de comunicação, como, por exemplo, nas redes sociais e em *sites*.

Em uma dessas manifestações, durante uma entrevista publicada no *site* <[www.viomundo.com.br](http://www.viomundo.com.br)>, a professora e pesquisadora Raquel Rigotto, do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, contesta o modelo de desenvolvimento agrícola adotado pelo Brasil e diz que “o uso de agrotóxico não significa produção de alimentos, significa concentração de terra, contaminação do meio ambiente e do ser humano”, e prevê que para a população restará a “herança maldita” do agronegócio: doenças e terra degradada.

No entanto, nem todos concordam com esse pensamento. O que pensam os profissionais da área agrícola?

Meu pai, o agricultor José Carlos Facina, descendente dos imigrantes italianos, é contrário às ideias apresentadas anteriormente. Ele afirma que nos dias atuais uma produção agrícola em larga escala sem agrotóxicos é utópica e que a adoção do sistema de plantio direto e o desenvolvimento das sementes transgênicas foram um grande passo para diminuir o uso dos agrotóxicos, porém sem eles seria praticamente impossível as grandes produções, necessárias para alimentar a população mundial, que se encontra em processo de crescimento acelerado, já que os transgênicos não produzem tanto quanto as sementes convencionais. Conforme previsão dos cientistas, em 2050 essa população poderá atingir cerca de 9,6 bilhões de pessoas.

Mas como suprir a demanda alimentícia sem prejudicar os proprietários e a população?

Não se trata de um problema fácil de resolver, mas é indiscutível a necessidade de buscar alternativas a médio e longo prazo, pois não é possível que, com o avanço da tecnologia e das descobertas científicas, o homem ainda não saiba resolver a questão da fome de maneira sustentável e ecologicamente correta. Enquanto isso não ocorrer, sou adepta do uso controlado de fungicidas, inseticidas, herbicidas, entre outros defensivos. Por ser filha de agricultor, sei da importância dessa medida de proteção para os plantios, que geram sustento para a família desses trabalhadores e de muitos outros.

Como o ministro da Agricultura Neri Geller disse, “se banirmos os agrotóxicos, vamos, simplesmente, banir a agricultura”. Devemos, então, ter um cuidado redobrado com os defensivos agrícolas e não bani-los como uma maneira drástica de melhorar a vida humana, pois a agricultura sem eles seria como a medicina sem os medicamentos, ou seja, não seria possível acabar com as pragas e doenças existentes.

É preciso que haja bom senso de todos os envolvidos nessa questão e que busquemos resolver os problemas que afligem a população, para que Cândido Mota continue sendo cantada como nos conhecidos versos da dupla sertaneja Jacó e Jacozinho, que não ficou indiferente diante da riqueza desta terra vermelha e fértil: “Terra de fartura, campeã do Estado em agricultura”.

Professora: Marta Aparecida de Castro  
Escola: E. T. E. Professor Luiz Pires Barbosa – Cândido Mota (SP)



## O progresso pelo progresso e a destruição da memória do povo

Aluno: Gustavo Ítalo Freire Martins

Ficamos muito felizes, nos últimos anos, com os avanços que vêm ocorrendo em nossa cidade. No interior do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros cresce num ritmo gradual e progressivo, crescimento que toma forma nas obras espalhadas ao redor da cidade, que se apresentam onde antes não havia nada e em outras que estão sendo erguidas sobre construções públicas antigas. Contudo, é importante entender que esses locais mais antigos são fruto da construção histórica e cultural do nosso povo e, como tal, não devem ser esquecidos em prol do progresso utilitário.

De acordo com o art. 1º do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, constitui patrimônio histórico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis, cuja conservação seja de interesse público, devido ao seu valor histórico. Assim, só se configura como patrimônio aquilo que vale a pena ser preservado, ou seja, aquilo que é tombado. Entretanto, acredito que praças e construções arquitetônicas que não foram reconhecidas através do tombamento são igualmente importantes para a preservação da memória, por serem locais de interação entre pessoas e produção histórica.

Recentemente, a famosa “Praça do N”, que costumava abrigar casais enamorados, e onde “todo mundo tinha uma história”, foi derrubada para dar espaço à construção de uma nova, num modelo que existe em todos os bairros do município: praça com academia comunitária. É importante que existam locais assim para o povo; todavia, transformar uma construção antiga sem atentar-se para permanências de caráter memorial é negar tudo aquilo que já aconteceu lá, contribuindo para a criação de uma cidade sem identidade, sem símbolos da história do povo.

A historiadora Maria Estella Bresciani nos diz que “a cidade coloca o mundo na história e traz para o presente o legado das gerações mortas e de suas heranças imortais”. Isso significa que a cidade é um operador de memorização, porque, a partir do contato e da convivência entre as pessoas, criam-se laços e relações que se refletem na própria estrutura dela: suas construções públicas e privadas, seus bairros e suas áreas de socialização. Progressistas mais ferrenhos dizem que esses locais “obsoletos” devem ser substituídos por outros mais modernos e que a praça já havia se tornado um local perigoso de práticas ilícitas. Porém, nenhuma prática ilícita sobrevive a uma boa e certa política de segurança.

O que torna o problema ainda mais preocupante é que a “Praça do N” não foi a primeira vítima do progresso, e aparentemente não será a última. O antigo Ginásio de Esportes, palco de vários campeonatos poliesportivos durante muitos anos, foi demolido sem substituição, sob o pretexto de que estava condenado. Ora, se o ginásio estava condenado, seria pertinente a construção de outro, no mesmo lugar e com o mesmo nome. Também a igreja matriz da cidade estava com o forro condenado e ameaçava desabar, mas o trabalho dos engenheiros recuperou-a, preservando sua arquitetura.

Temos como outro exemplo a antiga Praça da Matriz, construída em 1972, que servia como ponto de encontro da população e tinha um palanque com a inscrição “A praça é do povo como o céu é do condor”, de Castro Alves. Lá eram realizados comícios e discursos de sindicalistas, trabalho de um prefeito abertamente opositor ao regime militar e que foi destruído, cedendo espaço a uma nova, completamente diferente.

Piorando essa situação, surgiu um projeto que pretende reformar o antigo Mercado Público, um dos pontos mais movimentados de Pau dos Ferros no século passado, para transformá-lo num *shopping* popular sem respeitar características históricas, como a fachada arquitetônica do lugar. Essa construção beneficiaria, e muito, a nossa comunidade, mas deve ser feita pensando naqueles que ajudaram a construir nossa cidade e gerar todo esse progresso, perpetuando suas histórias.

Por fim, não sou antiprogressista; pelo contrário, acredito que é possível construirmos juntos uma Pau dos Ferros bela, segura, cheia de histórias do povo e de sentimentos expressos em construções, monumentos e fachadas que lembrem nossas lutas e que nos falem sobre aqueles que nos antecederam; afinal, ainda citando Bresciani, “a cidade fala e solicita nossa afetividade”.

Professor: Evandro Gonçalves Leite  
Escola: I. F. E. C. T. do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros – Pau dos Ferros (RN)

## A polêmica das galinhas

Aluna: Fernanda Maria Cintra

O lugar onde eu vivo ultimamente ganhou destaque nacional ao proibir a criação de galinhas e outras espécies de aves no perímetro urbano da cidade.

A vigilância sanitária do município divulgou comunicado a todas as famílias de Muzambinho informando sobre a proibição legal da criação de galinhas em seus quintais, seja para vender, seja para consumo próprio, notícia que acabou causando certa rejeição e espanto aos moradores.

As famílias terão um prazo de 90 dias para retirar as aves dos quintais e levá-las para outro local que não seja dentro da zona urbana da cidade. O não cumprimento dessa lei por parte dos proprietários de aves lhes acarretará multas no valor de 120 reais.

O sr. Hélio Neto, chefe do setor de vigilância sanitária do município, esclareceu que a proibição não foi iniciativa desse órgão, mas ocorre em cumprimento à legislação. Além disso, diariamente eles recebem denúncias e cobranças a esse respeito. Segundo o profissional, mesmo diante do trabalho de orientação por parte da vigilância aos criadores de aves, a criação de galinhas gera situações complexas e indesejáveis.

O cheiro forte da ração é um fator de proliferação de moscas, risco à saúde dos proprietários dos animais e aos vizinhos.

Houve diante do fato opiniões diversas. Moradores se manifestaram de diferentes formas.

Alguns reclamaram da grande quantidade de cães soltos pelas ruas, situação que também gera outros problemas. Outros consideraram a proibição absurda. Uma moradora concordou com a necessidade de providência; porém, pensa que outras questões dentro do município merecem maior preocupação, como o esgoto a céu aberto na cidade, opinião com a qual concordo plenamente: com certeza, há assuntos realmente mais plausíveis e importantes a serem tratados com mais urgência.

Em depoimento ao jornal da cidade, um vereador do município manifestou entendimento de que a proibição não deve ser para todos. Entende que apenas os casos que geram problemas devem ser fiscalizados e cobrados pela vigilância sanitária. Esclareceu o prefeito que providências são necessárias mediante denúncia e cobranças a respeito disso.

Entendo que os criadores de galinhas de nossa cidade deveriam ser respeitados. Essa prática já faz parte da vida deles. É um costume de muitas cidades do interior do Brasil, um fator cultural de muitas pessoas de pequenas cidades.

Faço a leitura de que a vigilância sanitária e algum órgão competente deveriam orientar e fiscalizar esses criadores de galinhas quanto à saúde e manejo delas e higienização do local, uma vez que as galinhas, de certa forma, ajudam na limpeza dos quintais, combatem insetos e até mesmo escorpiões.

Assim sendo, a polêmica da proibição de galinhas em Muzambinho atravessou limites. Modificou o cenário da pacata cidade. A cidade ganhou manchetes em vários programas e jornais de televisão, como *Globo Rural*, *EPTV*, *Fantástico*, entre outros.

Professora: Odilma Aparecida Gonçalves Couto  
Escola: E. E. Professor Salatiel de Almeida – Muzambinho (MG)

## A pedra que não canta mais

Aluna: Iara Maria Fonseca da Silva

O pai de “Chicó” e “João Grilo”, o nordestino “cabra da peste”, Ariano Suassuna, sempre fez questão de alertar nosso povo para se orgulhar, preservar e propagar a riqueza da cultura popular brasileira. Porém, no lugar onde vivo, a cultura parece sucumbir ao descaso e ao abandono.

Itamaracá é uma pequena e encantadora ilha do litoral norte de Pernambuco. Os índios a chamaram de “pedra que canta” devido ao som produzido pelo encontro das águas do mar com as pedras. Foi a menina dos olhos do saudoso cantor Reginaldo Rossi e é o reino da pedra preciosa que canta ciranda, a rainha Lia. Embora sejam parte da cultura da ilha, Lia e as rodas de ciranda têm sido cada vez mais raras em festas da cidade. Esse fato tem gerado muitas divergências de opinião entre os nativos do lugar.

Os mais antigos não se cansam de contar histórias sobre os anos de ouro da ciranda e seus festivais que atraíam multidões para a praia de Itamaracá.

Segundo dona Maria, representante do grupo da terceira idade, a cultura de Lia faz parte do tesouro da ilha e não pode ser esquecida. Ela ainda conta que, nas raras apresentações da cirandeira, sempre faz questão de colocar sua saia rodada e se entregar ao balanço e ao ritmo que a acompanha desde que nasceu.

Já a maioria da população jovem posiciona-se contra a presença da ciranda nas festas da cidade. O estudante Higor Silva argumenta que ritmos como o *rock*, o *brega* e o *funk* não dão espaço para que a dança cultivada por seus pais e avós conquiste sua geração. Para ele, a globalização e o avanço tecnológico abriram um leque de possibilidades para que outras preferências musicais despontassem. Com isso, o que se vê é um processo de aculturação, causando a perda da verdadeira essência ilhéu.

Segundo Maria Lúcia e Maria Helena no livro *Filosofando*, “cultura é o sentido de ser, pertencer a um determinado grupo, região”. Mas a identidade cultural da ilha vem sendo dominada por outros ritmos musicais, especialmente por alguns bregas com linguagem pejorativa e sem a mínima coerência, e, a meu ver, não colaboram em nada para a nossa história cultural. Porém, não podemos apenas culpar os jovens por esse assassinato cultural, pois parte de nossa própria administração municipal há muito tempo vem tratando esse assunto com descaso.

A própria Lia, em uma entrevista ao jornal *Diário de Pernambuco*, disse que é preciso buscar quem valorize sua arte, pois, “se ficar na ilha, vai ficar a ver navios”.

Infelizmente, carregar o nome da ilha mundo afora não tem sido mais um motivo para a rainha cirandeira ser reconhecida. Há algum tempo as apresentações cirandeiras resistiam nas noites de sábado em um local humilde à beira-mar. Porém, a fragilidade da estrutura não suportou o último inverno e veio a desabar, colocando um fim melancólico e revoltante ao balanço de mãos e corpos guiados pela voz forte da rainha, sob a luz da lua e testemunhado pelo vai e vem das ondas do mar.

Assim, sou filha da ilha e dói-me ver a verdadeira pedra que canta e encanta sendo silenciada pelo desprezo. Meu maior medo, como diz a canção, é que “nossas raízes e matrizes morram por falta de irrigação”. A ciranda não tem prazo de validade nem indicação para determinada faixa etária. Defendo a ideia da implantação de projetos nas escolas para que, desde pequenos, os ilhéus cresçam com a semente da ciranda plantada em seus corações. Amo essa dança, que, para mim, é um verbo que conjugamos juntos, de mãos dadas, a cada passo marcado pelos tambores, e se emoldura como minha identidade cultural. É preciso aprender a valorizá-la para evitar que nossa rainha morra e seu legado seja esquecido pelas futuras gerações. Como diz o poeta Azuir Filho, no *blog Giramundo*, “a ciranda de Lia ajuda a libertar os humanos da pequenez e os leva à condição de igualdade e de irmandade para construir em união e comunhão o entendimento e a felicidade das comunidades humanas”.

Professora: Tatiana Cipriano de Oliveira

Escola: E. R. E. M. Alberto Augusto de Moraes Pradines – Ilha de Itamaracá (PE)



## Visita íntima em motel: uma questão de dignidade!

Aluna: Eduarda Moura Pinheiro

O projeto de ampliação da Unidade Prisional Manoel Neri da Silva, de Cruzeiro do Sul, no Acre, trouxe como inovação a construção de um motel para uso exclusivo dos presidiários em dias de visita íntima. O conhecimento do fato pela população cruzeirense reacendeu a discussão sobre a regalia das visitas sexuais concedida aos detentos e ampliou ainda mais o debate: Não estaríamos dando muitos privilégios a quem merece apenas os rigores da lei?

Diante da questão, há os que se posicionam tanto contra a visita íntima quanto contra a construção do motel, pois dizem se tratar de mordomias excessivas para quem infringiu as leis e que, portanto, não deveria ter as mesmas vantagens de quando livres. Alegam ainda que os presidiários são mantidos com o dinheiro público e não poderiam se dar ao luxo de acrescer mais essa despesa ao bolso do contribuinte.

Para alguns profissionais da segurança pública local, a construção do motel prioriza uma regalia em detrimento de necessidades reais, a exemplo da construção do muro do complexo penitenciário, que traria mais segurança para a unidade. Consideram também que tais privilégios incentivam a criminalidade e que as prisões devam cumprir seu papel reeducador com rigidez de normas, sem benefícios, obrigando o preso tanto a almejar a liberdade quanto a se esforçar para obtê-la.

Por outro lado, Marquiones Santos de Moura, diretor do presídio, entende que a visita íntima deve mesmo existir, pois colabora consideravelmente para favorecer a reintegração social do interno e para manter a disciplina carcerária. Pensando assim, frisa que, se o Decreto Federal nº 6.049, de 27 de fevereiro de 2007, em seu parágrafo único, proíbe a visita íntima nas celas de convivência dos presos, a construção do motel se justifica.

É certo que a visita íntima não é um direito expressamente previsto em lei, mas já se tornou “cultura” nos presídios brasileiros. É até mesmo recomendada aos Departamentos Penitenciários Estaduais ou congêneres pelo Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciário, através da Resolução nº 1, de 30 de março de 1999.

Também o art. 95 do Decreto Federal nº 6.049, de 27 de fevereiro de 2007, praticamente a autorizou no âmbito federal, afirmando que a visita íntima tem por finalidade fortalecer as relações familiares do preso e será regulamentada pelo Ministério da Justiça.

Pessoalmente, entendo que a população em geral tem motivos para se indignar diante dos fatos, uma vez que, às nossas leis, já consideradas brandas, são adicionadas mordomias que tornam a cadeia não tão punitiva quanto se deseja.

Sei também que construir o muro da penitenciária é uma necessidade real, pois isso evitaria as fugas que não só colocam em risco a vida da população, mas também expõem os agentes de segurança aos injustos comentários de que são facilitadores delas.

Todavia, não podemos deixar que nossa indignação com o sistema em geral nos torne insensíveis para as questões que envolvem a dignidade da pessoa humana. Precisamos compreender que sexo é uma necessidade fisiológica, básica, instintiva, e colabora para o bem-estar do homem. Sua falta pode provocar frustrações, agressividade e até mesmo depressões. Seria justo e humano privar tanto os presidiários quanto suas parceiras de uma necessidade assim?

Além do mais, a construção do motel trará dignidade não só aos presidiários, mas, em especial, às suas esposas ou companheiras (que teoricamente nada têm a ver com os crimes de seus parceiros), pois elas não mais passarão pelo constrangimento de manter relações sexuais separadas dos demais detentos apenas por um lençol, conforme ocorre atualmente. É certo que passar por tal situação é decisão delas, mas uma decisão motivada pela situação, pelo desejo de manter os vínculos familiares e pelo amor que as prende a esses homens.

Penso que os presidiários devam pagar por seus crimes conforme prevê a lei, que devam ter a liberdade e certos privilégios cerceados, mas considero que privá-los da satisfação da necessidade sexual é, acima de tudo, cruel. E achar que essa necessidade deva ser satisfeita diante de todos é desumano. Sendo assim, que se construam motéis em todos os presídios do Brasil!

Professora: Gessytha Azevedo do Nascimento  
Escola: E. E. Craveiro Costa – Cruzeiro do Sul (AC)

## Aterro regional, a cidadania em xeque

Aluna: Dayani Lebedief Sakamoto Rabello

Com apenas 21 anos de existência e localizado no interior do Paraná, Lidianópolis é o lugar onde vivo, onde desemprego, carência de infraestrutura, contínua taxa de redução demográfica... são apenas alguns dos variados problemas sociais, econômicos e estruturais que estão longe de serem solucionados. Entretanto, avizinha-se a discussão a respeito da implantação de um aterro sanitário privado regional, que, milagrosamente, traria avanços em diversos setores do município. A ideia parece muito boa, mas voltemos à concretude. Se o tratamento do lixo regional for privatizado, será que a autonomia municipal e os anseios da população serão respeitados? Analisar tal problemática é atividade a ser desenvolvida, pois as garantias de sucesso do projeto ainda são desconhecidas.

Um projeto promovido pela Associação dos Municípios do Vale do Ivaí (Amuvi) tem como princípio a escolha de uma cidade-sede onde será instalada uma empresa particular que recolherá, por cerca de quarenta anos, todo o lixo dos 23 associados. Em razão de sua posição geográfica central, município de Lidianópolis foi citado como ponto estratégico de instalação. A administração municipal sinalizou a preferência com bons olhos, ensejando discussões entre a população sobre a referida possibilidade.

Por um lado, a veneração do prefeito e de alguns vereadores pelo projeto, pela geração dos cem empregos, demonstra os anseios por melhorias econômicas e sociais no município. Por outro, o aterro sanitário regional pode abalar as estruturas da economia de base (agricultura), cujo poder municipal não possui agência de fiscalização sobre esse setor, o que prejudica ainda mais a defesa da privatização do projeto. Além disso, a falta de acompanhamento do contrato com a empresa vencedora da licitação – responsável pela operação do aterro – poderá refletir de maneira significativa na vida dos lidianopolitanos.

Saliento que terceirizar a destinação do lixo regional é usar um mecanismo já existente em outros setores, como a privatização de parte das rodovias do Estado do Paraná. Naquele caso, alegou-se maior celeridade do serviço e menores ônus ao Estado. O usuário, portanto, pagaria uma pequena tarifa e utilizaria rodovias de qualidade. Mas o que tivemos? Tarifas exorbitantes, desprezo por inovações no trato com as rodovias e inexistente transparência sobre as ações das concessionárias. Não se alcançou o que foi buscado. Por que seria diferente no tratamento do lixo? Sustento que se determinado serviço estiver sob a tutela da administração pública, tem-se a garantia de que o cidadão possui pleno controle e influência nas atividades desenvolvidas através do exercício da cidadania.

Consoante ao exposto, creio que não basta criar uma “metrópole do lixo” para solucionar a questão. Os municípios precisam cumprir suas funções, promovendo o progresso de forma consciente e sustentável. O poder local almeja melhorias com a geração dos 100 empregos, mas a empresa não os garante, podendo livremente buscar mão de obra em outras localidades. Clarifica-se que o poder público local deve permanecer diretamente responsável pelo destino do lixo produzido por seus cidadãos.

Portanto, nosso município não será beneficiado com a aprovação do projeto. Não há garantias legítimas de vantagens, cujos riscos de contaminação superam os benefícios econômicos. Concluo que privatizar a destinação do lixo municipal é diminuir a participação do cidadão em uma matéria essencial como a questão sanitária, pois, na atual realidade brasileira, o pleno exercício da cidadania resta como, se não o único, o melhor mecanismo de controle das políticas públicas, não podendo ser violado.

Professor: Joaquim Correa Gomes  
Escola: C. E. F. M. P. Dom Pedro I – Lidianópolis (PR)

## De segunda cidade mais violenta do mundo a lugar tranquilo para se viver

Aluno: David Junior de Oliveira Goes

Valparaíso de Goiás, considerada a Pérola do Entorno, é a cidade que escolhi para viver. Ela fica bem próxima à capital federal e vem se destacando como uma das cidades de maior crescimento populacional nos últimos anos.

Em matéria divulgada no dia 29 de maio de 2011 no *Fantástico* da Rede Globo, minha cidade foi apresentada ao país inteiro como o segundo lugar mais violento e perigoso do mundo, perdendo apenas para Honduras. Essa estatística baseou-se no número de mortos a cada 100 habitantes. Valparaíso de Goiás foi apresentada como possuidora de 76% de vítimas fatais em atentados violentos.

De fato, a cidade sofre com os problemas da violência crescente; porém, a repercussão dessa matéria causou muita polêmica em nossa região. De um lado, as pessoas que passaram a acreditar tanto no que foi veiculado que quiseram vender suas casas e ir embora da cidade e, de outro, as que reconhecem os problemas de segurança da nossa localidade, mas não concordam que Valparaíso mereça esse título tão cruel.

A reportagem apresentou dados estatísticos da violência de quatro cidades vizinhas: Novo Gama, Luziânia, Ocidental e Águas Lindas, e somou todos os dados colocando-os como ocorridos somente em Valparaíso de Goiás.

Houve um erro na hora do levantamento das informações por parte da equipe da reportagem, o que contribuiu para denegrir o nome da minha cidade de maneira totalmente injusta.

O lado positivo dessa divulgação foi o fato de ter dado visibilidade para Valparaíso, atraindo olhares críticos que buscavam soluções para esse problema. Recebemos o apoio da Força Nacional, do Estado de Goiás, que foi obrigado a investir mais em segurança, as pessoas passaram a reivindicar mais iluminação e outras melhorias que reduzissem ou amenizassem esse problema.

Com a adoção dessas medidas, muita coisa mudou. Hoje a cidade é praticamente outra. Ainda temos muitos fatores que representam risco para a população, causando insegurança e medo, como o tráfico de drogas, que ainda é intenso, mas o título de segunda cidade mais violenta do mundo nós nunca merecemos. Não é justo carregarmos esse legado estereotipado, que só nos prejudica.

Minha cidade é um lugar bastante agradável para viver. Cidade pequena, sem muitos luxos, mas com um povo alegre e aconchegante. Temos pracinhas, um lindo *shopping*, escolas boas, lojas renomadas e muito mais. Aqui é um lugar onde as pessoas são felizes, apesar de todos os problemas que enfrentam.

Acredito que há males que vêm para o bem. Minha cidade foi apresentada de maneira negativa, mas esse fato abriu os olhos da população para a necessidade de desfazer essa imagem ruim, e isso vem sendo feito gradativamente. Agora é preciso que haja uma nova matéria do *Fantástico* falando sobre o erro de ter atribuído a violência de quatro municípios a um só e mostrar o quanto minha cidade é maravilhosa e merece ser bem vista nacionalmente.

Investimentos na segurança pública e na qualidade de vida da população são essenciais e nunca devem deixar de serem feitos pelas autoridades. Cabe ao povo cobrar melhor seus direitos e buscar soluções coletivamente para a resolução dos problemas.

O fato é que a Pérola do Entorno precisa brilhar e irradiar sua beleza a todos os que a visitarem. Que nunca mais sofra o constrangimento de ser taxada com uma característica negativa e que represente sempre alegria a todos os que têm o prazer de morar neste paraíso.

Professora: Raquel Lima Alves  
Escola: C. E. Cêu Azul – Valparaíso de Goiás (GO)

# Macacos me mordam, nossa riqueza está em risco!

Aluno: João Victor Borges Oliveira

Vivo em uma cidade do norte de Minas Gerais, cujo nome é o mesmo de uma planta do sertão: Janaúba. Situada em uma região do Semiárido, que contradiz o desenvolvimento e a prosperidade devido à falta de investimentos e recursos, Janaúba tem um diferencial: a principal fonte de renda não sai das indústrias ou de importantes fábricas, como nas grandes metrópoles. A riqueza da minha cidade sai da terra e do homem do campo que acorda cedo para trabalhar nas plantações de banana, fazendo dela uma das principais produtoras da fruta no Brasil, responsável por mais de 58.000 toneladas (Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Seapa).

A banana se tornou ouro, riqueza e trabalho para praticamente toda a população que vive em Janaúba. Seu plantio gera mais de 60.000 postos de trabalho, no norte de Minas, de acordo com a Associação Central dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte).

No entanto, os rumos dessa prosperidade podem estar com os dias contados. No início do ano de 2014 o governo brasileiro anunciou a abertura do mercado de importação de bananas, vindas do Equador, com a justificativa de ter cumprido os requisitos fitossanitários exigidos pela Organização Mundial de Comércio (OMC). Contudo, a produção do Equador é muito diferente da do Brasil. “No Equador, a incidência de pragas é tão forte que semanalmente se faz aplicação de agrotóxico”, diz Pierre Vilela, coordenador da Assessoria Técnica da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais. Comparando o uso de agrotóxico nos dois países, a proporção brasileira é de aplicações de oito a dez vezes no ano; no Equador, mais de sessenta vezes, o que representa danos para a saúde dos consumidores de todo o mundo. Sem contar com os riscos da proliferação de pragas que podem contaminar as plantações, isso porque no Equador o número de fungos, pragas e bactérias é maior do que o encontrado em nossas terras. Um grande exemplo disso é a proliferação da praga “sigatoka negra”, que geraria intervenção direta na capacidade produtiva dos bananais de Janaúba, mingando a sua produção.

Outro fator é que o preço da banana equatoriana é menor, o que viria interferir na economia local, gerando baixa venda do produto janaubense e desemprego na cidade e região.

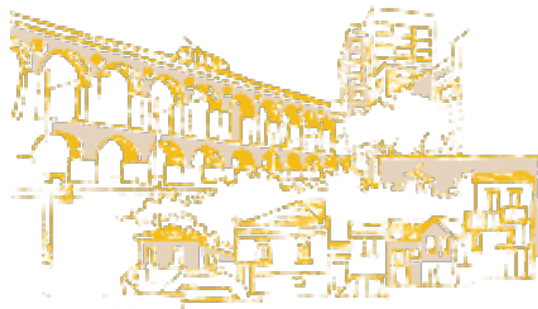
Muitas pessoas defendem a entrada do produto equatoriano no país. Dizem que um novo concorrente de peso como o Equador poderá fazer ressurgir um mercado que está estagnado, monopolizado, impulsionando novos investimentos.

Como janaubense, me preocupo com a situação socioeconômica da minha cidade e acredito que nem sempre a concorrência leva a investimentos, pois se nossa produção não tivesse êxito não seria considerada como uma das melhores bananas do mundo. Na verdade, não há necessidade de importar, de acordo com Dirceu Colares, presidente da Confederação Nacional dos Bananicultores (Conaban): “Somos autossuficientes na produção de banana. Para se ter ideia, a banana é a única fruta produzida em todos os Estados do país. Não precisamos importá-la. Ao contrário, exportamos 5% da produção”. Importar banana do Equador é o mesmo que a Suíça importar chocolate de outro país, ou seja, um verdadeiro erro.

O que deve ser feito é abolir a importação de banana e buscar produções menos competitivas e com menos riscos para o mercado interno brasileiro. Vários manifestos e audiências públicas com a presença de políticos e membros importantes do setor foram feitos em Janaúba e em todo o país. Com isso, foi criado um grupo de trabalho através da Secretaria de Defesa Agropecuária, composto por especialistas ligados a órgãos da área agrícola do Brasil e do Estado de Minas Gerais, para discutir, analisar e opinar sobre a entrada do fruto oriundo do Equador. A boa notícia é que enquanto não forem concluídos os trabalhos previstos pelo grupo a importação de banana estará suspensa.

Mas não podemos nos intimidar enquanto não tivermos uma posição firme e favorável do governo em relação à importação de bananas do Equador, pois não é apenas a banana que “está em jogo”, mas sim a principal fonte de riqueza e de trabalho de onde eu vivo.

Professora: Zulma Ferreira de Souza  
Escola: E. E. Maurício Augusto de Azevedo – Janaúba (MG)





## Lixo ou benefício? Acorda, Marituba!

Aluno: Wilcles de Souza Freitas

Moro em Marituba, cidade localizada na Região Metropolitana de Belém, às margens da Rodovia BR-316. Foi criada como uma pequena vila operária em virtude da implantação da Estrada de Ferro Belém-Bragança. Já o nome da cidade, de origem indígena, surgiu da junção dos vocábulos “Umari” e “Tuba”.

Foi elevada à categoria de município em setembro de 1994 e aqui estava a chance de Marituba deixar de ser uma pacata cidade, de grandes e belos igarapês, para rumar ao desenvolvimento. No entanto, hoje, com quase vinte anos de emancipada, a cidade, que antes era bela e bucólica, perdeu sua graça, para se tornar palco de crimes, violência, insegurança e políticos desonestos, que lutam avidamente pelo poder. Além disso, não possui saneamento básico, nem políticas públicas para o adequado descarte e tratamento do lixo, e, como se isso não bastasse, há fortes indícios de que o velho lixão do Aurá, após seu fechamento, será transferido para cá.

Desde 2010, quando o ex-prefeito da cidade aceitou a construção de um aterro sanitário para a Região Metropolitana de Belém aqui em Marituba, essa discussão se arrasta; entretanto, em nenhum momento a população foi consultada para saber se queriam ou não a construção desse aterro na cidade; pelo contrário, foi surpreendida quando alguns poucos líderes de comunidade foram convidados, pela empresa contratada, Revita, a participarem de audiências públicas que discutiríamos os impactos ambientais dessa construção na região.

Eu, como morador dessa cidade, sou totalmente contrário a isso. Penso que Marituba já possui problemas suficientes para poder receber mais um. Alguns poucos moradores que estão sabendo desse fato iludem-se em pensar que um empreendimento como esse trará benefícios para o município, como geração de emprego e melhorias para a cidade. É bom lembrar que de promessa a população está cheia!

Quem pensa que Marituba vai ganhar com esse empreendimento não leva em consideração os vários problemas ambientais que a cidade vem sofrendo desde a construção da Alça Viária, que assoreou vários rios e igarapês; não sabe que há fortes indícios de que o Lixão do Aurá tenha contaminado os lençóis freáticos do bairro do Pato Macho, e, agora, com esse projeto, que carece de informações importantíssimas, há o risco de piorar ainda mais essa situação.

Segundo o presidente da Comissão de Meio Ambiente da OAB-PA, José Carlos Lima, a área onde está prevista a construção do aterro é cheia de nascentes e córregos pertencentes à bacia do Uriboca, que a mata vizinha é alagadiça na maré alta, formando um sistema único de fauna e flora ainda preservados; além disso, o projeto não detalha como será feito o tratamento do chorume antes de ser despejado no igarapé que faz parte da bacia hidrográfica do Uriboca. Como se vê, o local escolhido é totalmente inadequado e, além do que já foi exposto, ainda existe o prejuízo que essa construção trará para a flora e a fauna da região.

Outro fator que reforça minha posição é que, legalmente, nenhum aterro sanitário pode ser construído a menos de 20 quilômetros de um aeroporto, e, como poucos sabem, o local previsto para a construção situa-se em Área de Segurança Aeroportuária da base aérea da capital paraense, colocando em risco essa atividade pelo potencial do empreendimento em atrair aves.

Como se não bastasse tudo isso, o projeto carece de informações sobre o arranjo econômico: ninguém sabe ao certo se a construção desse aterro terá viabilidade econômica e mais, quem pagará a conta e quem lucrará? É importante a população entender quem realmente irá ganhar, quem está por trás de tudo isso e com que interesses. Com certeza não é só porque ama Marituba!

Por isso, volto a afirmar: não queremos um lixão para contaminar nossas vidas, já vivemos em uma situação precária, com péssima qualidade de vida. De maneira nenhuma esse empreendimento vai ser bom para a cidade. Precisamos defender, antes de tudo, o meio ambiente e preservar nossas poucas riquezas naturais.

Marituba não quer mais lixo, quer qualidade de vida e sua dignidade de volta.

Professora: Silene Nascimento Faro

Escola: E. E. M. Professor José Edmundo Queiroz – Marituba (PA)

## Progresso e meio ambiente. Como equilibrar essa equação?

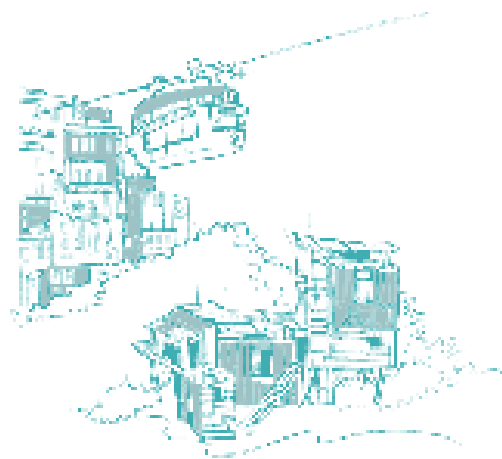
Aluno: Jeferson Gibrair Junior Madella

Hoje, boa parte das matas e florestas nativas de nosso país já foram devastadas, principalmente para a exploração de madeira e para dar lugar a plantações e pastagens. Em Coronel Martins, pequeno município do oeste catarinense, não foi diferente.

De acordo com dados da Secretaria Municipal da Agricultura, cerca de 90% da mata nativa do município foi devastada pelos colonizadores e grileiros de madeira entre as décadas de 1970 e 1990. Após esse período, por volta do ano 2000, intensificou-se significativamente o uso de maquinários agrícolas como tratores de esteira, retroescavadeiras e dragas, entre outros.

Com essas máquinas, também se ampliou muito o número de destoques, aterros, drenagens de banhados, cortes de morros e alterações do curso de sangas, de pequenos córregos e riachos. Tudo em nome do progresso. A prova de que ele ocorreu são os dados da economia nacional e local.

Ainda de acordo com dados da Secretaria de Agricultura local, a economia coronel-martinsense depende quase totalmente da agricultura. Das propriedades agrícolas existentes neste município – aproximadamente 500 –, a maior fonte de renda dos agricultores é a bovinocultura, e em 350 delas a produção leiteira predomina, existindo também alguns poucos suinocultores e avicultores, além de produtores de grãos, cuja produção já foi mais significativa.



A devastação ocorrida no passado e que continua ocorrendo em nossos dias favoreceu muitos setores da economia, especialmente o agrícola, pois este conta agora com terrenos mais favoráveis para a plantação.

Porém, esse progresso acabou custando caro para o meio ambiente, e nesse município não foi diferente.

Das matas e florestas nativas pouco restou. As araucárias, por exemplo, não somente nesta região, mas em todos os locais onde eram encontradas, sofreram uma redução drástica e estão a poucos passos da extinção, pois um levantamento feito pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), em 2013, indica que a espécie já perdeu 97% de sua área original.

É indiscutível que o desmatamento é um problema enfrentado por praticamente todo o Brasil. Segundo o IBGE, o país já perdeu cerca de 40% de toda a sua vegetação nativa, e isso corresponde à soma dos territórios das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul brasileiras.

Precisaremos mudar a letra do Hino Nacional? Deixaremos que ele perca seu sentido? Queremos deixar de ter orgulho ao cantar “Gigante pela própria natureza”, “Nossos bosques têm mais vida”?

Medidas mais drásticas e rígidas precisam ser tomadas para que os recursos naturais não sejam extintos e o caos, instaurado. É urgente se pensar a sustentabilidade e agir para que ela ocorra.

Sabemos que mudanças são necessárias, e que elas sejam no sentido de mudar o mundo, salvar o nosso planeta. Cabe a cada um de nós fazer a nossa parte. Que tal começarmos pelo lugar onde vivemos?

Professora: Thais Aparecida Burato  
Escola: E. E. B. Professora Olga Nunes de Abreu – Coronel Martins (SC)

## O protagonista da destruição

Aluno: Josivaldo José Lima da Silva

A Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, nº 12.305, sancionada em 2010, chegou ao prazo final no dia 2 de agosto de 2014 para que as prefeituras se adequassem, criando aterros sanitários em substituição aos lixões a céu aberto. Porém, ela não foi cumprida por pelo menos 65% dos municípios brasileiros, e também Surubim. O não cumprimento da lei levou deputados e senadores a aprovarem um artigo da Medida Provisória (MP) 651/14, que prorroga o prazo até 2018. Entretanto, tal prorrogação corre o risco de ser vetada pela presidente do Brasil. Governo federal e catadores de lixo defendem a aplicação da lei o mais rápido possível; municípios pedem tempo, além de apoio técnico e financeiro. É preciso que a população tome conhecimento desse debate e não deixe a responsabilidade apenas nas mãos do governo, mas busque fazer parte dessa luta que envolve a todos.

Criado há catorze anos em Surubim, a poucos quilômetros da cidade, no Sítio Casés, a situação do lixão é precária: aves aproveitam os restos que rejeitamos e, em meio a isso, pessoas em busca de sustento, exercendo a reciclagem, pois acreditam em uma mudança vindoura em que a relação homem-natureza se tornará saudável. Além disso, temos os altos prejuízos ambientais no solo por conta do chorume e as altas queimadas liberando a fumaça tóxica, prejudicando ainda mais o planeta, sem falar do lixo hospitalar descartado indevidamente, pondo em risco a saúde dos catadores e pessoas próximas. “Deveriam implantar um grande depósito em meio ao lixão com máquinas que trabalhem para selecionar o tipo de resíduo; isso facilitaria a coleta seletiva”, nas palavras de uma catadora do lixão. Mas, nesse cenário degradante, entre os amontoados, surge um sinal de vida: os girassóis. A grande flor amarela mostra que a vida pode renascer onde parece impossível.

A responsabilidade de exercer a mudança deve ser conjunta. Às vezes, chego a me questionar se isso será possível em um mundo dominado pelo capitalismo. Grande parte da população surubinese e das demais regiões que ali faz o depósito dos resíduos ainda ignora a realidade. Tal ignorância em relação à coleta seletiva vem construindo um dos piores quadros já vistos. Nós colhemos o que plantamos. É uma pena que o principal grão que está sendo cultivado seja o lixo. Sei que não sou um especialista no caso, mas para ver como o lixo se torna uma arma destruidora não precisa de formação, basta observar a resposta dada pela natureza. Muitos não fazem caso de saber o destino do lixo, o que é feito dele, o que ele está causando etc. Não adianta a população mundial focar nos bens de produção e consumo sem ter um lugar adequado para realizar a reciclagem e logo após o aterro sanitário. Nós que produzimos o lixo temos por obrigação eliminá-lo corretamente – pelo menos é o que está na lei. Segundo algumas pesquisas, anualmente, no mundo, é produzido 30 bilhões de toneladas de lixo. Onde se depositar tamanha quantidade? Segundo o professor paulista Maurício Waldman, que possui pós-doutorado em geografia, não temos mundo para tanto lixo e, se nossos hábitos consumistas não forem mudados, ocorrerá um grande colapso mundial. O professor afirma ainda que cerca de um milhão de catadores recicla 13% do lixo produzido no Brasil e mesmo assim existem pessoas que os discriminam. Observamos no dia a dia que a produção de bens está demasiadamente absurda. “Possuir” se tornou a meta de toda massa mundial. Em vez de serem providenciados aterros sanitários para que o lixo tenha o seu devido fim, vejo a cada dia o quadro sendo revertido, fazendo com que a natureza tenha os seus dias contados. Até quando o meio ambiente suportará a irresponsabilidade dos que convivem e agem de qualquer maneira sobre ele?

É preciso pôr em prática o que já é lei, saindo da posição de acomodamento e parar de culpar uns aos outros. Não apenas Surubim precisa da consciência populacional como também os demais municípios afetados com tal problemática. É dever de cada um exercer a cidadania e estar ciente dos deveres no meio social. A vida nunca deixará de lutar pela sobrevivência. E você, o que está fazendo para que a vida vença tal luta e recupere o lugar que lhe foi tomado?

Professora: Maria Celenilda da Silva  
Escola: E. R. E. M. Severino Farias – Surubim (PE)

## O jardim da Rua 16

Aluno: Luiz Eduardo Lima Aguiar

A jornada de trabalho inicia-se cedo, geralmente às 6 da manhã; porém, é nas madrugadas que elas atuam. Todos os dias, vagueiam em meio a guetos e ruas em busca de sustento para filhos, irmãos, pais. Vagueiam sem direção certa, sem nenhum destino em especial que não seja sobreviver. Esta é a sobrevivência de centenas de mulheres que se arriscam ao trabalhar no ramo da prostituição, na conhecida Rua 16 de Setembro, centro do município de Arapiraca.

Esse ofício perdura desde os tempos antigos. Não é à toa que recebe a alcunha de “a profissão mais antiga do mundo”. Há relatos de prostituição que remontam ao Egito antigo, onde era considerada sagrada devido à forte ligação entre espiritualidade e sexualidade. No entanto, o melhor sentimento que a maior parte das pessoas pode conceber hoje ao pensar nas “mulheres da vida” é pena.

Bem, a ocupação é legalizada no país? Aqui em Arapiraca não há uma só pessoa informada que não tenha noção da existência das chamadas “profissionais do sexo”. Há pouco tempo, uma prostituta não possuía direito a férias, salário mínimo, nem a tão sonhada aposentadoria. Infelizmente, essa realidade não atinge todas as cidades do país.

É assim que vivem essas rosas da Rua 16. Pela localização central, é de fácil acesso à maior parte dos moradores. Entretanto, a maioria evita o local. Por quê? Fiz essa pergunta à minha avó quando garoto, à qual ela apenas me respondeu: “É onde vivem as bandidas”. Essa crença preconcebida pela maior parte da população parte do pressuposto de que toda prostituta é marginal, como se seu modo de vida fosse um crime capital.

Inúmeros moradores reclamam da proximidade de suas residências com o local, que também margeia uma avenida em que se situam três das principais escolas de Arapiraca. Pedem que alguma coisa seja feita, que elas sejam removidas, e de preferência (de acordo com alguns) para a prisão.

Mas qual o motivo de tanta desaprovação popular? Os mais conservadores argumentam que, devido ao respeito “à moral e aos bons costumes”, é impensável uma regulamentação. Se você, caro leitor, segue essa linha de pensamento, queira me desculpar, mas sustento que deveria parar de se preocupar com a vida alheia. O corpo, antes de tudo, é particular, privado, e, como uma posse, seu(sua) proprietário(a) deve ter o direito de fazer com ele o que bem entender e de fazer isso de maneira segura, garantida pelo Estado. Afinal, somos todos cidadãos, não? Não somos nós os filhos e filhas da pátria que deveriam ter segurança e liberdade, ambas garantidas pela Carta Magna? A desregulamentação do ofício apenas garante que seus adeptos corram riscos e perigos desnecessários, como assaltos e agressões, que, em sua maioria, passam impunes. Uma regularização garantiria direitos básicos a essas mulheres.

Não pense, no entanto, que essa questão não é já debatida no Congresso Nacional. Jean Wyllys, deputado federal por Rio de Janeiro, já propôs o Projeto de Lei nº 4.211/2012, referente a esse quesito. O PL Gabriela Leite, como é conhecido, busca regulamentação e legalização das casas de prostituição (ainda vistas como ilegais perante a lei, em contraposição à prostituição individual, regulamentada, apesar da desmoralização). Essa lei limitaria o ganho dos chamados cafetões (“chefes” das prostitutas), garantindo, assim, um ganho regular e consequente independência das profissionais.

Penso que uma regulamentação é necessária, não para elevar os índices de prostituição, mas para diminuir o número de vítimas que cresce dia após dia devido à falta de proteção de que as prostitutas da Rua 16, por exemplo, dispõem. Além disso, uma regularização poria fim às condições de vida precária do lugar, de forma que muitos moradores pudessem lucrar com a organização que viria a ser conquistada.

Quem sabe um dia as mulheres da vida possam se despir de vergonha e pesar. Quem sabe um dia as rosas da Rua 16 possam ser colhidas sem medo dos espinhos. Quem sabe um dia haja a dignificação de algo que já é digno por natureza: o ser humano.

Professora: Hosana Cláudia Barbosa Borges  
Escola: I. F. E. C. T. de Alagoas – Campus Arapiraca – Arapiraca (AL)

## Mossoró: cenário da bala, palco da violência

Aluno: Leonardo Serafim da Costa

O espetáculo *Chuva de bala no país de Mossoró* representa de forma teatral a violência imposta pelo bando de Lampião à cidade de Mossoró. Esse cenário “fictício” tornou-se uma realidade de que tira o sossego dos habitantes da “Terra da Resistência”, pois a violência presente em nossa cidade nos faz recordar o tempo em que o cangaço aterrorizava estas bandas.

Na análise do contexto histórico da resistência de Mossoró ao bando de Lampião, foi a relevante participação dos cidadãos mossoroenses, que reagiram à investida dos cangaceiros, lutando na defesa do município, conseguindo expulsar na marra o temido Lampião. Observo, pois, que o tempo passou, mas a violência continua atuante no palco da cidade. A população se sente acuada, com medo de enfrentar a realidade com a qual convive.

O Mapa da Violência 2013, elaborado pelo Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, apontou Mossoró como a segunda cidade mais violenta do Estado do Rio Grande do Norte. Os casos de atrocidades relacionados à violência são temas frequentes nos meios de comunicação local. Os cidadãos se sentem inseguros em virtude da ocorrência de assaltos, balas perdidas, ou até mesmo pelo alto índice de mortes que são registradas pelos órgãos de segurança pública e pela mídia.

Nesse contexto, direitos básicos do cidadão como o de ir e vir, assegurados pela Constituição Federal de 1988, estão sendo violados. Andar nas ruas, sentar nas calçadas ou em espaços públicos, carregar consigo objetos de valor, estacionar o veículo em ruas pouco movimentadas são atividades cotidianas que estão se tornando um desafio para nós, mossoroenses, que outrora vivíamos outra realidade num ambiente de tranquilidade.

A sensação que se evidencia nos dias atuais é de total insegurança e atinge as pessoas independentemente de classe social. Enquanto essa situação não é amenizada, a população vem se protegendo como pode, num verdadeiro cárcere privado.

Segundo Ivenio Hermes, consultor de segurança da OAB-RN Mossoró e especialista em políticas e gestão em segurança pública do Rio Grande do Norte, a violência está associada diretamente ao crescimento urbano desordenado. Ele ressalta que há uma deficiência do sistema de segurança pública. Para o especialista, a solução seria maior investimento na infraestrutura da segurança pública, que acompanhe o crescimento urbano. Em minha opinião, medidas dessa natureza são determinantes para a solução do problema, pois, prestação de serviços eficientes na manutenção da ordem social garante segurança de qualidade e resolve o problema da população, que clama pelo fim da violência.

É possível dar um basta em tudo isso investindo em políticas sérias, com soluções a curto e a longo prazos. No primeiro caso, seria necessário maior investimento do poder público na liberação de verbas suficientes para a área da segurança pública. A longo prazo, sugiro a efetivação de ações sociopolíticas para o enfrentamento da violência e das drogas, a exemplo do programa “Crack, é possível vencer” do governo federal, criado com o objetivo de prevenir o uso de drogas no país, e maior integração entre Estado e sociedade, maiores investimentos em setores básicos de suma importância para o desenvolvimento humano, como no sistema educacional, na área da cultura, no esporte, no lazer, entre outros.

A nossa cidade é conhecida como “Terra da Resistência” por conseguir expulsar, sem a ajuda das forças militares, o rei do cangaço e seu bando numa vitória histórica. Nesse sentido, é importante questionar: onde está o espírito de resistência de nossos “heróis do passado”? Está guardado apenas nas lembranças revividas nos eventos alusivos a esse feito histórico?

Portanto, cabe a nós, mossoroenses, reacendermos a chama de bravura e irmos à luta, participando ativamente de mobilizações sociais, exigindo dos governantes o compromisso para solucionar o problema da violência que aterroriza não apenas o nosso município, mas todo o país.

Professor: Cléoman de Freitas Dantas da Costa  
Escola: E. E. Jerônimo Rosado – Mossoró (RN)

## As janelas espiam e as bocas se calam

Aluna: Gleyciene Oliveira Silva

Os cidadãos inhumenses foram abalados recentemente pelo que aconteceu com uma certa moça de cabelos vermelhos. Tyciara Ferreira sofreu agressão verbal por causa de sua opção sexual e foi espancada por aquele que usa farda e coturno. Esse episódio nos lembra que algumas pessoas ainda pensam que é preciso reprimir a expressão homossexual, mas é urgente mudar esse discurso ou estaremos reproduzindo o que Hitler fez durante muitos anos.

Tudo começou após um dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2014. Várias pessoas entraram no estabelecimento e começaram uma briga. O policial chegou ao local cuspidando ofensas à dona do bar e à sua companheira. Além da agressão verbal, Tyciara sofreu agressão física, sem motivos, e seu bar foi fechado. Assim, abalada, ela postou em uma rede social toda a sua indignação: “Eu só posso concluir que nem que passe um bilhão de anos os homossexuais pararão de ser perseguidos”.

Não tenho nada contra a opção sexual de cada indivíduo. O policial precipitou-se, abusou de autoridade para agredir uma trabalhadora que não tinha se envolvido na briga. E os participantes da confusão? Esses não sofreram nenhuma punição. Será que um dia essa cidade interiorana, à margem da Estrada Real, poderá seguir o modelo alemão (da Alemanha atual) de tolerar a homossexualidade, ensinando respeito às crianças desde cedo? Ou será que os “campos de concentração”, que já foram de Hitler, hoje estão debaixo dos nossos olhos inhumenses?

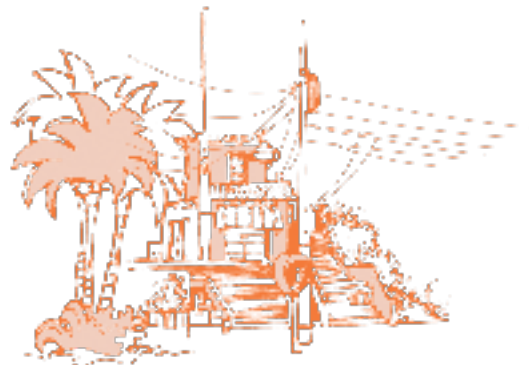
“A minha formação cristã me ensina que o ato homossexual é errado, que é pecado”, disse o deputado e pastor Marco Feliciano. Eu sei que existem homossexuais que assumem sua posição de forma destemida. Todavia, vejo que são declarações como a de Feliciano que dão impulso e justificativa para a crescente onda de agressões físicas, que podem até mesmo levar à morte. Vejo também que aqui, assim como na Rússia, onde os homossexuais têm falsa liberdade, pessoas como Tyciara são isoladas socialmente e podem chegar a ser castigadas. Inhumas parece espelhar-se naquele contexto, pois o bar que foi fechado era frequentado quase exclusivamente pelo grupo GLS. Não parece segregação?

As autoridades deveriam repensar o fechamento do estabelecimento, lembrando que uma homossexual também tem família, contas a pagar e muitos projetos de trabalho que foram interrompidos, já que a moça, segundo sua afirmação no desabafo que fez na rede, investiu 13.000 reais no local e acreditou que teria o retorno desse dinheiro com os lucros que seriam obtidos.

Para agravar ainda mais a situação, ainda em Inhumas, um jovem de 18 anos, João Antônio Donati, que era homossexual, foi assassinado brutalmente e seu corpo foi encontrado em um terreno baldio com diversos hematomas e a boca cheia de papéis. Isso não nos lembra a música *Cálice*, de Chico Buarque? Talvez, milhares de pessoas que enfrentam uma realidade parecida com a de Tyciara Ferreira e de João Antônio Donati estejam bebendo do mesmo cálice “de vinho tinto de sangue”. A moça dos cabelos vermelhos, como diz a música, dormiu calada e acordou calada, no sofrimento do silêncio, enquanto João Antônio dormiu calado e nunca mais acordará.

Acredito que é necessário que desde a infância seja repassado que todo ser humano deve ser respeitado, para que, quando adulto, suas mãos não sejam erguidas, senão para ajudar o próximo. Entristece-me saber que Inhumas, mesmo longe, parece o modelo russo de ser. É que a Rússia, assim como outros lugares ainda intolerantes, situa-se no planeta Terra, e o planeta Terra também é o lugar onde eu vivo.

Professora: Liliane de Paula Munhoz  
Escola: I. F. E. C. T. de Goiás – Campus Inhumas – Inhumas (GO)



## Agrotóxico: vilão ou solução?

Aluna: Débora Simonetti Martinelli

O Espírito Santo é conhecido por ter uma grande participação na produção agrícola do Brasil, e no lugar onde moro, Boa Esperança não é diferente. Ao longo dos cinquenta anos de emancipação política completados este ano, a agricultura sempre foi e continua sendo a base da economia. As principais culturas produzidas são: banana, cacau, pimenta-do-reino, mandioca, mamão, coco, maracujá, milho, feijão e o café, sendo este o principal, movimentando cerca de 43% da economia.

Com o aumento das pragas e doenças, que estão cada vez mais resistentes a qualquer tipo de substância orgânica, a forma mais viável encontrada pelos agricultores para combatê-las é fazer a aplicação de inúmeros produtos químicos, que são conhecidos como agrotóxicos. Quanto à utilização dos produtos químicos, a população está divergente: uma parte alega que o consumo de alimentos tratados com agrotóxicos pode trazer malefícios para a saúde e causar vários danos ao meio ambiente; já os produtores rurais afirmam que sem o uso desses produtos é quase impossível obter-se uma produção significativa nas suas lavouras, não gerando uma boa renda para eles, que, em sua maioria, são pequenos agricultores.

A Lei nº 7.802, de julho de 1989, que regulamenta o uso de agrotóxico, dispõe sobre o produto, a experimentação, produção, embalagem, rotulagem, armazenamento e comercialização. As orientações devem ser cumpridas para não provocar problemas ao meio ambiente e ao ser humano.

Existem entidades públicas responsáveis pela orientação ao agricultor, como Incaper, Secretaria Municipal de Agricultura e agrônomos autônomos que auxiliam o produtor rural a efetuar a aplicação dos agrotóxicos de forma adequada e sem prejudicar o meio ambiente e o homem, e dão dicas referentes ao descarte das embalagens através da logística reversa; orientam a dosagem correta a ser aplicada e informações que dizem respeito à utilização de equipamentos de proteção para que os produtos não atinjam diretamente o corpo.

De acordo com a revista *Mundo Moderno*, “se as normas de aplicação forem seguidas à risca, esses produtos, apesar de altamente venenosos, deixam na comida apenas resíduos químicos considerados ‘toxicologicamente aceitáveis’, ou seja, não são nocivos à saúde”, e podem ser eliminados na lavagem correta dos alimentos.

Segundo o engenheiro agrônomo Edson Mauro Perdonati, a utilização dos produtos de forma adequada pode trazer vários benefícios para os consumidores de alimentos tratados com agrotóxicos, como a variedade de alimentos com certificado de qualidade e preços mais acessíveis, e também para o produtor rural, como fácil manejo, aumento de produtividade e mão de obra facilitada.

Sou plenamente favorável ao uso dos agrotóxicos de forma correta, pelo simples fato de eles serem grandes aliados para a produção agrícola. É devido a eles que temos hoje uma vasta quantidade de frutas, verduras ou qualquer outro tipo de alimento. Apesar disso, não se ingere todos os dias e de uma só vez produtos com grandes índices de agrotóxicos. Nos meus 16 anos de idade, vivendo em Boa Esperança, nunca vi um cidadão que teve ou tenha tido algum indício de câncer ou doenças graves causadas pelo consumo de resíduos de agrotóxicos (isso quando utilizado de forma correta). O perigo mesmo é para os produtores, que têm contato direto todos os dias, mas, tomando as precauções necessárias, o risco é mínimo.

Existem vários outros tipos de substâncias tóxicas que são nocivas à saúde e a que o homem está exposto e consumindo em grandes quantidades, como cigarro, álcool e, nas grandes cidades, o alto índice de CO<sup>2</sup> encontrado na atmosfera.

Acredito que na maioria das vezes consideram-se os produtores rurais como os maiores culpados pelos problemas causados pelos agrotóxicos, mas as empresas e indústrias fabricantes também são responsáveis e devem fazer melhor a parceria com o homem do campo, possibilitando melhores orientações quanto à fabricação, à aplicação e ao descarte das embalagens, proporcionando assim mais tranquilidade para aqueles que consideram os agrotóxicos um verdadeiro vilão da saúde humana.

Professora: Claudiane Bis  
Escola: E. E. F. M. Sobradinho – Boa Esperança (ES)

## Polo industrial: o dilema entre a vida e a economia

Aluno: Dêneson Pastor Lima

Situada a 49 quilômetros da capital do Estado, Camaçari se faz diferente das demais cidades brasileiras por deter o maior Polo Industrial Integrado da América Latina. As belíssimas e pitorescas praias que aqui se encontram acrescentam aos mais de 275.000 habitantes o prazer e a honra de residirem na “Cidade Industrial”, como é conhecida.

O aquecido mercado industrial camaçariense tem sido, desde o início da década de 1970 – período de instauração do Polo Petroquímico no município –, o principal agente modificador dos índices econômicos e demográficos da cidade onde minam empregos. Porém, assim como o capital e o número de habitantes são alavancados, cresce também o nível de doenças respiratórias, os malefícios provocados ao meio ambiente e a indignação dos moradores por causa de irritações nasais e mau cheiro, os quais são provocados pela poluição atmosférica proveniente do Polo Industrial.

Os que garantem não haver irregularidades na qualidade do ar do município asseguram que as circunstâncias atmosféricas da região do Polo Industrial têm apresentado boas condições. De acordo com a Central de Tratamento de Efluentes Líquidos (Cetrel), único órgão responsável pelo controle do ar da cidade, a zona de influência do polo conta com uma rede de dez estações de monitoramento atmosférico, que realiza o ofício 24 horas por dia. O gerente dessa área da empresa, Eduardo Fontoura, afirma que em mais de 95% do tempo o Índice de Qualidade do Ar (IQAR) no polo indica condição “Boa”. Ainda segundo a instituição, são utilizados os melhores aparatos tecnológicos do ramo disponíveis no mundo.

No entanto, boa parte dos moradores questionam a veracidade dos dados obtidos pela Cetrel, visto que pessoas alegam sentir incômodos respiratórios e contrair problemas de saúde devido à emissão de poluentes. Um estudo realizado pelo engenheiro químico Diógenes Lyra revela que altos níveis de  $SO_2$  (dióxido de enxofre) – composto químico altamente nocivo à saúde humana – são lançados na atmosfera pelas plantas industriais do polo, transcendendo até mesmo as emissões do poluente pelos veículos da região metropolitana de Salvador. Uma vez inalado, o gás não só pode causar dores de cabeça e náuseas, mas ainda, em caso de exposição prolongada, agravar doenças como asma brônquica e bronquite crônica.

Acredito que a população, além de sofrer com enfermidades e moléstias causados pelo despacho de rejeitos, não conta com informações transparentes e precisas, e os técnicos do Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Cofic), sempre que acionados para averiguar fortes odores circulantes em localidades do município, informam vagamente não saber a precedência do problema.

É indiscutível que megaplantas industriais, como o Polo de Camaçari, causem inevitáveis impactos ambientais. Contudo, a cidade carece de uma política de desenvolvimento sustentável, posta em prática pelos órgãos competentes como Cetrel, Cofic e demais instituições, que vise minimizar significativamente os efeitos cataclísmicos das atividades industriais.

O que se tem observado, do ponto de vista sustentável, é que novas indústrias estão se instalando na cidade sem que haja um planejamento ideal efetivo. Ambientalistas defendem que, a princípio, deveriam realizar um levantamento epidemiológico para verificar se os rejeitos atmosféricos estão, de fato, lesando ou não a saúde das pessoas que moram na cidade. Esse seria o primeiro dos muitos passos em busca da atividade industrial sustentável ideal para Camaçari.

Com a chegada de novas empresas ao Complexo Industrial, a exemplo da Knauf, e a previsão da geração de mais de 17.000 empregos até 2015, penso que o crescimento industrial tem a obrigação de trazer consigo a responsabilidade socioambiental, haja vista que não podemos assentir que os valores financeiros se sobrepujem aos valores da vida. Portanto, cabe às entidades responsáveis atuar em conjunto a fim de dispor à população informações concretas e, sobretudo, suscitar o debate entre governantes, empresários e comunidade, objetivando proporcionar progresso econômico sustentável e bem-estar a todos os moradores da minha esplêndida Camaçari!

Professora: Josinete da Silva Evangelista  
Escola: Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães – Camaçari (BA)



# Às margens do Rio Parati

Aluno: Zimbábwe Osório Santos

Araquari tem mostrado um assustador desenvolvimento econômico, embora tenha sido há muito tempo esquecida por Santa Catarina, transformando um intocado recanto ambiental em um futuro parque industrial.

Araquari é maior que Joinville – cidade mais populosa de Santa Catarina –, em extensão territorial, tendo uma área de 383.993 quilômetros quadrados, ocupada em grande parte por mata atlântica, refúgio para a fauna e muitas comunidades indígenas da etnia tupi-guarani.

Pelo fato de ter iniciado o processo de industrialização recentemente, muitas indústrias têm se instalado no município devido à isenção de impostos concedida pelos últimos governos. As empresas de metalurgia empregam grande parte da população, mas a agricultura, igualmente, é um ponto forte, destacando-se pelas culturas de banana e maracujá. O comércio também constitui certa representatividade na economia municipal. Mesmo assim, Araquari ainda sofre com a pobreza e já teve o menor IDH de Santa Catarina – hoje ocupa a 95ª posição no *ranking* estadual.

A espiritualidade é um elemento inseparável da cultura do povo araquariense. A Igreja Santuário Senhor Bom Jesus de Araquari é considerada símbolo da cidade e palco de diversas celebrações, como a Festa do Maracujá, que faz alusão ao passado glorioso do cultivo da planta, pois Araquari já foi considerada a capital nacional do maracujá. Outra festa que representa a cultura local é a do padroeiro da cidade, Nosso Senhor Bom Jesus de Araquari, na qual pessoas de toda a região fazem grandes procissões para expressar sua fé.

Araquari é muito rica em aspectos ambientais; porém, o “progresso” ameaça tais riquezas, e poucos se importam com o impacto ambiental, talvez por falta de profissionais especializados nessa área ou pelo anseio do desenvolvimento acelerado.

A cidade sofre certa influência da cultura germânica e italiana, mas é composta principalmente por descendentes de índios tupis-guaranis. O município e seus arredores contam com diversas aldeias, com as mais distintas peculiaridades.

Infelizmente, esse patrimônio tem sido negligenciado, as terras indígenas vêm sendo reduzidas e ocupadas com agricultura ou construções industriais, e, em meio a muitos protestos, o índio é criminalizado, em especial pela população rural, sendo taxado de preguiçoso e sujo. É lamentável observar que alguns moradores de Araquari desprezam suas raízes; porém, felizmente, há instituições que ainda se esforçam em introduzir os povos indígenas na comunidade sem romper, é claro, sua cultura.

Não se pode descrever esta cidade sem citar o Instituto Federal Catarinense, antigo Colégio Agrícola Senador Carlos Gomes de Oliveira, uma das construções mais antigas da cidade. Fundado em 1954, o colégio presenciou e participou do desenvolvimento da comunidade. A instituição é responsável pela formação de profissionais das áreas de química, informática e, especialmente, agropecuária, que, além de levar tecnologia para o campo, auxilia no desenvolvimento agrário e industrial. Novos cursos estão sendo criados para amparar as indústrias de forma técnica bem como eticamente.

Por ser localizada próximo ao litoral, Araquari recebe muitos turistas, que têm como opção ir ao centro da cidade descansar e apreciar as construções antigas que dão ao local um “ar colonial”, ou o visitante pode ainda desfrutar do Rio Parati, que fica a poucos metros do centro. Independentemente da escolha, certamente o visitante contará com a hospitalidade do povo araquariense.

Enfim, Araquari tem um pouco de tudo: matas exuberantes contrastam com indústrias imponentes, a cidade pouco tem a ver com as aldeias, e quem vê as belas construções não imagina que a pobreza pode estar tão perto. Não se pode ignorar que o município tenha suas imperfeições, como em todos os lugares. Nós esperamos que as autoridades atentem para esses problemas e criem estratégias e soluções que busquem conciliar a industrialização com os aspectos históricos e culturais que antecederam a existência de qualquer fábrica.

Passe o tempo que passar, para mim Araquari nunca perderá seu encanto; afinal, este é o lugar onde vivo.

Professora: Leila Mattos Sombrio  
Escola: Instituto Federal Catarinense – Campus Araquari – Araquari (SC)

## Cana de açúcar: desenvolvimento ou retrocesso?

Aluna: Jéssica Fernanda Prado Martins

Maracá é uma cidade do interior do Estado de São Paulo, com aproximadamente 13.000 habitantes. Apesar de ser conhecida como “Terra do Menino da Tábua”, a indústria açucareira é a responsável por movimentar grande parte do setor econômico municipal. Por esse motivo, a paisagem ao redor da cidade limita-se aos canaviais.

Dessa forma, a questão da produção do etanol a partir da cana-de-açúcar é um tanto polêmica, pois sabemos que essa monocultura, assim como todas as outras, traz inúmeros prejuízos ao meio ambiente, como a redução dos minerais presentes no solo e a diminuição da biodiversidade.

Nossa preocupação cresceu a partir do momento em que as questões sobre o desenvolvimento sustentável passaram a ser mais divulgadas na mídia internacional, pois, apesar de conhecermos algumas propostas da Rio-92, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, reunindo representantes de 178 países, não imaginávamos a real proporção do problema.

A monocultura da cana-de-açúcar, desde seu princípio, degrada o meio ambiente porque é necessário desmatar extensas áreas verdes, o que acaba destruindo a fauna e a flora nativas, uma vez que as plantas são queimadas e alguns animais que procuram abrigo nos canaviais, como os pássaros e diversos insetos, acabam morrendo por causa do fogo.

Além disso, as máquinas utilizadas para plantio e colheita da cana queimam muito combustível, emitindo grande quantidade de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) para a atmosfera, o que colabora para o agravamento do efeito estufa e, conseqüentemente, faz com que ocorra uma degradação ainda maior. Há também o fato de que, com a realização das queimadas, grande quantidade de fuligem cai sobre toda a cidade, deixando-a com um aspecto visual muito ruim e incomodando muitos moradores, que reclamam da sujeira e dos problemas respiratórios causados pela poluição.

Entretanto, a Usina Raízen é responsável por garantir a renda familiar mensal de grande parte da população local, o que a torna indispensável na comunidade, pois, se ela não existisse, a taxa de desemprego atingiria seu ápice, resultando em uma crise econômica interna que, por sua vez, provocaria a migração da população para as cidades vizinhas, e Maracá acabaria se tornando uma cidade abandonada, tal qual ocorreu com o município de Ibirarema, que se localiza próximo à nossa cidade.

Enfim, mesmo considerando a importância da usina, acredito que devemos, paralelamente, adotar medidas que sejam práticas e eficazes, como a implantação da rotação das terras disponíveis e a redução das emissões dos gases de efeito estufa, que podem resolver ou, pelo menos, reduzir, os problemas que nos atingem. Afinal, dependemos de um ambiente equilibrado para continuarmos usufruindo seus recursos naturais de maneira responsável, pois, como disse o filósofo e escritor José Ortega y Gasset: “Eu sou o que me cerca. Se eu não preservar o que me cerca, eu não me preservo”.

Professora: Simone Breskott Simogini  
Escola: E. E. José Gonçalves de Mendonça – Maracá (SP)



## Passado que não passou

Aluno: Gabriel Schincariol Cavalcante

Virou museu, livro, festival. Só não virou passado. Barbacena, entre uma ladeira e outra de Minas, dificilmente é separada do seu passado como casa da loucura brasileira. Foi abrigo de vários hospitais psiquiátricos, como o famoso Colônia, palco de mais de 60.000 mortes numa época em que ser triste era ser louco. As fortes cenas de internos dormindo no chão, já que entre cama e concreto não havia diferença, indigentes num lugar que deveria ser o caminho para a recuperação e que foi, no melhor dos casos, o caminho mais curto para o fim de tantas vidas, são, agora, história, literatura, reflexão e debate na sociedade local. Porém, a cada quatro anos, temos uma dose de insanidade para nos lembrar de nossa dolorosa alcunha.

O jornalista Hiram Firmino comenta, no livro *Nos porões da loucura*, sobre os alicerces dos centros psiquiátricos – plataformas de deputados, prefeitos, secretários e diretores. As diretrizes dos tratamentos em Barbacena eram formadas a partir de interesses econômicos e eleitorais, dificilmente tendo em vista o real avanço da saúde pública e da humanização dos pacientes. Milhares de corpos eram vendidos para os cursos de medicina, já que cadáveres não faltavam nos hospícios, mas sim médico, apoio, investimento. Faltava boa vontade dos governantes. Homens, mulheres e crianças eram internados porque bebiam demais, namoravam demais, choravam demais, e as instituições aceitavam, porque políticos e diretores lucravam demais. E os barbacenenses, de berço ou de coração, não estamos muito longe dos protagonistas desse drama.

Num trecho do livro *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, o herói Viramundo é questionado por um morador de Barbacena se é biista ou bonifacista. Seria alheio ao enredo da loucura não fosse o fato de Viramundo ter sido internado como louco, não fosse o fato de que biista é quem vota na família Bias Fortes e bonifacista é quem vota na família Bonifácio Andrada. O ponto aqui é que as famílias Bias Fortes e Bonifácio Andrada ainda são as duas grandes vertentes da política local. Não subo, porém, no palanque da oposição contra as duas famílias; o que exponho é que não somos capazes de sair do *script* já tão bem conhecido de alternância de poder, em que até as divergências começam a convergir.

Que a psiquiatria viveu maus momentos aqui não há dúvida, mas Barbacena não é só o porão da loucura brasileira. A cidade também é das rosas, do povo mineiro que acolhe todos os anos mais de 150 jovens, meninos ainda, de todo o Brasil, que vêm para cá em busca do sonho de se tornarem oficiais aviadores e encontram aqui os seus novos lares. Não sou mineiro, mas sou filho adotivo de Barbacena – que de madrasta não tem nada. Não só o Hospital Colônia, não só o holocausto brasileiro: Barbacena é seu povo e a história de cada um que aqui vive ou viveu, loucos ou são, esta é BQ, a Barbacena Querida. É por isso que o nosso dever é sermos lúcidos. O passado já mostrou que não existe riqueza neste mundo que pague o preço do descaso. É esse descaso que precisamos analisar, já que o que aconteceu não foi só fruto de uma medicina precária, mas de uma política de má fé que temo perdurar até hoje por aqui.

Seja Andrada, Bias, ou Viramundo, o que Barbacena precisa é de um povo que, cansado da loucura a nós imposta, vote com a consciência dos que se recusam a aceitar a senilidade como cultura. Observemos o que Saramago expõe em seu romance *Ensaio sobre a lucidez*: a ideia de uma conscientização autônoma da população frente ao poder político. Uma comoção sem arma, sem luta, sem loucura. Uma comoção são, de fazer da urna a extensão da força de um povo guerreiro. E quando me perguntarem, ao descobrirem que vivi na Cidade dos Loucos, se sou biista ou bonifacista, se sou louco ou são, responderei sem sombra de dúvida: sou filho adotivo de Barbacena, cidade de subidas intermináveis e pessoas memoráveis. Sou filho da cidade das rosas, do céu mais bonito que já vi. Louco eu seria se não visse beleza no “trem” de Minas, como no “meu” do meu berço paulista. Talvez sejamos todos um pouco loucos, mas é uma loucura de querer sorrir – a tristeza já morou por muito tempo em nossa cidade e está convidada a se retirar.

Professora: Margarida Maria Alacoque Chaves de Sousa  
Escola: Escola Preparatória de Cadetes do Ar – Barbacena (MG)

## O festival dos lucros invisíveis

Aluna: Eldia Rayne dos Santos Cardoso

Por via fluvial ou aérea, quem chega a Parintins é recebido por um seja bem-vindo em português, em inglês e em sateré-mawé. O município é o segundo mais desenvolvido do Amazonas e foi eleito, pela Assembleia Legislativa do Estado, a Capital da Cultura e do Folclore. Todo mês de junho sedia uma das maiores manifestações folclóricas do norte do país, atraindo visitantes nacionais e internacionais e construindo uma economia, teoricamente, baseada no turismo. Mas a realidade destoa dessa teoria quando olhamos pela ótica de que as vantagens de um festival de três dias são insignificantes perto das verdadeiras necessidades da população.

Só em 2014 o valor destinado pelo governo do Estado ao festival folclórico de Parintins foi de 13,5 milhões de reais, um investimento alto, que deveria refletir uma cidade capaz de dar conforto aos turistas e suprir as necessidades básicas do povo, mas as ruas são esburacadas, o esgoto mau tratado e há falta de sinalização no trânsito. Para quem visita, uma péssima impressão e, para quem reside na cidade, uma questão: “Onde estão os benefícios e os lucros gerados pelo festival?”

Quem defende os altos investimentos no festival geralmente são políticos, empresários da cadeia de turismo e os dirigentes das associações folclóricas. Esse grupo ressalta que a festa gera muitos empregos e aumenta a renda da população. Todavia, os trabalhos envolvendo mão de obra começam um mês antes do dia da apresentação e os operários recebem apenas por esse tempo de serviço – no restante do ano ficam desempregados. O mesmo ocorre no comércio, muito mais dependente da renda da população local do que do turismo para se desenvolver.

A cidade sofre com racionamentos de água e, mais prejudicialmente, de energia elétrica. “Não tem como botar janta para os nossos filhos, porque o peixe é cheio de espinha e eles podem morrer engasgados no escuro. O pessoal da Amazonas Energia vai à rádio dizer que é de uma hora e meia para cada bairro o racionamento, mas no meu bairro (Santa Rita de Cássia) desde às 15h30 até agora (20h20) estamos sem energia, cinco horas seguidas”, declara o aposentado Juvenal Elias da Costa ao jornal *Gazeta de Parintins*. Isso ocorre porque a usina só recebe geradores de energia de alta potência durante o período do festival – no restante do ano conta com um maquinário velho e incapaz de atender às demandas da população, deixando todos sem energia elétrica por horas, o que gera declarações como a de Gerson Almeida, presidente de um bairro da cidade: “Isso tem gerado prejuízos e revolta para os moradores. Pessoas que têm padaria, lancheteria, comércio,

sorveteria, tá estragando tudo. Inclusive, tinha uma criança que precisava fazer uma inalação, mas estava sem energia na casa dela, parece que o pessoal da Amazonas Energia mandou uma equipe para ligar a energia pelo menos na casa da criança, porque precisa respirar”.

Dificuldades com a enchente do rio Amazonas são anuais. As águas invadem ruas, casas, atrapalham o deslocamento no trânsito e chegam a interromper as aulas das escolas. E, recentemente, em 1º de setembro de 2014, houve uma rebelião no único presídio da cidade, que tragicamente se localiza no centro e em frente a uma escola pública, um episódio que deixou dois detentos mortos e a certeza de que a Parintins dos três dias de junho não é a mesma dos outros 362 dias do ano.

Todos esses problemas teriam fácil solução se houvesse investimentos e vontade política para fazê-lo. Por outro lado, o discurso de desenvolvimento por meio do turismo serve de justificativa para os altos gastos de dinheiro público e do setor privado, que são também descontados dos impostos, numa festa grandiosa, milionária, mas com duração de apenas três dias.

A despeito dos problemas, Parintins continua a ostentar o lugar de “segundo município mais desenvolvido do Estado” e o título de “Capital da Cultura”. Nós, cidadãos mais críticos, não somos contra a festa, que precisa ser mantida como patrimônio cultural; no entanto, alimentar a falácia de uma cidade dependente somente do turismo para seu desenvolvimento é restringir suas possibilidades de crescimento, seja no campo econômico, seja, principalmente, no social. O que se precisa, na prática, é de melhorias na qualidade de vida das pessoas, na infraestrutura urbana, no nível e nos conteúdos da educação básica e no acesso aos bens culturais, pois o festival, além de curto, é extremamente elitizado.

Enfim, se a solução das demandas sociais enfrentadas pela cidade parece difícil, uma proposta, no mínimo plausível, é repensar os investimentos feitos no festival folclórico e focar nas necessidades básicas dos parintinenses. Infraestrutura é tão importante quanto cultura, e o povo necessita ter uma vida digna em todos os segmentos sociais.

Professor: Alain Rocha Graça  
Escola: E. E. Senador João Bosco – Parintins (AM)

## Entre praças, saúde e educação

Aluna: Bárbara Cristina Santos de Sousa

Desde a Antiguidade, a priorização do lazer é prática comum. Os romanos, para entreter e massificar seu povo e fazê-lo esquecer os problemas sociais, adotaram a política do “Pão e Circo”, que consistia na distribuição de alimentos e diversão à plebe. Essa prática, infelizmente, se estende até os dias atuais e, no município onde moro, ela não é diferente.

Vitória do Xingu, intitulada pelo governo atual como a “Cidade da Energia”, por sediar a quarta maior hidrelétrica do mundo – Belo Monte –, vem, nos últimos anos, realizando, com muita frequência, a revitalização e a inauguração de bens públicos, com o objetivo de aplicar os recursos das condicionantes recebidos da Norte Energia (empresa construtora da barragem) como forma de mitigação pelos impactos causados pela obra. Um desses patrimônios, por ser em maior número e grande visibilidade – as praças –, tem causado polêmica entre os moradores, levando a um grande questionamento: e as outras políticas públicas, como aquelas voltadas à saúde e educação, por exemplo, como ficam? Lazer é importante, mas não pode estar acima dessas duas bases.

O que me parece estar ocorrendo aqui é um retrato moderno e fiel da política secular do “Pão e Circo”, mais especificamente do circo. Que pena!

Reconheço o quanto é agradável em uma tarde bonita ir para as praças, conversar com os amigos, namorar (quem nunca...?), ter diversas opções de entretenimento. Essas opções de lazer são exaltadas pela maioria dos moradores que apoiam o projeto do governo, considerando-o “bom” para o povo. Mas, se parar para pensar, não é bem por aí. E quando o povo estiver doente, entre a vida e a morte, as praças vão curá-lo? E, na falta de remédios, as praças irão lhe dar os medicamentos? Vai lhe ensinar regras de ortografia? Certamente não.

É claro que nos últimos tempos a saúde e a educação avançaram, mas não me parece algo visto como “tão prioritário”, assim como as praças vêm recebendo tamanha prioridade por aqui. Para se ter uma ideia, em todas essas áreas de lazer há redes *wi-fi* abertas, com acesso à internet, e isso, lamentavelmente, não se tem nas nossas escolas e em outros órgãos públicos municipais. Curioso também é que na sede do município temos apenas quatro escolas para um número significativo de seis praças, e ainda há outras em projeto. É, lazer parece não ser problema para nós!

Os governos tendem ao erro e/ou esperteza de priorizar o lazer. Um exemplo vergonhoso disso é a grande polêmica levantada contra o governo da presidenta Dilma Rousseff por ter gasto milhões com a Copa do Mundo de 2014 e deixado de lado a saúde e a educação, confirmando mais uma vez a prática da valorização do lazer. Mas a maioria das pessoas gosta disso, tanto é que lotaram os estádios de futebol e acabaram deixando em segundo plano a luta por outras políticas públicas voltadas à saúde, à educação e à segurança. Aliás, isso não é surpreendente, já que essa política também se estende ao povo, sendo muito comum nas famílias, quando estas deixam de comprar um livro, pagar um curso, para realizar passeios, ir a festas ou, ainda, comprar roupa de marca, quando, às vezes, mal dá conta de pagar. Essas atitudes, tanto do povo quanto dos governantes, são, a meu ver, a razão para a miséria política e intelectual da nação brasileira e, conseqüentemente, da população vitoriense.

Assim, penso que seja necessário equilibrar os recursos destinados às políticas públicas e se dar prioridade à saúde e à educação, bases para o bom desenvolvimento de uma sociedade, visto que é principalmente por meio desses pilares que, de fato, nós, como povo, vamos edificar o conhecimento necessário para chegar ao tão sonhado progresso que a construção da hidrelétrica traria. Portanto, tenha dó! Precisamos mudar urgentemente essa prática mesquinha de priorizar o lazer. Entendam uma coisa: nossa prioridade por aqui é outra. Mais saúde e educação, e menos praças, por favor!

Professora: Ivanete da Silva Paixão  
Escola: E. E. M. Padre Eurico – Vitória do Xingu (PA)



## Há uma praça no meio do caminho

Aluna: Agna Ferreira Tavares Vieira

Com cerca de 2,5 milhões de habitantes, Fortaleza é a quinta maior capital do Brasil. Segundo o IBGE, há um grande número de brasileiros e estrangeiros interessados em se estabelecer aqui, na famosa Terra do Sol, pois consideram o bom clima, as belas praias e a hospitalidade do povo cearense, ao definirem suas moradias. É uma bela cidade, com vários pontos turísticos e em crescente desenvolvimento, mas, infelizmente, com área verde reduzida e poucas praças, e uma delas está causando muita polêmica.

A Praça Portugal, localizada no bairro Aldeota e criada em 1947, já passou por muitas reformas, mas sempre teve presença marcante na vida dos fortalezenses, além de ser um símbolo concreto dos laços de Portugal com o Ceará. Contudo, o Plano de Ação Imediata em Transporte e Trânsito de Fortaleza (Paitt) propõe a construção do binário Santos Dumont/Dom Luís e eventualmente a substituição da rotatória (da qual a praça faz parte) por um cruzamento e quatro pequenas praças. Essa intervenção está dividindo a opinião da população, de políticos e de especialistas em arquitetura, urbanismo e engenharia de tráfego.

De um lado, há os defensores da destruição da praça, pois pode ser benéfica tanto para a população quanto para as pessoas. “Vai melhorar os passeios, facilitar o caminho dos pedestres e integrar os modais – pedestre, ciclista, ônibus e veículos”, defende Roberto Cláudio, prefeito da cidade. “Isso não é uma praça, é uma rotatória”, acrescenta. Ainda expõe dois objetivos com o projeto: aumentar a fluidez das vias e reduzir os constantes acidentes na área. Para Luiz Alberto Saboia, coordenador do Paitt, a intenção da prefeitura é requalificar e aumentar a praça, não destruí-la: “A alteração do formato da praça implicará um aumento de mais de 30% em seu tamanho”.

Por outra ótica, os defensores da manutenção da praça apontam uma relação afetiva com ela, que é uma peça histórica de Fortaleza. A arquiteta Marcella Lima, em entrevista, afirma que a referência afetiva que todos têm por ela não pode ser preenchida, deixando um “buraco” na memória da cidade. Uma rotatória ícone, tomada pela população como praça, pode ser destruída?

“Dizer que a praça não é uma praça é um insulto à nossa cidade e à inteligência das pessoas”, diz o empresário e ativista Bosco Couto em carta ao prefeito. “Dizer que não é uma praça por ser pouco frequentada [...] não é um argumento plausível, pois o fato é que as praças estão inseguras, abandonadas e mal iluminadas”.

De fato, há déficit em relação à passagem de pedestres; no entanto, deve haver um estudo mais cauteloso, pois a troca da rotatória por semáforos não terá efeitos no trânsito a longo prazo. A construção do binário já foi finalizada, um túnel foi construído na Avenida Santos Dumont, semáforos foram colocados, mas as vias permanecem congestionadas nos horários de pico, evidenciando que semáforos não são alternativas inteligentes para os congestionamentos. Luiz Nogueira, engenheiro civil, afirma: “Vejo diversas pessoas achando que o problema do trânsito [...] será resolvido com a retirada e substituição das rotatórias por semáforos. Não poderia haver maior engano”.

É imprescindível ressaltar a presença da praça na vida dos fortalezenses. Apesar do descaso evidente, vários grupos de jovens, desde os anos 1990, frequentam a praça, também eu, que passo por lá todas as manhãs e noites. Os protestos contra a intervenção, como a “Virada”, mostram que ela não é importante apenas para mim, mas para toda a população. Dizer que os mais de sessenta anos da praça e o tão conhecido “Natal de Luz”, que ocorre todo ano, não significaram nada, é como negar a nossa história.

Por todas as histórias que a envolvem, sou contra a destruição da praça, pois há várias alternativas, propostas por arquitetos, que evitam tal destruição, como a instalação de sinais antes da entrada dela, além de evitar o estacionamento próximo à rotatória. Ademais, é imprescindível que sejam construídos túneis sob a praça, para a passagem de carros ou de pedestres, como há no Arco do Triunfo, em Paris. É evidente que a Praça Portugal não tem tanto peso histórico quanto o Arco, mas como as nossas praças poderão ter a mesma importância desses monumentos mundiais se destruímos os poucos que restam?

Diz Castro Alves: “A praça é do povo como o céu é do condor”. Na democracia grega, o povo reunia-se na praça para decidir o futuro da cidade. Agora que o povo quer decidir o futuro da praça, não pode, pois houve uma votação fechada, feita por secretários e vereadores, em vez de uma decisão coletiva, popular e, acima de tudo, democrática.

Há uma praça no meio do caminho dos planos da prefeitura. Mas o poder municipal, em vez de tratar da questão democraticamente, renegou sua história como se ela fosse um mero empilhado de pedras.

Professora: Suziane Brasil Coelho  
Escola: E. E. M. Governador Adauto Bezerra – Fortaleza (CE)

## Emancipação: decadência ou progresso?

Aluna: Emanuela de Almeida Amorim

No Brasil, a modificação legislativa sobre a criação de municípios tem sido alvo de questionamentos em várias cidades do país. Na pequena cidade de Alto Paraguai, a 220 quilômetros da capital, Cuiabá (MT), não está sendo diferente. A polêmica veio à tona a partir do momento em que foi lançado o Projeto de Lei em outubro de 2013 que dava poder ao Estado para emancipar distritos. Segundo a Confederação Nacional, seriam criados 418 novos municípios, sendo 56 em Mato Grosso, incluindo o distrito de Lavouras de Capão Verde, pertencente à nossa cidade Alto Paraguai, onde resido. A questão agradou aos moradores do distrito, que se posicionaram a favor do projeto com esperança de melhorias de vida e autonomia, mas causou indignação nos moradores da sede. Iria valer a pena o desmembramento da nossa querida Alto Paraguai?

Significativa parte dos residentes do distrito de Capão Verde afirma que eles precisam possuir sua própria administração, que a sua população enfrenta dificuldades para ter acesso a bancos, prefeitura e outros órgãos públicos, já que o distrito se encontra a 78 quilômetros da sede e grande parte dos moradores não tem acesso a automóveis. De acordo com o deputado estadual José Riva, um dos mentores do projeto, a criação de novos municípios aproxima o cidadão do poder público e proporciona maior acessibilidade para conquistar os objetivos da população. A maioria dos entrevistados de Capão Verde afirma com veemência que o distrito possui estrutura para o desmembramento, uma vez que no local já há posto de saúde, posto policial, escolas municipal e estadual, cooperativa, supermercado, laticínio e várias microempresas. Eles confirmam que a dependência entre distrito e município tem impedido o desenvolvimento local. Por outro lado, a maioria dos munícipes da sede não é favorável porque Alto Paraguai, após anos em decadência pela extinção da extração de minérios, agora está passando por um considerável desenvolvimento, com aumento populacional e crescimento da arrecadação de tributos, o que proporciona maior qualidade de vida aos seus moradores urbanos e rurais. De acordo com o atual prefeito, Adair José, o aumento populacional possibilitou o cumprimento do piso salarial da educação e melhoria de trabalho para funcionários da cidade e do distrito. Ele disse ainda

que o município está formando empresas, que contemplará áreas rurais, trazendo inúmeros benefícios para a população em geral. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Alto Paraguai, há cinco anos, era de 8.329 habitantes e hoje é composta por 10.446 pessoas, sendo 3.447 moradores rurais. Diante dessa informação, vários moradores da cidade disseram que a emancipação resultaria em diminuição da área territorial, redução do índice populacional, menor arrecadação tributária e outras dificuldades que trariam prejuízos para ambas as partes, já que tanto a cidade quanto o distrito teria seu território e sua população fragmentada, o que causaria um corte brusco no desenvolvimento de todo o município. Além dos moradores da sede, a própria presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, é contra as emancipações. Ela criou o veto 503/13, alegando que o surgimento de municípios geraria mais despesas aos cofres públicos; contudo os residentes de Capão Verde ainda acreditam e buscam pela desagregação municipal.

Diante da acirrada polêmica entre os moradores do distrito e os da sede, penso que a emancipação não seria uma boa opção para todo o município. Já somos uma pequena população e ainda vamos desagregar? Se isso ocorrer, surgirão dois municípios tão pequenos que enfrentarão muito mais dificuldades do que enfrentamos no momento. Creio que, quanto menor for o índice populacional, menor serão as verbas federais e estaduais recebidas, menor será o número de eleitores, dos olhares externos, e tantas outras privações surgirão. Portanto, eu sou contra o desmembramento da cidade de Alto Paraguai do distrito de Capão Verde.

Enfim, penso que deveria haver consenso entre distrito e município, todos trabalhando em busca de um desenvolvimento mútuo, social e econômico, fortalecendo ainda mais esse povo rico em cultura, acolhedor e simples; enfim, verdadeiros cidadãos.

Professora: Sunair Pereira Fonseca Batista  
Escola: E. E. Doutor Arnaldo Estêvão de Figueiredo – Alto Paraguai (MT)

## Quilombola, sem quilombo, pode?

Aluna: Kleysllany Mansano Godoy

Quilombos são originários da época da escravidão brasileira, lugares de refúgio dos escravos quando fugiam das senzalas onde eram muitas vezes violentados, tendo hoje o significado de terras que foram adquiridas por escravos libertos, entre outros. Problemas como estes de terras em Mato Grosso do Sul sobressaem-se; principalmente as questões ligadas às comunidades indígenas e quilombolas.

Mediante a polêmica, uma das primeiras ações do Estado foi dar para a Colônia Negra Quilombola São Miguel, comunidade/quilombo do Estado, localizada no município de Maracaju, o título definitivo de propriedade da terra onde vive. O Estado iniciou oficialmente seus trabalhos nessa área em 27 de abril de 2009 e abriu procedimentos administrativos no Incra/Campo Grande em duas grandes comunidades bem conhecidas – Furnas do Dionísio, no município de Jaraguari e Furnas de Boa Sorte, no município de Corguinho –, existindo ainda em todo território estadual comunidades que lutam pelo seu reconhecimento como donos da terra onde vivem.

Essa luta se deve à tentativa de regularizar as terras onde essas famílias construíram suas bases há muito tempo, constituindo suas descendências. Com receio, essas pessoas procuram a regularização, pois correm o risco de sofrer um processo de desapropriação e conseqüentemente ser despejadas de suas moradias.

Mas esse procedimento de titulação é bastante burocrático e o próprio histórico de política agrária dificulta mais a situação. Pois essa sempre foi a base de uma elite econômica, na qual a dimensão do significado de terra tem muito valor, não deixando de ser uma disputa de ideias com argumentos de desenvolvimento.

Esses argumentos dizem que a terra sob o controle de empreendedores agrícolas trará muito mais lucros do que se estiver em mãos de comunidades quilombolas. Isso é resultado do pensamento ideológico introduzido nas pessoas de forma até mesmo ingênua, segundo o qual o lucro será mais rentável ao Estado se for direcionada à exportação e importação, diferentemente dos quilombos, que geram somente produtos para o próprio consumo.

Outro fator é que essa questão destaca uma discriminação que já foi comprovada estatisticamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo o qual a etnia, a raça e a cor definem as posições sociais e econômicas. Essa visibilidade também proporcionaria a aceitação das condições culturais desse povo por grande parte da população, tratando da demarcação de terras de forma mais justa possível.

Além disso, a localização dessas comunidades é em grande maioria rural, não afetando a realidade local; pelo contrário, elas se dedicam à pequena agricultura de subsistência, melhorando assim a fertilidade do solo.

Para o diretor do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro (DPA) da Fundação Palmares, Alexandre Reis, “a titulação é uma ação importante para a preservação da memória e do modo de vida da comunidade, incluindo sua cultura e artesanato. Além disso, a titulação vai dar acesso a outras políticas públicas nas áreas de cultura, economia criativa, saúde e moradia”.

Do meu ponto de vista, a demarcação deveria vir espontaneamente, como forma de pagamento pelo sofrimento que os antepassados desse povo viveram, em meados do século XIX, durante a escravidão no Brasil, e pelo tempo que residem na mesma região. Conseqüentemente, também é um direito esculpido na Constituição de 1988, que garante o direito de terras para os negros e a criação da Fundação Palmares, provando que o erro não está em leis, mas na dificuldade e negligência jurídica de ser cumprida.

Está claro que são proprietários por direito, não precisando desse desgaste burocrático, apenas valorizando uma das bases da nossa cultura.

Professora: Thaís Conceição dos Santos Veiga  
Escola: E. E. Vespasiano Martins – Campo Grande (MS)





